

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA ITALIANAS

LUIS FERNANDO LEITE ROSA PECORELLI BRAGA

(Inter)textualidades nas *Novelle per un anno* de Luigi Pirandello: tradução comentada e anotada de sete narrativas em torno da Primeira Guerra Mundial

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2021

LUIS FERNANDO LEITE ROSA PECORELLI BRAGA

(Inter)textualidades nas *Novelle per un anno* de Luigi Pirandello: tradução comentada e anotada de sete narrativas em torno da Primeira Guerra Mundial

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador(a) Prof^a Dr^a Roberta Barni

SÃO PAULO

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B813(Braga, Luis Fernando Leite Rosa Pecorelli
 (Inter)textualidades nas Novelle per un anno de
Luigi Pirandello: tradução comentada e anotada de
sete narrativas em torno da Primeira Guerra Mundial /
Luis Fernando Leite Rosa Pecorelli Braga; orientadora
Roberta Barni - São Paulo, 2021.
 226 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Tradução. 2. Literatura Italiana. 3. Primeira
Guerra Mundial (1914-1918). 4. Novecento. 5. Novela.
I. Barni, Roberta, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): LUIS FERNANDO LEITE ROSA PECORELLI BRAGA

Data da defesa: 17/05/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Roberta Barni

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/05/2021



(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: BRAGA, Luis Fernando Leite Rosa Pecorelli

Título: (Inter)textualidades nas *Novelle per un anno* de Luigi Pirandello: tradução comentada e anotada de sete narrativas em torno da Primeira Guerra Mundial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Aos bons espíritos que me assistiram
durante meu percurso acadêmico.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora doutora Roberta Barni, pelas incansáveis horas de dedicação à correção desta pesquisa e por ter me transmitido grande parcela de sua experiência como estudiosa acadêmica e tradutora profissional.

Às professoras doutoras Adriana Iozzi Klein e Cecilia Casini, pelas relevantes observações feitas durante meu exame de qualificação.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela estrutura física, principalmente pelo acervo bibliográfico presente na Biblioteca Florestan Fernandes, que muito contribuiu com o material necessário e indispensável à essa pesquisa.

Aos funcionários da Secretária de Pós-Graduação do Departamento de Letras Modernas, sempre prontos a me auxiliar com as questões burocráticas durante meu Mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

O futuro [...] ainda não aconteceu e, por isso, ainda não existe; se não existe, não pode ser visto, mas pode ser previsto pelo que, no presente, existe e se vê.

Agostinho

RESUMO

BRAGA, Luis Fernando Leite Rosa Pecorelli. **(Inter)textualidades nas Novelle per un anno de Luigi Pirandello**: tradução comentada e anotada de sete narrativas em torno da Primeira Guerra Mundial. 2021. 226f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Nascido na Sicília, Luigi Pirandello foi um dos autores que muito contribuiu para o surgimento da arte literária moderna do *Primo Novecento*. Seu amadurecimento intelectual trouxe maior engajamento crítico nas questões político-sociais, que se refletia em uma literatura menos passional e mais reflexiva. O cerne desta pesquisa é a tradução comentada e anotada de sete novelas pertencentes à coletânea das *Novelle per un anno*, cuja temática é a vida cotidiana durante a Primeira Guerra Mundial. O presente estudo estrutura-se em três eixos principais: primeiramente, apresenta-se uma síntese dos dados bibliográficos da produção artística de Pirandello e a tradução/recepção de suas obras em território nacional. Explora-se os gêneros textuais de maior vendagem na primeira metade do século XX, bem como a mudança de escopo que se deu no mercado editorial brasileiro até os dias presentes. Prossegue-se com a análise literária do corpus de novelas selecionadas para este estudo, na qual se explora de que forma elas se interrelacionam nos níveis narrativo, cronológico, biográfico e histórico. Mesmo sem dependerem umas das outras para se materializarem como objetos literários completos, veremos que as novelas selecionadas podem formar uma composição literária maior, em que muitas das lacunas que surgem se tomadas isoladamente conseguem ser preenchidas quando as reunimos. Por último, são apresentados os resultados das traduções das novelas selecionadas, explorando ainda as peculiaridades e os caminhos percorridos durante o processo de tradução.

Palavras-chaves: Tradução. Literatura Italiana. Novecento. Luigi Pirandello. Novela. Primeira Guerra Mundial.

ABSTRACT

BRAGA, Luis Fernando Leite Rosa Pecorelli. **(Inter)textualidades nas Novelle per un anno de Luigi Pirandello**: tradução comentada e anotada de sete narrativas em torno da Primeira Guerra Mundial. 2021. 226f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Born in Sicily, Luigi Pirandello was one of the authors who contributed greatly to the emergence of the modern literature art of the Primo Novecento. His intellectual maturity brought about a greater critical engagement in political and social issues, which was reflected in a less passionate and more reflective literature. The aim of this research is the commented and annotated translation of seven novels belonging to the *Novelle per un anno* collection, which have daily life in the middle of the First World War as its theme. The present study is structured in three main axes: firstly, it presents a synthesis of the bibliographic data of Pirandello's artistic production and the translation / reception of his works in Brazilian territory. It explores the best-selling textual genres in the first half of the 20th century, as well as the change in scope that has taken place in the Brazilian publishing market to the present day. It is proceeded with the literary analysis of the corpus of novels selected for this study, in which it is explored how they interrelate to each other at the narrative, chronological, biographical and historical levels. Even without depending on each other to materialize as complete literary objects, we will see that the selected novels can form a larger literary composition, in which many of the gaps that arise in their individualities can be filled when brought together. Finally, the results of the translations of the selected novels are presented, also exploring the peculiarities and paths taken during the translation process

Keywords: Translation. Italian Literature. Novecento. Luigi Pirandello. Novel. World War I.

RIASSUNTO

BRAGA, Luis Fernando Leite Rosa Pecorelli. **(Inter)textualidades nas Novelle per un anno de Luigi Pirandello**: tradução comentada e anotada de sete narrativas em torno da Primeira Guerra Mundial. 2021. 226f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Nato in Sicilia, Luigi Pirandello fu uno degli autori che diede un grande contributo allo sviluppo dell'arte letteraria moderna del Primo Novecento. La sua maturità intellettuale lo portò ad un maggiore impegno critico sulle questioni politico-sociali, che risultò in una letteratura meno appassionata e più riflessiva. Il fulcro di questa ricerca è la traduzione commentata e annotata di sette novelle appartenenti alla raccolta di *Novelle per un Anno*, la cui tematica è la vita quotidiana durante la Prima Guerra Mondiale. Questa tesi si struttura su tre argomenti principali: innanzitutto, viene presentata una sintesi dei dati bibliografici della produzione artistica di Pirandello e la traduzione/ricezione delle sue opere in territorio brasiliano. Vengono qui indagati i generi testuali più venduti nella prima metà del Novecento, nonché il cambiamento degli obiettivi del mercato editoriale brasiliano nell'arco del tempo. Si procede con l'analisi letteraria del corpus di novelle scelto per questa ricerca, in cui si studia la relazione tra di esse nei livelli narrativo, cronologico, biografico e storico. Nonostante non dipendano le une dalle altre per concretizzarsi come oggetti letterari compiuti, vedremo che le novelle scelte possono formare una composizione letteraria più ampia, in cui molti dei vuoti che sorgono in ciascuna di esse sono colmati quando riunite. Infine, si presentano le traduzioni delle novelle scelte, osservando inoltre le particolarità e i percorsi tracciati durante il processo di traduzione.

Parole Chiave: Traduzione. Letteratura italiana. Novecento. Luigi Pirandello. Novella. Prima Guerra Mondiale.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Genealogia das novelas.....	223
Figura 2 - Cronologia das novelas.....	224
Figura 3 - 1ª – 4ª Batalha do Isonzo.....	225
Figura 4 – Batalha de Caporetto	226

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa	210
Tabela 2 - Relação dos romances e peças teatrais traduzidas	217
Tabela 3 - Relação das novelas traduzidas.....	218

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A NARRATIVA PIRANDELLIANA	22
2.1	Prelúdios de um conflito mundial.....	26
2.2	Itália em guerra contra Áustria	35
2.3	Itália em guerra contra Turquia.....	41
2.4	A escalada militar: as batalhas do Isonzo	43
2.5	As lutas continuam	47
2.6	A quem serviu este conflito?	53
2.7	As consequências finais	59
3	NOVELAS TRADUZIDAS	63
3.1	Berecche e a guerra.....	63
3.2	Fragmento de crônica de Marco Leccio e da sua luta sobre os mapas na época da grande guerra europeia.....	105
3.3	O quarto à espera.....	145
3.4	Ontem e Hoje.....	154
3.5	Quando se compreende	164
3.6	O Senhor do navio	170
3.7	Um góí.....	179
4	COMENTÁRIO DAS TRADUÇÕES	186
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	200
	APÊNDICES	210
	ANEXOS	225

1 INTRODUÇÃO

A produção literária de Luigi Pirandello perpassa os diversos gêneros textuais: ensaios, poesias, romances, peças teatrais e novelas¹, gênero este que tem grande peso em sua carreira como escritor.

Aos 17 anos, o autor escreveu sua primeira produção novelística, *Capannetta*; a última, *Sgombero*, seria publicada postumamente, em 1938. Suas novelas são consideradas um imenso labirinto de personagens, temas, cenários e críticas que serviram muito ao autor como experimentação, frequentemente resolvendo-se em seus romances ou peças teatrais. Para de Castris (1962, p. 111, tradução nossa²):

Pode-se realmente afirmar que não existe tema, ou situação ou plano que não tenha tido uma experimentação inicial naquele vastíssimo campo de observação psicológica e de casuística humana que é a novelística de Pirandello.³

A partir de 1922, o autor encarou o ambicioso projeto de reunir em um volume único, intitulado *Novelle per un anno*, todas as novelas que fossem produzidas por ele e que, geralmente, eram publicadas em jornais, revistas e folhetins que circulavam em território italiano naquela época. Pirandello pretendia reunir 365 novelas, uma para cada dia do ano, em um único livro.

Contudo, a editora *R. Bemporad e F.*, que inicialmente adquiriu os direitos de publicação, exigiu agrupá-las em 24 volumes, chegando a publicar somente 13. Posteriormente, a editora *Mondadori*, adquirindo os direitos de publicação, lançou

¹ Nuvoli (1992) define “novela” como uma narrativa breve e diletante, de estreita relação com a oralidade, com uma única ação centralizadora orientada a um ensinamento moral e edificante de seu leitor-destinatário. O autor ainda nos lembra que, com Pirandello, desaparece aquela moldura estruturante que tinha como função orientar um conjunto de breves narrativas a um final comum. Em nosso estudo, consideraremos novela como “a forma narrativa intermediária, em extensão, entre o conto e o romance. Sendo mais reduzida que o romance, tem todos os elementos estruturadores deste, em número menor [...] faz-se predominar a ação sobre as análises e as descrições e são selecionados os momentos de crise, aqueles que impulsionam rapidamente a diegese para o final. [...] as situações humanas excepcionais [...] se desenvolvem como um corte na vida das personagens, corte este explorado pelo narrador em intensidade, ao contrário do romance, que se estende por um longo período ou até por uma vida inteira.” (SOARES, 2007, p. 54-55)

² Exceto quando houver indicação do tradutor, todas as outras são traduções nossas.

³ Si può davvero affermare che non c'è tema, o situazione o trovata, che non abbia avuto una sua iniziale sperimentazione in quel vastissimo campo di osservazione psicologica e di casistica umana che è la novellistica di Pirandello.

outros três volumes somados aos já existentes, sendo que os dois últimos foram publicados postumamente, totalizando uma coletânea de novelas em 16 volumes⁴.

Isso porque com a morte do autor, em 1936, o plano de 24 volumes não pode ser concluído. No total, Pirandello escreveu 246 novelas, das quais 241 formam o atual corpus novelístico do autor.

Existe esta diferença entre o número de novelas produzidas e o número de novelas do corpus atual porque cinco delas tiveram suas versões originais alteradas por Pirandello após a primeira publicação. São elas: *Incontro*, publicada pela primeira vez na *Ariel*, em 1898; *Il no di Anna*, publicada pela primeira vez na *Rivista Gazzetta Letteraria*, em 1895; *Il gancio*, publicada pela primeira vez na *La Settimana*, em 1902; *Disdetta* e *Disdetta (cont. e fine)*, publicadas pela primeira vez na *Ariel*, em 1898.

Passam então a compor a coletânea das *Novelle per un anno* respectivamente com os títulos *La veglia*, republicada ainda na revista *Il Marzocco*, em 1904, antes de ser incluída no volume *In Silenzio*, em 1923; *Lillina e Mita*, republicada ainda na *Rivista di Roma*, em 1906, antes de ser incluída no volume *Appendice*, em 1938; *Il dovere del Médico*, republicada ainda no volume *La vita nuda*, da editora *Treves*, em 1911, antes de ser incluída no volume de mesmo nome em 1922; e *La disdetta di Pitagora*, republicada ainda no volume *Befte della morte e della vita*, da editora *Lumachi*, em 1903, antes de ser incluída no volume *Il vecchi Dio*, em 1926.

Desse total de 241 novelas consideradas no atual corpus novelístico do autor, 237 delas formam a coletânea de referência em nosso estudo: *Novelle per un*

⁴ A editora *R. Bemporad e F.* chegou a publicar 13 volumes de novelas: *Scialle Nero*, *La vita nuda*, *La rallegrata*, *L'uomo solo* em 1922; *La mosca*, *In silenzio* em 1923; *Tutt'e tre* em 1924; *Dal naso al cielo*, *Donna Mimma* em 1925; *Il vecchio dio* em 1926; *La giara*, *Il viaggio* e *Candelora* em 1928. Quando a editora *Mondadori* adquiriu os direitos de publicação, republicou as coletâneas: *Scialle Nero*, *La mosca*, *In Silenzio* em 1932; *Dal naso al cielo* em 1933; *La rallegrata*, *L'uomo solo*, *Donna Mimma*, *Il vecchio Dio*, *La giara*, *Il viaggio*, *Candelora*, e o volume inédito, *Berecche e la guerra* em 1934; *La vita nuda* e *Tutt'e tre* em 1935; e um volume inédito *Una giornata*, publicado postumamente em 1937. Entre 1937-38 lançaria a coleção *Omnibus* em dois volumes, inserindo no segundo volume o índice *Appendice*, com 21 novelas não publicadas nas edições anteriores de *Novelle per un anno*, das quais nove são de coletâneas individuais anteriores a 1922, onze que foram publicadas em revistas e jornais e uma inédita. Republicaria essa mesma coleção entre 1947-49, agora em quatro volumes. Publicou então, entre 1956-57, uma nova coleção, *I classici contemporanei italiani*, com dois volumes que coincidem com aqueles de 1937-38. A editora *Mondadori* lançaria, por último, entre 1985-90, a coleção *I meridiani*, dividida em 3 volumes de 2 tomos cada, sendo que o índice *Appendice* passou a conter 26 novelas. Atualmente, outras editoras relançaram os volumes das *Novelle per un anno*, como por exemplo, a *Garzanti*, na coleção *I grandi libri*, e a *Newton Compton editori*, que em 2012 lançou, na coleção *I Mammut*, uma edição integral.

anno, volume primo e volume secondo⁵, publicadas pela editora Mondadori em 2001; e *Novelle per un anno, volume terzo*⁶, publicada pela mesma editora em 1997, ambas na coleção *I Meridiani*, na cidade de Milão, Itália⁷.

Isso porque quatro novelas, *Personaggi*⁸, publicada pela primeira vez no *Il Ventesimo*, em 1906; *Pianto Segreto*, publicada pela primeira vez no *Il Marzocco*, em 1903, e posteriormente adicionada ao primeiro capítulo da segunda parte do romance *I vecchi e i Giovani*; *I muricciuoli, un fico, un uccellino*⁹, publicada pela primeira vez no *Corriere della Sera*, em 1931; e *Un'altra vita*, escrita em 1915, e que posteriormente comporá os capítulos I e II da novela *Berecche e la guerra*, não compõe nenhuma das edições de *Novelle per un anno* da coleção *I Meridiani*.

Dois questionamentos preliminares surgiram durante a elaboração do nosso projeto de pesquisa: Por que traduzir as novelas de Pirandello? E, depois: o que justificaria a atenção voltada àquelas novelas que tem como temática a vida cotidiana em torno da Primeira Guerra Mundial?

Em resposta ao primeiro questionamento, começemos pelo fato que Pirandello é um dos maiores expoentes da literatura moderna do século XX, época justamente em que a população leitora começava a se expandir no Brasil, isto é, não era mais aquela composta quase que estritamente pela alta sociedade - consumidora dos clássicos -, mas sim aquela grande massa de leitores médios, consumidora de narrativas que se voltam ao deleite e ao entretenimento¹⁰.

⁵ Divididas em 2 tomos cada volume, organizada por Mario Costanzo. O primeiro volume contém as coletâneas: *Scialle nero, La vita nuda, La rallegrata, L'uomo solo e La Mosca*. O segundo volume contém as coletâneas: *In silenzio, Tutt'e tre, Dal naso al cielo, Donna Mimma e Il vecchio dio*.

⁶ Dividida em 2 tomos, organizada por Mario Costanzo. O terceiro volume contém as coletâneas: *La giara, Il viaggio, Candellora, Berecche e la guerra, Una giornata e Appendice*.

⁷ Cf. PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2., para o estudo mais detido sobre os dados filológicos das narrativas selecionadas.

⁸ Não se sabe ao certo o porquê da falta de atenção voltada a esta novela. Para Illiano (1979, p. 230) essa é “una novela che occupa un posto di primaria importanza nello sviluppo dell’opera pirandelliana [...] e lasciata finora nel limbo di un’archiviazione disagevole [...] e ingiustificata”. Gandi [201-] ainda revela que esse foi o primeiro empenho do autor em discutir a questão dialética entre escritor e personagem, que mais tarde viria a inspirar as novelas *La tragedia d’un personaggio* (1911), *Colloqui coi personaggi* (1915) e a peça teatral que rendeu fama internacional ao autor, *Sei personaggi in cerca d’autore* (1925).

⁹ Com as pesquisas epistemológicas do autor, Giovanni Macchia (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. XXV) nos diz que é possível acreditar que a ideia e o enredo desta novela foram desenvolvidos por Pirandello, mas que sua versão definitiva teria sido escrita por seu filho, Stefano.

¹⁰ “os livros de aventura, os romances policiais, os idílios de amor improvável [...] e as biografias romanceadas eram os gêneros de maior vendagem’. [...] um terço dos romances editados no ano de 1942 [...] [eram] endereçados ao público feminino [...] Os outros romances publicados neste mesmo ano eram, em sua maioria, obras de clássicos europeus, antigos e modernos. [...] [A] Companhia editora Nacional/Civilização Brasileira, Editora Globo e Livraria José Olympio Editora, foram as

Ao considerarmos esse novo público leitor, que continua se expandindo ainda no século XXI, é que optamos pelo estudo das narrativas breves de Pirandello.

Para Candido (2011, p. 168), ocorreu nesse período:

uma profunda renovação literária, estreitamente ligada à constituição de um agrupamento criador [...] não mais justaposto à comunidade, todavia, mas formado a partir dela, oriundo da sua própria dinâmica [...] [reajustando] a expressão literária às novas aspirações intelectuais e às solicitações da mudança artística em todo o Ocidente.

Em resposta ao segundo questionamento, escolher as narrativas de temática bélica se justificativa como oportunidade para apreendermos um pesamento pirandelliano pouco conhecido, capaz de nos mostrar uma faceta que indiretamente - não podemos esquecer -, deságua mais tarde em sua adesão ao fascismo. Aqui, não estaremos diante daquele Pirandello verista da primeira fase, nem diante daquele pessimista da última fase, que muitas vezes propunha uma narrativa fantástica que se aproximava do surreal. Teremos a oportunidade de estudarmos um Pirandello muito engajado com os problemas sociais de suas época, que flutuava ora entre os anseios por ver a sua Itália grande e próspera, ora entre os medos de aonde poderiam levar certas atitudes, muitas vezes extremas e autoritárias.

Para que tais objetivos fossem alcançados, nosso projeto teve por premissa a tradução comentada e anotada de sete novelas, elencadas a seguir:

a) do primeiro volume da editora *Mondadori*, tomo 1:

- *Un goj*, inserida pela editora *R. Bemporad F.* nas *Novelle per un anno* no volume *La rallegrata*, em 1922;

b) do segundo volume da editora *Mondadori*, tomo 1:

- *Quando si comprende*, publicada primeiramente no *Il mondo*, em 1916. Reaparece na coletânea *Un cavallo nella luna*, da editora *Treves*, em 1918. Inserida pela editora *R. Bemporad F.* nas *Novelle per un anno* no volume *Donna Mimma*, em 1925;

- *Ieri e oggi*, publicada primeiramente no *Il messaggero della domenica*, em 1919. Reaparece na coletânea *Il carnevale dei morti*, da editora *Battistelli*, em 1919. Inserida pela editora *R. Bemporad F.* nas *Novelle per un anno*, no volume *Dal naso al cielo*, em 1925;

c) do terceiro volume da editora *Mondadori*, tomo 1:

- *Il signore della nave*, publicada primeiramente no *Noi e il mondo*, em 1916. Reaparece na coletânea *E domani, lunedì*, da editora Treves, em 1917. Inserida pela editora *R. Bemporad F.* nas *Novelle per un anno*, no volume *Candelora*, em 1928;
- *La camera in attesa*, publicada primeiramente no *La lettura*, em 1916. Reaparece na coletânea *E domani, lunedì*, da editora Treves, em 1917. Inserida pela editora *R. Bemporad F.* nas *Novelle per un anno*, no volume *Candellora*, em 1928;
- *Berecche e la guerra*, novela de 8 capítulos, dos quais o I e II advém da novela *Un'altra vita*, já publicada pela *Rassegna Contemporanea*, em 1914. Reaparece na coletânea *Erba del nostro orto*, do *Studio Editoriale Lombardo*, em 1915. Depois, na coletânea *Berecche e la guerra*, da editora *Facchi*, em 1919, composta por três partes: *Un'altra vita*, *La piccola e la grande storia* e *Nel bujo*, que formarão respectivamente os capítulos III ao V, e VII ao VIII da sua edição final, inserida pela editora *Mondadori* nas *Novelle per un anno*, no volume *Berecche e la guerra*, em 1934, acrescida, por último, dos capítulos I e II da novela *Frammento di cronaca di Marco Leccio e della sua guerra sulla carta nel tempo della grande guerra europea*, que formarão seu cap. VI;

d) do terceiro volume da editora *Mondadori*, tomo 2:

- *Frammento di cronaca di Marco Leccio e della sua guerra sulla carta nel tempo della grande guerra europea*, publicada primeiramente em cinco capítulos no *Il Messaggero*, entre agosto e setembro de 1915, com o título *La guerra sulla carta*. Reaparecerá na coletânea *Berecche e la guerra*, da editora *Facchi*, em 1919. Depois, publicada na coletânea *Amori senza Amore* da editora *Mondadori*, em 1989, já com onze capítulos. Inserida pela editora *Mondadori* nas *Novelle per un anno*, no volume *Appendice*, a partir da edição de 1990.

Das novelas elencadas, *Quando si comprende* possui duas traduções anteriores: a de 1925, traduzida por Francisco Pati e publicada pela Editora A. Tisi & CIA no livro *Novelas escolhidas*; e a de 2000, traduzida por Bruno Berlendis de

Carvalho e publicada pela Berlendis & Vertecchia no livro *Dona Mimma: Novelas para um ano. Un goj* possui uma tradução anterior: a de 1963, traduzida por Jacob Penteadó e publicada pela Livraria Martins Editora no livro *Sol e Sombra e outras novelas. Ieri e Oggi* possui duas traduções anteriores: a de 1963, traduzida por Jacob Penteadó e publicada pela Livraria Martins Editora no livro *O marido de minha mulher e outras novelas*; e a de 2007, traduzida por Jacob Penteadó e publicada pela Odisséia Editorial no livro *O marido de minha mulher. La camera in attesa* possui duas versões anteriores: a de 2008, traduzida por Maurício Santana Dias e publicada pela editora Companhia das Letras no livro *40 novelas de Luigi Pirandello*; e a de 2017, traduzida por Francisco Degani e publicada pela editora Nova Alexandria no livro *Novelas Inéditas, v. 2. Il signore della nave* possui duas traduções anteriores: a de 2008, traduzida por Maurício Santana Dias e publicada pela editora Companhia das Letras no livro *40 novelas de Luigi Perandelo*; e a de 2015, traduzida por Francisco Degani e publicada pela editora Nova Alexandria no livro *Pirandello e a máscara animal: Incluindo 16 novelas de Luigi Pirandello. Berecche e la guerra* possui uma versão anterior: a de 2017, traduzida por Francisco Degani e publicada pela editora Nova Alexandria no livro *Novelas Inéditas, v. 2. Frammento di cronaca di Marco Leccio e della sua guerra sulla carta nel tempo della grande guerra europea* possui uma versão anterior: a de 2017, traduzida por Francisco Degani e publicada pela editora Nova Alexandria no livro *Novelas Inéditas, v. 2.*

Com o projeto de pesquisa delimitado, passamos a redação dessa dissertação, estruturada em três eixos principais de discussão. Ainda nesse capítulo introdutório, apresentaremos uma síntese dos dados biográficos de Pirandello e dos dados bibliográficos de sua produção literária, bem como a relação das traduções de suas obras em território nacional.

Seguiremos com a análise literária das novelas elencadas para este estudo, eixo que tornou-se central no decorrer de nossa pesquisa, justamente por trazer à tona aspectos de análise relevantes sobre o corpus novelístico do autor que até então não haviam sido explorados. Abordaremos como as novelas estudadas, na sequência em que são apresentadas, se vinculam, formando um *continuum* narrativo, desmistificando a máxima já defendida por Marini (2004, p. 133) de que a coletânea de “*Novelle per un anno* [...] não revela controle e ordem [...] e nunca vem

inserida em uma perspectiva mais ampla, sem que isso resulte em uma absoluta vaidade.”¹¹

Por último, apresentaremos as traduções das novelas selecionadas, além de expormos as peculiaridades e os caminhos tomados durante o processo de tradução.



Luigi Pirandello nasceu em 1867 em Girgenti, atual Agrigento, na Sicília, nas proximidades de um bosque conhecido como Cávusu, corruptela da antiga palavra grega Kaos. Por isso, dizia-se filho do Caos. Fruto do relacionamento de Stefano, um patriota siciliano, e Caterina, irmã de um ex-combatente que lutou com seu pai na guerra, no período entre 1860-1862. (LUIGI..., 2010, p. I).

Contra a vontade do pai, que o queria em seu comércio nas minas de enxofre, Pirandello cursou o ginásio e mais tarde matriculou-se nos cursos de Direito e de Letras, em Palermo. Dividido entre o amor por sua prima Rosália e a arte, Pirandello fez sua escolha: mudou-se para Roma em 1887 para que a primeira de suas paixões não fizesse com que a segunda sucumbisse. Em Roma, já tendo abandonado o curso de Direito, despendia grande parte das provisões financeiras enviadas pelo pai para mergulhar no universo artístico. Em 1889, devido a diversos atritos com seus professores, tomou a decisão de continuar seus estudos em Bonn, na Alemanha, cidade que muito o agradou e onde conheceu seu segundo amor, Jenny. Em 1891, após ter apresentado sua tese sobre o dialeto agrigentino, partiu definitivamente de Bonn, abandonando também seu segundo amor.

Em 1894, casou-se com Antonietta, filha de um dos sócios de seu pai. Certamente, o casamento arranjado poderia ter rendido bons frutos para os negócios da família, não fosse um desastre em uma mina de enxofre em que seu pai investira o dote de Antonietta. Enquanto isso, Pirandello tivera três filhos: Stefano (1895), Lietta (1897) e Fausto (1899).

Agora, aquele Pirandello *bon vivant* que se dedicava à arte por deleite, viu-se diante de uma família a sustentar, sem o dote da esposa e sem a ajuda financeira

¹¹ Novelle per un anno [...] non rivela controllo e ordine [...] e mai viene inserito in una prospettiva più ampia, che ne riscatti l'assoluta vanità.

do pai. O que antes era apenas uma paixão para o autor – a arte literária -, passou a representar sua subsistência. Seguindo os conselhos de seu amigo Luigi Capuana, Pirandello começou a dedicar-se mais às narrativas curtas e aos romances, deixando de lado a poesia.

Marini (2004, p. 128) afirma que na época:

o conto permaneceu sendo [...] um gênero amplamente comercial [...] isso garantiu [a Pirandello] uma renda econômica largamente superior se comparado àquela que ele poderia esperar dedicando-se a outros gêneros literários. E, sem dúvida, as dificuldades econômicas que Pirandello teve de encarar levaram o autor em direção à novela, e foram determinantes para a quantidade de sua produção.¹²

Até o final do primeiro decênio do século XX, Pirandello já havia publicado cinco coletâneas de novelas: *Amori senza Amore* (1894) pela editora *Bontempelli*; *Beffe della morte e della vita* (1902-03) pela editora *Lumachi*; *Quando ero matto* (1902) e *Bianche e nere* (1904) pela editora *Streglio*; *Ermes Bifronte* (1906) pela editora *Treves*, e ainda escrito quatro romances: *L'esclusa* (1892-93), *Il turno* (1902), *Il fu Mattia Pascal* (1904) e *I vecchi e i Giovani* (1909) – que só seria publicado integralmente em 1913).

Após 1910, dedicou-se também à dramaturgia - ofício este que até então não havia lhe dado bons frutos -, com o incentivo de amigos como Massimo Bontempelli, Lucio D'ambra e Nino Martoglio, adaptando algumas de suas novelas para que fossem representadas nos palcos. Publicaria ainda mais três romances no decorrer de sua carreira artística: *Suo marito* (1911), *Si gira...* (1915) - que em 1925 passaria a se chamar *Quaderni di Serafino Gubbio operatore* - e *Uno, nessuno e centomila* (1925-26); e, antes de iniciar o projeto das *Novelle per un anno* em 1922, outras nove coletâneas individuais de novelas: pela editora *Treves*, *La vita nuda* (1911), *Terzetti* (1912), *La trappola* (1915), *E domani, lunedì* (1917) e *Un cavallo nella luna* (1918); pela editora *Quattrini*, *Le due Maschere* (1914); pelo *Studio Editoriale Lombardo*, *Erba del nostro orto* (1915); pela editora *Facchi*, *Berecche e la guerra* (1919); e pela editora *Battistelli*, *Il carnevale dei morti* (1919).

¹² il racconto breve resta [...] un genere largamente commerciabile [...] esso garantisce [...] una resa economica decisamente superiore a quella che egli poteva attendersi dalla frequentazione di altri generi letterari. Ed è indubbio che le difficoltà economiche che Pirandello dovette fronteggiare, spinsero l'autore verso la novella e ne determinarono quantitativamente la produzione.

Se, por um lado, Pirandello podia contar com a ajuda de amigos ilustres que impulsionaram sua carreira, por outro, acabou incitando diversas desavenças, como com Croce, D'annunzio e outros tantos diretores de teatro, fosse por seu humor ácido e temperamento difícil, fosse pelos novos contornos que pretendia trazer à literatura italiana. Apesar disso, a partir da década de 1920, conquistou um notório reconhecimento artístico.

Mesmo com o sucesso artístico que o autor conquistou, seus dramas familiares foram uma constante em sua vida, principalmente no período em que eclode a Primeira Guerra Mundial. Lorenzetti (MMXV, p. 53) recorda que nesse período, Pirandello vivera o luto de sua mãe, Caterina, além de ver seu primogênito, Stefano, alistar-se voluntariamente e ser capturado pelos austríacos, e seu filho Fausto ser convocado para o conflito. Mas o principal drama para o autor fora a convivência conflituosa com sua esposa, Antonietta, uma mulher que sofria de um distúrbio paranoide que se agravava ainda mais com a partida dos filhos para a guerra.

Pirandello contribuiu para que os primeiros decênios do século XX fossem o período de transição de um realismo *Ottocentesco*, que dispunha de informações objetivas sobre a psicologia das personagens e de uma realidade temporal muito mais linear, à arte literária do *Primo Novecento*, na qual a unidade psicológica e a sequência temporal orgânica das composições literárias passaram a ser dissolvidas.

Em 1925, o autor faria uma turnê teatral por 14 cidades da Europa, onde foi muito aclamado, sobretudo em Berlim. Um ano antes, em 1924, Jaime Costa seria o primeiro a encenar uma peça do autor no Brasil, e em 1927 o próprio Pirandello faria sua passagem pelo país como diretor da *Compagnia del Teatro d'Arte di Roma*.

Foi na década de 1930, nos EUA, que Pirandello atingiu um enorme sucesso internacional, chamando a atenção até dos produtores de Hollywood com a peça teatral *Come tu mi vuoi*. Em 1934, o autor conquistaria o prêmio Nobel.

Ainda que Luigi Pirandello tenha sido um dos principais autores do Novecento italiano, a tradução de suas obras para o português chegou com certo atraso no Brasil devido à tardia expansão da indústria editorial¹³ do início do século XX, existindo ainda hoje certa defasagem de traduções italianas para o português. Isso se deu também pelo fato de que até quase o final da década de 1970, as

¹³ Cf. PETERLE; SATURBANO; WATAGHIN (Org.), 2013, p. 101 et seq., para o aprofundamento dessa questão.

traduções portuguesas tinham direitos cedidos para todos os países de língua portuguesa, o que incluía o Brasil, e depois por causa da censura da ditadura militar.

No total, foram 10 títulos publicados no Brasil na primeira metade do século XX, com aproximadamente 28 traduções. Na segunda metade, o número de publicações aumentou exponencialmente: foram 57 títulos publicados, com um total de 198 traduções. No século XXI, já alcançamos 20 títulos publicados, com um total de 176 produções traduzidas¹⁴.

Observamos que o número de traduções romanescas publicadas na segunda metade do século XX mais que triplicou em relação ao da primeira metade: 10 traduções contra 3. Já no período de 2001 a 2020, foram 6 romances traduzidos.

O aumento é ainda mais expressivo quando analisamos as peças teatrais traduzidas: se na primeira metade do século XX foram realizadas 3 traduções, na segunda metade esse número subiu para 42, um aumento de 14 vezes. Já no período de 2001 a 2020, foram 15 peças teatrais traduzidas.

Em relação às novelas traduzidas, temos 4 livros publicados na primeira metade do século XX – com aproximadamente 22 traduções -, contra 9 livros publicados na segunda metade - somando 146 traduções, um aumento de 7 vezes. Já no período de 2001 a 2020, foram 6 livros publicados – somando 155 traduções.

No total, desde a primeira tradução em território nacional - em 1924, por Paulo Gonçalves, até a mais recente, em 2019, por Francico Degani -, dos sete romances escritos pelo autor, seis já foram traduzidos; das 45 peças teatrais¹⁵, 24 já foram traduzidas¹⁶; e das 246 novelas, 238 já tiveram sua versão em português publicadas¹⁷.

¹⁴ Ver Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa, no APÊNDICE A - Traduções das obras pirandellianas no Brasil. Os dados aqui apresentados foram obtidos através dos levantamentos das seguintes fontes: a) (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2020); b) (DICIONÁRIO bibliográfico da literatura italiana traduzida no Brasil, 2020); c) (DICIONÁRIO bibliográfico da literatura italiana traduzida no Brasil a partir de 1951, 2020); d) (DUGO, 2017); e) (FABRIS, 2009), sendo que: os itens *b*, *c*, *d* e *e* foram utilizados para o levantamento dos títulos traduzidos e publicados no Brasil, e o elenco de novelas traduzidas e publicadas no Brasil, e o item *a* como conferência, servindo também para o levantamento das reedições dos títulos.

¹⁵ 45 peças teatrais escritas em italiano. Pirandello ainda escreveu outras 6 em dialeto Siciliano. São elas: *Liola* (1915); *A giarra* (1916); *A vilanza e Cappiddazzu paga tutu* (1917) – escritas em parceria com Nino Martoglio; *A birritta cu' i ciancianeddi* (1917); e *A patenti* (1919).

¹⁶ Ver Tabela 2 - Relação dos romances e peças teatrais traduzidas, no APÊNDICE A - Traduções das obras pirandellianas no Brasil.

¹⁷ Sendo que: 74 títulos foram traduzidos há mais de 50 anos; 164 foram títulos traduzidos de 1970 a 2020; e até o presente momento, 8 títulos ainda não receberam traduções em território nacional para o português brasileiro. (ver Tabela 3 - Relação das novelas traduzidas, no APÊNDICE A - Traduções das obras pirandellianas no Brasil).

Mesmo Pirandello tornando-se um nome de prestígio da literatura estrangeira traduzida no Brasil, é preciso observarmos que o título “canônico” dado a ele não contemplou inicialmente toda sua produção artística. Se, por um lado, podemos dizer que suas produções teatrais e romanescas foram canonicamente consolidadas com a etiqueta da “alta literatura” durante o século XX, assumindo um papel fundamental para o prestígio que o autor conquistou em nosso território, por outro, não podemos negar que suas novelas ainda estão em processo de consolidação literária, tendo ganhado espaço de destaque e prestígio no Brasil há não mais que 50 anos, devido principalmente – como já mencionado anteriormente nessa introdução - à expansão do público leitor brasileiro, e da sua predileção pelas narrativas breves.

Como já lembrado por Bloom (1995), o cânone literário é uma composição flexível. Sendo assim, é formado a partir de uma montagem histórica, estando em constante expansão, e sendo definido e influenciado pelas mudanças das estruturas socioculturais de qualquer comunidade literária. Candido (2011, p. 84) completa essa afirmação ao dizer que “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras agindo [...] sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.” A partir do momento em que essa comunidade literária atualiza o prestígio direcionado a determinado gênero textual, novos textos e autores passam a compor o índice de seu cânone. É um fato que sempre permeou as comunidades letradas e está intrinsecamente ligado a elas.

2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A NARRATIVA PIRANDELLIANA

Nas novelas que compõem nosso estudo, a ficção surge a partir de uma montagem histórica de memórias - individuais ou coletivas. Antes de nos determos em suas análises, exporemos brevemente quais conceitos de ficção e memória consideraremos em nosso estudo.

As novelas aqui apresentadas trazem consigo um caráter preponderantemente autoficcional: nada é tão real quanto parece, ao mesmo tempo que nem tudo pode visto como ficcional. Faedrich (2015) argumenta que a autoficção deve ser entendida como um amálgama de realidades externas que se materializam e se relacionam apenas dentro do contexto ficcional: uma mistura de várias experiências biográficas, sejam elas do autor ou daqueles que estiveram presentes em sua vida, e que por vezes não coincidem inteiramente com a realidade da práxis, mas que se condensam em uma realidade narrativa e que só podem ser reconhecidas como realidade biográfica quando isoladas de suas estruturas ficcionais. Para Faedrich (2015, p. 57), “Na autoficção é intenção deliberada do autor abolir os limites entre o real e a ficção, confundir o leitor e provocar uma recepção contraditória da obra”. Sendo assim, a dialética entre obra e realidade dar-se-á no campo performático da obra, em que as exterioridades serão interpretadas nas relações internas das personagens, sem que delas dependam para existirem, mas as integrando em suas histórias.

Soma-se à essa definição a contribuição de Alberca¹⁸ (2007, apud FAEDRICH, 2016, p. 43), ao afirmar que “o leitor deve [aceitar] o jogo ambíguo [...] a indeterminação [...] [transitar] entre o romanesco e o autobiográfico [...] [movendo-se] entre ambas as interpretações.”

Klinger (2008) completa afirmando que cabe ao leitor decidir o que aceitar ou não como realidade externa à obra. Só ele poderá fazer com que surja o esclarecimento entre o real e o ficcional, ou seja, entre memória histórica e arte ficcional. Por fim, Candido (2011, p. 22) também pode nos guiar a este entendimento quando afirma que:

O primeiro passo [...] é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando

¹⁸ ALBERCA, Manuel. El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese [...] Esta liberdade [...] é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento de verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica.

As proposições elencadas acima podem ser somadas ao que Macchia (1997, v. 2, t. 1, p.XXIII-XXIV) acredita ser o leitor ideal de Pirandello, aquele que “não devia ser concebido como uma massa inerte [...], não devia ser deixado em paz [...], o espectador, bem desperto, pensava”¹⁹.

Já no caso da memória, é preciso diferenciar os conceitos de memória individual, coletiva e nacional.

Halbwachs (1990) relembra que a memória estritamente individual é aquela presente na primeira infância dos indivíduos, quando estes ainda não possuem as faculdades intelectuais necessárias para compreender que fazem parte de um contexto social mais amplo.

Diferentemente dela, a memória coletiva – aquela que nos interessa para este estudo, já que está presente nas narrativas analisadas - estabelece um sentimento comum entre os indivíduos pertencentes a um contexto social mais amplo, ultrapassando aquele exclusivamente familiar. A memória coletiva, portanto, será aquela que se forma pela convergência histórica de percepções individuais. Ela contribui, pois, para circunscrever afetivamente indivíduos, mesmo que por vezes, pertençam a coletividades díspares de uma mesma comunidade, fazendo com que surja uma memória - ou sentimento - nacional.

Utilizando as definições de Giddens (2003, p. 194), observamos que essas memórias nacionais:

São [...] sistemas sociais que ‘se destacam’ [...] de um fundo constituído por toda uma série de outras relações sistêmicas, nas quais elas estão inseridas. Destacam-se porque princípios estruturais definidos [produzem] um ‘aglomerado de instituições’ global especificável através do tempo e do espaço. [...] entre os membros da sociedade [transbordam] sentimentos de que possuem alguma identidade comum [...] manifestos tanto na consciência prática quanto na consciência discursiva e não pressupõem um ‘consenso de valor’. Os indivíduos podem [...] pertencer a uma coletividade determinada sem concordar em que isso seja necessariamente correto e apropriado.

¹⁹ non doveva essere concepito quale una massa inerte [...] non doveva essere lasciato in pace [...] lo spettatore, del tutto sveglio, pensava.

Nosella (2019, p. 10-11) resume as proposições elencadas acima ao argumentar que “toda obra ficcional tem sua relação de referência com a realidade, o que não significa afirmar que toda obra é realista [...] Pirandello, autor de acirrada fantasia em sua narrativa, apresenta-se como objeto exemplar para tal exercício.”

Partindo para a análise dos enredos das novelas de nosso corpus de pesquisa, perceberemos que o entrelaçamento de tramas e personagens começarão em *Berecche e a guerra*, que se passa em meados de 1914: o professor Berecche, cujo pai lutou na batalha de Bezzecca, em 1866, agora encontrar-se-á diante de uma situação que ofende seus princípios republicanos e patrióticos: a neutralidade italiana na Primeira Guerra Mundial. Sua filha, Teotônia, mudou-se de casa há pouco tempo, após casar-se com o senhor Livo Truppel.

Ao que tudo indica, o senhor Livo Truppel - que em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* era casado com Bezzecca, filha de Marco Leccio -, até pouco tempo antes mantinha um triângulo amoroso entre ele, Teotônia e Bezzecca. Podemos supor que as animosidades entre o irmão de Livo Truppel, Guglielmo Truppel, e seu sogro, Marco Leccio, pai de Bezzecca, tenham sido causa de sua possível separação da jovem.

Marco Leccio e Guglielmo Truppel tinham uma relação conturbada devido principalmente a dois fatores: primeiro, a pretensão de Marco Leccio de “italianizar” as origens de seu genro, propondo a mudança de seu sobrenome de Truppel para Truppa, motivo de grande ofensa para Guglielmo, que acaba condenado a pagar uma multa a Marco Leccio pelas difamações lançadas contra ele; o segundo motivo, mais grave aos olhos de Guglielmo, mas que para o pacífico senhor Livo Truppel não passava de um equívoco, era o fato de Guglielmo ter reconhecido Faustino, filho de Berecche e cunhado de Livo Truppel, no meio da manifestação que marchava sobre Roma, e que fora a responsável pela destruição da fachada da relojoaria, que ele mantinha em sociedade com seu irmão.

Nesse interim, Berecche mudara-se com a família para a rua Nomentana, em Roma, que havia sido aberta pouco tempo antes, e ainda mantinha o ar campestre que tanto agradava ao professor. Ao lado de seu sobrado, havia apenas mais dois: um deles comprado por um velho prelado que se mudou para lá com suas três netas solteironas. A história dessas personagens só nos será contada em *O quarto à espera*: Margheritina, Nanda e Flavia eram irmãs de um jovem soldado,

Cesarino Mocchi, enviado anos antes para o comando da Colônia na Líbia – em princípio para a Tripolitânia e de lá destacado para Fezã. Desde então - e já se passaram muitos meses -, as três irmãs e sua mãe vivem a angústia da espera por notícias. A esperança de um dia rever Cesarino faz com que as três irmãs se revezem religiosamente para manter o quarto do irmão em perfeita ordem, à espera de seu retorno. O golpe é sentido quando, dezesseis meses após sua partida, Claretta, a bela e jovem noiva de Cesarino, resolve desistir da espera e partir com um novo amor. A velha mãe não resiste ao baque da notícia e, já sem esperanças de reencontrar o filho – apesar de não deixar transparecer –, acaba falecendo.

A história de Claretta não termina em *O quarto à espera*. Em *Ontem e hoje*, é revelado que ela, agora chamada pela narrador de Ninì, fora junto com o aspirante oficial Sarri de Roma para Macerata, em meados de 1915, às vésperas de sua partida para o front de batalha. Lá, encontrava-se também transferido do pelotão romano o segundo-tenente Marino Lerna. Todos esperavam passar ali um período de treinamento não inferior a três meses, mas, após três dias, receberam a notícia de seu envio iminente para as linhas de combate. Antes de partirem, comunicam a seus familiares a notícia, para que eles possam, então, se despedirem.

A narrativa em *Quando se compreende* irá descrever a viagem de ida até Macerata daqueles pais que iam se despedir de seus filhos: no fétido vagão que partira da estação de Fabriano em direção a região das Marche, se encontraram Brecche, Marco Leccio e os pais de Marino Lerna. O desespero da mãe de Marino Lerna será confrontado com a rispidez de Marco Leccio; Brecche externará o rancor que sentia pelo filho Faustino, que fugira anteriormente para a França, faltando às suas obrigações patrióticas, tão necessárias a seu país.

A repulsa de Brecche pelos desertores de guerra será novamente citada na novela *Um góí*. Sempre fora intenção do professor Brecche voltar – mesmo que se passassem mil anos – para contar as pequenas histórias daquelas pequenas almas que para ele seriam esquecidas, obscurecidas por novos – e quem sabe ainda mais trágicos – eventos. Brecche retorna, não exatamente mil anos depois, mas no Natal de 1918, contando a história vivida por uma dessas pequenas almas: a de seu amigo Fongi, agora, chamado Daniele Catelani²⁰.

²⁰ Ver Figura 1 – Genealogia das novelas, e Figura 2 – Cronologia das novelas, no APÊNDICE B – Elementos narrativos das novelas.

2.1 Prelúdios de um conflito mundial

A unificação do Reino d'Italia em 1861 não fora suficiente para que o novo reino fosse visto com igualdade perante às demais nações na política externa europeia. Internamente, o Estado tornara-se impopular: governantes e governados ainda se mantinham muito distantes uns dos outros, principalmente em se tratando do *Mezzogiorno*²¹, que assumiu basicamente o ônus pela unificação, sem colher as benesses esperadas com todo esse processo. O resultado: de um lado, surgira o *Brigantaggio*, milícias populares voltadas a atacar o novo Estado; e, do outro, o Estado, que reprimia tais insurgências. (PROCACCI, 2009)²²

Era preciso aliar-se com uma grande potência para que a Itália saísse do eterno segundo plano na geopolítica europeia. Em 1882, o país decide então unir-se à Alemanha e à Áustria-Hungria, formando a Tríplice Aliança, em busca de uma cooperação que lhe trouxesse prestígio e a ajudasse a assumir seu papel como grande potência.

São essas as razões pregressas, implícitas, que impulsionam inicialmente a construção do fluxo narrativo da novela *Berecche e a guerra*, ponto de partida para o estabelecimento de todos os diálogos e reflexões que se darão ao longo de sua narrativa: “Federico Berecche [...] Orgulhava-se de todas as benesses à Itália, derivadas da longa aliança com aqueles que então formavam os impérios centrais”.²³ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 574)

O império Prussiano já havia ajudado, em 1866, a Itália a reaver o Vêneto dos austríacos, e contribuído, em 1870, para que o exército italiano anexasse o território romano, após derrotarem o exército francês na guerra franco-prussiana. No capítulo III de *Berecche e a guerra*, o narrador sumariza essa questão em um flashback:

Berecche recorda-se. Quarenta e quatro anos atrás. Bandeirinhas francesas e prussianas – somente elas, então – fincadas como agora, com alfinetes no mapa, aberto numa mesinha da saleta de jantar. *Palco da guerra*. Que

²¹ Sul da Itália e a Itália insular.

²² Cf. PROCACCI, 2009, p. 389 et. seq., para um aprofundamento histórico das questões pós *Risorgimento italiano*.

²³ Federico Berecche [...] tutti i benefizii vantava derivati all'Italia dalla lunga alleanza con quelli che erano allora gl'imperi centrali

belo jogo para ele, então garoto de nove anos.²⁴ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 582)

Pirandello, assim, confere a Berecche a tarefa de exaltar a nação estrangeira pela qual tinha grande apreço: a Alemanha. Tanto o autor quanto seu protagonista, professor Berecche, viam no império germânico um exemplo de Estado a ser seguido.

Contudo, o sentimento nacionalista fomentado no seio familiar do autor por anos - inclusive com um pai que combatera ao lado de Garibaldi - o impedia de externar sua estima pela nação vizinha. Caberia a Berecche a tarefa de concentrar o apreço do autor pelo vertiginoso progresso alemão e os anseios nacionais por concluir as questões sociopolíticas que, na Itália, pareciam insolúveis.

Resolvidas as questões de Veneto e Roma, a Itália quis então reivindicar a reanexação dos territórios do Trentino e da cidade de Trieste, ainda sob controle austríaco. Quando a Tríplice Aliança foi renovada, em 1887, para acalmar os ânimos do novo Reino contra o aliado austríaco, seus parceiros lhe haviam garantido que, caso a Áustria-Hungria se estendesse sobre os Balcãs, as fronteiras geográficas seriam redefinidas para favorecer as reivindicações italianas.

No capítulo IV da narrativa de *Berecche e a guerra* identificamos essa situação com a fala de Gino Viesi, cunhado de Berecche:

Vocês dizem que não vale a pena que a Itália se mexa para ter Trento, que talvez um dia a Áustria lhe dê pacificamente, para ter Trieste, *que não quer ser italiana*... Não é isso que dizem? Vocês dizem e ouvem!²⁵ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 589)

Em 1914, ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, momento em que se passa a maior parte da trama de *Berecche e a guerra*, um impasse sociopolítico começava a se delinear por toda a península: entrar ou não no conflito?

Berecche tenta convencer seus amigos romanos de que a Itália tinha que tomar seu posto em uma guerra que seria a oportunidade de completar o *Risorgimento italiano*. Porém, vemos que outras personagens acreditavam que o povo italiano não deveria lutar ao lado dos austríacos, ou confiar em suas promessas.

²⁴ Berecche ricorda. Quarantaquattr'anni fa. Bandierine francesi e bandierine prussiane – quelle sole, allora – infisse come ora con gli spilli su la carta geografica distesa su un tavolino della saletta da pranzo. Teatro della guerra. Che bel giuoco per lui, ragazzo allora di nove anni!

²⁵ Dite che non val la pena che l'Italia si muova per aver Trento, che forse l'Austria le darà un giorno pacificamente, per aver Trieste che non vuole essere italiana... Non dite così? Lo dite e lo sentite!

No capítulo V da novela, o narrador, com tom irônico, descreve o fato de a Itália – tão insignificante na geopolítica europeia – ter se aliado com dois impérios potentes e prósperos, e ainda nos lembra que a Tríplice Aliança consistiu essencialmente um empenho recíproco de seus membros contra uma eventual agressão francesa. Dado que a iniciativa bélica partiu da Alemanha, o governo italiano não se sentia obrigado (ou encontrou nesse fato um álibi perfeito) a assumir um lugar ao lado da Alemanha e da Áustria-Hungria, optando pela neutralidade:

por volta de 1914 existiam ainda, no centro na Europa, dois impérios potentes e prósperos: um chamado Alemanha, sobre o qual reinava um Guilherme II de uma dinastia desaparecida, que parece fosse chamada dos Hohenzollern; e o outro, chamado império da Áustria, sobre o qual reinava o já idoso Francisco José, da dinastia dos Habsburgo. Esses dois imperadores eram aliados entre si e talvez ambos, ao menos pelo que se supõe conforme certos dados, ainda que à luz da lógica não pareça verossímil, aliados também do rei da Itália, certo Vitor Emanuel III da dinastia de Sabóia, que porém, ao menos no começo, esquivou-se da guerra que aquele imperador da Alemanha, tomando – ao que parece – como pretexto a morte, pelos Servos, de um tal Francisco Ferdinando, arquiduque herdeiro do trono austríaco, estupidamente moveu contra a Rússia, a França e a Inglaterra, então também poderosíssimas aliadas entre si, principalmente a Inglaterra, que naquela época era dona dos mares e de inúmeras colônias.²⁶ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 596-597, grifo nosso)

Berecche ainda porá em xeque a cega admiração que tinha pela Alemanha, ao fazer um exame de consciência de como ela pôde ser tão inconsequente em suas ações. No fundo, vemos que o protagonista admite, ainda que tardiamente, que não bastaria apenas aliar-se a uma nação potente para resolver as questões de seu povo. No capítulo VII, lê-se:

E admitir também, se quiser, que a Alemanha se colocou contra nós, ajudando, por puro pretexto, a Áustria numa guerra ofensiva que, ao romper os pactos de aliança, devia tornar obrigatoriamente a Áustria nossa inimiga. Para nós, a aliança com a Áustria era disciplina! A Alemanha rompeu-a porque, ao declarar uma guerra, deveria entender que nós já não podíamos estar com a Áustria.²⁷ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 610)

²⁶ intorno al 1914 c'erano ancora potenti e fiorenti nel centro d'Europa due imperi: uno detto di Germania, su cui sedeva un Guglielmo II d'una dinastia scomparsa, che pare fosse detta degli Hohenzollern; e detto, l'altro, impero d'Austria, su cui sedeva vecchissimo un Francesco Giuseppe della dinastia degli Absburgo. Erano questi due imperatori tra loro alleati e forse entrambi, almeno a quanto si suppone per certi dati, benché a lume di logica non paja verosimile, alleati anche col re d'Italia, un Vittorio Emanuele Terzo della dinastia di Savoia, il quale però, almeno in principio, mancò alla guerra che quell'imperatore di Germania, togliendo – pare – a pretesto l'uccisione per mano dei Serbi d'un tal Francesco Ferdinando arciduca ereditario d'Austria, stupidamente mosse contro la Russia, la Francia e l'Inghilterra, allora anche esse alleate tra loro e potentissime, una segnata mente, l'Inghilterra, padrona in quel tempo dei mari e d'innunerevoli colonie.

²⁷ E ad ammettere anche, se vuoi, che s'è messa contro di noi, la Germania, ajudando, per puro pretesto, l'Austria in una guerra offensiva che, rompendo i patti d'alleanza, doveva renderci per forza

No período que precede a entrada da Itália na guerra, mais precisamente em abril de 1915, dois fatos decisivos ocorrem: o primeiro, o pacto secreto com a Tríplice Entente, estipulado com o governo italiano, que garantiria, caso o país entrasse no conflito no prazo de um mês, ao lado de França, Grã-Bretanha e Rússia - e fossem vitoriosos -, o direito sobre os territórios de Trentino até o Tirol meridional, a cidade de Trieste, além da região de Ístria e Dalmácia – excetuando-se a cidade de Fiume, bem como colônias na África e na Ásia menor (PROCACCI, 2009, p. 484); o segundo, que o intervencionismo italiano começava a ser encarado de forma mais categórica, por diversos intelectuais da época, como a chave para resolver as questões socioculturais que abalavam as estruturas de poder na Itália. Lando (2017, p. 1) observa que:

O intervencionismo teve como ponto nevrálgico uma visão do conflito como única ocasião existencial possível, como o remédio eficaz para uma Itália que se identificava em seu desequilíbrio apático: encontraram espaço irredentistas, intelectuais ambiciosos por exhibir uma vontade de potência, literatos que aproveitam a oportunidade da guerra como um dever cruel e incontornável, outros que vislumbraram no conflito uma juventude apaixonada [...] escritores que vislumbraram na guerra um impulso de solidariedade democrática em relação aos mais fracos²⁸

Ainda assim, grupos socialistas, a igreja católica, bem como a maioria expressiva do parlamento e o próprio presidente do Conselho de Ministros, *Giovanni Giolliti*, permaneciam relutantes à ideia de uma luta armada, fosse ao lado dos Aliados ou das Potências Centrais.

O desencanto popular que a inércia da classe política italiana gerou aparecerá no final do capítulo VII, na carta que Fausto – filho de Berecche - envia a seu pai, relatando sua fuga e de seu cunhado, Gino Viesi, para França:

a Itália, “criada” como sempre e agora sem patrões, não fará nada. Os dois que tinha – um mau, que sempre a oprimiu; o outro que sempre deu a entender que a protegeria [...] deixaram-na sozinha e colocaram-se a resolver entre si suas coisas. Agora a pobre Itália, nem sequer certa de ter sido dispensada, não sabe o que fazer, nem para onde ir. Tem medo dos antigos patrões e tem medo de colocar-se a serviço de novos, que através

l'Austria nemica. Era disciplina per noi l'alleanza con l'Austria! La Germania l'ha spezzata, perché, dichiarando una guerra, doveva capirlo che noi, con l'Austria, non potevamo essere più.

²⁸ L'interventismo ha come punto nevrálgico una visione del conflitto come possibile occasione esistenziale irripetibile, come benefico farmaco per un'Italia identificata nel proprio squilibrio apático: trovano spazio irredentisti, intellettuali ambiziosi di esibire una volontà di potenza, letterati che colgono l'occasione della guerra come un crudele e inderogabile dovere, altri che intravedono nel conflitto una giovinezza appassionata [...] scrittori che intravedono nella guerra uno slancio di solidarietà democratica nei confronti dei più deboli

*das [...] Embaixadas, solicitam-na, fazem insistentes pressões. Para onde voltar-se, entre os que lhe dizem que estenda esta ou aquela mão para tomar de volta, aqui ou acolá, aquilo que era seu e que todos lhe tomaram?*²⁹ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 612-613)

Até o penúltimo capítulo da novela *Berecche e a guerra*, o tempo da história situar-se-á em um período posterior “ao primeiro anúncio da declaração de neutralidade italiana no conflito europeu”, ou seja, após 2 de agosto de 1914. Também é possível situarmos a narrativa precisamente em agosto de 1914, já que no capítulo V refere-se a morte do santo Papa – no caso, Pio X -, pelo qual Margheritina, com sua mãe no sobrado do Monsenhor, rezavam; morte essa que ocorreu em 20 de agosto de 1914.

Apenas no último capítulo, “No escuro”, é possível perceber que ocorre um salto temporal que nos transporta para a primeira metade de 1915.

Essa percepção surge no momento em que Berecche pede ao vigia de seu sobrado que consiga um cavalo por menos de 600 liras, para que ele pudesse fazer aulas de equitação e estar apto a candidatar-se como voluntário nos Dragões da Cavalaria. Como nos revela o narrador, “Berecche também quer ir à guerra.”:

- Eh, por menos de seiscentas... Diz aquele em certo momento.
- Fala baixo, fala baixo!
- Porque o governo já fez com todos os comerciantes as requisições... Ao menos é o que dizem... Sabe como é, desses tempos...
- Sim, claro. Mas por seiscentas liras...
- Ah, um bom cavalo, é... um ginete...³⁰ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 615, grifo nosso)

Historicamente, lembremos que o governo italiano, com sua entrada iminente na guerra, começou a expedir decretos que pudessem lhe garantir o direito sobre as propriedades industriais privadas e, assim, assegurar a produção de armamentos, suprimentos bélicos e, por conseguinte, a manutenção de seus exércitos quando entrassem oficialmente no conflito:

²⁹ l'Italia, «ancella» come sempre e ora senza padroni, non farà nulla. I due che aveva – l'uno cattivo, l'ha sempre angariata; l'altro che s'è dato sempre l'aria di proteggerla [...] l'hanno lasciata sola e si sono messi a sbrigare da sé le loro faccende. Ora la povera Italia, neppur certa d'essere stata licenziata, non sa che fare né dove andare. Ha paura degli antichi padroni, e ha paura di mettersi a servizio di nuovi che dalle [...] Ambasciate, la richiedono e le fanno pressanti esibizioni. Da che parte voltarsi, tra chi le dice di stendere questo o quel braccio per riprendersi di qua o di là quello che era suo e che tutti le hanno preso?

³⁰ - Eh, per meno di seicento... - dice quello a un certo punto. / - Piano, piano! / - Perché il Governo ha fatto già presso tutti i mercanti la requisizione... almeno dicono... Sa, com'è, in questi momenti... / - Sì, sì; ma per seicento lire... / - Ah, un cavalluccio buono, sì... anche da sella...

com o decreto real de 28 de janeiro de 1915, o Estado fora autorizado a expropriar os direitos da propriedade industrial privada para direcioná-las [...] aos interesses da defesa nacional ou para usos militares [...] mesmo sem o consentimento do dono da propriedade [...] o decreto real sucessivo, de 21 de março, dispunha que o governo [...] tivesse a faculdade de requisitar todos os bens e os serviços considerados necessários aos fins bélicos [...] o decreto real de 26 de junho de 1915 [...] confiava às autoridades estatais a tarefa e a faculdade de impor e mandar executar todas as obras necessárias para aumentar a potencialidade dos estabelecimentos industriais privados, cujas produções eram consideradas necessárias para assegurar o fornecimento dos materiais bélicos necessários ao exército.³¹ (ZAGANELLA, 2017, p. 183-184)

Ao final de *Berecche e a guerra* inferimos que, implicitamente, Berecche é Pirandello. Primeiro, porque Fausto é o nome de um dos filhos do autor - aquele que não pôde ser enviado ao front por motivos de saúde -, e também nome do filho de Berecche na narrativa, que então se confunde com a *persona* de Stefano, o outro filho de Pirandello que seguiu para os campos de batalha; segundo, o distúrbio paranoide de Antonietta, esposa do autor, se aproxima do da mãe de Fausto na narrativa, mulher de Berecche, que acusa o marido pelo sumiço do filho; terceiro, a intensificação dos conflitos familiares do autor o levou a uma profunda crise emocional, assim como com o professor Berecche, que envelheceu vinte anos em seis dias devido às perturbações de sua esposa após o desaparecimento do filho. Para Lugnani (1999, p. 93):

Berecche é, de modo até muito claro, Luigi. Mora, como Luigi, em Roma, em uma travessa remota no final da rua Nomentana [...] Como Luigi, Berecche tem um filho que anseava por lutar e que um belo dia foge com um amigo para França, para alistar-se na legião garibaldina. E, como Luigi, Berecche tem uma mulher doida, que com a fuga do filho é tomada por uma crise histérica³²



³¹ con il Regio Decreto del 28 gennaio 1915, lo Stato fu autorizzato a espropriare i diritti di privativa industriale per orientarli [...] ai fini della difesa nazionale o per usi militari [...] anche senza il consenso del titolare della privativa [...] Il Regio decreto del successivo 21 marzo disponeva che il governo [...] avesse la facoltà di requisire tutti i beni e i servizi ritenuti necessari ai fini bellici [...] il Regio decreto 26 giugno 1915 [...] affidava alle autorità statali il compito e la facoltà di imporre e far eseguire tutte le opere occorrenti ad aumentare la potenzialità degli stabilimenti industriali privati, le cui produzioni erano ritenute necessarie per assicurare i rifornimenti dei materiali bellici occorrenti all'esercito.

³² Berecche è, in modo fin troppo trasparente, Luigi. Abita, come Luigi a Roma, in una traversa remota in fondo a via Nomentana. [...] Come Luigi, Berecche ha un figlio, che smania per andare a combattere e che un bel giorno fugge con un compagno in Francia, per arruolarsi nella legione garibaldina. E, come Luigi, Berecche ha la moglie pazza, che alla fuga del figlio è colta da una crisi isterica

A partir da novela *Berecche e a guerra*, conseguiremos compor não só um emaranhado de vínculos biográficos e históricos, mas, também, narrativos. O mais explícito será aquele entre as novelas *Berecche e a guerra* e *Fragmento de crônica de Marco Leccio...: o capítulo I* da segunda novela será quase que integralmente composto pelo capítulo “O senhor Livro Truppel”, da primeira.

Livro Truppel, que na novela *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* era casado com Bezzecca - filha de Marco Leccio -, aparecerá em *Berecche e a guerra* como marido de Teotônia, filha do professor Berecche.

Aqui surge uma hipótese de leitura: que em *Berecche e a guerra*, o senhor Truppel mantinha uma relação extraconjugal com Teotonia, já que em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* ainda estava casado com Bezzecca. Isso porque:

- a) em *Berecche e a guerra*, no capítulo VI, lê-se que “Teutonia [...] mudou-se de casa [da casa de Berecche] havia três anos, casada com o senhor Livo Truppel”³³(PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 598-599);
- b) em *Berecche e a guerra* estamos, até o capítulo VII, em 1914, ou seja, desde 1911 Livo Truppel e Teotonia já se relacionavam;
- c) o tempo da história de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* inicia-se em 1915, portanto, fazia pelo menos 4 anos que existia um triângulo amoroso entre Teotonia – Livo Truppel - Bezzecca.

Em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, os atritos que surgem entre o irmão do senhor Truppel, Guglielmo Truppel, e seu sogro, Marco Leccio, serviriam, portanto, apenas de pretexto para que Marco Leccio se separasse de Bezzecca e continuasse a viver apenas com Teotônia. No capítulo II de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* lê-se que:

O irmão, é preciso dizer a verdade, não lhe impusera abandonar a mulher e o teto conjugal para passar a morar com ele em outra casa [...] mas pretendera e o fizera prometer e jurar que pelo menos nunca mais poria os pés na casa do sogro e que se o sogro fosse qualquer noite a sua casa para visitar a filha, ele, caso não conseguisse na mesma hora encontrar uma desculpa para sair de casa, além de um cumprimento não lhe dirigiria a palavra e, depois de cumprimentar, cuspiria no chão.³⁴ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1165-1166, grifo nosso)

³³ Teutonia [...] è da tre anni fuori di casa, sposa del signor Livo Truppel

³⁴ Il fratello, bisogna dire la verità, non gl'impose d'abbandonare la moglie e il tetto coniugale per seguitare a convivere con lui in una casa a parte [...] ma pretese e si fece promettere e giurare che almeno non avrebbe rimesso piede mai più nella casa del suocero e che se il suocero veniva qualche sera da lui a visitare la figliuola egli, ove non riuscisse lì per lì a trovare una scusa per andarsene fuori di casa, oltre il saluto non gli avrebbe rivolto la parola e, dopo il saluto, avrebbe sputato in terra.

Notemos que nesse discurso os verbos estão, em italiano, no *passato remoto* do indicativo (*pretérito mais-que-perfeito do indicativo*, em português): *impusera, pretendera, fizera*; em italiano, no *imperfetto* do indicativo (*pretérito imperfeito do subjuntivo*, em português): *fosse* e; em italiano, no *condizionale passato* (*futuro do pretérito*, em português): *dirigiria, cuspiria*.

No capítulo VI de *Berecche e a guerra*, encontramos o mesmo discurso, porém agora com os verbos, em italiano, no *passato prossimo* do indicativo (*pretérito perfeito do indicativo*, em português): *impôs, pretendeu, fez*; em italiano, no *futuro semplice* do indicativo (*futuro do subjuntivo*, em português): *for* e; em italiano, no *futuro semplice* do indicativo (*futuro do presente do indicativo*, em português): *dirigirá, cuspirá*.

O irmão, é preciso dizer a verdade, não lhe impôs abandonar a mulher e o teto conjugal para passar a morar com ele em outra casa [...] mas pretendeu e o fez prometer e jurar que pelo menos nunca mais poria os pés na casa do sogro e que se o sogro for qualquer noite a sua casa para visitar a filha, ele, caso não consiga na mesma hora encontrar uma desculpa para sair de casa, além de um cumprimento não lhe dirigirá a palavra e, depois do cumprimento, cuspirá no chão: Assim!³⁵ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 602, grifo nosso)

Quando tomadas isoladamente, a conjugação verbal nas duas narrativas cria apenas uma ordem cronológica dos fatos narrados dentro do próprio discurso. O flashback, seja em *Berecche e a guerra*, seja em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, é capaz de, ora mais próximo, ora mais distante no tempo, contar aquilo que antecede o momento elocutório do narrador.

Já quando vinculadas, as conjugações verbais nas duas narrativas nos permitem organizar uma ordem cronológica externa aos seus limites discursivos, criando um *continuum* narrativo entre ambas as histórias. Assim, podemos admitir que o *flashback*, em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, que se inicia em um *passato remoto*, antecede aquele de *Berecche e a guerra*, que inicia-se em um *passato prossimo*, e supomos que, em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*,

³⁵ Il fratello, bisogna dire la verità, non gli ha imposto d' abbandonare la moglie e il tetto coniugale per seguitare a convivere con lui in una casa a parte. No, ma ha preteso e si è fatto promettere e giurare che almeno non avrebbe rimesso piede mai più nella casa del suocero e che se il suocero verrà qualche sera da lui a visitare la figliuola egli, ove non riesca lì per lì a trovare una scusa per andarsene fuori di casa, oltre il saluto non gli rivolgerà la parola e, dopo il saluto, sputerà in terra: così!

Livo Truppel resolvera separar-se de Bezzacca após o atrito entre o irmão e seu sogro, e que em *Berecche e a guerra*, ele passou de novo pela mesma situação.

Outro ponto a ser destacado são os ideais diametralmente opostos entre o protagonista em *Berecche e a guerra*, o professor Berecche, e o protagonista em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, o veterano garibaldino. Se o primeiro é aquele que “orgulhava-se [...] de sua origem alemã [...] se esforçava havia tantos anos por manter [...] sobretudo o método [alemão]”³⁶ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 574), o segundo é aquele que tinha uma “aberta profissão de fé republicana, a indignação feroz por todos os atos da mesquinha vida nacional italiana ao longo de tantos e tantos anos”.³⁷ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1169)

Apesar de fomentarem sentimentos tão evidentemente opostos entre si – Berecche, pela Alemanha; Marco Leccio, pela Itália -, o que os aproxima, intimamente, é a contradição entre esse sentimento nacionalista e o afeto paternal por seus filhos, como se depreende dos trechos a seguir:

Berecche volta a limpar a garganta [...] só de imaginar que Faustino, seu único filho homem, seu preferido, que por sorte este ano ainda não foi arrolado, poderia se alistar voluntário [...] Ele não poderia mais lhe dizer que não [...] com seus mais de cinquenta e três anos vividos, com toda aquela carne que foi se tornando pesada, nesse caso ele também se alistaria, para não deixar Faustino ir sozinho, para não morrer de terror uma vez por dia, a cada anúncio de batalha, sabendo que Faustino estaria no meio do fogo cruzado: sim senhores, também ele, Berecche, iria, voluntário³⁸ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 582)

Certamente teria-lhe agradado [Marco Leccio] bastante ir morrer lá no alto das montanhas; mas não havia tentado se alistar quase desesperadamente apenas por isso. A consciência de suas condições físicas talvez o teria desaconselhado. Outra razão o tinha impelido, que não queria mostrar nem sequer a si mesmo: Giacomino.

Dizer-lhe não, opor-se ao propósito que esse seu último e mais querido filho lhe havia manifestado, de alistar-se voluntário para seguir os três irmãos, não podia e não devia; por todo seu passado, pela educação que lhe havia dado, não podia e não devia. Mas separar-se do filho [...] ele tampouco sabia.³⁹ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1179)

³⁶ Vantava [...] la sua origine tedesca [...] che lui da tant'anni si sforzava d'attuare [...] sopra tutto il método

³⁷ aperta professione di fede repubblicana, lo sdegno feroce per tutti gli atti della meschina vita nazionale italiana lungo tanti e tanti anni

³⁸ Berecche torna a raschiarsi piú forte la gola [...] al pensiero che Faustino, il suo unico maschio, il suo prediletto, che per fortuna quest'anno non è ancora di leva, andrebbe ad arruolarsi volontario [...] Egli non potrebbe piú dirgli di no [...] con tutti i suoi cinquantatré anni sonati, con tutta quella carnaccia che gli s'è appesantita addosso, andrebbe ad arruolarsi anche lui, allora, per non lasciare andar solo Faustino, per non morir di terrore una volta al giorno, a ogni annunzio di battaglia, sapendo Faustino in mezzo al fuoco: sissignori, anche lui Berecche andrebbe, volontario

³⁹ Gli sarebbe certo piaciuto andare a morir bene lassù; ma non per questo soltanto aveva fatto quel tentativo di arruolamento quasi disperato. La coscienza delle sue condizioni fisiche gliel'avrebbe forse

A mensagem central que surge nas duas narrativas será a dualidade de sentimentos presente em Berecche, Marco Leccio e, porque não, Pirandello e toda a sociedade italiana da época, que colocava em cheque até que ponto o amor patriótico poderia se sobressair aquele familiar. Para Lugnani (1999, p. 93):

Dois sentimentos opostos se chocavam nele [Pirandello]: de um lado, a tradição Garibaldina e *risorgimentale* sempre viva na família exaltava nele os ideais de patriotismo e irredentismo, fazendo dele um intervencionista; do outro, o afeto pelo filho e a ânsia com os perigos aos quais estaria exposto tornavam aqueles dias ainda mais angustiantes.⁴⁰

2.2 Itália em guerra contra Áustria

Como firmado com os Aliados, um mês após o pacto de Londres, em maio de 1915, a Itália entrou em guerra ao lado dos franceses, ingleses e russos. Unidos contra “as ameaças subversivas”, o governo e o reino italiano não inibiram as manifestações dos jovens e pequenos burgueses favoráveis à intervenção, certos que estavam de que uma guerra breve e vitoriosa favoreceria o poder estatal ou os setores mais conservadores da sociedade. A cartada final havia sido dada, de acordo com Procacci (2009, p. 486), por meio de “um pequeno golpe de Estado revestido de formas legais”.⁴¹

Salandra, que sucedeu Giolitti como primeiro ministro, com o aval do rei Vitor Emanuel III, submeteu em votação a intervenção militar ao já pressionado Parlamento italiano, que havia perdido a sua capacidade de articulação política, coagido de um lado pelo Executivo, e do outro pelo clamor popular das ruas. Naquele momento, nem o enorme prestígio político que Giolitti e seus apoiadores ainda mantinham, nem a grande massa popular de católicos ou a parcela influenciada pelos ideais socialistas foram capazes de barrar a aprovação da intervenção militar italiana na Primeira Guerra Mundial. É nesse contexto histórico,

sconsigliato. Un'altra ragione lo aveva spinto, che non voleva dare a vedere nemmeno a se stesso: Giacomino. / Dirgli di no, opporsi al proposito che questo suo ultimo prediletto figliuolo gli aveva manifestato, di andarsi ad arruolare volontario per seguire i tre fratelli, non poteva, non doveva; per tutto il suo passato, per l'educazione che gli aveva data, non poteva, non doveva. Ma staccarsi dal figlio [...] non sapeva neppure.

⁴⁰ Due opposti sentimenti si scontravano in lui: da una parte la tradizione garibaldina e risorgimentale, sempre viva nella famiglia, esaltavagli ideali del patriottismo e dell'irredentismo, facendone un interventista; dall'altra l'affetto per il figlio e l'ansia per i pericoli ai quali sarebbe stato esposto rendevano ancora più angosciosi quei giorni.

⁴¹ Un piccolo colpo di Stato rivestito di forme di legalità.

“nos dias de turva agônia que precederam a nossa declaração de guerra à Áustria”⁴² (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1163), que se inicia a novela *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*

Marco Leccio, filho do veterano garibaldino Defendente Leccio, vê no intervencionismo italiano duas oportunidades: uma particular, a de vingar a memória de seu pai, e de seu amigo Casimiro Struzi, que morreram na batalha de Bezzecca em 1866; a outra, coletiva, a de reaver as terras italianas irredentas. Isso era o que Marco Leccio “dizia havia onze meses sobre a guerra europeia, lá no escritório com o veterano Tiralli”.⁴³ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1175, grifo nosso)

Apesar das críticas lançadas ao “intervencionismo de mercado”, Marco Leccio via na guerra a oportunidade perfeita para, desfeita a aliança desonrosa que perdurou de 1882 até 1915 com seu principal inimigo, a Áustria, reivindicar as regiões do Trentino e a cidade de Trieste. No capítulo V de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* lê-se:

A vergonha, a repulsa de mais de trinta anos por uma aliança detestável com nosso inimigo, fomentados pela indignação, pelo horror das atrocidades cometidas por nossos aliados de ontem, senhor coronel, tiveram de roer o freio de uma paciência desumana. E agora que finalmente este freio se rompeu, agora que a repulsa e o ódio sufocados por mais de trinta anos irrompem e agridem, aqui está, aqui está como nos encontramos, senhor coronel.⁴⁴ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1176)

Em 23 de maio de 1915, a Itália emitiu sua declaração de guerra contra o Império Austro-Húngaro, entrando oficialmente no conflito. Demorou ainda um mês até que suas tropas iniciassem as primeiras batalhas, avançando sobre o rio *Isonzo*, buscando alcançar *Gorizia*.

No momento em que se desenrola a narrativa de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, o protagonista já estava com três netos em combate: o primeiro, é mencionado no capítulo II pelo senhor Truppel enquanto gritava para que todos ouvissem que ele era genro de um veterano garibaldino, casado com “Bezzecca [...] com um filho já combatente, aspirante oficial”⁴⁵ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p.

⁴² nei giorni di torbida agonia che precedettero la dichiarazione della nostra guerra all’Austria

⁴³ diceva, da undici mesi, della guerra europea là nello studio col reduce Tiralli

⁴⁴ L’onta, il ribrezzo di più che trent’anni per un’alleanza odiosa col nemico nostro, fomentati dallo sdegno, dall’orrore delle atrocità commesse dai nostri alleati di ieri, signor colonnello, hanno dovuto rodere il freno d’una disumana pazienza. E ora che questo freno finalmente s’è rotto, ora che il ribrezzo, l’odio soffocati per trenta e più anni prorompono e s’avventano, ecco, ecco come ci ritroviamo noi, signor colonnello.

⁴⁵ Bezzecca [...] con un figliuolo già sotto le armi, allievo ufficiale.

1163-64); os outros dois serão mencionados no capítulo V, quando Marco Leccio vai ao quartel junto com seu filho mais novo, Giacomino, para se alistarem como voluntários: “Tenho também dois netos lá, na fronteira: um sacerdote [Marchetto], cabo sanitário, filho de meu filho mais velho [Giuseppe] e o filho de minha filha [Bezzecca], oficial de complemento.”⁴⁶ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1176)

Fica claro, portanto, que Bezzecca tinha dois filhos: um aspirante oficial e um oficial de complemento, informação esta que se confirmará já no capítulo III, quando Marco Leccio diz que: “Giacomino, o meu último, tem um ano a menos do que o primeiro filho da minha filha Bezzecca”⁴⁷ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1169). Ainda é possível compreender que, como Giacomino tinha 18 anos, seu neto tinha 19.

Marco Leccio também já estava com três filhos nos campos de batalha quando se inicia a narrativa: Defendente, o quarto filho, capitão de artilharia e Bixio, o quinto filho, tenente de infantaria, haviam se juntado ao sétimo filho, Canzio, subtenente auxiliar dos granadeiros da Sardenha. Na narrativa de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, Giacomino, seu filho mais novo, será o quarto a ser enviado ao front.

É possível, portanto, inferir que os primeiros a serem enviados ao front foram Canzio, seguido de seus irmãos - Defendente ou Bixio -, seus netos, e, só depois, de Giacomino.

Sendo assim, Giacomino estará aqui participando da 2ª batalha do Isonzo, que ocorreu entre os dias 18 de julho e 03 de agosto de 1915. É possível precisarmos este período de tempo, pois:

- a) até a cena do alistamento de Giacomino, no capítulo V, a narrativa de *Fragmento de Crônica de Marco Leccio...* se passa no dia 21 de julho de 1915;
- b) ou seja, a primeira batalha do Isonzo, de 23 de junho a 7 de julho de 1915, já teria terminado, e;
- c) o capítulo XI avança para o início de outubro de 1915, ou seja, a 3ª batalha do Isonzo, de 18 de outubro a 3 de novembro de 1915, ainda não teria começado.

⁴⁶ Ho anche due nipoti lassù alla frontiera: un sacerdote, caporale di sanità, figlio del mio figliuolo maggiore; e il figlio di mia figlia, ufficiale di complemento.

⁴⁷ - Giacomino, il mio ultimo, ha un anno meno del primo figlio di mia figlia Bezzecca.

É importante ainda atentarmos ao fato que Giacomino, no capítulo V de *Fragmento de Crônica de Marco Leccio...*, fora aceito para a 82ª divisão de infantaria. Historicamente, essa divisão fazia parte da Brigada Torino, com sede em Roma, e enviava suas tropas para o front Dolomítico, na disputa pela região do Trentino. (BRIGATA Torino..., 2002)

Apenas quando estabelecemos os vínculos narrativos entre as narrativas de *Fragmento de Crônica de Marco Leccio...*, *Ontem e hoje* e *Quando se compreende*, é que entenderemos que Giacomino não está no front Trentino, mas, sim, no Triestino.

Em *Ontem e hoje*, lê-se que: “oitenta aspirantes oficiais do pelotão de Roma [foram designados] com [o segundo-tenente] Marino Lerna ao 12º regimento”⁴⁸ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 556), da Brigada Casale, que, no caso, enviava suas tropas para atuarem na região do Isonzo.

Em *Quando se compreende*, confirmaremos que Giacomino está entre esses oitenta aspirantes oficiais, já que Marco Leccio, seu pai, é um dos passageiros do trem que, na narrativa, iam de Roma à Macerata para se despedirem dos filhos que seguiriam para a guerra.

O vínculo estabelecido entre a novela *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* e *Ontem e hoje* ainda será importante para confirmarmos que Giacomino participou, então, da 2ª batalha do Isonzo:

- a) primeiro, porque na novela *Ontem e hoje* é dito que demoraria três dias – aproximadamente 24 de julho - até os soldados do pelotão de Macerata receberem o comunicado de partida para o dia seguinte, 25 de julho de 1915;
- b) segundo, porque na novela *Ontem e hoje* é dito que, da data da partida até a chegada às linhas de combate, os soldados não se exporiam ao perigo antes de dois dias, ou seja, aproximadamente 27 de julho;
- c) terceiro, porque no capítulo X de *Fragmento de Crônica de Marco Leccio..*, Giacomino enviou a seu pai uma carta relatando estar “Às vésperas de uma marcha em direção ao desconhecido”, escrita, portanto, por volta de 27-28 de julho.

⁴⁸ Tra gli ottanta del plotone allievi ufficiali che da Roma [...] assegnato con Marino Lerna al 12.mo reggimento.

Percebe-se, ainda, que em *Fragmento de Crônica de Marco Leccio...*, Giacomino assume o papel de Stefano, filho de Pirandello. Podemos lembrar a carta que o autor envia a seu filho no front, uma resposta, ao que nos parece, àquela que Giacomino envia a Marco Leccio na narrativa:

*Meu Stefanuccio,
lemos no boletim de ontem à noite o anúncio do avanço geral sobre as margens do Isonzo, de Caporetto ao mar, imagine com qual ânsia estremeceadora, pensando em você! Não consigo te exprimir com que ânimo me encontro, os esforços contínuos que faço para manter-me de pé no meio do contraste das suposições, do turbilhão de imagens que me invadem e que rapidamente rechaço.*⁴⁹ (LANDO, 2017, p. 7)

Assim como Berecche, em *Berecche e a guerra*, Marco Leccio é porta-voz de uma sociedade intimamente despreparada para encarar a nova realidade tecnológica bélica que dizimava vidas nos fronts, porém, ainda muito distante de poder assumir isso. Nas duas narrativas, a ânsia por solucionar rapidamente as questões históricas pendentes se choca, de forma tímida, nas relações familiares, com o desengano pela guerra e a desconfiança de ver seus filhos em combate: “Gostaria de saber no que consiste, a não ser em um monstruoso e covarde estorvo para fazer perder em vão tempo e vidas humanas! Construir máquinas, impedimentas e abrigos para então encontrar um jeito de derrubá-los”.⁵⁰ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1187)

Esse desengano com o conflito ampliou-se vertiginosamente entre todos os beligerantes quando, a certa altura, eles se depararam com a escassez de recursos humanos especializados, o que os obrigou a recorrerem aos reservistas, voluntários, jovens sem treinamento militar e até mesmo idosos. Segundo Stevenson (2017, v. 2, p. 192), “convocando os rapazes assim que completavam 18 anos e pressionando os homens na casa dos 40 anos ou mais a se alistarem [...] os beligerantes mantiveram [...] o número de combatentes até o pico de 1917”. Marco Leccio, no capítulo VIII, questiona seu fiel amigo Tiralli sobre esta questão:

não se envergonha ao ler toda noite nos jornais quantos jovens morrem aos vinte anos, lá, nas montanhas, e quantos velhos com sessenta, setenta, até mesmo setenta e seis anos partem voluntários, da Sicília, das Calábrias,

⁴⁹ *Stefanuccio mio/ abbiamo letto nel bollettino iersera l'annuncio dell'avanzata generale sul fronte dell'Isonzo da Caporetto al mare, figurati con quale trepida ansia pensando a te! Non posso esprimerti in quale stato d'animo mi trovo, gli sforzi continui che faccio su me stesso per tenermi su in mezzo al contrasto delle supposizioni, al turbinio delle immagini che m'assaltano e che subito discaccio.*

⁵⁰ Vorrei sapere in che consiste, se non in un mostruoso e vigliacco ingombro, per far perdere invano tempo e vite umane! Metter su macchine, impedimenti, ripari per trovare poi il modo di buttarli giù.

dos Abruzos, da Romanha, da Lombardia, e vão lutar no front como simples soldados?⁵¹ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1191)

As flutuações entre os sentimentos favoráveis e opostos ao conflito começarão a ser dissolvidas a partir da novela *O quarto à espera*, em que o medo pela perda dos entes queridos e a desilusão com as proporções - espaciais e temporais - que o conflito atingira, dominará o sentimento do narrador e de suas personagens, reflexo de toda uma população que perdera o vigor e o otimismo iniciais.

Até aqui, com *Berecche e a guerra* e *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, a euforia dominava o fluxo narrativo, fosse a de ir à guerra e resolver as questões pendentes que o *Risorgimento Italiano* não fora capaz de concluir, fosse para discutir se um conflito bélico seria a melhor alternativa para resolver a problemática de uma sociedade cultural e economicamente enfraquecida.

Em *Berecche e a guerra*, o protagonista, irritado, grita:

Agora, diante de uma guerra que logo, desde o início, mostrou-se voltada aos nossos prejuízos, contra nossos interesses, era a neutralidade, não é verdade? O partido a tomar, e não as armas para a nossa libertação e a defesa daqueles interesses⁵² (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 589-590)

Em *Fragmento de Crônica de Marco Leccio...*, o protagonista disse ao coronel no momento em que se apresentava voluntário ao alistamento: “- Esta guerra, senhor coronel, apenas nós deveríamos combatê-la! Nós. Porque é nossa guerra. Aquela que nos obrigaram a interromper no melhor momento, em 1866!”⁵³ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1176).

Veremos que a partir de *O quarto à espera*, e prosseguindo com *Quando se compreende* e *Ontem e Hoje*, aquele narrador, que em *Berecche e a guerra* e em *Fragmento de Crônica de Marco Leccio...* possuía uma onisciência seletiva múltipla, passa a ter uma onisciência intrusiva, já que as opiniões e visões divergentes sobre os fatos começam a ser abandonadas, para que então ele possa ajuizar e criticar as

⁵¹ Non ti vergogni leggendo ogni sera sui giornali quanti giovani muojono a vent'anni, lassù, e quanti vecchi a sessanta, a settanta, fino a settantasei anni partono volontari, dalla Sicilia, dalle Calabrie, dagli Abruzzi, dalla Romagna, dalla Lombardia, e vanno a combattere al fronte, semplici soldati?

⁵² E ora di fronte a uma guerra che subito, dal primo principio s'è presentata come volta ai danni nostri, contro gl'interessi nostri, era la neutralità, e vero? Il partito da prendere, e non le armi per la liberazione nostra e la difesa di quegli interessi

⁵³ - Questa guerra, signor colonnello, avremmo dovuto combatterla soltanto noi! Noi. Perché è la nostra guerra. Quella che ci costrinsero a troncane nel bel meglio, il 1866.

atitudes narradas, guiando a consciência de seu leitor rumo a uma reflexão coletiva: a de que nada fora como haviam planejado.

2.3 Itália em guerra contra Turquia

A entrada turca na Primeira Guerra Mundial assemelha-se muito à dos italianos: primeiramente, porque ambas as partes envolvidas na guerra se interessavam na aliança com o Império Otomano, dada sua posição geográfica estratégica de acesso ao Oriente, que no caso italiano se dava por sua posição estratégica de acesso ao mar Mediterrâneo; depois, porque seria vergonhoso para os turcos estar ao lado dos russos, seus inimigos históricos desde a guerra russo-turca de 1828, assim como para os italianos teria sido estar do lado dos austríacos; enfim, porque existia o fato de a Grã-Bretanha ter subestimado a importância turca como aliada desde o princípio, assim como a Alemanha fizera com relação aos italianos.

O acordo entre a Turquia e as Potências Centrais fora assinado em 1914, estipulando a retomada do território da Líbia conquistado, havia dois anos, pelos italianos. Demoraria ainda um ano para que a Itália - que já disputava contra a Áustria o controle sobre *Trentino* e o *Isonzo* - declarasse guerra à Turquia.

A Itália tivera muitas dificuldades na conquista e manutenção de sua colônia líbia, pois as hostilidades rebeldes estiveram sempre presentes naquelas terras. Oficiais turcos insurgentes fomentavam conflitos entre a população árabe e o comando colonial. Segundo Coggiola (2016, p. 126):

os italianos estavam certos de que chegariam rapidamente à vitória na Líbia. Haviam sido informados de que o regime turco era odiado pelos árabes que ali viviam, e que podiam contar com recepção calorosa aos soldados que traziam civilização e libertação contra a tirania do sultão. [...] Mas as coisas não estavam saindo como previstas [...] em grandes porções de território os 100 mil soldados distribuídos pela Itália não eram suficientes para controlar um país muito extenso.

Em novembro de 1914, a jihad proclamada pelo sultão Maomé V dificultou ainda mais a situação italiana na Líbia, que pioraria durante o período da Primeira Guerra Mundial, uma vez que os principais esforços militares italianos estavam sendo direcionados para as batalhas no território fronteiro entre a Itália e a Áustria-Hungria, o que fez com que de certa forma se negligenciassem os esforços de

manutenção e permanência das tropas coloniais italianas. Toda essa animosidade itálo-turca estará implicitamente relacionada à narrativa de *O quarto à espera*.

Na novela em questão, nos são apresentadas três irmãs: Margheritina, Nanda e Flávia, que há quatorze meses, junto com a mãe, sentem a angústia de não ter mais notícias do irmão/filho, soldado enviado para Tripolitânia e de lá destacado à Fezã⁵⁴.

A relação com a novela *Berecche e a guerra* será importante para reconstruirmos a cronologia de *O quarto à espera*. Vejamos que:

- a) o enredo de *O quarto à espera* é imediatamente anterior àquele de *Berecche e a guerra*, narrando os três últimos meses desde o desaparecimento de Cesarino Mochi: “Há catorze meses, é verdade, não têm mais notícias dele.”⁵⁵ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 430, grifo nosso); “Mas as três irmãs [...] Querem a todo custo resistir à derrocada [...] após dezesseis meses”⁵⁶ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 437, grifo nosso);
- b) se, em *Berecche e a guerra*, estamos, até o capítulo VII, em agosto de 1914;
- c) podemos situar o tempo da história de *O quarto à espera* em uma faixa temporal provavelmente entre maio e julho de 1914;
- d) sendo assim, podemos ainda admitir que Cesarino Mochi desaparecera, provavelmente, por volta de meados de abril 1913.

Isso porque Margheritina, Nanda e Flávia são as personagens que, em *Berecche e a guerra*, se mudam junto com o avô para o sobrado vizinho ao de Berecche. Admitimos esse vínculo entre as duas narrativas mediante as adjetivações dessas personagens. Em *Berecche e a guerra*, no capítulo II, o narrador diz que:

Ainda bem que um dos três sobradinhos foi comprado por um velho prelado muito rico que mora ali com três netas, solteironas acabadas, as quais se revezam, ao cair da noite, para subir em uma escadinha portátil e acender um candeeiro que fica diante de uma Virgem Maria de porcelana azul e

⁵⁴ Até 1970, o território líbico estava dividido em três províncias: Tripolitânia, Fezã e Cíneraica: a primeira, a noroeste da Líbia, banhada ao norte pelo mar mediterrâneo, fronteira com a atual Tunísia e Argélia, a oeste; a segunda, a sudoeste da Líbia, fronteira com a atual Argélia, Nigéria e Chade; a terceira, a nordeste da Líbia, banhada ao norte pelo mar mediterrâneo, fronteira com o atual Egito e Sudão, a leste.

⁵⁵ Da quattordici mesi, è vero, non hanno piú notizia di lui.

⁵⁶ Ma le tre sorelle [...] vogliono a ogni costo resistere al crollo [...] dopo sedici mesi

branca, colocada a cerca de um mês na quina da casa.⁵⁷ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 578-579, grifo nosso)

Em *O quarto à espera*, o narrador descreve as personagens como “*aquelas três irmãs velhas*”, “*três irmãs pálidas*”, “*três filhas com a testa enrugada*” e “*três pobres filhas que ficam aqui sozinhas*”, descrições muito próximas, como vemos, daquelas feitas pelo narrador em *Berecche e a guerra*.

Também percebemos que se tratam das mesmas personagens por meio do comportamento rotineiro das três irmãs em ambas as narrativas. Em *O quarto à espera*, lê-se que: “as três *irmãs velhucas* que vêm, *cada dia uma*, limpar e arrumar o quarto.”⁵⁸ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 429, grifo nosso) do irmão desaparecido. Já em *Berecche e a guerra*, eram elas que todos os dias se revezavam para acender o candeeiro diante da Virgem Maria.

Outro ponto a ser destacado – que analisaremos mais detidamente no próximo capítulo - é o vínculo que a personagem Claretta estabelece entre as narrativas de *O quarto à espera* e *Ontem e hoje*.

Em *O quarto à espera*, o narrador diz que, cansada de esperar pela volta do noivo, Cesarino Mocchi, Claretta resolve seguir em frente com um novo amor: “Claretta, mais uma vez, estava noiva./ Era de se esperar, essa notícia, já que havia dois meses que Claretta não aparecia [...] dizem que Claretta [...] cansou-se de esperá-lo”⁵⁹ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 437). A narrativa de *Ontem e hoje* nos contará, então, o que aconteceu com Claretta após essa partida com o novo noivo: “De Roma, [o soldado Sarri] trouxera a Macerata uma mocinha alegre que bancava havia cerca de três meses, bem conhecida entre os camaradas do pelotão”.⁶⁰ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 557)

2.4 A escalada militar: as batalhas do Isonzo

⁵⁷ Meno male che uno dei tre villini è stato acquistato da un vecchio prelato molto ricco che vi abita con tre nipoti, zitelle appassite, le quali a turno sul far della sera montano su una scaletta a mano per accendere un lampadino innanzi alla Madonnina di porcellana azzurra e bianca, collocata da circa un mese a uno spigolo del villino.

⁵⁸ tre sorelle stagionate che vengono un giorno per una a ripulire e a rimettere in ordine la camera.

⁵⁹ Claretta s'è rifatta sposa./ Era da attendersela, questa notizia, poiché già da due mesi, Claretta non si faceva più vedere [...] dicono che Claretta [...] s'è stancata d'aspettarlo.

⁶⁰ Da Roma s'era portata a Macerata una donnina allegra, che manteneva da circa tre mesi, ben nota ai compagni del plotone.

Segundo os relatórios oficiais do *Ministero della guerra* italiano, as primeiras batalhas do *Isonzo* ocorreram na segunda metade de 1915⁶¹. Em uma das frentes de batalha, entrara em ação a 12ª divisão de infantaria da Brigada Casale⁶², atacando o exército austro-húngaro na tentativa de assaltar a cidade de *Gorizia*, que serviria de ponto de apoio até *Podgora* (BRIGATA Casale..., 2002, p. 159).

Os relatórios oficiais ainda nos informam que a Brigada Casale era formada por recrutas de diversas cidades: *Arezzo, Barletta, Benevento, Campobasso, Como, Ferrera, Macerata, Massa, Napoli, Novara, Pavia, Siracusa, Trapani* (BRIGATA Casale..., 2002, p. 159).

Essas informações históricas nos são transmitidas no início da novela *Ontem e hoje*: “A guerra eclodira havia poucos dias”⁶³ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 555); “[Marino Lerna] Subindo as escadas, encontrou-se com mais onze segundos-tenentes de diversos outros pelotões que chegaram com ele a *Macerata*”⁶⁴ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 555, grifo nosso). Esses doze segundos-tenentes esperavam passar ali alguns meses para as instruções de guerra, mas o coronel interino informou-os que partiriam para o front de batalha em três dias.

Apesar de não haver nenhuma datação precisa na narrativa de *Ontem e hoje*, é possível estabelecermos sua cronologia ao analisarmos as datas presentes nas narrativas de *O quarto à espera* e *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*:

- a) no final de *O quarto à espera* - julho de 1914, Sarri havia ficado noivo de Claretta/Nini, personagem que também estará presente em *Ontem e hoje*;
- b) em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, Giacomino fora se alistar como voluntário, em Roma, no dia 21 de julho de 1915;
- c) já em *Ontem e hoje*, é narrado que após três dias da transferência dos soldados do pelotão romano para Macerata, havia chegado uma ordem de partida para o front, que deveria ser cumprida no dia seguinte;

⁶¹ Ver Figura 3 – 1ª – 4ª Batalha do Isonzo, no Anexo A – Mapa dos fronts de batalha.

⁶² Composta pelas 11ª e 12ª divisões de infantaria. Nos prelúdios da 1ª batalha do Isonzo - 8 de junho de 1915 - a 12ª divisão deslocava-se nas proximidades de Lucinico, cerca de 4,5km de Gorizia; já a 11ª divisão deslocava-se pela retaguarda, um pouco mais ao norte, junto a Brigata Re, alcançando - entre 24 de maio e 5 de junho - Manzano, Dolegnano, Monte Quarin, Cormons e Valerisce, cerca de 6,5km de Gorizia. (BRIGATA Re..., 2002, p. 49).

⁶³ La guerra era scoppiata da pochi giorni.

⁶⁴ Sù per le scale si trovò insieme con gli altri undici sottotenenti arrivati con lui a Macerata dai diversi plotoni.

Sendo assim, podemos supor: que Sarri e Giacomino partiram com o segundo-tenente, Marino Lerna, de Roma para Macerata; que a narrativa de *Ontem e hoje* se passa, provavelmente, entre os dias 24 e 25 de julho de 1915; e que, portanto, os soldados realmente participariam da 2ª batalha do Isonzo.

Ao longo da novela *Ontem e hoje*, o narrador transmitirá três informações que confirmarão os vínculos narrativos com as novelas *O quarto à espera*, *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* e ainda, *Quando se compreende*. Primeiramente ficamos sabendo que junto com o segundo-tenente Marino Lerna, oitenta aspirantes oficiais do pelotão romano foram enviados para o 12º regimento em Macerata, dentre eles, o soldado Sarri, que estava noivo de Claretta – agora Ninì - em *O quarto à espera*; depois notamos que em *Ontem e hoje*, estarão presentes à despedida dos soldados partindo para o front tanto os pais de Marino Lerna, quando o de Giacomino, Marco Leccio, de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*; finalmente notamos que a viagem de ida desses pais para o campo de Macerata será narrada na novela *Quando se compreende*, que analisaremos no próximo capítulo.

Começamos pelo vínculo entre *Ontem e hoje* e *O quarto à espera*. Compreendemos que Ninì na verdade é Claretta pelas adjetivações que o narrador dará sobre ela em ambas as narrativas.

Em *Ontem e hoje*, após os soldados se despedirem de seus pais e partirem no trem que os levaria ao front, a mãe e o pai de Lerna embarcam em um ônibus para voltarem ao seu hotel. Neste momento, também “embarcou apressada uma jovem loira [Ninì] [...] com um grande chapéu de palha florido de rosas na cabeça, muito decotada e vestida de maneira extravagante; olhos e lábios pintados, mas que também chorava perdidamente.”⁶⁵ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 562, grifo nosso).

Em *O quarto à espera*, lê-se que: Claretta, “menina realmente [...], para aquelas três irmãs velhas”⁶⁶ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 435, grifo nosso); “[deixava] no quarto do noivo [...] sempre alguma flor e uma carta.”⁶⁷ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 435, grifo nosso); “um dia, a pequena veio com muitas flores, sim, mas sem carta [...]. De repente [...] jogou-se na caminha branca de Cesarino,

⁶⁵ venne di furia a montarvi una giovine bionda [...] con una gran paglia fiorita di rose in capo, molto scollata e vestita alla bizzarra; occhi e labbra dipinti; ma che piangeva anche lei perdutoamente.

⁶⁶ bambina veramente [...] per quelle tre sorelle anziane

⁶⁷ nella camera del fidanzato [...] sempre qualche fiore e una lettera.

rompendo em um pranto desesperado⁶⁸ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 435-436, grifo nosso). Em ambas as narrativas, tanto a excentricidade, quanto os lampejos de desespero, são uma constante das características de Claretta/Ninì.

Além disso, em *O quarto à espera*, na última visita de Claretta à casa das quatro mulheres aflitas, narra-se que a jovem “veio [...] vestida com roupas alegres, primaveris, tornara a desabrochar como uma flor, toda iluminada e vivaz [...]. Levou muitas, muitas flores e quis ela mesma [...] levá-las ao quarto de Cesarino”⁶⁹ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 436, grifo nosso), assim como quando, em *Ontem e hoje*, a mãe e o pai de Marino Lerna estavam voltando para Roma, e reencontram “a jovem [...] na companhia de um rapaz. Trazia nos braços um buquê de flores e ria”.⁷⁰ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 565, grifo nosso)

Se em *O quarto à espera* Claretta não teve mais razões para esperar por Cesarino, em *Ontem e hoje* Ninì não poderia ter uma atitude diferente com Sarri: o novo jovem com quem ela parte de Macerata rumo a uma nova vida – e quem sabe a uma nova narrativa – será o terceiro dentro do espaço de tempo de um ano, entre maio de 1914 e julho de 1915, que abrange as duas narrativas⁷¹. Para a jovem, “a vida é assim [...]. Ontem chorei por um. É preciso que hoje ria por este outro”.⁷² (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 565)

Por fim, ao analisarmos a cena da despedida entre os pais e filhos em *Ontem e hoje*, observamos o vínculo narrativo com a narrativa de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*: na primeira, lê-se que “o trem partiu [com os soldados para o front], no meio de um tumulto de gritos, de choros, de votos, entre o esvoaçar de lenços e acenos com mãos e chapéus”⁷³ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 561, grifo nosso); na segunda, vemos que o pai de Giacomino, ao se despedir de seu filho já embarcado, assiste “exultante às saudações, aos votos, aos aplausos.” Não aguentou esse espetáculo; teve que ir embora [...] antes que o trem

⁶⁸ un giorno la piccina venne, con piú fiori, sí, ma senza lettera [...] Tutt'a un tratto [...] si rovesciò sul lettino bianco di Cesarino, rompendo in un pianto disperato.

⁶⁹ Venne [...] nuovo vestita di abiti gaj, primaverilli, risbocciata come un fiore, tutta accesa e vivace [...] Recò tanti, tanti fiori e volle lei stessa [...] portarli nella camera di Cesarino

⁷⁰ rivide la giovane [...] in compagnia d'un giovanotto; recava tra le braccia un fascio di fiori, e rideva.

⁷¹ Cf. os dados cronológicos entorno da novela *O quarto à espera* no capítulo 2.3 desse estudo, p.42.

⁷² la vita è così [...] Jeri ho pianto per uno. Bisogna che oggi rida per quest'altro.

⁷³ il treno parti fra un tumulto di gridi, di pianti, d'augurii, tra uno svolazzio di fazzoletti e cenni di mani e di cappelli.

partisse com seu Giacomino que acenava para ele”.⁷⁴(PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1190).

2.5 As lutas continuam

Em *Quando se compreende*, a perspectiva sobre a guerra terá início com o diálogo dos pais e, mais uma vez, com suas dicotomias entre o amor paterno e o dever patriótico. Na narrativa, um casal entrará em um vagão de trem onde já se encontravam cinco passageiros indo de Roma até a região de Marche, ou seja, estavam todos indo para o local onde se encontrava o 12º regimento da Brigada Casale.

A questão principal é que, nessa narrativa, todas as personagens são anônimas. Sendo assim, o leitor dependerá da leitura das novelas *Ontem e hoje*, *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* e *Berecche e a guerra*, se quiser reconstruir a identidade delas, e ainda, se quiser reconstruir a cronologia da narrativa.

Começamos pelo vínculo estabelecido entre as novelas *Ontem e hoje* e *Quando se compreende*: o narrador de ambas as narrativas fala sumariamente sobre o envio prematuro dos combatentes para a guerra. Em *Quando se compreende* lê-se que:

Com a deflagração da guerra, o filho, convocado pelo exército, tinha se matriculado no curso acelerado para aspirantes oficiais; depois de três meses, nomeado segundo-tenente de infantaria e designado ao 12º regimento da brigada Casale, fora se apresentar no campo de instrução em Macerata [...] após três dias apenas estavam-no enviando ao front.⁷⁵ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 676, grifo nosso)

Em *Ontem e hoje*, que:

Marino Lerna [...] obtida a nomeação de segundo-tenente de infantaria, [...] partiu para Macerata, onde ficava o campo de instrução do regimento para o qual fora designado: o 12º, brigada Casale.

⁷⁴ esultante ai saluti, agli augurii, agli applausi./ Non poté reggere a questo spettacolo; dovette andar via [...] prima che il treno partisse col suo Giacomino che lo salutava

⁷⁵ Scoppiata la guerra, il figliuolo, chiamato sotto le armi, s'era iscritto al corso accelerato degli allievi ufficiali; dopo tre mesi, nominato sottotenente di fanteria e assegnato al 12º reggimento, brigata Casale, era andato a raggiungere il deposito a Macerata [...] dopo tre soli giorni lo mandavano al fronte.

Esperava passar ali alguns meses [...] Ao invés disso, três dias depois [...] [chegou] uma ordem de partida para eles.⁷⁶ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 555, grifo nosso)

Concluimos daí que as primeiras personagens mencionadas em *Quando se compreende* são os pais de Marino Lerna. E não apenas por essa passagem - que coincide em ambas as narrativas -, mas também por meio das adjetivações das personagens.

Em *Quando se compreende*, o marido/pai, apesar da grande força emocional que tentava externar, estava visivelmente “franzino e magrela, pálido como um defunto”⁷⁷ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 675, grifo nosso), sem ter “dado prova [...] de força suficiente para sustentar e introduzir no vagão o grande fardo daquela mulher”⁷⁸ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 675, grifo nosso).

Em *Ontem e hoje*, ao chegar no campo de instrução de Macerata:

no esforço para segurar o pranto a qualquer custo (esforço que parecia mais que evidente devido aos olhinhos brilhantes, febris), seu corpo magrinho, muito asseado, tinha agora uma solenidade ridícula e artificiosa que dava pena, talvez mais do que aquele pesar entregue da mãe.⁷⁹ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 559, grifo nosso)

Será possível ainda compreendermos que se trata do pai e da mãe de Marino Lerna porque, em *Quando se compreende*, o narrador diz que “havia vinte anos só viviam por aquele único filho”⁸⁰ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 676), tendo eles inclusive se mudado de Sulmona⁸¹ para Roma “Para não deixá-lo sozinho, tendo ele optado pelos estudos universitários”⁸² (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 676). Na novela *Ontem e hoje*, o narrador apresenta uma situação idêntica:

Adorava tanto aquele seu único filho, que por ele, para não se afastar dele, ex estudante universitário, tinha deixado o conforto da sua antiga casa, os hábitos patriarcais da sua vida em uma aldeia dos Abruzos para se

⁷⁶ Marino Lerna [...] avuta la nomina a sottotenente di fanteria [...] parti per Macerata, ov'era il deposito del reggimento a cui era stato assegnato: il 12.mo, brigata Casale. / Contava di passar li qualche mese per l'istruzione [...] Invece tre giorni dopo [...] / un ordine di partenza per loro.

⁷⁷ gracile e sparuto, pallido come un morto

⁷⁸ aver dato prova [...] di bastante forza a sorreggere e introdurre nella vettura il pesante fardello di quella moglie.

⁷⁹ nello sforzo di trattenere il pianto a ogni costo (sforzo che gli appariva evidentissimo dagli occhi lustrati, febbrili), la sua magra personcina molto curata aveva ora una ridicola solennità artificiosa che faceva pena, forse più di quell'abbandonato cordoglio della madre.

⁸⁰ da vent'anni non vivevano più che per quell'unico figliuolo.

⁸¹ Sulmona é uma cidade localizada na região administrativa dos Abruzzi.

⁸² Per non lasciarlo solo [...] dovendo egli intraprendere gli studii universitari.

estabelecer na capital fazia dois anos⁸³ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 559)

Por fim, também porque, em *Ontem e hoje*, o segundo-tenente Marino Lerna “enviou um [...] telegrama urgente, no qual os avisava [seus pais] que se tomassem o trem das dez naquela noite chegariam a tempo para despedirem-se antes de ele partir”⁸⁴ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 558). Em *Quando se compreende*, os pais de Lerna “havia recebido em Roma um telegrama que anunciava esta partida traiçoeira [de Cesarino] e estavam viajando até lá [Macerata] para se despedirem, para vê-lo partir”.⁸⁵ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 676)

A personagem apresentada a seguir em *Quando se compreende* será o próprio Pirandello. Lucignani (1999, p. 92-93) recorda que seu filho Stefano, de vinte anos, esteve desde o início nos campos de guerra como voluntário. Na narrativa *Quando se compreende*, Pirandello – na condição de personagem - volta-se ao pai de Marino Lerna para dizer que ele deveria agradecer “a Deus [...] que seu filho esteja partindo somente agora! O meu já está lá desde o primeiro dia da guerra. Já foi até ferido, sabe?”⁸⁶ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 677)

Pirandello também estivera presente – na condição de personagem - na narrativa de *Ontem e hoje*, em um momento imediatamente anterior ao início da história de *Quando se compreende*, quando os passageiros que se dirigiam para Macerata ainda não haviam embarcado no trem. Menciona, inclusive, seus dois outros filhos, Lietta, de dezoito anos, e Fausto, de dezesseis. Em *Ontem e hoje*, lê-se que:

Em Roma, pouco antes de partir, [o pai de Marino Lerna] tivera certa conversa com um senhor desconhecido, que também tinha um filho no campo desde o primeiro dia da guerra e mais dois menores em casa. Certa conversa, sim. Nada. Uma conversa entre dois pais, é isso.⁸⁷ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 559, grifo nosso)

⁸³ Adorava tanto quel suo unico figliuolo, che per lui, per non staccarsi da lui già studente d'Università, aveva lasciato gli agi della sua casa antica, le abitudini patriarcali della sua vita in un villaggio degli Abruzzi; e da due anni era andata a stabilirsi nella Capitale

⁸⁴ spedì un [...] telegrama d'urgenza, nel quale li avvertiva che se prendevano il treno delle dieci di sera, avrebbero fatto in tempo a salutarlo prima della partenza.

⁸⁵ avevano ricevuto a Roma il giorno avanti un telegramma che annunciava questa partida a tradimento. E si recavano a salutarlo, a vederlo partire.

⁸⁶ Dio [...] che parta soltanto adesso il suo figliuolo! Il mio è già su dal primo giorno della guerra. Ed è stato ferito, sa?

⁸⁷ A Roma, poco prima di partire, aveva avuto un certo discorso con un signore sconosciuto, il quale aveva anch'esso un figliuolo al campo fin dal primo giorno della guerra e due altri più piccoli in casa. Un certo discorso, sì. Niente. Un discorso tra due padri, ecco.

Após sua fala, surgirá outra personagem: Marco Leccio, de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* Será através dela que conseguiremos estabelecer a cronologia de *Quando se compreende*. A personagem dirá: “Eu tenho dois [filhos]. E três netos [em combate]”.⁸⁸ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 677)

Lembremos que, em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*⁸⁹:

- a) no capítulo V, Giacomino fora com seu pai se alistar como voluntário em 21 de julho de 1915 - era o quarto filho a ser enviado para a guerra;
- b) já no capítulo VIII, o narrador afirma que: “Ontem na estação, pouco antes que o trem partisse”, ou seja, nesse momento a narrativa já avançava, provavelmente, para 26 de julho⁹⁰;
- c) somente no capítulo IX, Marco Leccio recebe a notícia que um de seus netos havia sido morto.

Essas informações situarão o tempo da história de *Quando se compreende* provavelmente em 25 de julho de 1915, dia em que esses pais chegaram de Roma a Macerata para se despedirem de seus filhos. Confirmamos isso nos trechos de *Ontem e Hoje*: “Se hoje à noite [24 de julho] tomarem o trem das dez [...] amanhã às sete [25 de julho] poderão estar aqui para passar quase o dia inteiro com você” (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 558)⁹¹ e de *Quando se compreende* “Os passageiros que chegaram de Roma com o trem noturno à estação de Fabriano tiveram que esperar o amanhecer para prosseguir viagem” (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 675)⁹².

Levantamos ainda duas questões importantes a serem notadas: primeiro, que no capítulo V de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, Marco Leccio menciona ter três filhos em campo, mas em *Quando se compreende*, ele menciona apenas dois filhos; segundo, que até o capítulo VIII de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, Marco Leccio acreditava ainda ter três netos em combate e em *Quando se compreende*, ele faz menção aos três netos – apenas no capítulo IX é que ele descobre a morte de seu neto Marchetto. Sendo assim, a narrativa de

⁸⁸ – Ce n'ho due, io. E tre nipoti.

⁸⁹ Cf. os dados cronológicos entorno da novela *Fragmento de crônica de Marco Leccio...* no capítulo 2.2 desse estudo, p. 37-38.

⁹⁰ Cf. os dados cronológicos entorno da novela *Ontem e hoje* no capítulo 2.4 desse estudo, pg.44-45.

⁹¹ Se prendono questa sera il treno delle dieci [...] domattina alle sette possono essere qua per passare con te quasi tutta la giornata.

⁹² I passeggeri arrivati da Roma col treno notturno alla stazione di Fabriano dovettero aspettare l'alba per proseguire [...] il loro viaggio

Quando se compreende acontece num momento posterior ao capítulo V, mas anterior ao capítulo IX de *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*

Após a fala de Marco Leccio, o pai de Lerna retrucará dizendo que eles deveriam reconsiderar seu caso, pois tratava-se de um filho único que embarcaria para o campo de batalha. Nesse momento, surgirá a fala de uma personagem que o contestará. Será Brecche: “- Mas que conversa! – disparou neste momento outro passageiro, gordo e rubro, olhando ao redor com os grandes olhos claros marejados e raiados de cólera”⁹³ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 678, grifo nosso). Essas adjetivações se aproximam muito daquelas que, em *Brecche e a guerra*, o narrador usará para seu protagonista: “Federico Brecche [...] orgulhava-se de sua origem alemã, claramente demonstrada, seja por sua corporatura robusta, seja por seus pelos ruivos e olhos azuis”.⁹⁴ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 574, grifo nosso)

Vejam os ainda que, em *Quando se Compreende*, o narrador diz que, nesse ímpeto de ira contra os argumentos do outro passageiro, ele: “Colocou a mãozona deformada na boca, como repentinamente tomado pela lembrança dos dois dentes que lhe faltavam” (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 67). Lembremos que no capítulo VIII de *Brecche e a guerra*, o professor Brecche havia se estatelado no chão no haras de equitação, ao cair do cavalo, e rachado a cabeça. Terá ele quebrado os dentes também? Informação esta ocultada em *Brecche e a guerra*, mas revelada em *Quando se compreende*?

Também é possível identificar que essa personagem é, na verdade, Brecche, por mais dois motivos. O primeiro é porque Brecche reproduz em seu discurso aquilo que seu filho Fausto, em *Brecche e a guerra*, havia escrito na carta em que explicava os motivos de ter fugido para a França. No capítulo VII de *Brecche e a guerra*, Faustino diz: “é um momento em que todas as pequenas mães, assim como seus filhos, também precisam sentir-se filhas menores de uma mãe maior. Eu estou aqui [na França] por você, se vim por esta grande mãe em comum, apesar de que agora talvez você ache o contrário!”.⁹⁵ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 614, grifo nosso) Já em *Quando se compreende*, Brecche diz: “nós

⁹³ – Ma che discorsi! – scattò a questo punto un altro viaggiatore, grasso e sanguigno, guardando in giro coi grossi occhi chiari acquosi e venati di sangue.

⁹⁴ Vantava Federico Brecche [...] la sua origine tedesca, chiaramente dimostrata, oltre che dalla quadrata corporatura, dal pelame rossiccio e dagli occhi ceruli

⁹⁵ è un momento che tutte le piccole mamme, come i loro figli, bisogna che si sentano figlie piccole anche esse d'una mamma piú grande. Io sono qua per te, se sono venuto per questa grande mamma comune, benché tu forse ora creda il contrario!

também nos tornamos filhos, filhos velhos que não podem mais se mexer [...]. Se a pátria existe [...], é preciso que alguém vá defendê-la, ao chegar a hora. Vão eles, aos vinte anos, vão porque têm de ir e não querem lágrimas”⁹⁶ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 679, grifo nosso).

O segundo motivo é porque no capítulo VII de *Berecche e a guerra*, o protagonista reflete consigo mesmo: “não chore, porque você está errado em chorar! Que chorem os outros! Eu não choro, não choro mais, nem sequer se chegar a notícia, viu? Que morreu!”⁹⁷ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 611, grifo nosso).

Em *Quando se Compreende* lemos:

É preciso não chorar, rir... ou como eu choro, sim senhores, contente porque meu filho mandou me dizer que sua vida – *a sua*, entendem? Aquela que nós devemos ver nele e não a *nossa* – sua vida, ele a despendera da melhor forma possível, e que morreu feliz e que eu não ficasse de luto, como de fato os senhores podem ver que não estou.⁹⁸ (PIRANDELLO, 2001, v. 2, t. 1, p. 679-680, grifo nosso)

Em *Quando se compreende* conseguimos, então, descobrir que Faustino, de *Berecche e a guerra*, que não deu mais notícias desde a carta em que relata sua ida para a França, morrerá. As dúvidas de Berecche quanto ao paradeiro do filho, no final do último capítulo da novela - “E se amanhã, lá na França, Faustino for morto?” -, só serão desvendadas em *Quando se compreende*.

Ao final de *Quando se compreende*, percebemos que três questões ficam em aberto: a primeira é que quando os pais de Marino Lerna embarcam naquele trem, cinco passageiros já estavam lá dentro. Identificamos neles Pirandello – personagem -, Marco Leccio e Berecche. Quem eram, pois, os outros dois passageiros? Segunda questão: por que Berecche estava dentro daquele vagão, que levava, de Roma para Macerata, os pais que se despediriam de seus filhos antes que eles partissem para os campos de batalha, sendo que seu filho, Faustino, já estava morto? Por fim, existirá alguma outra narrativa que não foi objeto do nosso estudo capaz de solucionar tais questões?

⁹⁶ diventiamo figliuoli anche noi, figliuoli vecchi che non possono più muoversi [...]Se la patria c'è [...] bisogna che qualcuno vada a difenderla, venuto il momento. E vanno essi, a vent'anni, vanno perché debbono andare e non vogliono lagrime.

⁹⁷ non piangere, perché tu hai torto di piangere!». — Piangano gli altri! io non piango, non piango piú, neanche se m'arriva la notizia, vedi? che è morto!

⁹⁸ Bisogna non piangere, ridere... o come piango io, sissignori, contento, perché mio figlio m'ha mandato a dire che la sua vita – la sua, capite? quella che noi dobbiamo vedere in loro, e non la nostra – la sua vita lui se l'era spesa come meglio non avrebbe potuto, e che è morto contento, e che io non stessi a vestirmi di nero, come difatti lor signori vedono che non mi sono vestito.

2.6 A quem serviu este conflito?

Embora os mapas dos fronts nacionais demonstrassem avanços irrisórios em comparação com a proporção que o conflito havia tomado, nenhum dos lados se via disposto a negociar um acordo de paz: as perdas materiais e humanas tornar-se-iam muito substanciais para que qualquer um dos beligerantes se retirasse do conflito sem nenhuma vantagem capaz de justificar todos os danos sofridos. Somado a isso, estava o fato de que até 1917 novos membros continuariam aderindo às alianças – visando certamente algum benefício –, o que renovava as esperanças de uma vitória rápida e gloriosa naqueles que já estavam à beira do colapso.

Na novela *O Senhor do navio*, o narrador refletirá, por meio de muitas metáforas e das consciências de suas personagens, o que para todos os beligerantes, já no final do primeiro ano de guerra, se tornava claro: não poderiam existir vencedores numa guerra de tais proporções:

Suspiros, arrependimentos e ainda algum remorso. Ah, é! Aqueles rostos não estavam todos alegres. A promessa de desfrutar um dia farto não suavizava na testa de tantos magros as rugas das atividades sufocantes e os sinais das labutas e dos sofrimentos.⁹⁹ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 423)

Nela, o autor deixará a ambientação romana e refugiará suas personagens nas tradições e costumes sicilianos, pretendendo buscar naquele espaço uma reflexão coletiva, perguntando a seu leitor: o que fizemos?

Faz-se necessário abrir um parêntese para analisarmos como a dialética campo-cidade tem papel fundamental na construção da dinâmica narrativa dos textos pertencentes ao nosso *corpus* de estudo.

Dois espaços se destacam nessas narrativas: aquele campestre (siciliano) e o urbano (romano). São espaços contraditórios, mas nem por isso opostos, uma vez que se complementam. Como afirma Macchia (PIRANDELLO, 1997, v. 2, t. 1, p. XVIII), “Sicília e Roma vivem dialeticamente juntas na vida e na arte de Pirandello.

⁹⁹ Sospiri, rimpianti, e anche qualche rimorso. Ma sí! Non erano tutti lieti quei visi; la promessa del godimento d'una giornata grassa non spianava su la fronte di tanti magri le rughe delle cure opprimenti e i segni delle fatiche e delle sofferenze.

São dois mundos opostos, mas dos quais um não pode estar sem o outro”.¹⁰⁰ Lorenzetti (MMXI, p. 54) argumenta ainda que “o espaço onde as personagens se movem é dúplice: à cidade de Roma, muitas vezes nem mesmo mencionada explicitamente, mas deduzível claramente pelos nomes das ruas e das praças, contrapõe-se uma Sicília que assume os traços de Palermo ou das cidadezinhas da sonolenta província”¹⁰¹.

Roma é o lugar onde a vida caótica acontece no meio das avenidas, das travessas, das pessoas que vão e voltam sem se conhecerem; lugar que traz consigo o cerne de toda a história de uma nação que quis ser cosmopolita e por isso se tornou devoradora de si mesma, contida em seus limites e em sua fragilidade. A Sicília é o lugar onde ocorre a catarse de toda a pressão social imposta aos indivíduos urbanos. Lugar onde as personagens ainda podem crer no mítico, liberar-se de seus problemas, nem tanto no sentido de deixá-los no passado, mas, sim, de externá-los, personificá-los em meio à paisagem para confrontá-los. Bona (2016, p.23), analisando diversas outras novelas pirandellianas ambientadas na ilha siciliana, argumenta que “A Sicília é a terra das coisas simples que se embatem com a modernidade [...] que representam a lembrança das paisagens reconfortantes em oposição ao espetáculo ameaçador das noites capitolinas”.

Essa dialética espacial só pode existir porque, no nosso caso, cidade e campo estão presentes na voz do narrador: sem o campo, suas personagens não poderiam ser controversas, pois estariam alienadas e conformadas ao mundo urbano que tudo devora, sem perceberem que, no fim, quem sempre ganha é a natureza, que se perpetua em sua imobilidade, interagindo com o mundo feito por e para ela. Para Marchese (2009, n. p.):

Os protagonistas encontram refúgio e conforto no campo. O anseio pela natureza não é recusa da vida, mas desejo de conduzir uma existência mais serena e genuína, depurada das escórias das hipocrisias e das convenções despejadas pela sociedade.¹⁰²

¹⁰⁰ La Sicilia e Roma vivono insieme dialetticamente nella vita e nell'arte di Pirandello. Sono due mondi opposti ma di cui l'uno non può stare senza l'altro.

¹⁰¹ Lo spazio su cui si muovono i personaggi è duplice : alla città di Roma, spesso neppure citata in modo esplicito ma deducibile senza equivoci dall'onomastica delle vie e delle piazze, si contrappone una Sicilia che assume le sembianze della Palermo o dei paesi della sonolenta provincia

¹⁰² I protagonisti trovano asilo e sollievo nella campagna. Il vagheggiamento della natura non è rifiuto della vita, ma desiderio di condurre un'esistenza più serena e genuina, depurata dalle scorie di ipocrisie e convenzioni riversate dalla società.

Sem a cidade, o campo seria apenas o local das tradições, dos pequenos vilarejos que perpetuam sua rotina bucólica, ou seja, perderia a função de tornar as personagens que nele se refugiam figuras reflexivas, por vezes pessimistas, mas que podem ao menos se dar conta do mundo em que vivem ao voltarem-se para si para observar seus atos, seus anseios e suas fraquezas. Ainda segundo Marchese (2009, n. p.), o campo torna-se “o espaço da meditação e da reflexão pessoal”¹⁰³. Bona (2016, p. 25) completa, argumentando que “O tão estereotipado caráter solar da Sicília toca inclusive, e de modo paradoxal, uma metáfora da escuridão, de cinzas e de morte [...] gerando [...] momentos de contemplação e reflexão”.

O cenário campestre de *O Senhor do navio* consegue assumir a função catártica somente porque precedido do cenário urbano, espaço esse que não permite às personagens pensarem sobre a guerra, mas apenas fazerem-na. Do contrário, o espaço campestre teria sido capaz apenas de narrar o exótico, o pitoresco, ou o fantástico.

Lembremos ainda que o espaço urbano em *Berecche e a guerra* e *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, permitiu ao narrador abarcar uma história de anos, sumarizada por muitos flashbacks – no primeiro caso, desde a batalha de Bezzecca de 1866 e, no segundo, desde a guerra franco-prussiana de 1870. Em *O quarto à espera*, o tempo da história já abrangia um período menor – desde a guerra ítalo-turca de 1911 –, mas, mesmo assim, ainda cheio de retrospectões. Em *Ontem e hoje* e *Quando se compreende*, serão narrados apenas os dias entre a transferência dos soldados de Roma para Macerata e seu envio aos campos de batalha, em julho de 1915.

Quando analisamos *O Senhor do navio*, vemos um narrador que nos conta apenas o que se sucedeu entre a véspera e o dia da Festa de São Nicolau, ou seja, entre 13 e 14 de setembro de 1915, em um discurso até que longo, se comparado às narrativas anteriores.

Isso se dá porque o espaço urbano, enquanto o lugar da ação, é também o espaço do acúmulo de memórias, ou seja, de lembranças, portanto, capaz de distender a história passada. Nesse sentido, podemos rememorar duas frases de Santo Agostinho (2019, p. 233): “um passado longo é ‘uma longa memória do passado’”, e “aquele tempo presente foi longo, pois, enquanto presente fora longo

¹⁰³ spazio della meditazione e della riflessione personale.

[...] Depois de passar, porém, já não pode ser longo” (2019, p. 224). Ricoeur (2012, p. 301) argumenta ainda que “o passado está em um sentido presente na alma, graças às imagens de eventos passados que nós chamamos de lembranças”.

A dilatação do tempo passado nas narrativas que são preponderantemente urbanas torna-se, portanto, reflexo de lembranças cumulativas das ações vividas. Notemos ainda que aqui o espaço urbano permite o acúmulo de lembranças e experiências dentro da memória do próprio indivíduo, ou de sua comunidade, mas não a exteriorização desses objetos para a reflexão. Quanto estivermos próximos de uma narrativa campestre, então sim, voltaremos a atenção para a reflexão dessas memórias.

Em *O Senhor do navio*, às vésperas de uma festa religiosa, o senhor Lavaccara discute com o narrador, que também é personagem, a inteligência de seus porcos. O narrador, então, tentará convencê-lo que se os porcos comem para engordar, não podem ser inteligentes, já que engordam para serem abatidos. Essa conversa irrita o senhor Lavaccara, que acredita que aquele discurso estava servindo para ofendê-lo, já que ele era um homem gordo. De tão nervoso que ficou, não convida o narrador para a festa religiosa que aconteceria no dia seguinte na antiga igreja normanda de São Nicolau, situada a certa distância do vilarejo, onde aproveitava a ocasião para realizar o abate dos porcos:

Realmente não sei que relação existe entre o Senhor do navio e a degola dos porcos que costuma começar no dia de sua festa. Acho que, como no verão a carne desses animais é nociva, tanto que se proíbe seu abate, e com o outono o tempo começa a refrescar, aproveita-se a ocasião da festa do Senhor do navio, que cai exatamente em setembro, para festejar também, como se costuma dizer, as bodas daquele animal. No campo, porque a festa do Senhor do navio se festeja na antiga igreja normanda de São Nicolau, que surge a boa distância do vilarejo, numa virada da estrada, entre os campos.¹⁰⁴ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 420-421)

O discurso que se segue, no dia da festa de São Nicolau, serve como metáfora para expor a situação de guerra que toda a Europa passava naquele final de 1915. No dia da festa, o narrador, mesmo sem ser convidado, vai até o local e fica espantado com a confusão e a algazarra que observa entre aqueles que

¹⁰⁴ Veramente non so che relazione ci sia tra il Signore della Nave e la scanna dei porci che si suole iniziare il giorno della sua festa. Penso che, siccome d'estate la carne di queste bestie è nociva, tanto che se ne proibisce la macellazione, e con l'autunno il tempo comincia a rinfrescare, si colga l'occasione della festa del Signore della Nave, che cade appunto in settembre, per festeggiare anche, come suol dirsi, le nozze di quell'animale. In campagna, perché il Signore della Nave si festeggia nell'antica chiesetta normanna di San Nicola, che sorge un buon tratto fuori del paese, a una svolta dello stradone, tra i campi.

efetivamente participavam da comemoração: pessoas bêbadas, que de tão inebriadas pelo grande espetáculo, pelo amontoado de barracas improvisadas, tabernas e balcões de açougueiros de onde se porcionavam os porcos abatidos, mal conseguiam “enxergar” a verdadeira obscenidade profana daquela comemoração:

Uma cortina de fumaça gordurosa misturada à poeira anuviava o espetáculo tumultuoso da festa. Mas, parecia que nem tanto aquela fumaceira gordurosa quanto o aturdimento causado pela confusão e pela algazarra, impedia de ver claramente.¹⁰⁵ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 425)

Tenhamos em mente que um espetáculo tumultuoso também acontecia entre as nações beligerantes naquele momento. Com a Rússia, que pretendia anexar partes do território polonês, alemão e austríaco, ao passo que esses dois últimos pretendiam estender suas fronteiras; com a Alemanha, que pretendia anexar a região de Alsácia-Lorena, também de interesse francês; com a Áustria-Hungria, que pretendia anexar os Balcãs a seu território, além de manter seu domínio sobre as regiões que os italianos tentavam recuperar; com a Grã-Bretanha, que cobiçava o canal de Suez, o golfo Pérsico e partes da Mesopotâmia; com o império Otomano, que desejava expulsar as potências europeias do continente africano.

O narrador de *O Senhor do Navio* permite ainda que nos aproximemos da biografia do autor. Lucignani (1999, p. 9) recorda que Pirandello, em sua primeira infância, morava em uma pequena rua entre duas igrejas, aquela de *San Pietro* e *San Francesco*, mas “na casa de Luigi não se falava de igreja e de padres, o vermelho da camisa garibaldina não combinava com o preto da camisa sacerdotal”.¹⁰⁶ A relação de Pirandello com a religiosidade fora algo de muito controverso nos primeiros anos de sua vida, visto que os preceitos republicanos do pai não davam espaço para qualquer demonstração religiosa em sua casa. É através de Maria Stella, uma típica senhora do campo que prestava serviços em sua casa, que o autor se aproximará da religiosidade.

Lembremos que o tema religiosidade também apareceu em *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, sempre de forma pejorativa, com a personagem Agostino Lanzetti, “que por desgosto se tornou padre pouco depois daquele casamento [de

¹⁰⁵ Un velo di fumo grasso misto alla polvere annebbiava lo spettacolo tumultuoso della festa; ma pareva che non tanto quella grassa fumicaja, quanto lo stordimento cagionato dalla confusione e dal baccano impedisse di vedere chiaramente.

¹⁰⁶ di chiesa e di petri in casa di Luigi non si parlava, il rosso della camicia garibaldina mal s'accordava con il nero della camicia sacerdotale.

Marco Leccio com Marianna]”¹⁰⁷ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1170), sendo ele visto como o “culpado” pela “maior dor que Marco Leccio tivera em sua vida [...] a degeneração de seu primeiro filho [Giuseppe]”¹⁰⁸. (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 2, p. 1170).

Tanto para Pirandello, quanto para Marco Leccio e para o narrador de *O Senhor do navio*, a religiosidade não passava de pura hipocrisia dos homens, já que os preceitos cristãos – amar a humanidade – foram postos de lado a partir do momento em que todos passaram a se digladiar em uma luta de ambição para “alimentar o porco”. Essa é a verdadeira reflexão que o narrador de *O Senhor do navio* propõe a seus leitores.

O narrador de *O Senhor do navio* preanuncia aquilo que já era esperado ao final do conflito:

toda aquela humanidade, digna de tanta consideração e de tanto respeito, reduzir-se aos poucos em um estado miserando, sem nem sequer uma sombra de consciência, sem a mais distante lembrança das inúmeras benemerências que em tantos séculos soube conquistar acima dos outros animais da terra, com suas fadigas e com suas virtudes.¹⁰⁹ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 426)

Interessante percebermos que esse narrador não dá mais espaço para divergências de opiniões, como acontecia em *Berecche e a guerra* ou *Fragmento de crônica de Marco Leccio...*, nem tenta mais guiar seu leitor, como em *O quarto à espera*, *Ontem e hoje* ou *Quando se Compeende*, a um convencimento de que seu ponto de vista em relação aos fatos deveria ser considerado.

Em *O Senhor do navio* e, depois, em *Um góí*, o narrador torna-se testemunha onisciente e intrusa, revelando sua perspectiva sobre todas as incertezas que foram narradas anteriormente, podendo agora julgar assertivamente – não mais ponderar sobre - a que ponto a barbárie que viveram os levou, já que ele se insere como participante de todas aquelas experiências.

O desânimo, a tristeza e desolação atingiram a todos, já que perceberam que não apenas o caminho que se seguiu até então não pôde resolver os problemas

¹⁰⁷ il quale poco dopo quel matrimonio per dispiacere si fece prete

¹⁰⁸ il più forte dolore che Marco Leccio abbia avuto nella sua vita [...] la degenerazione cioè del suo primo figliuolo.

¹⁰⁹ tutta quella umanità, degna di tanta considerazione e di tanto rispetto, ridursi a poco a poco in uno stato miserando, senza più neppure un'ombra di coscienza, senza la più lontana memoria delle innumerevoli benemerenzze che in tanti secoli ha saputo acquistarsi sopra le altre bestie della terra con le sue fatiche e con le sue virtù.

de antigamente, mas acabou por agravá-los na medida em que as decisões coletivas afetaram suas vidas privadas.

Na última novela do nosso estudo, veremos a mesma assertividade por parte do narrador; não se referindo ao todo, mas sim narrando a história particular de uma das incontáveis vítimas das consequências desse período de guerra.

2.7 As consequências finais

No final de 1917, com todas as revoltas sociais internas e as deserções dos militares nas linhas de combate, os exércitos de ambos os lados passaram a encolher. Já estava claro que nenhum dos beligerantes suportaria mais um ano de guerra: de um lado, a Alemanha precisava urgentemente subjugar os Aliados, pois seus recursos materiais começavam a se esgotar; do outro, França e Rússia estavam sendo abaladas por motins internos e a Itália, vendo seu exército ser dizimado no Isonzo na batalha de *Caporetto*¹¹⁰.

Stevenson (2016, v. 3, p. 56-57) relembra que a Itália havia perdido quase 230 mil soldados nas 10ª e 11ª batalhas do *Isonzo*. A Grã-Bretanha, mais de 44 mil em *Cambrai*. A nova esperança, que prolongou a participação dos Aliados em mais um ano de guerra, foi a entrada dos EUA no conflito.

Com o envio maciço de tropas americanas aos campos de batalha até 1918, a Alemanha viu suas conquistas, uma após outra, serem perdidas. Até o verão daquele ano, seu exército perderia aproximadamente um milhão de soldados. (STEVENSON, 2016, v. 3, p. 206).

Na novela *Um góí*, essa situação pela qual os países beligerantes passaram no “último ano da grande guerra europeia”¹¹¹ (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 563) é ignorada por Pietro Ambrini, “homem de princípios clericais extremamente intransigentes”¹¹² (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 560), neto do cardeal Ambrini que, seja para provocar seu genro, Daniele Catellani, seja por fazer vistas grossas a todas as atrocidades cometidas naqueles quatro anos de guerra, resolveu comemorar o Natal daquele ano com a maior pompa possível: “Porque é preciso saber que, apesar da grande carnificina, o senhor Pietro Ambrini, com magnífica

¹¹⁰ Ver Figura 4 – Batalha de Caporetto, no Anexo A – Mapa dos fronts de batalha.

¹¹¹ ultimo anno della grande guerra europea

¹¹² uomo d'intransigentissimi principii clericali

cara de pau, pensava em festejar naquele ano, para os caros netinhos, a chegada do santo Natal da forma mais pomposa possível”¹¹³ (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 564). Estamos, em *Um góí*, em um período de tempo entre meados de novembro até 24 de dezembro de 1918, já que o senhor Ambrini “Trabalhou nisso escondido por mais de um mês”¹¹⁴. (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 564)

Na narrativa, identificaremos duas personagens que vinculam a novela *Um góí* com *Berecche e a guerra*.

O narrador de *Um góí*, ao descrever a personagem principal, diz que “o senhor Daniele Catellani fará como vocês dizem. Não há chance que se oponha a uma opinião, a uma proposta, a uma consideração alheia”¹¹⁵ (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 559, grifo nosso).

Em *Berecche e a guerra*, lê-se que:

Contudo, ontem à noite, na cervejaria, [Berecche] não ousou mais defender os alemães das terríveis acusações de seus amigos. Nem ao menos um, nem mesmo o caro e sonolento Fongi, sempre de acordo com ele por amor à paz, era favorável à Alemanha. / Não dizia nada o caro Fongi¹¹⁶ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 576-577, grifo nosso).

Vemos, portanto, que Daniele, em *Um góí*, com seus “belos cabelos cacheados e narigudo”¹¹⁷ (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 559, grifo nosso), é, na verdade Fongi, de *Berecche e a guerra*, descrito como um sujeito “de narigão carnudo”¹¹⁸ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 609) e, sendo assim, o narrador de *Um góí* é o próprio professor Berecche. Em *Berecche e a guerra*, Berecche e Fongi eram grandes amigos, que se reuniam constantemente para discutir, fossem as questões familiares, fossem aquelas pertinentes à guerra. Coube a Berecche, portanto, a tarefa de narrar a história do amigo.

Observamos também que, em *Um góí*, Daniele “para não ofender com sua identidade semítica, muito abertamente revelada por seu primeiro sobrenome (Levi),

¹¹³ Perché bisogna sapere che, nonostante la gran carneficina, con una magnifica faccia tosta il signor Pietro Ambrini, quell'anno, aveva pensato di festeggiare, per i cari nipotini, la ricorrenza del Santo Natale piú pomposamente che mai.

¹¹⁴ Ci aveva lavorato di nascosto per piú d'un mese.

¹¹⁵ Il signor Daniele Catellani farà come voi dite. Non c'è caso che s'opponga a un giudizio, a una proposta, a una considerazione degli altri.”

¹¹⁶ Tuttavia, jersera alla birreria non ha piú osato difendere i Tedeschi dalle terribili accuse dei suoi amici. Nemmeno uno, nemmeno il buon Fongi sonnacchioso, sempre d'accordo con lui per amor di pace, favorevole alla Germania. / Non diceva nulla il buon Fongi

¹¹⁷ capelli e naso di razza

¹¹⁸ dal gran naso carnuto

jogou-o fora, assumindo, em seu lugar, aquele de Catellani.”¹¹⁹ (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 560, grifo nosso). O narrador demonstra com isso que Daniele tinha mais de um sobrenome, que poderia então ser Fongi, como era identificado em *Berecche e a guerra*.

O próprio narrador de *Berecche e a guerra* ajudará a aceitarmos a afirmação de que, em *Um góí*, Berecche é o narrador: “o que sobrará amanhã [...] dessas pequenas e incontáveis histórias [...] Berecche, se pudesse retornar ao mundo e ensinar a história de mil anos antes, quando toda memória dos fatos que agora parecem enormes for cancelada”.¹²⁰ (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 597, grifo nosso)

Berecche retorna, não propriamente após mil anos, mas quatro anos após ter sua história narrada, só que agora para ser o narrador de uma das incontáveis histórias que, para muitos, como Pietro Ambrini, deveria ser esquecida.

Por último, vale observar o que já dissemos antes: o quanto o narrador de *Um góí* é intrusivo e assertivo em suas proposições. Trata-se um processo que já vinha se construindo desde *O quarto à espera* – antes, pela tentativa de convencimento, mas, a partir de *O Senhor do navio*, pela análise inquestionável dos fatos.

A diferença está que, em *Um góí*, ele não está mais narrando os dramas que a guerra poderia trazer à comunidade como um todo, mas sim aqueles que ela trouxe às individualidades familiares. Com ele, podemos ver que, na verdade, os únicos ganhos foram as perdas: de Daniele, que começa a perder o respeito para com aqueles que não tinham mais moral para exigí-lo; de seus filhos, que passam a vê-lo como inimigo de sua fé, alguém responsável por algum mal muito grande; de seu sogro, que impulsionado pelos ideais extremistas difundidos com a guerra, deixa de lado todos os preceitos que aquele Cristo deixou como ensinamento para a humanidade, abandoando o amor ao próximo.

O narrador expõe, com isso, uma constatação final: “os cristãos que deveriam sentir-se em Cristo todos eles irmãos, por cinco anos se trucidaram entre

¹¹⁹ per non offendere col suo distintivo semitico, troppo apertamente palesato dal suo primo cognome (Levi), l’ha buttato via e ha invece assunto quello di Catellani.

¹²⁰ Che resterà domani [...] di queste piccole innumerevoli storie [...] Berecche, se potesse ritornare al mondo a insegnare la storia di mill’anni addietro, quando ogni memoria dei fatti che ora ci sembrano enormi sarà cancellata

si alegremente em uma guerra que, sem contar as que virão, não tivera até então igual na história”.¹²¹ (PIRANDELLO, 2001, v. 1, t. 1, p. 563)

¹²¹ i cristiani che dovrebbero sentirsi in Cristo tutti quanti fratelli, per cinque anni si sono scannati tra loro allegramente in una guerra che, senza giudizio di quelle che verranno, non aveva avuto finora uguale nella storia.

3 NOVELAS TRADUZIDAS

3.1 Bercche e a guerra

Nota do autor à edição de 1934

Reúno nesse XIV volume das minhas *Novelas para um ano* a narrativa em oito capítulos *Bercche e a guerra*, escrita nos meses que precederam a nossa entrada na guerra mundial. Reflete o caso que testemunhei, a princípio maravilhado e quase com escárnio, depois com compaixão, de um homem estudado e educado, como muitos naquela época, à moda alemã, especialmente nas disciplinas históricas e filológicas. A Alemanha, durante o longo período da aliança, tornou-se para eles, não apenas espiritualmente, mas também sentimentalmente, na intimidade de suas vidas, a pátria ideal. Em nossa iminente intervenção contra ela, fomentada pela parcela mais viva e sadia do povo italiano e depois seguido por toda a Nação, essas pessoas se encontraram, então, perdidas; e obrigadas, afinal, pela própria força dos eventos a acolher em si a verdadeira pátria, passaram por um drama que, nesse aspecto, me parece digno de ser representado.

I

A cervejaria

Lá fora, outro sol. Ruas do sul da Itália, sob o azul ardente do céu, cortadas por violentas sombras violáceas. As pessoas passam ali, airozas e leves, mesmo naquela carga de vida e cores. Vozes ao sol e soalhos sonoros¹²².

Lá dentro, o caro alemão expatriado criou um pouco de pátria a seu redor, entre as quatro paredes revestidas de madeira de sua cervejaria, inalando ali o fedor dos barris que vem do depósito¹²³ ao lado, o odor gorduroso do *würstel*¹²⁴

¹²² No original, “*Voci nel sole e selciati sonori.*” Para manter as figuras de linguagem sonoras nesse trecho, foi necessário uma adaptação em português que mais se aproximasse do original, já que *selciati* é o nome dado ao calçamento de pedras tipicamente encontrado nas cidades italianas, principalmente nos burgos medievais, que não possui tradução literal para o português.

¹²³ No original, *cantina*. Na Itália, *cantina* significa porão, cômodo subterrâneo, destinado à conservação de vinho. Como no Brasil, *cantina* tem uma acepção diferente desta – restaurante típico, simples, de comida italiana -, optou-se pela palavra *depósito*.

¹²⁴ Embutido de carne típico alemão. Em português, salsichão.

empilhado sobre o balcão, naquele cheiro pungente e estimulante das caixas de especiarias todas etiquetadas com palavras alemãs, duras e firmes que estão também nas letras brilhantes e vivazes de cor azul, amarela e vermelha dos cartazes pendurados nas paredes – ainda maiores, mais ásperas e mais firmes, aquelas suas caras letras alemãs. As canecas, as *krügel* decoradas, os copos de cerveja, dispostos ordeiramente nas prateleiras, são suas sentinelas, guardiãs da ilusão.

Que voz remota e angustiante, de tempos em tempos, quando a cervejaria está vazia e imersa em sombras, canta do fundo da alma a canção:

*Nur in Deutschland, nur in Deutschland
Da will ich sterben...?*¹²⁵

Pondo em sua loura carona um sorriso largo e cordial, cumprimentava até ontem com sotaque rascante e festeiro seus fieis clientes romanos. Agora, está carrancudo e imóvel atrás do balcão e não cumprimenta mais ninguém.

Berecche, sempre o primeiro a chegar à cervejaria, olha-o comovido da mesinha no fundo do salão, com seu bom *krügel*. A comoção lhe dá um aspecto cruel, porque sua situação, de um momento para outro, também se tornou difícil.

Federico Berecche, até poucos dias antes, orgulhava-se de sua origem alemã, claramente demonstrada, seja por sua corporatura robusta, seja por seus pelos ruivos e olhos azuis, como também pelo sobrenome Berecche, corruptela da pronúncia a seu ver, de um nome puramente alemão. Orgulhava-se de todas as benesses à Itália, derivadas da longa aliança com aqueles que então formavam os impérios centrais: além disso das virtudes mais perspícuas do povo alemão, que ele se esforçava havia tantos anos por manter rigorosamente em si mesmo e na organização de sua vida e de sua casa: sobretudo o método, o método, o método. Naquela cervejaria, sobre o mármore de uma mesa, fizeram sua caricatura: um tabuleiro de jogo, com Berecche marchando nele à moda dos infantes alemães com um capacete pontudo cravado no cabeção¹²⁶.

¹²⁵ Só na Alemanha, só na Alemanha/ Eu quero morrer ali...?

¹²⁶ Cabeção aqui é capaz de abranger os diversos significados de “*testone*”: seja aquele mais comum, sujeito de cabeça grande, que aquele mais afetivo, usado em referência a pessoa obstinada, teimosa, que não permite ser refutada em suas ideias, mas que preserva uma relação minimamente íntima com seu interlocutor.

A caricatura está no tabuleiro para dizer que Brecche vê o mundo assim, escaqueado, e caminha à moda alemã, com movimentos ponderados e regulares como uma digna peça, que se apoia ao rei, às torres, aos bispos.

Abaixo daquela caricatura, alguma alma caridosa escreveu: *Idade Média*, com um enorme ponto de exclamação.

- A Alemanha, Idade Média?, perguntou indignado Federico Brecche quando viu no mármore da mesa aquele desenho, naturalmente não se reconhecendo na caricatura, mas reconhecendo o capacete pontudo alemão. – Idade Média, a Alemanha? Meus caros! Primazia na cultura, primazia na indústria, primazia na música, e o mais formidável exército do mundo.

Como prova, retirando do bolso uma caixinha de madeira azul e amarela, acendera seu cachimbo com um legítimo *streichholtz*¹²⁷, já que Brecche desdenhava a utilização e a indústria dos fósforos de cera italianos.

Ao primeiro anúncio da declaração de neutralidade italiana no conflito europeu teve, por isso, um frêmito de ira contra o governo italiano.

– E o pacto de aliança? A Itália cai fora? Quem poderá de agora em diante confiar nela? Neutros? Isso lá é hora de ficar olhando pela janela, enquanto todos se movem? É preciso tomar já seu lugar, meu Deus! E nosso lugar...

Não o deixaram terminar. Um coro de ferocíssimos protestos, de invectivas, de injúrias o atacou de todas as partes e dominou-o. – Pacto de aliança? Depois que a Áustria rasgou, agredindo? Depois que a Alemanha, enlouquecida, declara guerra a torto e a direito¹²⁸, até mesmo às estrelas sem nos dar nenhum aviso, sem levar em conta nossas condições? Ignorante! Imbecil! Que acordo o quê! Lutar em nosso detrimento? Ajudar a Áustria a vencer? Nós? E nossas terras irredentas¹²⁹? E nossas costas e nossas ilhas, com a frota inglesa e francesa contra nós? Podemos estar contra a Inglaterra? Ignorante! Imbecil!

De início Federico Brecche tentou confrontá-los, lançando no rosto dos adversários furibundos os erros e as ofensas da França.

¹²⁷ Fósforo.

¹²⁸ No original, “*dichiara guerra a destra, guerra a sinistra*”. O narrador aqui retrata os excessos bélicos cometidos pela Alemanha contra tudo e contra todos, por isso, *a torto e a direito*.

¹²⁹ ITÁLIA IRREDENTA. Locução italiana que significa “a Itália não resgatada”. Expressão com que os italianos designam países de raça, costumes e língua italiana, que se encontram separados politicamente da Itália. (DICIONÁRIO da língua portuguesa, 1998).

Túnes! Vocês já se esqueceram das razões para a tríplice aliança? Agora mesmo, durante a guerra líbica, os contrabandos aos turcos? E amanhã – seus imbecis ignorantes! – Amanhã nos veremos novamente em Campoformio¹³⁰ ou em Villafranca¹³¹!

Depois, interrompendo quase a cada palavra, tentou demonstrar que, de qualquer forma... – desculpem, desculpem... – neutros? Qual o quê, neutros! Só se for de nome, não de fato! Pois na realidade, existe ato mais hostil que este? Vantagem inestimável, sobretudo para a França. Burros... neutralidade... Mas Nicolau Maquiavel... (tinham a coragem de chamá-lo de ignorante, ele, um professor de história licenciado) realmente, Maquiavel, Maquiavel, sobre os perigos da neutralidade, o formidável dilema: “Se dois poderosos vizinhos iniciam uma disputa...¹³²”

Uma berraria geral lhe fez engolir a citação. Mas se ele mesmo dizia só de nome e não de fato a neutralidade, o que Maquiavel tinha a ver com seu dilema? Ato hostil, sim senhores! Contra a Áustria, sim senhores! Porque a Áustria age contra nós. Tanto é verdade que entrou nessa sem dizer uma só palavra. E devemos agradecer a sorte, que sozinha, com suas ações impensadas, nos desobrigou. Amanhã... O que? A França e a Rússia, vencendo, não levarão em consideração as vantagens dadas a elas com a nossa abstenção? Pois bem, a Inglaterra é que vai tratar de nos proteger, porque não poderá permitir, no próprio interesse, uma diminuição nossa sobre o Mediterrâneo.

Com tais argumentos a neutralidade italiana foi defendida; tão calorosamente que por fim Bercette teve que se render e não ousou dizer nem mais uma palavra. A ideia de que a Itália, dada sua posição geográfica, será amanhã o leme da situação, o deixou muito impressionado. O leme da situação! Quer dizer que a sorte estará a nosso favor, seja qual for a direção que tomarmos. E o rumo não poderá ser duvidoso.

¹³⁰ Cidade onde fora assinado um tratado, em 1797, entre França e Áustria, que pôs fim a República de Veneza. O território de Veneza passou para a jurisdição austríaca, que por sua vez reconheceu a autoridade de Napoleão nas regiões italianas conquistadas. (PROCACCI, 2009, p. 310).

¹³¹ Cidade onde fora assinado um acordo de paz, em 1859, entre a França e a Áustria, ratificado pelo rei Vitor Emanuel II. O acordo estabeleceu que apenas a Lombardia fosse cedida a França, e não todo o Piemonte; também estipulou que a região de Veneto permanecesse sob jurisdição austríaca e salvaguardou a constituição de uma possível Federação Italiana. (PROCACCI, 2009, p. 379).

¹³² Citação retirada da tradução de *O Príncipe*, de *Nicolò Machiavelli*, feita por Álvares (MACHIAVELLI, 2003, p. 111).

- Mas ao menos vamos nos armar, por Deus! – Trovejou Bercche exasperadamente, erguendo os punhos peludos.

E trovejando, nesse grito – não adianta – Federico Bercche sentiu-se, em seu âmago, alemão.

Contudo, ontem à noite, na cervejaria, não ousou mais defender os alemães das terríveis acusações de seus amigos. Nem ao menos um, nem mesmo o caro e sonolento Fongi, sempre de acordo com ele por amor à paz, era favorável à Alemanha.

Não dizia nada o caro Fongi, mas vez ou outra voltava-se a olhá-lo temerosamente com o rabo de olho, talvez esperando dele um ímpeto de revolta de um momento para o outro. Bercche quase teve a tentação de meter-lhe a mão na cara. Tornou a abrir a boca quando os amigos, deixando os alemães para lá, entregaram-se a considerações gerais. Uma em especial chamou-lhe atenção, talvez pelo ar sombrio e grave com o qual, em um momento de silêncio, o amigo que estava a sua frente a enunciava, olhando, dentro do pequeno copo de chopp, o véu de saliva deixado pela espuma da cerveja.

- Venhamos e convenhamos, por mais funestos que sejam os acontecimentos e tremendas suas consequências, podemos ficar alegres ao menos com isso: que nos coube a sorte de assistir ao surgimento de uma nova vida. Vivemos por quarenta, cinquenta, sessenta anos ouvindo que as coisas, assim como eram, não podiam continuar, porque a tensão dos ânimos aos poucos se fazia mais violenta e devia acabar; que por fim, a eclosão chegaria. Pois bem, chegou. Tremenda. Mas ao menos a vemos. As ânsias, as privações, a angústia, os delírios de tão longa e insustentável espera terão um final e uma vazão. Veremos o amanhã. Porque, obrigatoriamente, tudo mudará, e certamente nós todos sairemos dessa assustadora destruição com uma alma nova.

Neste momento, Bercche olhou no salão uma mesinha com três cadeiras das quais os clientes se levantavam. Olhou-os por um longo tempo, sentindo instante após instante, cada vez mais, com aquelas três cadeiras vazias e a mesinha abandonada, uma estranha e melancólica inveja.

Distraiu-se da cena com um profundo suspiro, quando um dos amigos começou a dizer:

- Quem sabe! Vocês acham que a Índia, a China, a Pérsia, o Egito, a Grécia, a Roma de outrora, desencadearam a vida sobre a terra. Uma luz se acende e cintila por séculos e séculos em uma região, em um continente. Depois, pouco a pouco enfraquece, vacila, se apaga. Quem sabe! Talvez agora será a vez da Europa. Quem pode prever as consequências de um conflito tão inaudito? Talvez ninguém vença e tudo será destruído, riquezas, indústrias, civilidades. A impulsionar a vida talvez serão as Américas, ao passo que aqui a ruína se tornará, aos poucos, total, e virá um tempo em que os navios atracarão às costas da Europa como se atraca às terras conquistadas.

Com outro suspiro mais profundo, Bercche viu-se lá longe, com toda a Europa retrocedendo às cinzas de uma fabulosa pré-história. Pouco depois, levantou-se e despediu-se bruscamente dos amigos para retornar a sua casa.

II

À noite, pelo caminho

Bercche mora em uma travessa remota, no final da rua Nomentana¹³³.

Naquela travessa, recentemente aberta e ainda sem iluminação surgem apenas três sobradinhos¹³⁴ à esquerda, construídos recentemente. À direita há uma cerca viva ao redor dos terrenos ainda à venda e de onde se sente, na noite úmida, um odor fresco de feno cortado.

Ainda bem que um dos três sobradinhos foi comprado por um velho prelado muito rico que mora ali com três netas, solteironas acabadas, as quais se revezam, ao cair da noite, para subir em uma escadinha portátil e acender um candeeiro que fica diante de uma Virgem Maria de porcelana azul e branca, colocada a cerca de um mês na quina da casa.

À noite, aquele piedoso candeeiro desobscurece a travessa solitária.

¹³³ Interessante notar que Pirandello morou na Via Antonio Bosio, uma travessa da Via Nomentana, onde hoje localiza-se a Casa Museo di Luigi Pirandello.

¹³⁴ No original, “*tre villini*”. Literalmente, *três casinhas*. No decorrer da narrativa, entende-se que, ainda que distantes da zona central, tratam-se de edificações opulentas de mais de um andar, por isso, optamos por traduzir por *sobradinhos*. O uso do diminutivo aqui tem mais função afetiva do que apenas de dimensões da edificação. No decorrer da narrativa, encontraremos mais duas variantes que o narrador usa para descrever tais edificações: *villa*, substituída por *casa* e; *villetta*, substituída, ora por *sobrado*, ora por *casa*. O sentido de ser uma casa de campo, campestre, foi transmitido através do contexto narrativo.

Sente-se como no campo, e como no campo aberto, ouve-se no silêncio o fragor distante dos trens noturnos. Por trás das cancelas dos sobradinhos, a cada ruído de passos, os cães avançam com latidos furibundos. Mas ao menos Bercche pode gozar do ar livre, defronte, e da calmaria.

Das quatro janelas do andar térreo pode ver no amplo horizonte do céu as estrelas, com as quais conversa por muito tempo nas noites ociosas de aposentado tranquilo. Com as estrelas e a lua, quando tem. E, sob a lua, os pinheiros e ciprestes da Vila Torlonia¹³⁵. Ele também tem um pedacinho de jardim, de sua exclusiva propriedade, com uma fontezinha cujo borbulhar, nos silêncios noturnos, lhe é caro.

Mas a mulher, ai de mim, e as duas filhas que permaneceram em sua casa, o único filho homem, já estudante de Letras na universidade, a empregada, e agora também o noivo da filha mais velha não percebem absolutamente a poesia da solidão, do céu estrelado, da lua sobre os ciprestes e os pinheiros da nobre casa, e bufam ou bocejam queixosamente como cães famintos para a monotonia, para o eterno borbulhar daquela deliciosa fontezinha. A eles, parecem estar ali como desterrados, no exílio. Mas Bercche – método, método, método, aguenta firme, e renovou o aluguel por mais três anos.

Agora, o pesadelo da destruição total que extinguirá qualquer luz de ciência e de civilização na velha Europa faz com que ele sinta a alma cada vez mais pesada e oprimida, à medida em que penetra na escuridão da rua remota e deserta, sob a quádrupla filera das grandes árvores imóveis.

Como será, qual será a nova vida, quando o espantoso alvoroço esmorecer em ruínas? Com que alma nova estará ele, aos cinquenta anos?

Outras necessidades, outras esperanças, outros pensamentos, outros sentimentos. Tudo mudará, obrigatoriamente. Contudo, não essas grandes árvores que por sorte não pensam nem sentem! Quando a humanidade ao seu redor estiver mudada, elas permanecerão as mesmas árvores, iguaizinhas.

Ai, ai, Federico Bercche, em seu âmagô, tem muito medo que seja tarde para ele mudar o que quer que esteja para acontecer no tempo que ainda lhe resta. Acostumou-se a conversar com as estrelas todas as noites e, sob sua luz fria, os sentimentos terrenos ficaram como rarefeitos por dentro. Não se diria, pois a vontade de viver externada naquele seu jeito metódico, alemão, ainda se manifesta

¹³⁵ Villa Torlonia é um parque que também localiza-se na Via Nomentana, a duas quadras da Via Antonio Bosio, onde morou Pirandello, e onde as personagens dessa narrativa habitam.

nele com tenacidade. Mas no fundo está cansado e triste, uma tristeza que dificilmente os eventos do mundo poderão alterar.

Que vençam os franceses, os russos e os ingleses, ou vençam os alemães e os austríacos; em ambos os casos a Itália, arrastada também para a guerra, quer venha a miséria e a tristeza da derrota ou quer a vitória tripudie frenética por todas as cidades da península. Que se transforme o mapa da Europa: nunca mudará – isso é certo – a animosidade, o reservado rancor de sua mulher contra ele, o desgosto por sua vida declinando sem nenhuma recordação de verdadeira alegria. Nenhuma potência, humana ou divina, poderá devolver a luz aos olhos de sua filha mais nova, cega há seis anos.

Agora, voltando à casa, a encontrará sentada em um canto da saleta de jantar, com as mãos pálidas sobre as pernas, a cabecinha loira encostada na parede, e visto que pelo rostinho apagado não saberá se dorme ou se estaria acordada, perguntará como toda noite:

- Está dormindo, Ghetina?

E Margheritina, sem tirar o rostinho da parede, lhe responderá:

- Não papai, não estou dormindo...

Nunca fala, nunca se lamenta, sempre parece estar dormindo. Talvez nunca durma.

Berecche, prosseguindo pela rua sob as grandes árvores, limpa a garganta porque, como homem forte, educado à moda alemã, não quer que a angústia a aperte. Mas todos vivem na luz; ele mesmo vive na luz e pode ficar tranquilo, enquanto existe esse fato horrível em sua vida: sua filhinha vive no escuro, sempre, e fica ali, em silêncio, com a cabecinha encostada na parede, à espera da morte: uma espera que durará sabe-se lá quanto tempo.

Outra vida: outros pensamentos, outros sentimentos. Claro, sim! Carlotta, a filha mais velha, abandonou faz um ano os estudos universitários porque ficou noiva com um bom rapaz do Valle di Non, no Trentino, formado faz apenas um ano em letras e filosofia pela Universidade de Roma. Bom rapaz, de alma intensa, nobres sentimentos e cheio de boa vontade. Mas ainda sem uma posição: e agora mais do que nunca, incerto sobre o amanhã. Três dos seus irmãos, em San Zeno, foram

convocados para a guerra. O pai é *capocomune*¹³⁶ de San Zeno. Por isso aqueles três pobres irmãos não puderam se esquivar da odiosa obrigação de combater pela Áustria e quem sabe, se as coisas andarem mal para o nosso lado, talvez amanhã até contra a Itália. Que horror! Ele, entretanto, não se apresentou à chamada e, portanto, adeus Valle di Non, adeus San Zeno, adeus velhos pais: desertor de guerra, amanhã, se for pego, será enforcado ou fuzilado pelas costas. Mas espera que a Itália... Quem sabe! Iria se apresentar correndo como voluntário, mesmo correndo o risco de se ver lutando contra aqueles seus infelizes irmãos. Junto a Faustino, iria correndo.

Berecche volta a limpar a garganta ainda mais forte até rasgá-la, só de imaginar que Faustino, seu único filho homem, seu preferido, que por sorte este ano ainda não foi arrolado, poderia se alistar voluntário junto com o futuro cunhado. Ele não poderia mais lhe dizer que não. Mas por Deus – maldita garganta! Maldito sereno! – com seus mais de cinquenta e três anos vividos, com toda aquela carne que foi se tornando pesada, nesse caso ele também se alistaria, para não deixar Faustino ir sozinho, para não morrer de terror uma vez por dia, a cada anúncio de batalha, sabendo que Faustino estaria no meio do fogo cruzado: sim senhores, também ele, Berecche, iria, voluntário, mesmo pançudo, até... Até contra os Alemães, sim senhores!

Aqui está... É, aqui está, já, agora, a nova vida! A guerra, com o filho rapazola de um lado e, do outro, o novo filho, à conquista de terras irredentas. Quem sabe? Talvez amanhã.

Berecche chegou. Vira à direita, embocando na travessa solitária. Eis a luz avermelhada da lamparina da Virgem Maria, na espessa escuridão. Milagres da *outra vida*. Berecche se detém diante daquela lamparina. Revela-se, sem ser visto por ninguém, para dizer alguma coisa, àquela Virgem Maria. E latem, latem mesmo, furibundos, atrás das grades, os cães.

III

A guerra no mapa

¹³⁶ Cargo de administrador comunal de Trentino, no período em que a região estava sob o controle do império Austro-Húngaro. O cargo de *capocomune* existiu até 1918. No regime fascista, fora substituído pelo cargo de *podestà*, concentrando em uma única figura administrativa as funções do prefeito, do conselho municipal e do conselho comunal.

Berecche recorda-se. Quarenta e quatro anos atrás. Bandeirinhas francesas e prussianas – somente elas, então – fincadas como agora, com alfinetes no mapa, aberto numa mesinha da saleta de jantar. *Palco da guerra*. Que belo jogo para ele, então garoto de nove anos.

Como em um sonho, revê aquela saleta de jantar amarela da casa paterna, com os candeeiros à óleo, de latão, e os abajures de tecido verde; tantas caixas ao redor cobertas por bancais de tecido florido; uma cômoda bojuda aqui, uma prateleira ali, e duas cantoneiras em cada canto, com cestas de frutas, em mármore, coloridas, e flores-de-cera sobre as bancadas: naquela da esquerda, um pequeno relógio de porcelana que representava um moinho de vento, seu queridinho, com uma das pás quebradas.

Ao redor daquela mesinha, única sobrevivente, decrépita, escondida atrás de um tapetinho novo que agora está no quarto de seu filho, revê seu pai e alguns amigos discutindo sobre a guerra franco-prussiana. Com gibões grosseiros, abotoados até o pescoço e calças largas. Bigodes penteados e espetados ao estilo Napoleão III ou barba ao estilo Cavour. Debruçados sobre aquele mapa, apontavam o caminho dos exércitos, segundo as indicações e as previsões dos escassos e tardios jornais de então, e falavam inflamados, e nenhum deles deixava parado o dedo do outro sobre este ou aquele rastro. Outro dedo, e depois outro, e outro: cada um deles queria apontar o seu. E cada um daqueles dedos – recorda – aos seus olhos infantis assumiam rapidamente uma estranha personalidade: aquele, curto e duro, punha-se obstinado sobre um ponto; o outro, nervoso e atrevido, fremia diante do outro para passar por aquele mesmo ponto; e então o terceiro – um dedinho mindinho torto, surgia furtivo, auxiliando este ou aquele, insinuando-se entre os dois que se afastavam para lhe dar passagem. E que gritos, bufadas, exclamações ou risadas estridentes sobre todos aqueles dedos, numa nuvem de fumaça! De vez em quando, um nome que troava como um tiro de canhão:

- Mac Mahon!¹³⁷

Berecche sorri com a lembrança distante, depois contrai os cílios e permanece absorto com as mãos cerradas sobre os joelhos separados. Analisa o mapa que está à sua frente, agora com muitas bandeirinhas de muitas cores. Com

¹³⁷ Marechal que comandou o exército francês na guerra franco-prussiana (1870-1871). Mais tarde (1873-1879) se tornaria presidente da França.

tantas bandeirinhas multicoloridas, se pudesse aparecer, ali no escritório, diante dele já velho, o rapazinho de nove anos que então brincava de guerra, sabe-se lá o quanto se divertiria com o jogo novo e maior, mais variado e complicado! Bélgica, França e Inglaterra de um lado, contra a Alemanha; contra a Rússia do outro, na Prússia Oriental, na Polônia; embaixo, contra a Áustria, Sérvia e Montenegro; e contra a Áustria, ainda, a Rússia, mais acima, na Galícia.

Que vontade louca teria o garotinho de nove anos de fazer aquelas bandeirinhas alemãs passarem correndo, sobrevoarem a Bélgica, entre as obsequiosas reverências das bandeirinhas belgas; em um piscar de olhos, fazê-las chegar à Paris, fincando ali um punhado delas, vitoriosas, e em outro piscar de olhos, fazê-las voltar para se lançarem contra a Rússia junto com as austríacas!

Isso, isso – é inacreditável – assim como ele, garotinho de nove anos, teria feito no jogo, os alemães acreditaram poder fazer realmente, agora, após quarenta e quatro anos de preparação militar! Realmente pensaram que a Bélgica, neutra, pudesse deixar-se invadir pacificamente, deixando-os passar sem opor a mínima resistência em Liège, em Namur, para dar tempo à França despreparada de reagrupar os exércitos e à Inglaterra de desembarcar suas primeiras tropas auxiliares: assim!

Os amigos da cervejaria gritam toda noite como águias contra a iníqua invasão e os atos de ferocidade selvagem. Ele, Bercche, não insurge, fica calado, mesmo sentindo ser devorado por dentro pela raiva, porque não pode gritar na cara deles como gostaria:

- Imbecis! Que gritar o quê! É a guerra!

Não insurge e engole seco, porque está atordoado. Atordoado não pela invasão, não pelos atos ferozes, mas pela colossal bestialidade alemã. Atordoado.

Do alto de seu amor e de sua admiração pela Alemanha, intensificados desmesuradamente com os anos, essa bestialidade colossal precipitou como uma avalanche, destruindo-o completamente: a alma, o mundo tal qual conheceu, pouco a pouco, dos nove anos em diante, germanicamente construído com método, com disciplina, em tudo: nos estudos, na vida, nos hábitos mentais e corporais.

Oh, que desastre! O garotinho de nove anos havia crescido, crescido. Era seu amor, era sua admiração. Transformado em um gigante florido e próspero, que sabia tudo melhor que os outros, que fazia tudo melhor que os outros, sim, após

quarenta e quatro anos de preparação revelava-se um estúpido: forçado, sim, com mãos e pernas bem adestradas e poderosas, mas que realmente acreditava poder brincar de guerra ainda como um moleque feroz de nove anos, ou como se no mundo só existisse ele e os outros não contassem minimamente; em um piscar de olhos, atravessar a Bélgica para plantar suas bandeirinhas, um punhado sobre Paris, e então adiante, correndo, em outro piscar de olhos, sobre Petersburgo e sobre Moscou. E a Inglaterra?

- Inacreditável! Inacreditável!

No espanto, Berecche, nunca para de exclamar isso. Não encontra nada mais a dizer:

- Inacreditável!

E com as mãos coça a testa e bufa, e as bandeirinhas, algumas voam, outras se dobram, outras caem sobre o mapa.

Ali, trancado em seu escritório, sem que ninguém o veja, Berecche sente seu coração voltar a bater no peito com a lembrança daquilo que ele entendia por método alemão, na época de seus estudos, com a lembrança da inefável satisfação que isso lhe dava quando com os olhos cansados pela exaustiva e paciente interpretação dos textos e dos documentos, mas com a consciência tranquila e segura de ter considerado tudo, de não ter deixado escapar nada, de não ter esquecido nenhuma pesquisa útil e necessária, apalpava, à noite, voltando das bibliotecas, lá, sobre a mesinha de estudos, o tesouro de seus volumosos fichamentos. Sente seu coração sangrar ainda mais quando percebe com oculto rancor que pela satisfação que lhe dava aquele método, lá no fundo, ele cometia a covardia de não dar ouvidos a certa voz secreta da razão, insurgente contra algumas afirmações germânicas que ofendiam nele não apenas a lógica, mas também, lá no fundo, seu sentimento latino: a afirmação, por exemplo, que aos Romanos faltasse o dom da poesia e, junto a essa afirmação, a demonstração que afinal toda a história inicial de Roma seria lendária. Ora, ou uma coisa ou outra. Se lendária, isto é, falsa, aquela história, como negar o dom da poesia? Ou poesia ou história. Impossível negar ambas. Ou história real, e grandiosa, ou poesia, igualmente grande e real. Com isso, agora voltam-lhe à mente as palavras do velho

Goethe, depois de ter lido os dois primeiros volumes da *História Romana* de Niebuhr¹³⁸, até a primeira guerra púnica:

“- Ate agora acreditamos na grandeza de uma Lucrezia, de um Muzio Scevola; por que aniquilar com pequenos argumentos a grandeza de tais figuras? Se os romanos foram grandes a ponto de acreditarem-se capazes de tais coisas, não deveríamos nós, ao menos, sermos tão grandes a ponto de confiar neles?”

Goethe, Schiller, e antes Lessing, e depois Kant, Hegel... Ah, quando era pequena, quando ainda não era a Alemanha, já todos esses gigantes! Agora, gigante, aqui está, jogou-se de barriga no chão, com as mãos aferradas sob o peito e um cotovelo aqui, sobre a Bélgica e na França, e o outro lá no alto, sobre a Rússia, na Polônia:

- Tirem-me daqui, se forem capazes!

Quanto tempo a besta resistirá, aboletada assim?

- Oh besta, são muitos! São muitos! E você contava em resolver tudo com duas patadas! Você errou! Não viu nada. Não venceu de pronto. Jogou-se assim no chão apontando os cotovelos um cá, outro lá. Poderá resistir por muito tempo? Mais cedo ou mais tarde vão tirar você daí, vão te deslocar, te fazer em pedaços!

Berecche salta em pé, congestionado, arfante, como se tivesse feito força para tirar do chão a besta.

IV

A guerra em família

O que acontece no outro cômodo?

Berros e prantos na saleta de jantar. Berecche acorre e encontra o noivo da filha mais velha, o doutor Gino Viesi, do Valle di Non, no Trentino, pálido, com os olhos cheios de lágrimas e uma carta em mãos.

- Notícias?

- Os irmãos! Grita Carlotta, fremente, fixando nele os olhos vermelho pelo choro, mas ferozes.

Gino Viesi mostra para ele, sem olhá-lo, a carta que treme em suas mãos.

¹³⁸ Barthold Georg Niebuhr foi um historiador alemão que escreveu, em 1811, o livro de 3 volumes *Römische Geschichte* - História Romana.

Dois dos três irmãos. Filippo, de 35 anos, pai de quatro filhos e Erminio, de 26, casado havia poucos dias, convocados pela Áustria para o conflito e enviados à Galícia... E então? Ninguém responde.

- Os dois? Mortos?

O jovem, novamente assaltado por um impetuoso pranto, antes de esconder o rosto, acena – um – com o dedo.

- Um, com certeza – diz a Brecche, em voz baixa, hostil, ou melhor, rancorosa, a mulher, enquanto Carlotta se levanta para amparar o noivo e chorar com ele.

- Erminio?

A mulher, dura, atarracada, desgredada, balança a cabeça: não.

- O outro? O pai de quatro filhos?

Gino Viesi explode em soluços ainda mais intensos no ombro de Carlotta.

- E Erminio?

A mulher acrescenta, irritada:

- Não se sabe. Desaparecido!

Margherita, a ceguinha, olhos para ver como choram os outros, com quais aspectos (um aspecto, aquele de Gino, noivo da irmã, que também ela chama Gino, nem sequer sabe como é) olhos para ver, não, mas para chorar, sim, ainda os têm. Chora em silêncio, lágrimas que ela não vê, que ninguém vê, lá em seu cantinho, apartada.

- Nem ao menos um grita por nós! Prorrompe por fim Gino Viesi, erguendo a cabeça do ombro de Carlotta e indo diante de Brecche. – Nem ao menos um grita por nós! Ninguém faz nada! Enviaram todos eles para o massacre, os trentinos e os triestinos! Por aqui, todos vocês sabem que o nosso sentimento é o mesmo que o seu e que lá eles esperam por vocês, vocês sabem! Mas agora ninguém sente em seu âmago a agonia de ver os nossos irmãos privados deste seu mesmo sentimento e lá os enviam para o massacre! Ninguém, ninguém... Os poucos aqui que viemos de Trento e de Trieste, somos como expatriados na pátria. Por milagre o senhor, lealista, não joga na minha cara que meu lugar seria lá, combatendo e morrendo pela Áustria com meus outros irmãos!

- Eu? Exclamou Brecche, transtornado.

- O senhor, todos! Insiste o jovem na fúria da dor. – Eu vi, eu ouvi. Vocês não se importam com nada disso. Vocês dizem que não vale a pena que a Itália se mexa para ter Trento, que talvez um dia a Áustria lhe dê pacificamente, para ter Trieste, *que não quer ser italiana...* Não é isso que dizem? Vocês dizem e ouvem! E por isso sempre deixaram que nos pisoteassem; e nunca serviram para obter alguma coisa para nós!

Gino Viesi é um jovem aflito. Por isso, com o belo rosto inflamado e a bela madeixa loira desgrenhada não pode entender que nada irrita mais do que expor aos gritos, em certos momentos, um sentimento que em segredo é nosso também, mas que queremos manter oculto lá dentro, ainda que sufocado por certas razões que já se revelaram falsas. Então, essas razões se inflamam com o sentimento que mesmo sendo nosso, o vemos sendo oposto a nós feito inimigo, e somos levados a defender aquilo que no fundo estimamos falso e injusto.

Isso ocorreu agora a Brecche. Irritado, grita ao jovem:

- Mas o que vocês queriam? Que a Itália impedisse que a Áustria, em guerra, mandasse os trentinos e triestinos contra a Rússia e contra a Servia? Enquanto estiverem sob seu controle, está no seu direito!

- Ah é! O senhor fala em direito? - grita, por sua vez, Gino Venesi. – Portanto, se este é o direito legítimo da Áustria, eu, segundo o senhor, o que estou fazendo? Falto aos meus deveres, ficando aqui? Todos temos de morrer pela Áustria, não é verdade? Diga! Diga! Direito... mas claro, aquele do senhorio que manda açoitar os escravos onde bem entende! Mas quem algum dia reconheceu à Áustria o direito de ter sob seu controle Trento, Trieste, a Ístria e a Dalmácia? Se ela mesma, a Áustria, sabe que não tem este direito! Sim, tanto assim que faz de tudo para nos suprimir, para apagar qualquer vestígio de italianidade daquelas nossas terras! A Áustria, sim, sabe; vocês não, vocês que a deixam à vontade! Agora, diante de uma guerra que logo, desde o início, mostrou-se voltada aos nossos prejuízos, contra nossos interesses, era a neutralidade, não é verdade? O partido a tomar, e não as armas para a nossa libertação e a defesa daqueles interesses, justamente ali, onde primeiramente a Áustria começou a ameaçá-los?

- Mas a neutralidade... – tenta opor-se Brecche.

Gino Viesi não dá tempo de prosseguisse:

- Sim, muito bom para vocês! – acrescenta. – Porque ninguém podia vir aqui obriga-los a marchar e a lutar contra seu sentimento e seus interesses! Vocês pensaram em nós, ali, que deveríamos justamente ser esse sentimento de vocês, que somos exatamente aquilo que vocês chamam de “seus interesses”? Vocês nos deixaram ali, para ser apanhados com sua neutralidade, e arrastados para o massacre. E ainda dizem que esse era o direito da Áustria. E ninguém grita pelo sangue dos meus irmãos mortos. Todos, em vez disso, gritam *Viva a Bélgica!* Aqui, *Viva a França!* Agora mesmo, vindo pra cá, encontrei as fileiras de manifestantes pelas ruas de Roma. Um delírio!

- E Faustino? Perguntou de repente Brecche, voltando-se à mulher.

- Está lá, também ele, com os manifestantes! – responde de imediato Gino Viesi. *Viva a Bélgica!, Viva a França!*

Brecche, furibundo, aponta ameaçadoramente o indicador contra a mulher:

- E você deixa que ele fuja de casa? Não me diz nada? Mas o que eu me tornei aqui? É assim que agora respeitam minhas ideias, meus sentimentos? Digo a você e digo a todos! Ah, é? *Viva a Bélgica!, Viva a França...* Eu quero mesmo é ver amanhã, quando a França, com a ajuda dos outros, terá vencido! Amanhã novamente para cima de nós, o galo, quando tiver reerguido a crista vitoriosa, com a ajuda dos outros... Imbecis! Imbecis! Imbecis!

Brecche, após o acesso de cólera, desaparece trancando-se em seu escritório, completamente transtornado e fremente pela violência que teve consigo mesmo.

Mas que coisa... que coisa... meu Deus, que coisa...

Tudo ruiu, por dentro. Mas por acaso pode permitir que os outros percebam? Até ontem, a Alemanha foi seu prestígio, sua autoridade, em casa. A Alemanha foi tudo para ele, até ontem. E agora... Aqui está: agora, todas as manhãs, a mulher – até isto! – mal a empregada retorna das compras diárias, investe sobre ele, pedindo satisfação e motivos de toda alta dos alimentos – o pão aumentou tanto, a carne tanto, os ovos tanto – como se ele próprio tivesse desejado, ordenado, a guerra! Com o coração exulcerado, derrocado por dentro, ainda tem que sufocar todas essas grosserias da mulher, que milagrosamente não o quer também como responsável pelo perigo ao qual Faustino está exposto, de ser convocado antes da

hora para a guerra e enviado ao combate, se a Itália também for arrastada para a guerra! Por acaso ele não representa em casa a Alemanha? A Alemanha que quis a guerra?

Sim senhores, por seu prestígio familiar, ainda deve seguir representando-a, caso contrário... Caso contrário, o quê? Eis o belo resultado: o filho que lhe foge de casa e vai gritar com os outros imbecis pelas ruas de Roma, *Viva a França*; e aquele outro pobre jovem, ali, a quem mataram dois irmãos, que o acusa pela neutralidade italiana e pelo massacre dos trentinos e triestinos em Lviv!¹³⁹

Ah, Alemanha infame, infame, infame! Não Nem sequer previu esse mal, essa tragédia no coração de tantos e tantos, que na Itália e também em outros países, com tão duro esforço e amargos sacrifícios, sufocando tantos bocejos, engolindo muitos sapos, erudição, música, filosofia, tinham sido educados para amá-la e a fazer desse amor profissão! Alemanha infame, isso sim, que agora retribui desse modo suas vítimas, vítimas do amor e da admiração a ela professados por tantos anos.

Berecche, não podendo fazer outra coisa, a golpearia com alfinetadas, ali, escondido, no mapa, com todas as bandeirinhas francesas, inglesas, belgas, russas, servas e montenegrinas!

V

A guerra no mundo

Já é noite. Mas ele permanece na escuridão de seu escritório e vaga com uma mão sobre a boca, olhando vez ou outra o lampejo do crepúsculo pelos vidros das duas janelas. Avista por uma o candeeiro vermelho já aceso diante da Virgem Maria do sobradinho da frente. Enruga as sobrancelhas e apressa-se à janela. Então vê, na luz da grande lâmpada que se projeta no vestíbulo, sua mulher saindo de casa e atravessando o jardim de mãos dadas com Margheritina.

Caminha, que nem parece, a queridinha. Quase não parece, a não ser que se soubesse. Ao menos observando-a assim, de costas. Talvez porque confie na mão que a guia. Sozinho, observando-a atentamente, tem a cabecinha um tanto rígida no pescoço e os pequenos ombros um pouquinho erguidos. O cascalho não

¹³⁹ Atualmente, cidade que se localiza a oeste da Ucrânia.

estridula sob seus pezinhos porque a alma se eleva para não tocar aquilo que não vê e o corpinho quase não pesa.

Mas aonde vai com a mãe a esta hora? E Faustino, como é que ainda não voltou? Terá ido embora, Gino Viesi?

Berecche põe-se a fazer todas essas perguntas à Carlotta. Na saleta de jantar não há mais ninguém. Carlotta trancou-se em seu quarto e continua chorando, também ela no escuro. Responde às perguntas com o tom seco e grosseiro da mãe: Gino? Foi embora. – Faustino? Como ela pode saber? – A mãe? Com Ghetina, foi ver o Monsenhor para a novena.

Faz três noites que no sobradinho da frente, do Monsenhor, prega-se pelo Papa¹⁴⁰ que está doente, pelo Papa que está morrendo.

Berecche volta ao escritório, apressa-se novamente para a janela e olha para o sobradinho à frente, agora com o ânimo sombrio e cheio de pesar por esse Papa, velho santo provinciano, a quem apenas a grande franqueza da fé já o torna digno de grande posto. Ah, quem mais que ele, realmente Pio, quis chamar de volta o Cristo no coração dos fieis? E morre em meio a tanta guerra, morto pela dor com tanta guerra. Claro, em seu leito de morte, ele não dirá como talvez diga baixinho alguém a seu lado, que esta guerra é para a França a justa retribuição de Deus pelas injustiças contra a Igreja. Certamente, para ele pecadores mais nefandos são aqueles que ousaram clamar Deus para proteger a marcha e a carnificina dos seus exércitos, e ousaram ver e exaltar o sinal de divina proteção nas atrocidades de suas vitórias. Ele não disse mais nada; com horror, retirou a mão que os outros queriam erguida para abençoar essa monstruosa infâmia. E fechou-se na dor que o mata.

Malditas luzes da razão! Razão maldita que não sabe cegar-se na fé! Ele, Berecche, vê, ou acredita ver com esta luz tantas coisas que agora lhe impedem de orar com sua filhinha Margherita, cega na fé cega, pelo bom Papa que está morrendo. Mas está contente, claro, que ela ore por lá, sua Margheritina; está contente que uma parte dele, tão angustiadamente amada, destituída daquela sua luz da razão, cegamente ore pelo bom Papa que está morrendo. Parece-lhe realmente que com as mãos pálidas e franzinas de sua ceguinha, unidas em oração,

¹⁴⁰ Refere-se a Pio X, Papa que esteve à frente da igreja católica de 04 de agosto de 1903 a 20 de agosto de 1914.

ele, de sua alma que por si só não sabe rezar, dê agora alguma coisa – o que pode – em sufrágio ao bom Papa que está morrendo.

Enquanto isso, já são oito horas da noite; depois nove, depois dez, e Faustino ainda não voltou.

A mãe, que já tinha voltado havia um tempão com Ghetina do sobradinho do Monsenhor e a irmã Carlotta entraram varias vezes no escritório manifestando sua consternação, suplicando de mãos juntas que ele se mexesse, que fosse à procura dele, ao menos para saber se alguma desgraça, Deus o livre, tenha ocorrido naquelas malditas manifestações.

Berecche as expulsou furioso, gritou na cara delas que não se mexeria porque daquele pequeno pilantra já não lhe importa mais nada, não o considera mais como seu filho, e se o pisotearam, feriram, prenderam, ótimo, ótimo, ótimo.

Finalmente, pouco depois das dez e meia, Faustino reaparece, com muito medo do pai, mas ainda assim aceso e vibrante por tudo que lhe aconteceu. Prenderam-no. Mas vibra de indignação, de náuseas, pela ira dos soldados, ah, por sorte poucos, que o prenderam, espancando-o e gritando:

- Covarde, faz isso porque não é você quem terá de ir à guerra, amanhã!

Mas agora ele quer ir, quer ir, quer ir à guerra, para dar àqueles soldados que o prenderam uma resposta digna.

- Calado! Grita-lhe a mãe, mais descabelada que nunca. Se teu pai te ouvir ai do lado!

Mas Berecche não se mexe do escritório. Não quer vê-lo. À mulher, que veio avisá-lo da volta do filho, manda que diga a ele para nem arriscar aparecer à sua frente. Pouco depois, a cabeça de Carlotta aparece à porta:

- O jantar está servido. Fausto está em seu quarto.

- Eu vou ficar aqui. Que a criada traga meu jantar aqui. Não quero ver ninguém!

Mas não pode jantar. Está com um nó na garganta, mais de raiva do que de angústia. Porém, aos poucos começa a acalmar-se, a cair quase em uma intensa letargia, atônita, que ele bem conhece. É a razão filosófica, que aos poucos, conforme anoitece, ressurgue predominante nele.

Berecche levanta-se, corre à janela mais próxima, senta-se e põe-se a olhar as estrelas.

Ele as vê pelos espaços sem fim, como talvez nenhuma, ou talvez apenas algumas daquelas estrelas possa ver esta pequena Terra que segue adiante, sem um fim que se saiba, por aqueles espaços dos quais não se conhece o fim. Vá grãozinho ínfimo, gotinha de água negra, e o vento da corrida apaga, em uma faixa violenta de tênue cintilar os sinais acesos das habitações humanas, naquela pequena parte em que o grãozinho não é líquido. Se nos céus se soubesse que naquela faixa de tênue cintilar estão milhões e milhões de seres inquietos, que lá daquele grãozinho acreditam realmente poder mandar em todo o universo, impor-lhe suas razões, seu sentimento, seu Deus, o pequeno Deus nascido em suas alminhas e que eles creem ser o criador daqueles céus, de todas aquelas estrelas: eis que ficam com ele, com esse Deus que criou os céus e todas as estrelas, e adoram-no e vestem-no ao modo deles e cobram-lhe explicações de suas pequenas misérias e proteção até em seus negócios mais infelizes, em suas néscias guerras. Se nos céus se soubesse que nesta hora do tempo que não tem fim, esses milhões e milhões de seres imperceptíveis, nessa faixa de tênue cintilar, estão todos eles em furibundo fuzuê por razões que acreditam ser supremas para sua existência e das quais os céus, as estrelas, o Deus criador desses céus, de todas essas estrelas, tenham de se ocupar a cada minuto, seriamente empenhados em favor de uns ou de outros. Existe alguém que acredite que nos céus não existe tempo? Que tudo se abisma e se desvanece neste vazio tenebroso sem fim? E que neste mesmo grãozinho, amanhã, daqui a mil anos, não existirá mais nada ou muito pouco se dirá desta guerra que era, parece-nos, hedionda e formidável?

Berecche se lembra de como ensinava a história, havia poucos anos, a seus alunos do liceu: *por volta de 950, já controlados os dinamarqueses que haviam se rebelado, Otão foi para Boêmia combater contra o duque Bodeslau que se dizia independente e, indo até Praga, obrigou aquele duque a retornar como vassalo do reino germânico. Ao mesmo tempo, seu irmão Henrique lançava-se ao campo contra os Húngaros e os rechaçava além do Tsiza, privando-os das conquistas alcançadas sob o comando de Luís II, o germânico*¹⁴¹ ...

¹⁴¹ “[...] em 843 [...] o Tratado de Verdun [...] dividiu o Império [de Carlos Magno] em três partes [...] Carlos, o Calvo, ficou com a França ocidental; Luís, o Germânico, com a França oriental; e Lotário, que detinha o título de Imperador, com o centro da Itália indo até a Frísia.” (CARDOSO, 2007, p. 26).

Amanhã, daqui a mil anos, outro Bercche professor de história dirá a seus alunos que por volta de 1914 existiam ainda, no centro na Europa, dois impérios potentes e prósperos: um chamado Alemanha, sobre o qual reinava um Guilherme II de uma dinastia desaparecida, que parece fosse chamada dos Hohenzollern; e o outro, chamado império da Áustria, sobre o qual reinava o já idoso Francisco José, da dinastia dos Habsburgo. Esses dois imperadores eram aliados entre si e talvez ambos, ao menos pelo que se supõe conforme certos dados, ainda que à luz da lógica não pareça verossímil, aliados também do rei da Itália, certo Vítor Emanuel III da dinastia de Sabóia, que porém, ao menos no começo, esquivou-se da guerra que aquele imperador da Alemanha, tomando – ao que parece – como pretexto a morte, pelos Servos, de um tal Francisco Ferdinando, arquiduque herdeiro do trono austríaco, estupidamente moveu contra a Rússia, a França e a Inglaterra, então também poderosíssimas aliadas entre si, principalmente a Inglaterra, que naquela época era dona dos mares e de inúmeras colônias.

Assim, daqui a mil anos – pensa Bercche – essa atrocíssima guerra que agora enche de horror o mundo inteiro, será condensada em poucas linhas na grande história dos homens; e nenhum sinal de todas as pequenas histórias desses milhares e milhares de seres obscuros que agora se desaparecem arrastados por ela, cada um dos quais terá até acolhido o mundo, todo o mundo em si, e terá sido ao menos por um segundo de sua vida, eterno, com esta terra e este céu reluzente de estrelas na alma, e a própria casinha lá longe, e os entes queridos, o pai, a mãe, a esposa, as irmãs, em lágrimas e talvez, ainda inconsciente e cuidando de seus brinquedos, os filhos pequenos, muito distantes. Quantos, feridos não recolhidos, morrendo na neve, na lama, recompõem-se à espera da morte, observam diante de si com olhos piedosos e vãos, e já não sabem mais ver a razão da ferocidade que, no melhor momento, de repente, lhes troncou a juventude, seus afetos, tudo, para sempre, como se nada fosse! Nenhum sinal. Ninguém saberá. Quem conhece, mesmo agora, todas as pequenas e inumeráveis histórias, uma em cada alma dos milhões e milhões de homens, uns diante dos outros para se matarem? Mesmo agora, poucas linhas nos boletins dos Estados Maiores: - *progrediu-se; recuou-se; três, quatro mil entre mortos, feridos e desaparecidos*. E só.

Foi Luis II, o germânico, quem reuniu os povos germânicos que se encontravam divididos em pequenos reinos.

O que sobrarã amanhã dos diários de guerra nos jornais, onde uma parcela mínima dessas pequenas e incontáveis histórias mal são, em breves linhas, mencionadas? Aqueles galinhos, aqueles galinhos que ao amanhecer cantavam na Belgrado deserta e bombardeada pelos canhões austríacos, no início da guerra... Oh, caros galinhos, pois sim, daqui a mil anos, Berecche, se pudesse retornar ao mundo e ensinar a história de mil anos antes, quando toda memória dos fatos que agora parecem enormes for cancelada e toda essa guerra desmedida for para os homens vindouros reduzida em poucas linhas, pois sim, de vocês, caros galinhos, Berecche gostaria de lembrar-se, e dizer que vocês cantavam ao amanhecer em Belgrado, como se nada fosse, entre bombas que explodiam sobre casas desertas, fumegantes.

Não, esta não é uma grande guerra. Será uma grande carnificina. Não é uma grande guerra pois nenhuma grande ideologia a move ou sustenta. Esta é guerra de mercado: guerra de um povo metido besta que cresceu muito rápido, que achava que fazia e acontecia¹⁴², que quis agredir para impor a todos suas mercadorias e, bem armada e com as pernas firmes, sua vaidade.

Com essa última consideração, Berecche levanta-se. Soturno, anda mais um pouco pelo escritório. Depois sai no corredor, vê encostada a porta do quarto de seu filho, estica a mão e devagarinho a empurra. Faustino está na cama, com as cobertas puxadas até de baixo do nariz, mas está com os olhos arregalados na escuridão do quartinho, ainda acesos e brilhantes de indignação. Ao ver o pai entrar, imediatamente os fecha e finge estar dormindo placidamente.

Berecche o observa, sombrio. Meneia a cabeça, ao ver à sua volta o quartinho desarrumado. Depois, com as mãos no bolso, prestes a sair, diz baixinho,

¹⁴² No original, “*d’un popolo bestione, troppo presto cresciuto e troppo faccente e saccente, che ha voluto aggredire per imporre a tutti la sua merce e, bene armata e azzampata, la sua saccenteria*.”. No *Vocabolario degli accademici della Crusca* encontramos: SACCENTE. *Che fa, Sapiente*. (VOCABOLARIO..., v. 4, MDCCLXIII, p. 203); FACCENTE. *Che fa, Sollecito al fare*. (VOCABOLARIO..., v. 2, MDCCLXIII, p. 245); SACCENTERIA. *Afratto di Saccente [...] prefunzione [...] Arroganza* (VOCABOLARIO..., v. 2, MDCCLXIII, p. 203). Pirandello quis enfatizar que a Alemanha valorizava demasiadamente todos os seus feitos e a sua sapiência, por isso utiliza dois adjetivos – *saccente/faccente* - onde um reafirma o valor semântico do outro, mas ao final dá ao discurso um valor pejorativo – *saccenteria* - insinuando que, na verdade, tudo não passava de arrogância e presunção. Em português, a expressão *fazer e acontecer* também é capaz de transmitir a ideia de sabedoria e influência de alguém na realização de seus feitos e; somado a desinência modo-temporal *ia* – 1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo – garante, em parte, as figuras sonoras do discurso. O valor pejorativo de *saccenteria* é recuperado com a palavra *vaidade*, rompendo assim com as expectativas que *saccente/faccente* trariam ao discurso.

arrastado, com um tom de aparente escárnio para o filho, mas que na realidade exprime seu sentimento mudado:

- Viva..., pois é! Viva a Bélgica..., Viva a França...

VI

O senhor Livo Truppel

Teutonia, a primogênita que a mãe enquanto a teve consigo sempre chamou de Tonia, como aliás ela mesma sempre quis ser chamada pelas duas irmãs mais novas, pelo irmão e depois pelo marido, mudou-se de casa havia três anos, casada com o senhor Livo Truppel, um homem de bem, alheio à política, de origem suíço-alemã, mas já não era mais suíço e muito menos alemão.

Aquele sobrenome, o senhor Truppel não o tinha dado ou escolhido para si: viera de seu pai, morto em Zurique, havia muitos anos; nem fazia questão dele.

Talvez lá, em Zurique, chamar-se Truppel queira dizer alguma coisa. Mas fora da terra natal, isto é, fora das relações, parentescos e conhecidos, o que é hoje em dia um sobrenome? Para um desconhecido, tanto faz chamar-se Truppel quanto chamar-se de outra maneira qualquer. Se não fosse para ter os documentos em ordem¹⁴³...

O senhor Livo, por conta própria, conhece-se internamente como uma alma pacífica, sem sobrenome, sem estado civil nem nacionalidade. Uma alma para dois olhos, aberta, aqui como noutros lugares, ao engano das coisas que certamente não são o que parecem, se um pouco as vemos de um jeito e um pouco de outro, conforme o ânimo e o humor. Ele faz de tudo para nunca alterar seu modo de ser, e se contenta com pouco, porque daquele pouco sabe desfrutar em paz e com sabedoria, como os prazeres inocentes da natureza, a qual, para dizer a verdade, é uma para todos, e não conhece nem pátrias nem fronteiras.

Candido como é, e de coração terno, o senhor Truppel gosta especialmente dos dias de nuvens claras, daqueles depois das chuvas, quando o sabor é de terra molhada e na luz úmida a ilusão das plantas e dos inseto é que seja novamente primavera. À noite, olha aquelas nuvens que se espalham sobre as estrelas afogando-as, para depois deixá-las reaparecer em breves e profundas clareiras de

¹⁴³ No original, "*avere le carte in regola*". Literalmente, *ter os papeis em dia*, ou seja, ser um sujeito incorruptível, com os documentos regulares visando obter sucesso com algo pelos meios legais.

azul. Assim como o sogro, ele também olha aquelas estrelas: sonha sem sonhos e suspira.

Durante o dia, o senhor Truppel considera-se um bom homem na vida. Apenas um bom homem, e pronto. Não em Roma, isto é, na Itália, ou em outro lugar: não, na vida. Assim, e pronto. Aliás, propriamente um bom relojoeiro, na vida.

Totalmente circunscrito nos limites de sua bancada recoberta por uma cândida lona plástica, atrás da vitrine de sua loja da Rua Condotti, encaixa em seu olho direito o monóculo tubular e, curvado sobre a pequena pinça fixada na bancada, testa e torna a testar com inesgotável paciência na peça a consertar, os diversos e minúsculos instrumentos do seu pacientíssimo ofício, limas, serrinhas e paquímetros, no silêncio salpicado pelo sútil, agudo e assíduo pulsar das centenas de relógios.

Não lhe passa minimamente pela cabeça, ao utilizar com infinita delicadeza aqueles instrumentos finos sobre o frágil e complicado mecanismo dos relógios que, naquele mesmo instante, em outro lugar, em muitas partes da Europa, homens como ele, aos milhões, manuseiam instrumentos bem diferentes: fuzis, canhões, baionetas, granadas, em um trabalho bem diferente desse seu, de consertar relógios, e que o silêncio vibrante, aqui à sua volta, dos agudos daquele tiquetaquear contínuo e mal perceptível, é dilacerado, algures, pelo horrendo ribombar de obuses e morteiros.

Seu mundo, sua vida concentra-se ali, durante o dia, numa tampa de relógio; assim como durante a noite, já liberto de quase todas as paixões terrenas, a vida do seu espírito está absorta pela contemplação da harmonia de bem outras esferas: as celestes.

Embora o senhor Truppel pareça um tonto, pode-se jurar, pelo modo como sorri, afastando-se daquelas suas contemplações celestes, que ele não considera o firmamento como um sistema mecânico de relógio.

Por esse motivo, ficou precisamente como quem cai das nuvens na tarde anterior quando, ao sair à calçada para abaixar a porta¹⁴⁴, viu sobre ele um bando enorme de manifestantes que, passando como um furacão, arremessou-se contra seu ateliê de relojoeiro e, em um piscar de olhos, destruiu placa, portas, vitrine, tudo.

¹⁴⁴ No original, “*saracinesca*”. São as portas de enrolar tipicamente encontradas em estabelecimentos comerciais. Como o verbo *abaixar* já trouxe a ideia de a qual tipo de porta o narrador se refere, optou-se por traduzi-la apenas por *porta*.

Passado o primeiro espanto pelo estridor dos vidros destruídos, o senhor Livo Truppel não temeu tanto por si quanto por seu irmão, seu sócio na relojoaria e de natureza bem diferente da sua: intratável, soturno e bestial.

Rechonchudo e bem loiro, o senhor Livo jogou-se para a frente, protegendo-se com as mãozinhas brancas e gorduchas – com os olhos cheios de lágrimas, aqueles olhos que geralmente possuem a límpida luminosidade risonha da safira, gritando com aqueles manifestantes que ele era suíço e não alemão, suíço e não alemão, suíço, suíço, havia mais de vinte e cinco anos na Itália, e genro de um italiano, o senhor professor Brecche. Sim, e para quem gritou isso tudo? Para seus vizinhos lojistas que o conheciam bem e sabiam todos que belezura de homem era. Os manifestantes, feito o estrago, já tinham se afastado havia um bom tempo, com a maior certeza de terem cumprido um ato, se não exatamente heroico, decerto muito patriótico. Mas o estrago, esse também, vamos lá, pouca coisa. A encrenca, a encrenca mesmo foi para o irmão, que o senhor Truppel acreditava ainda estar dentro da loja, mas que nada, não estava mais. *Terteuffel*¹⁴⁵! Correu atrás daqueles manifestantes, encolerizado.

Pois bem, este fato, que para o pacífico senhor Truppel tivera a importância de um simples malentendido entre ele e o povo romano, por causa de seu sobrenome alemão (malentendido deplorável, claro, mas nada para criar um grande caso), certamente não seria motivo de graves desgostos em família, se o irmão não tivesse reconhecido no meio daquela multidão de manifestantes, Faustino, seu jovem cunhado.

O irmão, é preciso dizer a verdade, não lhe impôs abandonar a mulher e o teto conjugal para passar a morar com ele em outra casa. Não, mas pretendeu e o fez prometer e jurar que pelo menos nunca mais poria os pés na casa do sogro e que se o sogro for qualquer noite a sua casa para visitar a filha, ele, caso não consiga na mesma hora encontrar uma desculpa para sair de casa, além de um cumprimento não lhe dirigirá a palavra e, depois de cumprimentar, cuspirá no chão: Assim!

- Cuspir no chão?

- Sim, cuspir no chão: assim!

¹⁴⁵ Na realidade, em alemão *DerTeufel*, Em português, Que diabos!

O senhor Truppel olhou com muita aflição o cuspe do irmão no piso e esteve prestes a puxar do bolso um lenço para limpar.

- Não! Não! Cuspir no chão – gritou-lhe o irmão, - cuspir no chão: assim!

E cuspiu de novo.

Bendito seja o nome do Senhor! Se nem sabe cuspir, ele, se nunca cospe nem sequer no lenço, como boa pessoa que é! Sim, Sim, tudo bem: o senhor Truppel prometeu, jurou, para aplacar o irmão. Mas, passado o primeiro momento, sabe-se que valor têm certas promessas e certos juramentos, mesmo para aqueles a quem foram feitos.

O senhor Livo Truppel, enquanto isso, para por fim àquilo, propôs a si mesmo que iria escondido à casa do sogro para suplicar-lhe que não viesse à casa dele, ao menos por um tempo.

Mas no dia em que resolve ir, encontra na casa do sogro tamanha confusão, e por uma razão tão inesperada, que o senhor Livo Truppel estima prudente voltar para trás sem ser visto por ninguém.

VII

Berecche pensa

Foi-se, foram-se ambos, desaparecidos há seis dias, Faustino e o outro, Gino Viesi – desaparecidos.

Os aposentos da casa afastada, a paz sonhada para últimos anos naquele retiro quase campestre, com a casa nobre à frente – aquela cortina de ciprestes lá, malditos pelas mulheres como um triste presságio de morte – mesmo assim bonitos de se ver aqueles ciprestes, que desconhecem a fúnebre função à qual os homens os destinam, bronzeiam-se ao sol, no belo sol que entra pelas quatro janelas que dão para o jardim e se estende aos quartos. Bonitos mesmo sob o luar, à noite, enquanto a fontezinha borbulha próxima... – ah, a fontezinha, sim. Mas quem ainda a escuta? Tem sol? Quem o vê? Quem repara na lua? Somente aqueles ciprestes ali, malditos, surgem à frente, saltando aos olhos, híspidos, lúgubres, mal se ouve o cascalho estalar no jardim sob os passos de alguém.

- Não... Não... O vigia...

Prantos, gritos, vozearias que se ouvem ao longe: desde a rua Nomentana se ouvem – por Deus, nesses tempos o coração de um cavalheiro!.. Se isso for vida! O transeunte irascível, nas mãos o jornal aberto, tomado de uma ponta à outra pelas notícias da guerra, para, e faz outros transeuntes pararem.

- Será uma rixa? Que diabos? Estão mesmo se matando por nada?

Dois, três, não resistem à curiosidade e embocam correndo pela travessa traçada havia pouco tempo, outros dois, três, os seguem, mas perplexos. Voltam-se para olhar os que ficaram na rua, menos curiosos ou mais prudentes. Olham ao redor (Que cheiro bom de feno! Parece o interior). Resolvem-se, e acorrem também: diante do portão olham inquietos para as quatro janelas de onde aqueles prantos, aqueles berros, aqueles fragores agridem. O que está acontecendo? Ninguém se move. Estão berrando lá dentro, mas ao redor tudo está tranquilo, e o vigia do sobrado, oh, ali está ele, pacífico, comendo. Mas então, nada! Alguma desgraça, uma morte talvez?

- Ah não, não se sabe ao certo, e berram assim?

- Desaparecidos, como assim?

- Na guerra? Onde, na guerra? Na França?

Bonito, aquele sobradinho! Estão alugando? Seis cômodos? Não deve ser tão alto o aluguel. Ah sim, muito? Por isso está tudo vago... Belo, sim, ao sol... Um belo jardim... Porém, muito longe... Quase no interior...

- Deus, mas berrar desse jeito, também... Deve ser a mãe, não é?

- A noiva?

- Não, essa é a mãe...

O vigia faz um sinal como que dizendo: - “Enlouqueceu...” – e volta a comer. Como tem gente doida no mundo, caramba, com a guerra pendendo na cabeça de todos, querer ir para lá antes da hora, como se estivesse indo a uma festa na qual não se vê a hora de chegar...

- Não, por isso, claro, se foram para a França...

- Mas que França, faça-me um favor! A França, caro senhor...

- Defende-se, agredida! O real perigo, para nós...

- Deixe pra lá, vai, que ou aqui ou colá...

- Somos neutros, somos neutros...

- *Simbora comer...*¹⁴⁶ Conclui filosoficamente um operário: romano.

Ah se pudesse! Há seis dias não se come, não se dorme na casa Berecche.

Duas fúrias desenfreadas, a mulher e a filha Carlotta. Especialmente a mulher. Descabelada, sufocada pelos berros, pelos resmungos contínuos, corre pela casa debatendo-se como se procurasse uma saída para sua dor ensandecida. Carlotta corre atrás dela; atrás, as três pobres irmãs solteironas do monsenhor, vindas do sobradinho da frente: as três igualmente magras; penteadas e vestidas da mesma maneira as três, de cinza, com um xalinho preto no colo pela morte do Santo Padre. Próximas, uma atrás da outra, com a boca pontuda, os olhos arregalados e piedosos, ajeitando o xalinho preto no colo com as mãos inquietas, todas as três com o dedal em um dedo porque se acorreram diante dos berros enquanto estavam costurando e não sabem como confortar aquela mãe.

- Senhora... – diz uma.

E a outra diz:

- Mas senhora...

E a terceira:

- Mas minha senhora...

A mãe desesperada não suporta que lhe digam nada: grita, grita até rasgar a garganta, erguendo os braços e sacudindo as mãos, frenética, mal alguém acena em dirigir-lhe uma palavra. Oh, bendito seja o nome de Deus, bendito seja o nome de Deus! Mesmo o monsenhor, que veio ontem, foi recebido assim.

A empregada... Varrer? Arrancou-lhe das mãos a vassoura e a perseguiu para dar-lhe com ela na cabeça. Lançou pelos ares travesseiros, cobertas e lençóis das camas que aquela tinha esticado. Da mesa de jantar, arrancou a toalha com toda a louça posta: uma barulheira de pratos, copos, garrafas, aos cacos, no chão... Se ao menos enxergasse o terror da pobre Margheritina, que com a barulheira saltou de seu choro silencioso no cantinho de sempre, com as mãozinhas contraídas e trêmulas juntas ao peito! Não vê nada. Não escuta nada. De tempos em tempos lança-se contra a porta do escritório, forçando-a com a fúria de golpes de suas mãos, seus ombros, seus joelhos, lançando-se contra o marido, parando a sua

¹⁴⁶ No original, dito em dialeto romano: “*E se n’annamo a magnà*”, onde *annamo* quer dizer *andiamo* (vamos) e; *magnà* quer dizer *mangiare* (comer). Para manter certa equivalência em português, foi utilizada a forma reduzida da expressão Vamos lá (*Simbora*), de registro mais popular.

frente com os dedos grifanhos em seu rosto, como se quisesse dilacerá-lo, gritando feroz:

- Eu quero meu filho! Eu quero meu filho! Assassino! Eu quero meu filho! Eu quero meu filho!

Berecche, envelhecido vinte anos em seis dias, não diz nada: por mais profundamente ofendido que esteja pela vulgaridade dos protestos, respeita o tormento daquela mãe, que também é seu tormento. Porém, vê-lo com uma fúria tão vulgar retorcida contra ele provoca sua indignação, e falta pouco para que o tormento ameace enraivecer também nele e de ele insurgir com a mesma ferocidade. Mas ele o refreia, e observa a mulher nos olhos com tamanha e lancinante dor, que ela primeiramente arregala os seus, ensandecidos, e depois, desesperadamente rompe em um pranto de partir o coração, agarra-se em seu peito, e em seu peito esfrega a cabeça descabelada, gemendo:

- Dê-me meu filho! Dê-me meu filho!

Então Berecche, primeiramente com um mudo estremecer do peito e dos ombros e depois com um insistente soluço do nariz, põe-se a chorar também sobre a cabeça grisalha e descabelada da velha companheira não amada.

O primeiro dia todo – seis dias antes – passado em uma ansiedade que crescia de hora em hora, entre uma consternação sombria e uma irritação surda que aos poucos, com o atraso da volta do filho, também cresciam. Atraso cada vez mais indesculpável e inexplicável porque não havia mais manifestações por Roma que pudessem sugerir uma prisão, como da outra vez: depois, à noitinha¹⁴⁷, as corridas ofegantes aqui e acolá à sua procura, aonde pudesse ter-se demorado tanto, nos cafés, na casa de algum amigo, no quarto mobiliado de Gino Viesi – e a surpresa aqui, ao saber que também ele, Gino Viesi, que saíra pela manhã às sete, não tinha sido mais visto: então, a noite, aquela primeira noite sem o filho em casa, com a casa parecendo vazia e assustada como vazio e assustado estava seu ânimo. As horas que se passavam, uma a uma, lentas e eternas, sobre sua ânsia também transtornada pelo desespero de vê-las passar assim, uma a uma, na vã espera à janela, obcecado pelas ruas em que o filho poderia ter passado, por onde talvez

¹⁴⁷ No original, “*di sera*”. Existe aqui uma sequência temporal dos fatos, narrada desde o entardecer do primeiro dia do sumiço de Giacomino até o dia seguinte: no fim da tarde → de noite → ao amanhecer → de manhã → durante o dia. Optou-se por *à noitinha*, para expressar o primeiro momento da digressão, isto é, para expressar o entardecer do primeiro dia.

ainda caminhava à noite, para se afastar cada vez mais, cada vez mais de sua casa, canalha! Ingrato! Mas aonde? Para onde foi? Depois, o amanhecer e o silêncio de toda a casa, horrível, com as mulheres rendidas ao sono em meio ao pranto, lá, nas cadeiras, com a cabeça sobre a mesa, com a luz ainda acesa – ah, aquela luz amarela ao amanhecer, e aqueles corpos lá, que por si mesmos, foram se compondo aos poucos em posturas piedosas, arrumados para não sofrerem tanto, para ao menos eles encontrarem um pouco de descanso, já que a alma, no sonho angustiante, não podia encontrá-lo! Depois, de manhã e durante todo o dia seguinte, as outras correrias, três, quatro, na Delegacia, primeiramente para denunciar o desaparecimento do filho e daquele outro lá, para que fosse emitida logo e divulgada por toda parte uma ordem de prisão; depois, para saber se alguma notícia tinha chegado; nunca chegou! - aquele não, aquele não do delegado ruivo e sardento que, no entanto, de manhã, parecia ter assumido com empenho a coisa ao ouvir que talvez se tratasse de dois jovens tentando entrar na França para se alistarem na legião garibaldina; e agora nada, totalmente ocupado com outras coisas, com se já não recordasse sequer da ordem emitida; e as invectivas, as agressões da mulher e da filha Carlotta, a cada hora mais violentas porque estavam certas que Faustino e aquele outro tinham fugido por causa dele, sim, por causa dele, que desde a infância oprimira aquele filho com o método alemão, com a disciplina alemã, com a cultura alemã, até fazê-lo conceber um ódio indomável, inextinguível pela Alemanha, que Deus a condene por toda a eternidade! E – recentemente, diante do outro chorando pelos dois irmãos assassinados – por acaso não teve até a coragem de gritar que a Áustria tinha todo o direito de mandá-los ao massacre, aqueles dois irmãos? – Ele! Ele! – Por isso fugiram, para dar-lhe uma resposta justa, para fazer uma justa vingança dos sentimentos que ele ofendeu no primeiro e oprimiu no outro desde a infância: pois bem, isso tudo não basta? É até mais que suficiente para explicar como Brecche tinha envelhecido vinte anos em seis dias.

Mas não, envelhecido não é o bastante.

Brecche agora afirma que não sofre mais nada, mais nada mesmo. No máximo, pois bem, pode admitir, admitir ter a ideia abstrata de sua dor. A ideia abstrata, talvez sim. Mas não propriamente da sua dor. Da dor de um pai, assim, em geral, ao qual tenha acontecido aquilo que aconteceu a ele. Na realidade, porém, não sente nada. Chora, sim... Talvez, mas como um comediante, como um

comediante no palco, somente pela ideia de sua dor, não porque a sinta. Faz de conta que a sente e dá a perceber. Há que se assustar, se disser isso? A prova mais convincente é essa: que ele raciocina, ra-cio-ci-na. Está em condições de raciocinar perfeitamente, perfeitissimamente.

- Digo-lhe, por Deus, que raciocino! Grita ao bom e sonolento Fongi, que veio da cervejaria para visitá-lo. – Racio-cio.

Como se o bom e sonolento Fongi afirmasse não ser verdade.

- E ai de mim se pelo menos eu não raciocinasse aqui dentro! Você viu, você ouviu aquelas duas fúrias? A culpa é minha! Vai, diga-me você também, diga-me você também que a culpa é minha! Você me faria um favor, sabe? Eu me reergueria mais no meio de toda essa choradeira, no meio dessa berraria toda, com o orgulho da certeza de que somente eu ainda tenho a minha razão por aqui! Aqui! Aqui!

E bate com força no rosto.

- Aqui para compadecer-me de quem me acusa! Aqui para me condoer com aquelas duas desgraçadas também está essa miserável Itália, mulher como elas, que nunca terá aquilo que se chama DISCIPLINA DA VIDA! Será que não está vendo, não está vendo o que acontece nessa miserável Itália, por ter tomado uma medida de tremenda disciplina – a neutralidade? Os filhos fugindo! As mães gritando! Você acha que eu não raciocino?

O bom Fongi, de narigão carnudo, mantém a cabeça baixa e olha-o como amedrontado por trás dos aros de platina do pincenê. Médico aposentado, talvez pense consigo que não há nenhum sinal mais manifesto de loucura, em certos momentos, do que raciocinar, ou crer que se raciocina. De qualquer forma, se não propriamente amedrontado, mostra-se ao menos pasmado, o bom Fongi, e não responde nem que sim, nem que não, ainda que Brecche o observe com certos olhos que, irados, esperam por uma resposta afirmativa.

- Não? Você acha que não?

- Eu? Eu, na verdade...

- Acha talvez que eu, quando do primeiro anúncio da declaração de neutralidade por parte da Itália, tenha me voltado contra o governo?

- Não, não acho...

- Mas deve pensar, deve pensar, por Deus! Eu preciso pensar neste momento! Mas fica aí parado feito um dois de paus¹⁴⁸!

O bom Fongi sacudiu-se um pouco e apressou-se para dizer-lhe:

- Mas claro, pense... Se te fizer bem...

- Você deve pensar comigo! Grita Brecche. – Deve pensar que então eu obedecia, em um primeiro momento, a um sentimento de lealdade, entende? A um sentimento de lealdade por aquela nação que me ensinou A DISCIPLINA, a qual... – Sabe o que quer dizer? Quer dizer frear, frear, sufocar, se necessário, os sentimentos naturais, de pai, de filho, todos os sentimentos naturais que não querem se sujeitar à lei! Entendeu? Por um freio a natureza que surge contra a razão. Entendeu? Mas me arrependi rapidamente. Compreendi que a verdadeira disciplina, para nós, devia consistir em sufocar também este sentimento de lealdade e o sufoquei! Cheguei até a reconhecer que a Alemanha agiu levemente, entende, que a Alemanha errou, que a Alemanha perdeu o juízo... A isso, a isso cheguei!

Encolhe-se cada vez mais, o bom Fongi, e parece que seu nariz aumenta cada vez mais. Brecche o observa, aquele nariz, e pouco a pouco sente crescer contra ele uma irritação injustificável. Que nariz é aquele! Que insuportável realidade, aquele nariz! Lança sobre ele uma confissão tão grave e nada, pois é, nada: fica ali, imóvel, não se comove. Pacífico, por mais espaçoso que seja. Não se comove. Nariz romano!

- Cheguei a isso! – grita Brecche. E admitir também, se quiser, que a Alemanha se colocou contra nós, ajudando, por puro pretexto a Áustria numa guerra ofensiva que, ao romper os pactos de aliança, devia tornar obrigatoriamente a Áustria nossa inimiga. Para nós, a aliança com a Áustria era disciplina! A Alemanha rompeu-a porque, ao declarar uma guerra, deveria entender que nós já não podíamos estar com a Áustria; não só, mas que devíamos, forçosamente estar contra a Áustria! Nisso cheguei! E também a pensar que se nós nos mexeríamos, e o meu filho, porque convocado antes da hora para a guerra ou porque impelido por um sentimento ao qual então não saberia me opor, teria ido voluntário para a guerra,

¹⁴⁸ No original, "*Mi stai davanti come una marmotta!*". "Pessoa preguiçosa e dorminhoca [...] lenta e desastrada, por preguiça ou torpor mental." (DIZIONARIO Treccani, [s.n.t.]). "Uma pessoa chamada de "dois de paus" é um indivíduo insignificante, incapaz de qualquer iniciativa. A expressão se deve ao jogo de cartas. Por ser uma carta de valor baixo e de pouca serventia na maioria dos jogos, o dois de paus é uma carta descartável, que ninguém quer pegar." (FARINA, 2006). Brecche quer dizer que Fongi não estava contribuindo com seu raciocínio, estava inerte, sem serventia, já que calado.

eu também teria ido, eu também, assim como me vê, voluntário, aos cinquenta e três anos e com essa pança, também eu teria ido! Mas agora, aí está esse filho, está vendo? Quis pôr-se contra mim! Pretendeu pôr-se contra mim! Por que? Porque, como todos os outros, não conhece a disciplina da vida! E contra mim pôs esta pobre mãe e a irmã. Assuste-se, Fongi, agora sim, assuste-se: também pôs eu mesmo contra mim! Sim, porque em mim também há um pai que chora e ao qual eu, que conheço a disciplina da vida, sou obrigado a gritar: “- Deixa disso, palhaço, não chore, porque você está errado em chorar!.” Que Chorem os outros! Eu não choro, não choro mais, nem sequer se chegar a notícia, viu? Que morreu! E tem mais; mas lhe digo isso e digo em alto e bom som para que no outro cômodo escutem também aquelas duas fúrias que gostariam de impedir-me de raciocinar, vindo aqui gritar comigo que querem de mim o irmão, o noivo, como se eu fosse louco como elas, digo-lhe isso: agora, eu estou novamente do lado da Alemanha, é, é, digo-lhe em alto e bom som, pela Alemanha, pela Alemanha, que terá cometido uma loucura, ou melhor, certamente a cometeu, mas está vendo o espetáculo que oferece ao mundo? Instigou o mundo inteiro contra ela, mas tem todos sob seu controle! Todos impotentes contra ela, poderosa! Que espetáculo é este! Querem abatê-la? Destruí-la? Quem? A França, pobre, a Rússia, que tem os pés de barro¹⁴⁹, a Inglaterra? Por acaso valem mais que ela? Valem o quê, diante dela? Nada! Nada! Ninguém a vence!

Ah, finalmente! De seu destrambelhamento, tão golpeado, tão espezinhado, tão arrebetado pela orgulhosa invectiva, surge de repente o bom Fongi com seu narigão. Para protestar? Não. Tem uma notícia consigo, uma notícia que está segurando desde sua chegada e que, assaltado por tantos prantos, por tantos berros, não achou ainda um jeito de por para fora.

- Eu – disse – tenho aqui uma carta de Faustino.

Por milagre Berecche não desaba de vez. Fica muito pálido, depois, de repente, roxo. Arremeça-se sobre Fongi, como se Fongi quisesse fugir dali:

- Você? – gritou-lhe. – Uma carta? De Faustino?

¹⁴⁹ “No século XIX a Rússia, juntamente com Reino Unido, Alemanha, França e Áustria-Hungria, era um dos principais países da Europa. Contudo, os russos ficaram para trás na Revolução Industrial e viram seus vizinhos modernizarem-se e investirem na indústria, enquanto a Rússia continuava sendo uma economia agrícola. O Império Russo era conhecido como o “**Gigante dos Pés de Barro**”, uma vez que sob o **sistema feudalista** – organização política-social na qual servos trabalhavam para donos de terra, os quais geralmente tinham laços com a nobreza –, os senhores feudais não tinham interesse em modernizar as plantações ou investir em indústrias.” (MORAIS, 2019.)

E Chora, e ri, e treme todo, e com os passos cambaleantes, se lança no corredor, gritando:

- Uma carta... Uma carta de Faustino!... Rápido! Margheritina, Margheritina, tragam também Margheritina!

Enquanto a esposa e Carlotta, com Margheritina pelas mãos irrompem no escritório, arfantes, tremendo de impaciência, arranca com as mãos que lhe tremem das mãos de Fongi a carta, e tenta lê-la em voz alta.

- Endereçada a ele.

- Ao senhor?

- Pois é...

- *Caro... aqui está.... Caro senhor... oh Deus... Caro senhor Fongi...*

Não pode. As vistas, a voz, o fôlego, até as pernas lhe faltam. Deixa-se cair numa poltrona e cede a carta a Carlotta, para que ela leia.

A carta traz na data a cidade de Nice e diz assim:

Caro senhor Fongi,

Sei o afeto que o Senhor tem pelo meu pai e dirijo-me ao Senhor para lhe pedir que vá até ele, assim que receber esta minha, para avisá-lo sobre aquilo que, aliás, nesta altura ele já deve ter adivinhado, e deixo que o Senhor imagine com quanta indignação e com quanta dor.

Mas diga-lhe, Senhor Fongi, que eu não vim aqui para lutar pela França. Ele vai ficar feliz! Vim aqui porque estou convencido (Deus queira que eu esteja errado!) que a Itália, “criada” como sempre e agora sem patrões, não fará nada. Os dois que tinha – um mau, que sempre a oprimiu; o outro que sempre deu a entender que a protegeria, pequena e velha senhora decadente, de repente, sem nem dispensá-la, sem nem dizer para ela que podiam até abrir mão de seus serviços, deixaram-na sozinha e colocaram-se a resolver entre si suas coisas. Agora a pobre Itália, nem sequer certa de ter sido dispensada, não sabe o que fazer, nem para onde ir. Tem medo dos antigos patrões e tem medo de colocar-se a serviço de novos, que através das agências de emprego, ditas Embaixadas, solicitam-na, fazem insistentes pressões. Para onde voltar-se, entre os que lhe dizem que estenda esta ou aquela mão para tomar de volta, aqui ou acolá, aquilo que era seu e que todos lhe

tomaram? Ficar sozinha, por si só, a pobre senhora decadente não sabe e não pode, acostumada que está, há tanto tempo, a servir senhores por poucas migalhas deixadas nos aposentos de sua casa antiga, magnífica, arejada, cheia de sol, em um lugar sorridente e florido. Muitas coisas bonitas, eu sei, e muitas coisas grandes e gloriosas estão nessa antiga casa, que a pobre senhora decadente transformou em hospedaria; mas também há coisas tristes e uma grande miséria, especialmente na alma dos filhos desta senhora, serviçais natos. A mãe os educou à prudência, à tolerância, a mostrar que não entendem, a não dar ouvidos. Também a receber, até em santa paz, se for o caso, um tabefe como gorjeta, respondendo com uma bela reverência: - Obrigado, senhor! Educou-os a vestir com desenvoltura todos os librés como sua vestimenta mais adequada, a escovar com desenvoltura das fraldas de cada uma as marcas dos pontapés recebidos e a tomar muito cuidado ao fazer as contas, que muitas vezes, ai de mim, pobre mãe, chegaram-lhe erradas, em seu detrimento. Pois bem, senhor Fongji, diga a meu pai que eu estou aqui na França, não pela França, com outros camaradas meus – não muitos, oh, não muitos! Mas somente para demonstrar que, no meio de tanta prudência, no meio de tanta tolerância, no meio de tanta perspicácia para não errar as contas e tanta perplexidade em decidir qual libré seja mais conveniente vestir neste momento, há também na Itália... Nada, um pouco de juventude desperdiçada, também um pouco de juventude que não sabe fazer as contas e não sabe ser perspicaz e cautelosa, um pouco de juventude, aí está. A nossa mãe Itália não precisa, talvez não precisará dela; aliás, lhe trará prejuízos internos. Viemos jogá-la fora aqui, por ela. A minha pequena mãe dirá: - Como assim? E eu, não estava, eu que também sou mãe? A mim sim, você me serve! – É verdade, mãe, mas veja que este é um momento em que todas as pequenas mães, assim como seus filhos, também precisam sentir-se filhas menores de uma mãe maior. Eu estou aqui por você, se vim por esta grande mãe em comum, apesar de que agora talvez você ache o contrário!

Beije as mãos dela por mim, senhor Fongji, e assegure-lhe que eu mandarei notícias frequentes. Conforte meu pai, que talvez sofra muito por não poder me perdoar. Beije as minhas irmãs e diga a Carlotta que Gino está aqui comigo e que esta noite escreverá uma longa carta a ela. Ao Senhor, caro Fongji, os meus mais sinceros agradecimentos e um respeitoso e cordial cumprimento.

Seu devotíssimo FAUSTO BERECCHE

Todos choram.

Choram baixo durante a leitura, para não perderem uma sílaba. Agora que a leitura acabou, continuam chorando baixo por um tempinho, como para não perder os ecos de uma voz distante.

Fongi murmura, baixinho, quase para si:

- Nobilíssimo... Nobilíssimo...

No final, Bercche salta em pé, sufocado, e se joga murmurando sobre a mulher. Abraça-a, torna a dobrar o rosto sobre a cabeça dela e então os dois abraçados choram juntos bem alto, estremecendo. Carlotta abraça Margheritina e também choram em voz alta. O bom Fongi, por seu lado, contorce-se para puxar o lenço do bolso de trás do longo rendigote. O grande e pacífico nariz, no fim se comoveu mesmo, e ele o assoa mais vezes, alto, repetindo, a cada vez, um movimento da cabeça de profunda convicção:

- Nobilíssimo... nobilíssimo...

VIII

No escuro

À noite, quando o vigia do sobrado apagou a luz da escada e o jardim ficou escuro, Bercche, cauteloso e perturbado, com a cabeça escondida entre os ombros, torna a abrir o portão que aquele acabara de fechar e chama-o:

- Psiu! Psiu!

O vigia, que não esperava, volta-se quase assustado; Bercche faz sinal com a mão para que se aproxime em silêncio, sem fazer estridular muito o cascalho, e põe-se a segredar com ele em grande mistério.

- Eh, por menos de seiscentas... Diz aquele em certo momento.

- Fala baixo, fala baixo!

- Porque o governo já fez com todos os comerciantes as requisições... Ao menos é o que dizem... Sabe como é, desses tempos...

- Sim, claro. Mas por seiscentas liras...

- Ah, um bom cavalinho, é... um ginete...

- Mas estou dizendo, um ginete!
- O senhor precisa para?...
- Fala baixo, fala baixo!
- Um ginete, certo... por seiscentas liras o senhor há de encontrar...
- Como sinal, por ora, depositando uma quantia... duzentas... sei lá?

Duzentas e cinquenta liras... assim... Porque, eu espero, mas se por acaso não me servir... pois é, perderia apenas o sinal... Mas, ó! Estou lhe pedindo, escondido... silêncio com todos. Cuide disso.

E Brecche, perturbado, com a cabeça escondida entre os ombros, na ponta dos pés, volta para dentro de casa e deixa ali, no jardim escuro, o vigia estático de espanto por aquela misteriosa compra de um cavalo, encomendado assim, às escondidas, no escuro, pelo único inquilino do sobrado, bom homem, sério, estudado... hum! Um ginete¹⁵⁰... que ninguém fique sabendo...

Fechado o portão devagarinho e de volta a seu apartamento, Brecche, sempre na ponta dos pés, atravessa o corredor, fecha-se no escritório, senta à mesa, puxa de uma pasta uma folha de papel, e escreve nela:

À V.Exa. *Ministro de Guerra – Roma*. Ergue o indicador da mão que segura a caneta e passa-o nos lábios. Reflete por um bom tempo.

O que quer pedir à V.Exa. Ministro de Guerra está claro em sua mente, mas tem dúvidas quanto à exatidão dos termos militares. Diz-se *Dragões voluntários da cavalaria*¹⁵¹, ou de outra forma? Melhor se informar com antecedência com o Ministério de Guerra. E afinal, tendo que declarar a idade – cinquenta e três – não será conveniente juntar ao pedido um atestado médico de boas condições físicas? Poderá consegui-lo com Fongi, amanhã.

- Com Fongi, não... com Fongi, não... – murmura. Deve ser um segredo para todos. Além do que, deu a Fongi uma demonstração tão patente de estar no pleno controle da sua razão, gritando com tanta violência que ele é de novo, totalmente, pela Alemanha...

- Não. Com Fongi, não...

Mas será que se dirigindo a um médico qualquer, não amigo, poderá ter certeza de conseguir este atestado médico de boas condições físicas? O coração...

¹⁵⁰ Em italiano, *cavalo da sella*. Em português, *ginete* refere-se a um cavalo bem treinado, ligeiro e dócil, que permite a montaria, características que condizem com as expectativas da personagem.

¹⁵¹ Em italiano, *corpo guide volontari a cavallo*. O termo *Dragões*, em português, é utilizado em referência as unidades de infantaria que se deslocam a cavalo para os campos de batalha.

O coração faz um bom tempo que não bate mais com regularidade; seu coração está cansado e frequentemente a cabeça tão pesada... Quem sabe! Vai dirigir-se primeiro a um médico qualquer. Se não conseguir dele o atestado, recorrerá a Fongi, recomendando-lhe segredo. Brecche também quer ir à guerra.

Coloca de volta o papel timbrado dentro da pasta, levanta-se e vai até uma das estantes. Arranca de lá um manual Hoepli¹⁵² sobre *Equitação*. Volta a sentar-se à mesa, apoia nela os cotovelos, segura a cabeça nas mãos e mergulha na leitura preparatória:

PRIMEIRO CAPÍTULO

História e Considerações preliminares da equitação

No dia seguinte, na Cavallerizza¹⁵³, na rua Po.

Um embrulho sob o braço (as botas de couro e um chicote, que acabou de comprar) – outro embrulho menor na mão – (as esporas) – Brecche apresenta-se ao senhor Felder, professor de montaria.

- Curso acelerado? Desculpe, mas o senhor já tem alguma prática com cavalo?

Brecche balança a cabeça:

- Não.

- Então? Exclama com um sorriso de piedosa maravilha o senhor Felder.

Contempla um pouco aquele homenzarrão pesado, de corpo quadrado e expressão carrancuda que está diante dele; então, pedindo permissão, apalpa-lhe os músculos das pernas, realmente um pouco fracas, realmente um pouco magras em proporção ao amplo tórax; segura-lhe uma mão – (*desculpe*) – e convida-o a dobrar-se sobre aquelas pernas, mantendo as pontas dos pés unidas.

- Eu seguro o senhor.

Brecche, mais do que nunca carrancudo, balança de novo a cabeça; recusa aquela mão; fez em casa aquele exercício, trancado no escritório; e então o executa sozinho, sem ajuda, uma, duas, três vezes, elasticamente, com os olhos fechados, diante do senhor Felder que aprova:

¹⁵² Editora italiana fundada em 1870 pelo suíço Ulrico Hoepli, sediada em Milão.

¹⁵³ Optou-se por não traduzir por cavalariça, visto que na versão original, *Cavallerizza*, aparece com inicial maiúscula, ou seja, refere-se ao nome do estabelecimento, que no caso coincide com o serviço que ali vem prestado.

- Ah, bom... ah, bom... muito bom...

Berecche levanta-se e ao senhor Felder, cada vez mais pasmo pelo ar sombrio com que aquele novo cliente lhe fala, comunica ter estudado a noite inteira e que portanto, quanto a noções teóricas, pode-se dizer já cavaleiro. Indica em um ponto da raia o cavalo ginástico, de madeira, e faz sinal com as mãos para descartá-lo, isto é, daquilo pode abrir mão porque, em teoria, já conhece todas as posturas e os ares e as defesas do cavalo, evolução, ares médios, parada, pousada, pirueta...

- Um pouco de prática, só uma pouco de prática rápida – conclui. – Aqui está, trouxe comigo esse par de botas. Vou calçá-las. Faça-me montar e tentemos logo, mesmo sobre um cavalo um pouco bravo...vivaz, quero dizer. Será melhor! Se eu cair, não tem nada.

O senhor Felder tenta levantar diversas objeções, mas Berecche o interrompe, repetindo a cada vez:

- Estou dizendo, se eu cair, não tem nada! – com tom tão peremptório, que por fim ergue os ombros e se submete a contemplar o estranho cliente.

Berecche não cai aquela primeira vez; mas se quer fazer assim, do seu jeito, por que motivo veio em uma haras de equitação? Desse jeito, mais cedo ou mais tarde vai quebrar o pescoço, não uma, mas dez vezes, e uma basta. Não se importa com isso? Mas importa a ele, ao senhor Felder, que não quer ser responsabilizado porque na sua escola...

- Tudo bem, olhe, - acrescenta, tente devagar, primeiro, à inglesa.

- Ou seja? – pergunta Berecche de cima do cavalo com a respiração ofegante, o rosto inflamado.

- Pois bem, - retoma o senhor Felder, - o senhor sabe: existe o modo de cavalgar à italiana, e o modo à inglesa. Tente devagar à inglesa. Olhe, fique na sela um pouco suspenso sobre os estribos... assim... levante e abaixe... seguindo o andar do cavalo... claro, inclinando um pouco a cabeça e a cintura... assim... para frente, em direção ao pescoço da cavalgada... não muito... Estou dizendo para, sabe? Para não sentir muitos solavancos na cabeça... Vejo que... sim, o senhor está ficando um pouco congestionado...

- Ah, não ligue! Exclama Berecche. – Mas vamos então à inglesa... Vai, vai...

- Primeiro devagar... devagar...

- Estou dizendo: vai!

O professor deixa. O cavalo lança-se em galope, e então Brecche... oh Deus... oh Deus!...

- Agarre-se na sela!... agarre-se na sela! – o senhor Felder vai gritando atrás dele pela raia.

Brecche encolhe demais os ombros, oscila, se torce aqui, ali, e no fim, *Cataplã!* Fica com um pé preso no estribo enquanto o cavalo o arrasta por um pedaço da raia.

Nada! Não foi nada... Mas à inglesa, pois bem, não dá!

- Nada, estou dizendo, por Deus! Estou muito contente... Nada... um pouco de dor aqui, no pé... mas já passou... À inglesa não dá! Deixe-me montar de novo. Vou melhor à italiana, como antes. Dê-me o chicote!

O senhor Felder recua um passo, pondo o chicote atrás das costas.

- Ah, nada de chicote, meu caro senhor!

- Estou dizendo, dê-me o chicote!

- Não sou louco!

- Mas o senhor sabe que se estivesse com o chicote, não teria caído?

Brecche ri ofegante do alto do cavalo. Está contente de verdade, mesmo com a queda, sim. Foi um belo momento, foi uma grande felicidade para ele: galopando e encolhendo os ombros daquele jeito: pensava em Faustino, na guerra, em Faustino lançando-se em uma carga de baioneta contra os Alemães, e... vai, vai, vai, ao galope com ele, assim, de olhos fechados, no entrevero. Quer sentir a mesma glória, agora.

- Vamos lá, dê-me o chicote, sem pestanejar!

Aproxima-se com o cavalo. Inclina-se para frente. Arranca o chicote por trás das costas do senhor Felder; e vai, chicoteando o cavalo, lançando-se em novo galope pela pista, com os olhos fechados, mergulhando novamente na violenta visão dos garibaldinos em carga, Faustino encabeçando. E quanto mais seu garoto corre à sua frente com a camisa vermelha e a baioneta armada, tanto mais ele chicoteia o cavalo: adiante! Adiante! Viva a Itália! Ah, como são vermelhas aquelas camisas! Um pouco de juventude... um pouco de juventude desperdiçada!

Quem está gritando assim na pista? Ah... quem turbilhão!... Quem está correndo lá na frente? Como é? Aqui parado? O que foi? Gritam, acorrem.

Berecche estatelou-se: de bruços no chão, com a testa rachada. Arqueja tremendamente, mas está cheio de alegria. Não sofre nada. Está pesaroso apenas por aquele bom senhor Felder que grita enfurecido. Gostaria de dizer-lhe que não foi nada; que não se preocupe com nada. Que ninguém o responsabilizará pelo estrago que ele próprio fez em sua testa.

- É grave? Pergunta às pessoas que acorreram para levantá-lo do chão.

Pelo jeito com que aquelas pessoas o olham, compreende que é grave; mas não sabe, não pode ver sua cara com aquela ferida aberta na testa. Ri, mesmo com o rosto tão ensanguentado, para tranquilizar aquelas pessoas:

- Eh – diz – e então, vamos à guerra?

Pegam-no pelos ombros e pelos pés e o levam para fora. Acomodam-no em um veículo e o conduzem ao Policlínico.

- Mas então, vamos à guerra?

Contra quaisquer suposições contrárias que alguém possa fazer, Berecche continua raciocinando. Dá mais uma prova disso, à noite, quando, com um turbante de ataduras que lhe envolve não apenas toda a cabeça, mas também metade do rosto, escondendo-lhe ambos os olhos, levam-no do Policlínico de volta à casa.

- Uma queda... uma queda...

Não diz mais nada: nem como, nem onde caiu. Uma queda. Mas raciocina: tanto é verdade que rapidamente compreende que, dizendo assim, sem explicar como e onde tenha caído, a mulher e a filha Carlotta podem supor que ele tenha tentado se matar. Então acrescenta:

- Nada... Pela rua, uma vertigem... Não se assustem... os olhos estão a salvo: só na testa, um rasgo nos cílios... Nada. Vai passar.

Quer ser levado ao escritório e posto para sentar no costumeiro lugar da noite. Quer consigo apenas Margheritina. Faz a pequena sentar-se sobre um dos joelhos. Abraça ela. Pensa. Mas lhe parece que Margheritina, o candeeiro vermelho diante da Virgem Maria do sobradinho à frente – pelo menos esse – sim, ela possa vê-lo, se está aceso; e pergunta à ela.

Margheritina não responde. Berecche compreende que não, nem sequer aquilo Margheritina, sua queridinha, pode ver. E a aperta mais forte contra seu peito. Talvez, Margheritina nem saiba que ali à frente existe um sobradinho com uma

Virgem Maria em uma das quinas e uma luzinha vermelha acesa. O que é o mundo para ela? Sim, agora ele pode entendê-lo bem. Escuridão. Esta escuridão. Tudo pode mudar, lá fora; o mundo, tornar-se outro; um povo desaparecer; mudar totalmente a ordem de um continente inteiro; passar, mesmo próxima, uma guerra, abater, destruir... O que importa? Escuridão. Esta escuridão. Para Margheritina, sempre esta escuridão. E se amanhã, lá na França, Faustino for morto? Oh, então também para ele, sem mais aquela atadura, com os olhos de novo abertos às vistas do mundo, então também para ele tudo estará escuro, para sempre. Talvez até pior porque condenado ainda a ver a vida, essa atrozíssima vida dos homens.

Volta a apertar forte contra seu peito sua ceguinha sempre fechada em seu silêncio sombrio e murmura:

- E disso, minha filha, de tudo isso, devemos agradecer à Alemanha!

Roma, final de 1914, início de 1915.

3.2 Fragmento de crônica de Marco Leccio e da sua luta sobre os mapas na época da grande guerra europeia

I

Todos os anos, 21 de julho é um dia de festa na casa de Marco Leccio. Aniversário da batalha de Bezzecca¹⁵⁴, e dia da festa de sua filha mais velha¹⁵⁵, senhora Bezzecca Truppel.

Este ano, primeiro ano da nossa guerra e com os nossos soldadinhos já quase à vista de Trento, a festa deveria ter sido mais solene do que qualquer outra. Ao invés disso, foi para os ares por dois motivos muito dolorosos.

Primeiro: o genro, senhor Truppel, de origem suíço-alemã. Mas não exatamente por ele, Truppel, um homem de bem, alheio à política, não mais suíço e muito menos alemão, embora ainda não italiano. Por seu sobrenome.

Aquele sobrenome, o senhor Truppel não o tinha dado ou escolhido para si: viera de seu pai, morto em Zurique, havia muitos anos; nem fazia questão dele.

Talvez lá, em Zurique, chamar-se Truppel quisesse dizer alguma coisa. Mas fora da terra natal, isto é, fora das relações, parentescos e conhecidos, o que é hoje em dia um sobrenome? Para um desconhecido, tanto faz chamar-se Truppel quanto chamar-se... sei lá, de outra maneira qualquer. Se não fosse para ter os documentos em ordem...

O senhor Truppel, por conta própria, conhece-se internamente como uma alma pacífica, sem sobrenome, sem estado civil nem nacionalidade. Uma alma para dois olhos, aberta, aqui como noutros lugares, ao engano das coisas que certamente não são o que parecem, se um pouco as vemos de um jeito e um pouco de outro, conforme o ânimo e o humor. Ele faz de tudo para nunca alterar seu modo de ser, e

¹⁵⁴ Foi o principal episódio da Terceira Batalha de Independência, na tentativa de reaver o controle da região do Trentino, em posse dos austríacos. Até 19 de julho de 1866, Garibaldi e suas tropas, marchando rumo ao norte, já haviam superado o *Monte Suello*, aberto caminho pelo *vale de Ledro* e pelo *Forte d'Ampola*, sudoeste daquela região. O controle da cidade de *Bezzecca*, em 21 de julho de 1866, foi o próximo ponto seguinte que a marcha alcançou rumo à tomada da cidade de Trento, obrigando as tropas austríacas a recuarem para *Lenzumo*, a aproximadamente 2,5km ao norte de *Bezzecca* (MAIS, 2015). Apesar de todos os esforços, em 12 de agosto daquele mesmo ano, o Reino d'Itália viu-se forçado a assinar o *armistício de Cormons*, já que a Prússia – seu aliado nas ofensivas – assinava o *armistício de Nikolsburg* com o Império Austríaco. O Tratado final de paz, assinado em Viena, em 3 de outubro, devolveu para Itália a região de Veneto, mas obrigou-a a abandonar a região de Trentino.

¹⁵⁵ No original, “e *onomastico della figliuola maggiore*”. Como em português brasileiro é pouco usual o uso da palavra *onomástico* nesse sentido, optou-se pela adaptação “*dia da festa*”. O narrador informa que, seja o dia da batalha de Bezzecca, seja o dia do aniversário da filha Bezzecca, coincidem.

se contenta com pouco, porque daquele pouco sabe desfrutar em paz e com sabedoria, como os prazeres inocentes da natureza, a qual, para dizer a verdade, é uma para todos, e não conhece nem pátrias nem fronteiras.

Candido como é, e de coração terno, o senhor Truppel gosta especialmente dos dias de nuvens claras, daqueles depois das chuvas, quando o sabor é de terra molhada e na luz úmida a ilusão das plantas e dos inseto é que seja novamente primavera. À noite, olha aquelas nuvens que se espalham sobre as estrelas afogando-as, para depois deixá-las reaparecer em breves e profundas clareiras de azul. Olha aquelas estrelas: sonha sem sonhos e suspira.

Durante o dia, o senhor Truppel considera-se um bom homem na vida. Apenas um bom homem, e pronto. Não em Roma, isto é, na Itália, ou em outro lugar: não, na vida. Assim, e pronto. Aliás, propriamente um bom relojoeiro, na vida.

Totalmente circunscrito nos limites de sua bancada recoberta por uma cândida lona plástica, atrás da vitrine de sua loja da Rua Condotti, encaixa em seu olho direito o monóculo tubular e, curvado sobre a pequena pinça fixada na bancada, testa e torna a testar com inesgotável paciência na peça a consertar, os diversos e minúsculos instrumentos do seu pacientíssimo ofício, limas, serrinhas e paquímetros, no silêncio salpicado pelo sútil, agudo e assíduo pulsar das centenas de relógios.

Não lhe passa minimamente pela cabeça, ao utilizar com infinita delicadeza aqueles instrumentos finos sobre o frágil e complicado mecanismo dos relógios que, naquele mesmo instante, em outro lugar, em muitas partes da Europa, homens como ele, aos milhões, manuseiam instrumentos bem diferentes: fuzis, canhões, baionetas, granadas, em um trabalho bem diferente desse seu, de consertar relógios, e que o silêncio vibrante, aqui à sua volta, dos agudos daquele tiquetaquear contínuo e mal perceptível, é dilacerado, algures, pelo horrendo ribombar de obuses e morteiros.

Seu mundo, sua vida concentra-se ali, durante o dia, numa tampa de relógio, assim como durante a noite, já liberto de quase todas as paixões terrenas, a vida do seu espírito está absorta pela contemplação da harmonia de bem outras esferas: aqueles celestes.

Embora o senhor Truppel pareça um tonto, pode-se jurar, pelo modo como sorri, afastando-se daquelas suas contemplações celestes, que ele não considera o firmamento como um sistema mecânico de relógio.

Por esse motivo, ficara precisamente como quem cai das nuvens quando, nos dias de turva agônia que precederam a nossa declaração de guerra à Áustria, um bando enorme de manifestantes arremessara-se, passando como um furacão, contra seu ateliê de relojoeiro e, em um piscar de olhos, destruía placa, portas, vitrine, tudo.

II

O senhor Truppel, passado o primeiro assombro pelo estridor dos vidros destruídos, não temeu tanto por si quanto por seu irmão, seu sócio na relojoaria e de natureza bem diferente da sua: intratável, soturno e bestial.

Rechonchudo e bem loiro, o senhor Truppel jogou-se para a frente, protegendo-se com as mãos brancas e gorduchas – com os olhos cheios de lágrimas, aqueles olhos que geralmente possuem a límpida luminosidade risonha da safira, gritando com aqueles manifestantes que ele era suíço e não alemão, suíço e não alemão, suíço, suíço, suíço, havia mais de vinte e cinco anos na Itália, e genro de um veterano garibaldino, sobrevivente de Bezzecca, e com a mulher que também se chamava Bezzecca, e com um filho já combatente, aspirante oficial, aspirante oficial, aspirante oficial da 82ª infantaria.

Mas sim, e para quem gritou isso tudo? Para seus vizinhos lojistas que o conheciam bem e sabiam todos que belezura de homem era. Os manifestantes, feito o estrago, já tinham se afastado havia um bom tempo, com a maior certeza de terem cumprido um ato, se não exatamente heroico, decerto muito patriótico. Mas o estrago, esse também, vamos lá, pouca coisa. A encrenca, a encrenca mesmo fora para o irmão, que o senhor Truppel acreditava ainda estar dentro da loja, mas que nada, não estava mais. *Terteuffel*¹⁵⁶! Correu atrás daqueles manifestantes, encolerizado.

Pois bem, este fato, que para o pacífico senhor Truppel tivera a importância de um simples malentendido entre ele e o povo romano, por causa de seu

¹⁵⁶ Na realidade, em alemão *DerTeufel*, Em português, Que diabos!

sobrenome alemão (malentendido deplorável, claro, mas nada para criar um grande caso), certamente não seria motivo para mandar para os ares a festa do dia 21 de julho na casa do sogro, se o fato em questão, relatado a Marco Leccio, não tivesse sido gravemente complicado pela violenta intromissão dele.

Marco Leccio, enfurecido, não deu a mínima para os manifestantes que tinham destruído os vidros da loja do genro, ato de vandalismo, mas bem desculpável pelo furor popular, justamente inflamado pelas duvidosas e vís manobras alemãs em detrimento dos interesses e da honra da Itália. Descontou no genro por aquela – como disse – porcaria de sobrenome alemão dele.

Por Deus! Após vinte e cinco anos vivendo na Itália, por que seu genro – suíço – ainda tinha que carregar aquele sobrenome que agora se tornava uma marca de infâmia? Já deveria ter solicitado faz tempo a cidadania italiana e ter trocado aquela porcaria de sobrenome. Chamava-se Livo ou Godolivo, Truppel? Pois bem, Livo Truppa! Pronto: Truppa, Truppa! Belíssimo sobrenome, uma oportunidade.

Não se opunha, o bom senhor Livo Truppel. Sorrindo, de sua parte declarou-se prontíssimo. Mas havia o irmão, sim, e havia a loja em comum. Persuadir o irmão a essa troca, não só do nome, mas também de firma, não lhe parecia tarefa fácil. Marco Leccio disse que assumiria pacificamente essa tarefa. Mas o resultado foi uma queixa por injúria e difamação do senhor Guglielmo Truppel contra o veterano garibaldino Marco Leccio, e uma condenação condicional deste, em primeira instância, a 43 liras de multa.

Marco Leccio, naquele dia, foi expulso à força do tribunal porque, ao ouvir o veredito, pôs-se a gritar possesso que queria pagar a multa, sim, mas não queria a condicional. Tome aqui as 43 liras; tornava a chamar de porco o senhor Truppel! A focinheira por cinco anos, a ele? A focinheira em um momento daqueles?

- Senhor juiz, eu tenho de gritar contra os ricos senhores da aristocracia romana que não dão um tostão à lista dos comitês das organizações civis! Contra as instituições urbanas privilegiadas que tampouco dão um tostão, ou contribuem com quantias irrisórias! E há os monopolizadores de produtos alimentícios e os proprietários de imóveis! Há verdades cruéis para gritar aos que, neste momento extremo, não sentem seu dever de italianos!

O juiz tampou os ouvidos. Ordenou que a sala fosse esvaziada e tudo acabou nisso.

Mas depois da sentença, o pobre senhor Truppel encontrou-se em uma situação que não poderia ser pior, dada sua natureza pacífica. De um lado o irmão, seu sócio na relojoaria e até então hospedado em sua casa, e do outro, sua mulher e o sogro.

O irmão, é preciso dizer a verdade, não lhe impusera abandonar a mulher e o teto conjugal para passar a morar com ele em outra casa. Não, mas pretendia e o fizera prometer e jurar que pelo menos nunca mais poria os pés na casa do sogro e que se o sogro fosse qualquer noite a sua casa para visitar a filha, ele, caso não conseguisse na mesma hora encontrar uma desculpa para sair de casa, além de um cumprimento não lhe dirigia a palavra e, depois de cumprimentar, cuspiria no chão.

- Cuspir no chão?

- Sim, cuspir no chão. Assim!

O senhor Truppel olhara com muita aflição o cuspe do irmão no piso e estivera prestes a puxar do bolso um lenço para limpar.

- Não! Não! Cuspir no chão – gritara o irmão, - cuspir no chão. Assim!

E cuspira de novo.

Mas bendito seja o nome do senhor! Se nem sabia cuspir, ele, se nunca cuspia nem sequer no lenço, dada a boa pessoa que era! Sim, Sim, tudo bem: o senhor Truppel prometera, jurara, para aplacar o irmão. Mas, passado o primeiro momento, sabe-se que valor têm certas promessas e certos juramentos, mesmo para aqueles a quem foram feitos.

De qualquer forma, o bom senhor Truppel não pôde participar da festa de 21 de julho na casa do sogro.

III

Porém, ainda que pudesse, a festa não teria acontecido igualmente por outra razão, mais grave e dolorosa.

Para entender bem esta outra razão, é preciso saber o que o dia 21 de julho realmente representa para a família Leccio. Não apenas o aniversário da gloriosa batalha garibaldina; não apenas o dia da filha mais velha; mas a própria razão da

existência daquela família, que teve sua origem exatamente na batalha de Bezzecca.

Aos dezoito anos, Marco Leccio participara da campanha do Trentino com seu pai, Defendente Leccio, e com um tal de Casimiro Sturzi, seu irmão camarada, coetâneo, órfão de pai e de mãe. Perdera em Bezzecca, no famoso assalto à baioneta, o pai e o amigo. Não tivera nem sequer tempo de chorar por eles. Ao amigo, enquanto morria em seus braços, confiando-lhe a irmã Marianna que ficava sozinha no mundo, prometera que, se se safasse da morte - o que não era certo, dadas as dificuldades daquela campanha - se se safasse, se casaria com ela.

Decerto, ao fazer esta promessa não esperava que, apenas quatro dias depois, quando o Trentino todo já estava ocupado e Trento estava para cair, Garibaldi seria obrigado a responder às ordens de La Marmora com seu: Obedeço¹⁵⁷.

Não falemos disso, por favor, porque ainda hoje – com os nossos soldados lá, quase à vista de Trento – ao ouvir falar disso, Marco Leccio, pensando no pai morto, no amigo morto, nos terríveis esforços cumpridos em vão, no seu altivo ímpeto republicano arrasado por aquela palavra, seu sangue amarga, o fígado doi, ruge ainda como uma fera da qual não é prudente se aproximar.

Quatro anos depois, em 1870, com a tomada de Roma¹⁵⁸, ele mantinha a promessa feita ao amigo à beira da morte no campo de batalha e se casava, quase obrigado, com Marianna Struzi.

Quase obrigado, porque a pobre Marianna, que morava de favor na casa de uma tal Lanzetti na Rua del Governo Vecchio, sua parente distante, parecia estar

¹⁵⁷ “Após a derrota em *Custoza* e *Vis*, o comando do régio exército teve que rapidamente assinar um armistício com os austríacos, os quais impuseram a restituição das áreas conquistadas por Garibaldi. [...] o comandante geral, Gen. La Marmora, envia de Pádua um telegrama a Garibaldi, ordenando, a propósito, a retirada daquelas terras. Em 09 de agosto de 1866, de Bezzecca, Garibaldi envia ao Comando Geral de Pádua o famoso telegrama em resposta: ‘Recebi o despacho nº1073/ Obedeço – G. Garibaldi’.” (MAIS, 2015)

¹⁵⁸ Após a unificação do Reino em 1861, duas grandes questões eram vistas pela classe política como entraves para o bom prosseguimento das políticas nacionais: a primeira, a questão de Veneto, fora resolvida em 1866; a segunda, seria a libertação de Roma do controle pontifício, que mantinha grande influência nas decisões políticas. À época, Roma ainda era um presídio francês, que defendia a soberania papal. A guerra franco-prussiana foi o momento ideal para resolver a questão romana: com a derrota francesa para os prussianos em 1870, as tropas italianas finalmente conseguiram tomar o território romano e anexá-lo ao Reino d'Itália, desta vez pela força e sem acordos (PROCACCI, 2009, p. 395-398).

muito timidamente de namorico¹⁵⁹ muito timidamente com o único e muito tímido filho dessa senhora, de dezenove anos, chamado Agostino.

O fato é que houve muita choradeira e que se Marco Leccio não recebera uma seca recusa, o deveu ao assombro que tomou as duas mulheres e o tímido jovem frente à prepotente e impetuosa segurança com que ele veio impor seu direito: o direito que lhe vinha da promessa sagrada feita ao irmão, morto heroicamente.

- Amor? Mas que amor! Bobagens! Dever. Obrigação sacrossanta à qual não podia faltar. Por acaso ele, republicano, não tinha seguido Garibaldi que lutava em nome do rei da Itália?

Quando um dever preciso se impõe, não há amor que o possa impedir; é preciso sacrificar tudo. Ele também se casava a contragosto porque não se sentia adequado ao matrimônio. Mas fazer aquilo de que se gosta é fácil; é preciso fazer aquilo que é difícil; obedecer a um dever mesmo que não goste dele.

Marco Leccio não pensou que o único desejo de Casimiro Sturzi, ao confiar-lhe, morrendo, a irmã Marianna, era que ela não ficasse sozinha e encontrasse um sustento na vida; que tendo ela encontrado esse sustento naquele jovem com quem talvez seria mais feliz, ele poderia livrar-se da promessa do casamento. Não pensou nisso; não quis pensar. Ou, antes, não quis aceitar este pensamento porque lhe pareceu sugerido por seu interesse, uma vil conciliação com sua consciência.

Vamos lá, casar!

E casou. Se a esposa não era adequada para aquele tipo de casamento, ele tinha tanto ímpeto em si e tanto fervor patriótico que bastava não apenas para a mulher, mas também para todos os filhos que viriam: dez, quinze, vinte. Não os contaria.

Vieram oito: cinco homens e três mulheres, cujo elenco aqui está, por ordem de idade:

- 1° Giuseppe (*Garibaldi*), que já tem 44 anos; mas não se pode falar disso;
- 2° Bezzacca, mulher do bom senhor Truppel, 41;
- 3° Anita, 38;
- 4° Defendente, 33;

¹⁵⁹ No original, "*pareva se l'intendesse*", ou seja, mantinham uma relação de natureza íntima às escondidas. A expressão *estar de namorico* pode trazer a mesma ideia: que os dois mantinham uma relação amorosa não assumida e sem compromisso.

5° Nino (*Bixio*), 29;

6° Teresita, 24;

7° Canzio, 21;

8° Giacomo (*Medici*), 18.

- As mulheres, - diz Marco Leccio, - nunca devem ser deixadas no ócio. Fiz minha mulher ter filhos até os 47 anos.

E acrescenta, orgulhoso:

- Giacomino, o meu último, tem um ano a menos do que o primeiro filho da minha filha Bezzecca. Quis ainda, já avô, ser pai, e que minha mulher, já avó, fosse mãe.

Não diz quantas aflições e quantas dificuldades lhe custou mantê-los, educá-los, com aquele seu ânimo sempre pronto a submeter-se ao jugo das necessidades mais ásperas e duras, pois é, mas, por outro lado, sempre rebelde a todas as pequenas concessões e humilhações, às quais qualquer um deve curvar-se por fim se quiser lutar por um lugar seguro e respeitado na vida.

As lutas políticas, sua aberta profissão de fé republicana, a indignação feroz por todos os atos da mesquinha vida nacional italiana ao longo de tantos e tantos anos, fizeram-lhe perder três vezes os frutos de seu suor; esteve duas vezes na prisão, uma delas exilado¹⁶⁰; e todas as vezes precisou recomeçar do zero. Vinte anos de Agro romano¹⁶¹ com a licitação que vencera a empreitada de saneamento, do qual, por fim, com o corpo já debelado por enfermidades, foi obrigado a retirar-se. Deram-lhe, decerto não a fartura, mas o suficiente para viver com tranquilidade, agora, modestamente, seus últimos anos com a mulher e os três filhos que ficaram em casa.

É preciso reconhecer que o casamento patriótico não impediu a senhora Marianna de ser uma ótima esposa e uma ótima mãe, assim como não impediu Agostino Lanzetti, que por desgosto se tornou padre pouco depois daquele casamento, e que agora se chama Dom Agostino, de continuar sendo bom amigo da família Leccio, não obstante o contraste de opiniões políticas e não obstante a maior dor que Marco Leccio tivera em sua vida e cujo autor foi, embora inconsciente,

¹⁶⁰ No original, "*una volta al confine*". Notemos que pode surgir aqui uma interpretação dupla: *confine* no sentido de fronteira, feito prisioneiro em algum lugar na fronteira italiana – de acordo com o contexto da narrativa, na fronteira entre Itália e Áustria, ou no sentido de confinado, exilado, ou seja, Marco Leccio pode ter sido forçado ao exílio por ser considerado politicamente perigoso.

¹⁶¹ Área rural aos arredores da cidade de Roma.

precisamente Dom Agostino: ou seja, a degeneração de seu primeiro filho, hoje operador de caixa em uma loja de artigos religiosos na praça da Minerva.

Pode-se deduzir, por essa profissão de caixa em uma loja de artigos religiosos, em que sentido Marco Leccio chame seu primeiro filho de degenerado.

Impusera-lhe na pia batismal o nome de Garibaldi: agora, nas raras vezes que lhe acontece mencioná-lo, chama-o, com o rosto exprimindo desdém e escárnio, de San Giuseppe.

Dom Agostino Lanzetti, inicialmente cansou de jurar e afirmar que não tinha nada a ver com aquilo, que de forma alguma se sentia responsável pelos sentimentos e pelas opiniões que, havia tantos anos, afastaram aquele filho do pai. Porém agora, não tenta mais. Não tenta mais desde que Marco Leccio, para não ofender a mulher, chamou-o para um canto e lhe disse, olho no olho:

- Dom Agostino, cale a boca! A culpa é sua. Sua, porque minha mulher, quando concebeu aquele infeliz, o que foi no primeiro ano do nosso casamento, sempre chorava, e chorava por você que se tornara padre. Por isso aquele filho ali nasceu de cercilha. Entendeu? Cale a boca.

Sorte que a influência eclesiástica teve tamanha força apenas sobre o primogênito, e sorte que depois vieram duas mulheres, Bezzecca e Anitta, nas quais aos poucos se atenuou, até quase desaparecer. O quarto e o quinto filho, Defendente e Bixio, também causaram dor ao seu coração republicano quando quiseram entrar para a milícia régia. Mas hoje Marco Leccio está feliz e orgulhoso que tanto o primeiro, capitão de artilharia, quanto o segundo, tenente de infantaria, já estão no front junto com o sétimo filho, Canzio, subtenente auxiliar dos granadeiros da Sardenha.

Quanto a Giacomino... Bem, no dia 21 de julho, aniversário da batalha de Bezzecca...

IV

Tudo pronto, tudo pronto... Camisa vermelha e medalhas comemorativas no peito; não por uma vil ostentação, mas para se vestir de acordo com sua intenção de alistar-se aos sessenta e sete anos voluntário para uma guerra que deve ser continuação e remate daquela de 1866.

No dia 21 de julho, aniversário da batalha de Bezzocca, Marco Leccio trancara-se em seu escritório, transformado desde o início de agosto do ano passado não apenas em um campo de batalha, mas em vários campos de batalha; junto com o velho veterano Tiralli, seu auxiliar de campo, ou antes, seu humilde ordenança, esperava que Giacomino descesse para alugar um carro, não querendo ir a pé, tão paramentado, à caserna da 82ª infantaria.

Apenas isso era o que faltava. Ânimo ele tinha; vontade, também. Por acaso, a vontade não é tudo?

Dom Agostino Lanzetti, que com a idade e os perseverantes estudos latinos havia tornado, à semelhança do corpo, o espírito sutilíssimo e aguçado como seu queixo, e argudo como seu nariz, para tranquilizar as mulheres na saleta de jantar, isto é, a senhora Marianna e a filha Teresita, dizia que não: um não direto e reto¹⁶², como sua cara de alfarroba seca. Não, que a vontade não era tudo. Aquela de Deus, sim; mas aquela dos homens... – por acaso a vontade dos homens anda sozinha? Precisa de duas boas pernas para caminhar.

- E Marco, – dizia – podem ficar tranquilas: caminha de bengala!...

A ciática. Marco Leccio a tivera com pouco mais de quarenta anos no interior romano. Uma daquelas!... Mas uma daquelas!...

Fez de tudo para se livrar dela. Tratamentos heroicos. Até a cauterização. Não adiantou nada. E com os ataques frequentes, que muitas vezes duravam mais de um mês, a perna direita acabou ficando um pouco mais curta. Mais que um pouco. Ele, porém, não quer admitir e afirma que não é verdade.

Marco Leccio quer ter o mérito de caminhar livre e expedido, charuto na boca, olhar hilário e bengala erguida, com aquele tormento que nunca o deixa. Uma dor silenciosa e contundente. Uma dor descomunal que ora lhe dá frio, ora lhe aquece a perna. E certos comichões e formigamentos... Nada. Quer ser mais forte que sua dor, a qualquer custo.

Aos nove anos, em 1857, para aprender a sofrer pela pátria, obrigava os companheiros de jogo a arrancar-lhe os cabelos da cabeça, um por um. Exibia a cabeça e, apertando as pálpebras e apertando os braços cruzados no peito,

¹⁶² No original, “*un no liscio come la sua faccetta di carruba seca*”. Refere-se as características físicas da alfarroba *in natura*, uma vagem envolta por uma casca comprida e lisa. Ao passar pelo processo de secagem, assume um sabor adocicado, próximo ao do cacau. Ao traduzir por *direto e reto*, é possível transmitir a ideia do formato da casca que envolve esse tipo de vagem e, por conseguinte, a fala sem poucos rodeios de Lanzetti.

mandava: - *Arranquem!* Agora, já velho, com aquele achaque no corpo, cerra os dentes, e lá vai ele, obriga-se, em noites de tortura, até ao decúbito sobre a coxa afetada, quando porém o acesso não é daqueles famosos, porque então seus espasmos são tão atrozes que não tolera nem sequer a visão de uma mão que tencione rentear sua perna. Grita, como se a tivessem tocado. Às vezes, apenas inspirando, o respiro se transforma em um grito: - *Ai!* E quando se esquentava com alguém ou com alguma coisa (o que, para dizer a verdade, acontece com frequência), embora ele sempre reclame estar querendo raciocinar, no meio dos raciocínios, eis que irrompe em uma blasfêmia inesperada ou em uma imprecação feroz que deixa todos pasmos, boquiabertos, porque parece que aquela imprecação não tenha a ver, e de fato não tem: é voltada ao nervo ciático, que não aceita aquelas exaltações.

Não aceita nada, nada, aquele nervo ultramaldito! Por isso, quando Marco Leccio está mais enfurecido, sempre se põe a organizar o cômodo, arrumando os pequenos objetos sobre os móveis. Parece estranho. Uma curiosa incongruência: mas não é. Instintivamente, enquanto seu ânimo está à flor da pele, faz aqueles gestos para aplacar, para não mexer sua ciática que quer calma, ordem e repouso: procura dar-lhe isso por fora, em volta, não podendo por dentro. Mas aquela nojenta é tihosa! De repente, à revelia, lhe dá uma pontada, uma pinçada. E então, bum! Marco Leccio atira no chão o pequeno objeto que estava para colocar em seu lugar com tanta gentileza, bem no meio da fúria.

- A vontade – acrescentava Dom Agostino Lanzetti naquela manhã do dia 21 de julho para as duas mulheres na silenciosa saleta de jantar – digo a vontade deles, os homens querem protegê-la a qualquer custo; e para salvá-la, se ela não souber ficar nos limites do possível, chamam-na de veleidade. Se uma mulher quiser ser homem, se um velho quiser ser jovem... Veleidade! Coisas ridículas e lastimáveis. Verão que Marco pode querer o quanto quiser: mas não vai poder. E se ele não quiser entender isso, os outros vão dar um jeito para que entenda. Fiquem tranquilas.

Giacomino também estava lá, sem conseguir decidir se subia no carro, não porque ele também não visse a hora de se apresentar na caserna para também se alistar como voluntário; mas porque tinha de se apresentar com o pai.

Muitas vezes é uma grande dor e uma grande humilhação para os filhos notar que os outros não dão e não podem dar, ao próprio pai, aquela mesma realidade que eles lhe dão. Para eles, o pai é assim como o amam e o respeitam em casa, em família, em toda aquela parte da vida deles que permanece ligada e submissa ao afeto paterno, à autoridade paterna. Mas fora, na relação com os outros, é muito triste a impressão que têm os filhos ao ver o pai afastar-se da realidade deles para entrar naquela que os outros vão lhe dar. Logo percebem qual é, esta outra realidade, e sofrem por isso. O pai não percebe e olhando nos olhos do filho, nota que ele o deixou como sozinho, abandonado; que está ao seu lado em uma espera penosa e suspensa. Por que? O que está acontecendo? Não se sente mais seguro de si, sente que lhe falta um apoio, o apoio habitual de seu filho na própria realidade. Como assim? O que foi?

- Nada, meu pai... – sorri aflito o filho. E gostaria de levá-lo embora rápido, para não deixá-lo tão exposto à ridícula realidade que assumiu para os outros, seu pai que é velho e não sabe que hoje em dia não se pensa mais desse jeito, não se anda por aí vestido desse jeito, com esse tipo de chapéu, por exemplo, e não se fala mais desse jeito, e não se ri mais desse jeito, e assim por diante. Mas como dizer essas coisas ao pai?

Giacomino fremia, naquela manhã, sentia um nó nas entranhas só de pensar no ar, na pose com que o pai se apresentaria à comissão de alistamento da caserna, paramentado daquela maneira; as palavras que diria à comissão, sem entender que agora a oferta de si deve ser feita com modéstia e seriedade.

Não que Giacomino, notemos bem, acreditasse que a intenção do pai ao oferecer sua vida não fosse verdadeira. Sabia bem quem era seu pai e o quanto a prezava, a vida e suas coisas mais caras, não apenas frente a uma questão de honra, mas também a qualquer coisinha, como demonstrara tantas vezes. Mas o jeito! A maneira! Tudo aquilo que o pai dizia havia onze meses sobre a guerra europeia, lá no escritório com o veterano Tiralli, debruçado ora sobre este, ora sobre aquele mapa repleto de bandeirinhas dos vários fronts de guerra, estendidas em tantas mesas tipo cavaletes. Deus me livre se começasse a repetir aquilo, ali, diante da comissão!

Suava frio, Giacomino, só de pensar. Dom Agostino Lanzetti o empurrou para dentro do carro.

- Vai, vai, meu filho; não o deixe esperar muito. Sabe bem como ele é... Por enquanto está ali, distraído-se com Tiralli, falando da guerra, mas se afinal perceber que está atrasado, vai ser encrenca!

Giacomino foi e, infelizmente, dali a pouco, tudo aquilo que havia imaginado ter que passar, realmente passou na caserna da 82ª infantaria.

V

A comissão era composta por um tenente coronel, por um major relator, por um capitão médico e por um capitão contábil, na sala médica.

Marco Leccio apresentou-se orgulhosamente carrancudo, com os dentes cerrados, a mandíbula convulsa e as narinas alargadas, pelas quais o arquejo soltava como dois tiros de canhão de fumaça. Mas não pela emoção patriótica, nem para se exibir, como Giacomino acreditava. Por um motivo bem diferente! Descendo do carro em frente ao portão da caserna, Marco Leccio sentiu a já conhecida fisgada na dobra do glúteo e agora fazia esforços hercúleos para não deixar transparecer nada, enquanto ia em direção à Comissão.

Foram três os suplícios de Giacomino. O primeiro, quando o tenente coronel considerou estender um belo cumprimento ao veterano garibaldino que vinha voluntariamente oferecer-se; o pai, comovido, com uma mão no peito, pôs-se a dizer:

- Esta guerra, senhor coronel, apenas nós deveríamos combatê-la! Nós. Porque é nossa guerra. Aquela que nos obrigaram a interromper no melhor momento, em 1866! A vergonha, a repulsa de mais de trinta anos por uma aliança detestável com nosso inimigo, fomentados pela indignação, pelo horror das atrocidades cometidas por nossos aliados de ontem, senhor coronel, tiveram de roer o freio de uma paciência desumana. E agora que finalmente este freio se rompeu, agora que a repulsa e o ódio sufocados por mais de trinta anos irrompem e agridem, aqui está, aqui está como nos encontramos, senhor coronel. Nós, todos os desta nossa geração desgraçada a quem, após Bezzecca, coube a vergonha da paciência e a ignomínia de uma aliança com o inimigo irreconciliável. Velhos como estamos, quase acabados, e temos de mandar ao front os nossos filhos, nos quais talvez a repulsa não frema e o ódio não arda como em nós! Mas nós, não, senhor coronel!

Nós, assim velhos como estamos, precisamos estar adiante, à frente de todos! Assim como em Bezzecca, à minha frente, foi posto o meu pai! Os filhos têm de nos ver cair, a nós, os velhos, para que assim o ódio, o furor da vingança inflamem neles como em nós, e se iguale àquelas forças que em nós, velhos, faltam! Já tenho três filhos em campo e venho trazer este último. Queremos ser soldados simples, senhor coronel, tanto eu quanto meu filho. Tenho também dois netos lá, na fronteira: um sacerdote, cabo sanitário, filho de meu filho mais velho e o filho de minha filha, oficial de complemento. Gostaria, senhor coronel, de ficar na infantaria sob o comando desse meu neto!

Por sorte o tenente coronel e os outros da comissão, de início um pouco atordoados, acolheram aprovando com um sorriso simpático aquele discurso empolado.

O segundo suplício de Giacomino foi na conferência dos documentos, quando o major relator encontrou assinalada na folha corrida do pai as três condenações políticas.

- Canceladas! Já foram canceladas senhor major! – exclamou com altiva dignidade Marco Leccio. – Eu as cancelo, apenas com o fato de agora me apresentar como voluntário. Foram-me inflingidas porque nunca soube ficar quieto diante daquela humilhação que relatei há pouco, e três vezes rebelei-me com meus camaradas¹⁶³ de fé republicana. Agora que não existem mais partidos na Itália, agora que a Itália faz seu dever, estas condenações caem por si, são canceladas. Haveria ainda uma quarta e mais recente, senhor Major, que não esta assinalada aí, pois foi uma condicional.

- Ah sim? A quarta? Por que? – perguntou o major.

- Porque xinguei Truppel de porco, senhor major.

- Truppel, o almirante alemão?

- Não senhor, Truppel, irmão de meu genro. Um porco suíço-alemão. Minha filha se chama Bezzecca, senhor major, e eu não consegui tolerar que a este nome fosse adicionado aquela porcária de sobrenome alemão. Meu genro, que é um bom homem, estava pronto para trocá-lo. O irmão não quis saber e então... Bobagens, uma queixa por injúria... 43 liras de multa... Condenação condicional...

O último e mais grave suplício de todos foi na consulta médica.

¹⁶³ No original, “*compagni*”. Em português, *camarada* é o tratamento dado aos soldados.

Quanto a ele, Giacomino, um rapagão rosado na flor da idade de ombros largos e tudo, não havia o que discutir: imediatamente aceito como atirador de elite voluntário¹⁶⁴. Mas quando chegou a vez do pai...

Era visível, santo Deus, as marcas da cauterização ali na coxa, as marcas das supurações dos tantos vesicantes¹⁶⁵ que tinha aplicado com a pomada epispástica, e as marcas das ventosas e das sanguessugas. Não senhores! Assegurar e afirmar que não era nada; que podia marchar, até dias inteiros; que só às vezes, de início, sentia certa dificuldade para se mexer, mas que logo depois os movimentos se soltavam, se liberavam, ágeis como se nada fosse. – O que, a perna? Encurtada? Mas que encurtada que nada! Onde! Normalíssima!

Acontece que, a certa altura, assim que o médico capitão esboçou um toque muito leve na sua coxa, instintivamente ele teve um reflexo de afastá-la, estremecendo. Sofria havia meia hora, ali em pé, espasmos infernais!

O tenente coronel, homem muito bom, admirado, comovido e ainda sorridente pela ingenuidade daquela generosa dissimulação, apesar de tão evidentes que eram as marcas da enfermidade ali na coxa, tentou fazê-lo entender que a comissão estava muito disposta a acolhê-lo, pois em geral, sem sofismar, ampliava-se o alistamento dos veteranos pelo prestígio de seu aspecto e de seu passado. Portanto, sem dúvida o mandaria ficar fardado. Mas enviá-lo ao front, em sua consciência, não podia. Podia torná-lo útil, muito útil, fazendo-lhe prestar serviços no comando, etc. Mais que isso, não podia.

Marco Leccio não teve ímpetos, não irrompeu, exatamente; aliás, nem sequer se ofendeu; contudo, não pôde esconder certa indignação com a proposta: nem tanto pela proposta em si, quanto em relação àquilo que ele, por seu lado, se propunha a fazer.

¹⁶⁴ No original, “*bersagliere ciclista volontario*”. Unidade de elite e de alta mobilidade criada pelo general *La Marmora* em 1836 para servir o Reino da Sardenha e depois incorporado ao exército real italiano. Como não há palavra correspondente em português, optou-se pela *omissão* da palavra *ciclista*, já que ele não interfere na construção principal de significados da sentença, aquela trazida pelo fato de Giacomino ter sido aceito como atirador de elite.

¹⁶⁵ Dentre eles, podemos citar a *Cantaridina*, “usada medicinalmente como vesicante [...] a droga ganhou grande popularidade na Europa depois de ter supostamente ajudado Luís XV e Fernando II de Aragão [...] Os gregos também usavam a cantaridina como vesicante, supondo que, quando aplicada a alguém que teve uma doença ou febre, a ação das bolhas retiraria as toxinas do corpo, livrando-se da doença [...] O uso da cantaridina como produto farmacêutico ganhou popularidade em todo o mundo até o início do século XIX, antes que testes demonstrassem que a cantaridina tinha poucos efeitos terapêuticos e causava a morte em muitos estudos de caso.” (SCHMIDT, 2005)

- Vestir-me para ser figurante, não, senhor coronel! Comando quer dizer... Escrivão? Ficar aqui escrevendo no papel? Papel por papel, senhor coronel, os tenho todos em casa, os papéis de guerra. Farei a guerra em casa, nos mapas.

Assim, Giacomino ficou e ele retornou dali sozinho no carro, melindrado, derrotado, com tamanha misantropia melancólica estampada em seu rosto que não podia ser causada apenas pelo desespero com aquele desengano.

De fato, não dependia apenas disso. No fundo, ele não se tinha enganado; tinha previsto. Certamente teria-lhe agradado bastante ir morrer lá no alto das montanhas; mas não havia tentado se alistar quase desesperadamente apenas por isso. A consciência de suas condições físicas talvez o teria desaconselhado. Outra razão o tinha impelido, que não queria mostrar nem sequer a si mesmo: Giacomino.

Dizer-lhe não, opor-se ao propósito que esse seu último e mais querido filho lhe havia manifestado, de alistar-se voluntário para seguir os três irmãos, não podia e não devia; por todo seu passado, pela educação que lhe havia dado, não podia e não devia. Mas separar-se do filho, deste seu último filho, que sozinho lhe fizera sentir aquilo que talvez todos os outros juntos não lhe tinham ainda feito sentir, a ternura paterna, até o ponto de acreditar ser capaz de qualquer vileza só ao imaginar um risco qualquer que ele pudesse correr; separar-se desse seu filho ele tampouco sabia. Apenas por isso havia tentado.

Agora, não sofria mais por nada. A quem não sabia o motivo (e ninguém sabia), podia parecer ridículo todo aquele desespero por não ter sido aceito voluntário aos 67 anos.

VI

Somente uma alma grosseira é incapaz de perceber o desgosto que deve sentir um magnífico sofá de bojudá compostura, uma poltrona macia de franjas longas até os pés, se sobre a mesinha ali em frente um criado vier colocar distraidamente, ou para acudir rapidamente à solicitação do patrão, um bule fumegante da cozinha, ou se a criada esquecer no encosto daquele sofá ou no braço daquela poltrona um pano sujo ou o espanador depenado.

Os móveis também têm uma sensibilidade que quer ser respeitada.

O escritório de Marco Leccio, quanto a isso, não foi minimamente ofendido por sua transformação, desde o início da grande guerra europeia, em vários campos de batalha. Havia tempo já estava predisposto para tanto, aliás, em boa parte já estava encaminhado.

De escritório, propriamente, nunca tivera mais que uma modesta estante de livros; todos, diga-se de passagem, de temas históricos e bélicos, sobre o risorgimento italiano¹⁶⁶ e sobre as conspirações das sociedades secretas. Tinha ainda uma escrivaninha marchetada, à moda antiga, daquelas com uma prateleira com compartimentos à frente, para a correspondência. Ao lado desta escrivaninha, uma prateleirazinha com velhos registros administrativos da propriedade do Agro romano, dos quais, como vimos, o retorno mais conspícuo para Marco Leccio foi a ciática. Além disso, as quatro paredes ao redor estavam cobertas de gravuras, também de guerra: a batalha de Calatafimi, a expedição de Sapri, San Fermo, Aspromonte, a partida de Quarto¹⁶⁷, a morte de Anita; e de retratos: aqueles de Mazzini e Garibaldi, não é preciso dizer, de Nino Bixio e de Stefano Canzio e de Menotti, de Felice Orsini e de Guglielmo Oberdan¹⁶⁸. Além disso, na parede da frente, à guisa de panóplia ou troféu, recordação da campanha de Trentino, Marco Leccio havia pendurado seu velho mosquete regulamentar cruzado com o grande sabre de oficial do seu pai, Defendente Leccio. Acima, o mote de Garibaldi, em letras garrafais: *Fate le aquile*¹⁶⁹; no meio, seu quepe de garibaldino e uma faixa de

¹⁶⁶ Movimento que buscou a unificação das regiões submetidas aos mandos e desmandos de nações estrangeiras em um único reino, o *Reino d'Italia*.

¹⁶⁷ Na sequência cronológica: a *expedição de Sapri*, chefiada pelo revolucionário Carlo Pisacane, ocorreu em 1857. Foi uma das primeiras tentativas – fracassadas – do *Risorgimento italiano*. Pisacane pretendia partir do porto de Genova e chegar até a ilha de Ponza, onde libertaria prisioneiros políticos que ali estavam encarcerados. De lá, partiriam para Sapri, perto de Salerno, de onde iniciariam uma revolução popular que se pretendia estender até Nápoles, mas quando desembarcaram na costa de Salerno, foram recebidos com hostilidades pelos habitantes dali, que foram avisados pelas autoridades borbônicas do desembarque eminente de “fugitivos perigosos”; a *batalha de San Fermo* ocorreu em 1859, próximo a Como, norte da península, onde as tropas garibaldinas obtiveram sucesso, expulsando os austríacos daquela região; a *partida de Quarto*, cidade costeira de Genova, foi de onde Garibaldi partiu com seus 1084 revolucionários para Marsala, na Sicília, em 5 de maio de 1860, para iniciar as batalhas de anexação do Reino das Duas Sicílias; A *batalha de Calatafimi* fez parte da *Expedição dos Mil*. Ocorreu em 15 de maio de 1860, quando as tropas de Garibaldi invadiram o Reino das Duas Sicílias visando anexá-lo. Não foram capazes de concluir a questão, mas abriram caminho para a tomada de Palermo; por fim, a *batalha de Aspromonte* ocorreu em 1862 na região da Calábria. A batalha pretendia marchar até Roma para anexá-la, mas fracassou, tendo como resultado a prisão de Garibaldi (PROCACCI, 2009, p. 387 et. seq.).

¹⁶⁸ Todos os nomes citados no trecho foram figuras importantes que contribuíram para o processo de unificação italiana.

¹⁶⁹ Referente a batalha de Bezzecca, Macoratti (2019) relembra que “A derrota parecia inevitável quando os rumos da batalha mudaram: Giuseppe Garibaldi chegou na batalha às oito e deu ordens

veludo – vermelha, obviamente – na qual estavam afixadas as medalhas. Mais embaixo, emoldurada, uma carta escrita por ele do Forte d’Ampola em 19 de julho de 1866 a um amigo de Roma, com um retalho da bandeira austríaca tomada ali.

Não podiam, portanto, ficar ofendidos todos aqueles livros de história do Risorgimento e aqueles retratos e aquelas gravuras de guerra e aqueles sabres e aquele mosquete, por um primeiro e grande mapa, palco de guerra no front ocidental, fixado em uma mesa de engenheiro tipo cavalete; depois por um segundo mapa, não menor, palco da guerra no front oriental, em outra mesa também sustentada por cavaletes; e depois por ainda um terceiro, menor, dos Balcãs até a Ásia Menor; e agora, por fim, por dois últimos, da nossa guerra: o mapa do Trentino e o outro da Venezia Giulia.

Sobre cada um desses mapas, uma lâmpada elétrica pende do teto pelo fio e o bobeche. Cinco lâmpadas elétricas, todas acesas à noite, que dão uma boa luz.

Marco Leccio, discutindo os vários planos estratégicos dos Alemães e dos Aliados, os progressos, as retiradas, os cercos às fortalezas, as resistências dos campos entrincheirados, ou com seu ajudante de campo, o veterano Tiralli, ou até com Dom Agostino Lanzetti, passa fulmíneo de um palco de guerra ao outro e quer que suas indicações, seus rastros, seus movimentos sejam claramente vistos e seguidos.

Dessas lâmpadas, quatro são brancas e uma azul. A azul pende sobre o palco de guerra Trentino, que não é propriamente um mapa dos de sempre, mas um mapa em relevo de papel machê, colorido, com seus lagos e rios, morros e vales, geleiras, fortalezas, desfiladeiros, burgos, cidades, em suma, tudo, que até parece que podemos viver naquele lugar e ir sentir o frio daquelas geleiras, a sombra e o frescor daqueles vales, para alguém que já tenha estado e conheça os lugares como Marco Leccio: Salò sobre Garda, os desfiladeiros do vale Sabbia, o lago de Idro, Storo alle Giudicarle, vale Trompa e vale Camonica, Rocca d’Anfo, os vales do Chiese e do Ledro com Ampola, e vale Conzei...¹⁷⁰

para que se fizessem de ‘águia’, ou seja, para tomar as alturas a direita; ordenou então que o 7º regim. e as linhas de frente do 5º atacassem [...] Os Austriacos na linha de fogo foram obrigados a recuar [...] O General austríaco Khun evacuou o Tirol alemão [...] Mas na manhã do dia 25 chegou a notícia da trégua de uma semana, que se prolongou até a semana de 3 de agosto. Por fim, no dia 9 de agosto chegou a ordem para evacuar Trentino.”

¹⁷⁰ O narrador elenca, como em uma pintura, as localidades que ficam a noroeste do lago de Garda, localizado a sudoeste da região de Trentino.

Marco Leccio apaga as outras quatro lâmpadas e deixa acesa essa última azul, para espalhar do alto uma luz noturna, uma branda luz de luar que guarde e aumente a ilusão de realidade daquele relevo colorido. Não que sejam pequenos porque falsos, de papel machê colorido, aquele lago de Garda e aqueles vales e montes: não; são assim, pequenos, porque ele os observa de muito longe. Estão ali, diante de seus olhos? Sim, é verdade. Mas distantes, na memória, é o dia desde o qual os observa. E esta distância, que é de tempo, tem também o efeito, pois é, de fazer com que os veja pequenos, aqueles notáveis lugares de verdade.

Passa noites inteiras observando aquele mapa, com o olhar sonhador sabendo que ali, nos cumes mais altos, nos desfiladeiros mais difíceis, no meio da neve, nas geleiras, entre as rochas, também se combate à noite, rechaçando os ataques insidiosos do inimigo, conquistando outros desfiladeiros, outros cumes; e que em um desses cumes mais disputados está seu filho, capitão de artilharia, aquele que carrega o nome de seu pai. O que estará fazendo numa hora dessas? Guardar no peito o ardor da fé, no gelo das altas montanhas, gelo que punge e prosta, e no meio do nevisco pungente, na neblina que exila, na angústia de uma tenebrosidade atônita e espantosa, no meio das tempestades de neve, naquela solidão tão enorme da natureza, a ponto que a companhia de poucos homens não é suficiente para confortar, é muito duro! Os montes vingam-se dos pequenos homens que ousam violar lá no alto sua eterna paz. E são eles, os montes, os inimigos mais formidáveis. Talvez nessa hora, seu filho, no reduto cavado atrás de uma trincheira profunda, esteja empenhado em um duelo noturno de artilharias. De uma hora para outra, quem sabe! Suas peças de artilharia podem ser reconhecidas, e então... Uma granada...

Marco Leccio recua, e se defende com as mãos, e contrai o rosto pela dor lancinante, como se a granada o atingisse. Depois, cerra os olhos e esforça-se para distrair o ânimo da imagem do seu filho em perigo, reevocando as antigas memórias da campanha garibaldina, lá no alto. Aos poucos, todas as memórias ganham nova vida, trazendo-lhe de volta as ansiedades, os frêmidos, as aflições, as alegrias, as dores, as raivas de então. Arfa, bufa, arregala os olhos ou os crispa, torce o nariz, alegrando de repente o rosto com a boca entreaberta pelo sorriso venturoso, e uma lágrima goteja lenta de um olho. Por que? Por nada, não! Entrou, à noite, em uma casa de campo do vale de Ledro. A lareira monumental fica no meio da sala rústica,

debaixo da coifa que lembra uma tremonha enorme de ponta cabeça, toda afuliginada por dentro. O vento geme contínuo pela garganta preta da lareira, da qual pende uma corrente, em cujo gancho está suspenso um tacho fumegante. Ao redor, ao abrigo da coifa, estão sentados os camponeses da casa, que falam sérios naquela voz contínua do vento tenebroso... Pois bem, chorar por isso? Não: é aquela saudade angustiante que, aos que estão precariamente de passagem em algum lugar, causa a vida estável dos outros naquele lugar, uma vida vislumbrada e saboreada por um instante, tão intensamente, que toda a alma, para sempre, fica permeada e na recordação pode voltar a vivê-la, a saboreá-la, a fechar-se nela, como se lá fora não existissem mais os tantos acontecimentos de antes ou depois, as incertezas e as dificuldades do caminho, os desejos, os pensamentos que não têm sossego!

O veterano Tiralli não entende nada disso; muitas vezes, Marco Leccio se indigna e o insulta por isso, porque gostaria de ser compreendido e ajudado ao menos por ele, iludindo-se que de certo modo, ali naquele escritório, em todos aqueles mapas, eles também estejam lutando de verdade.

VII

Para dizer a verdade, o pobre Tiralli está muito preocupado com sua miséria. Miséria absoluta e ainda assim nada simples, porque complicada pela sua qualidade de veterano das batalhas patrióticas, que lhe impõe certa dignidade que, quando mais ele a considera, tanto mais o atordoa.

Não come todos os dias o veterano Tiralli, mas todos os dias penteia com zelo os muitos cabelos lanosos que pela graça de Deus lhe sobraram; todos os dias, esforça-se por um bom tempo fazendo a barba com um toco de vela a seu pelote engomado, a seus punhos amarelados e desfiados¹⁷¹. Sempre carrega no peito as medalhas, não por vangloria, mas para distrair a atenção dos curiosos de seus sapatos e de sua roupa, e também porque não passa um dia sem que faça um serviço de cortejo fúnebre.

Acompanhou-os todos, um por um, seus camaradas mais velhos e também os mais jovens que ele. Pode-se ter certeza que em cada portão de casa em que um

¹⁷¹ No original, “*a far la barba con un mozzicone di candela al suo colletto inamidato, ai suoi polsini ingialliti e sfilacciati*”. A personagem queima à vela os fios desfiados das costuras de seu pelote.

veterano morreu, do lado da mesinha onde se recolhem as assinaturas dos presentes, está ele, Tiralli, com as medalhas no peito, chorando muito dignamente.

Terminado o cortejo, fica com um olhar daqueles, caminha com passos daqueles, fala com uma voz daquela, como se sempre estivesse atrás de um carro mortuário.

Marco Leccio o socorre como pode e muitas vezes o detêm à mesa com ele, procurando de todo jeito sacudi-lo daquele fúnebre aturdimento. Mas o sacode demais e o atordoa mais ainda. Gritos, berros... E depois exige dele, ali nos campos de batalha do escritório, certos serviços de deslocamento de bandeirinhas nos quais o pobre veterano Tiralli quase sempre se sai mal, debilitado como está das vista e com as mãos demasiado trêmulas.

- Como assim? O que foi que você fez? Mas essa é a Haute Chervauchée¹⁷²! O que tem a ver Haute Chervauchée? Crava bem ali a bandeira francesa? Mas onde? Mas quando? Não quer entender que os franceses não se movem? Tomada? Quando? Que tomada o quê! Malemal enviaram algum tiro de canhão!

Nos últimos dias, o pobre Tiralli suou diversas camisas com grande tremor no corpo por medo de errar, correndo com as bandeirinhas alemãs e austríacas atrás da retirada russa, primeiramente dos Cárpatos, depois da Galícia e agora da Polônia!

Foi uma retirada desabalada, a toque de caixa, para não ter que considerar mais nada! Mas claro que não! Uma retirada daquelas que é preciso acompanhar de olhos bem abertos; uma retirada da qual Marco Leccio exalta a milagrosa sabedoria com tamanho fervor que ai dele se, entre seus dedos tremulantes, uma bandeirinha alemã ou austríaca correr demais e for fixada em um lugar ainda defendido valorosamente pelas retaguardas russas. Dois dias antes da queda, apontou por engano sobre Kovno¹⁷³ uma bandeirinha alemã. Por milagre Marco Leccio não o comeu vivo.

- Ah, já está tomando Kovno, sua besta? Tire já daí essa bandeirinha! Kovno resiste e ainda resistirá por um bom tempo, estou dizendo!

¹⁷² Região que localiza-se a nordeste da França, a cerca de 60km da fronteira com a Bélgica, um dos palcos da guerra.

¹⁷³ Kaunas: cidade que atualmente pertence ao território da Lituânia.

Agora que Kovno caiu, Tiralli poderia fazê-lo notar que, afinal, seu erro foi mínimo. Não disse nada. Tornou a pregar a bandeirinha. Marco Leccio, ao vê-la, remugiu:

- Não via a hora, diga a verdade! Mas ainda tem muito para acontecer, sabe? Com este seu senhor Hindenburg, grande estrategista qual o quê¹⁷⁴!

A estratégia, não apenas alemã, na verdade, mas em geral toda a estratégia científica moderna provocou e continua provocando em Marco Leccio uma indignação que não poderia ser maior.

É que alguém, conversando com ele, teve a infeliz inspiração de tocar numa assunto que não deveria ser tocado. Disseram-lhe que perante esta guerra todas as outras que a humanidade travou até então, sem mencionar as batalhas garibaldinas, mas também as mais famosas batalhas napoleônicas, tornaram-se piadas. Mas é claro, vamos lá, só considerando, por exemplo, que todos os conflitos dos exércitos regulares e dos voluntários do período do nosso risorgimento, se somados, não deram o número de mortos e feridos que nesta guerra dão certas escaramuças diárias, as quais os boletins dos Estados Maiores nem consideram.

Foi isso o que tiveram a coragem de lhe dizer, a ele, Marco Leccio, no início da guerra. Ainda não consegue se acalmar, ou se esquecer, e desconta no pobre Tiralli, como se ele tivesse dito aquilo, como se realmente o pobre Tiralli fosse um irreduzível defensor da estratégia moderna.

- Ah é? Ah é? – casquinha vez ou outra. – Poucos mortos, é? Poucos feridos?

Depois o ataca:

- E os tantos mortos de agora, os tantos feridos de agora, aos milhões, quem os causou, de onde provêm e o que concluem? Animais irracionais! Não está vendo que são o resultado dessa máquina estúpida e monstruosa da sua estratégia moderna, que devora vidas, dilacera carnes e não leva a nada? Sabe me dizer ao que leva, ao que levou até agora?

Tiralli, mudo, estacado, com uma sobrelha para cima, outra para baixo, observa-o com o comportamento de um cão fiel, repreendido injustamente pelo dono.

¹⁷⁴ No original, *grande stratega dele tenaglie dei miei stivali!*, ou seja, grande estrategista em amarrar os cadarços das minhas botas. Marco Leccio duvidava que Hindenburg pudesse ser um grande estrategista. Para ele, seria bom mesmo para amarrar seus sapatos, não para fazer uma guerra. A interjeição *qual o quê* traz esse sentido de dúvida e incredulidade.

- Aquilo a que sempre leva – continuou Marco Leccio – mesmo hoje, sempre, não está vendo que, ao contrário, é a arma antiga, a arma gloriosa, nossa arma garibaldina, a baioneta? Os nossos atiradores de elite dão prova disso todos os dias, no Isonzo, no Carso! E esses seus alemães tão elaborados, canalhas que se fortalecem com abrigos preparados e construídos por sua famosa ciência estratégica, mal veêm a baioneta, arma de verdade que precisa de coragem e não de ciência, e tremem, por Deus, erguem os braços clamando piedade!

Assim dizendo, vai a seu encontro, estendendo-se para frente, com olhos ferozes, braços contraídos, punhos erguidos, cerrados, como armados pela baioneta, para fazê-lo estremecer de verdade; mas já que Tiralli não treme e continua mudo, aprovando gravemente com a cabeça, ele se afasta, exclamando com escárnio:

- A estratégia, seus imbecis! A arte de fazer durar um século uma batalha que antes, com o ímpeto dos soldados e a genialidade dos capitães, se resolvia num piscar de olhos, em um dia no máximo! Os estudos técnicos, o material bélico, é assim que se diz? Bélico, pois é! Obuses, “ta-tum”, vocês encham a boca, morteiros 305 e 420, fuzis de tiros rápidos, metralhadoras, dirigíveis, aeronaves, granadas de mão, “shrapnells”¹⁷⁵, gás asfixiante, bombas incendiárias, tratores mecânicos, tanques, trincheiras escavadas por máquinas, blindados, minas terrestres, minas antipessoais¹⁷⁶, cercas de arame espinhoso¹⁷⁷, fios de ferro, cavalos de Frisa, bocas de lobo, projetores, foguetes e bombas de iluminação, “ka-boom”, parece uma

¹⁷⁵ Peça de artilharia que, ao explodir, poderia ampliar os danos causados aos inimigos e a área de ataque, uma vez que lançava vários estilhaços de uma só vez.

¹⁷⁶ No original, “*fogate*”. Tipo de mina de explosão construída no anteparo de uma trincheira. “Os Soldados que viram queimar uma dessas minas acreditavam estar rodeados [...] por ameaças ocultas que não podiam prever, e causavam neles uma impressão maior do que as ameaças de outra natureza [...] Para se instalar uma mina de explosão enterra-se a poucos palmos do chão do anteparo uma caixa, onde são colocadas três ou quatro granadas e cerca de vinte libras de pólvora.” (DUFOR, 1841, p. 90-92). As minas antipessoais são basicamente de 4 tipos diferentes: [...] As minas explosivas são armas construídas para mutilar e não matar, pois um soldado ferido faz com que seus companheiros deixem de combater para prestar-lhe socorro. As minas explosivas são o tipo mais comum e são construídas para atingir pés e pernas com sopro explosivo violento, e requerem pressão de cerca de 5 kg, podendo ser acionadas pelo peso de uma criança. São construídas em invólucros de plástico o que as torna difíceis de rastrear por detectores magnéticos. São enterradas e alguns modelos podem ser lançados ao ar.” (MINAS..., 2016).

¹⁷⁷ No original, “*reticolati*”: cercas de arame farpado. “A primeira menção ao uso do arame farpado em estratégias militares ocorreu na guerra franco-prussiana entre 1870 e 1871 [...] Quando as primeiras trincheiras começaram a ser cavadas, no outono de 1914, haviam sido improvisadas barreiras de arames retiradas de vilarejos próximos (o despreparo era tamanho, que nem o uso do termo arame farpado era usual entre as tropas, uma vez que eles chamavam de ‘cerca ou barreira de arame espinhoso’, uma vez que era usado qualquer tipo de arame que pudesse servir de retardo das tropas inimigas). As barreiras eram tão frágeis que usavam apenas 3 a 5 fileiras de arames.” (SCHNEIDER, 2019).

girândola. E a guerra, onde está? Ninguém a vê! Antes os homens lutavam em pé, como Deus os criou! Não senhores, agora, não bastasse ajoelhados, debruçados no chão, como cobras e entocados, quem souber resistir. Nós, não, os nossos não, pela Virgem Maria! Saltam em pé, irrompem, atiram-se de frente, com a baioneta armada, “Sabóia!”. Isso que é preciso! Nada a ver com seus mecânicos e seus farmacêuticos! A estratégia... A química... Gostaria de saber no que consiste, a não ser em um monstruoso e covarde estorvo para fazer perder em vão tempo e vidas humanas! Construir máquinas, impedimentos e abrigos para então encontrar um jeito de derrubá-los. Não seria o mesmo, então, não construí-los, se no final das contas o que realmente decide é o peito do homem que se lança entre os escombros daqueles estorvos covardes e corre ao assalto? Eu te digo para que serve toda essa ciência: serve para não fazer a guerra! Serve para ameaçar em tempos de paz, para incutir medo em quem quer a guerra, mas então quando ela é declarada, aí está, para que serve, não vê? Para nunca por um fim...

Nessa altura, intervém da sala de jantar, caladinho como uma sombra, Dom Agostino Lanzetti. Está escutando as últimas palavras aprovando em silêncio mais de uma vez, com a cabeça. Depois diz:

- Sim, amigo, para nunca por um fim. Fique certo Marco, esta não é uma guerra que se resolve militarmente.

- Ah, não? – grita Marco Leccio.

- Não, - diz firme Dom Agostino. E acrescenta: - Sabe o que se diz dos antigos Góticos?

Marco Leccio observa-o de esguelha.

- Poderia parar com essas suas eternas parábolas... Não tenho tempo para ouvi-las!

- São os ancestrais dos alemães de hoje, - responde Lanzetti, plácido e com seu habitual sorrisinho arguto. – É uma parábola que lhe pode ser útil. Diz-se, então, que os antigos Góticos tinham o sábio costume de discutir duas vezes cada façanha que tentariam: uma primeira vez, bêbados, e a segunda sóbrios. Bêbados, para que a seus conselhos não faltasse coragem; sóbrios, para que não faltasse prudência. Está claro que agora os alemães modernos perderam este costume sábio de seus antepassados. Discutiram e deliberaram suas façanhas apenas enquanto bêbados. Esperemos que rapidamente possam, sóbrios, voltar atrás em sua primeira

deliberação. Mas infelizmente ainda será preciso muito tempo, não se iluda! Muito tempo...

- Pois é! Ruge Marco Leccio – muito tempo! E sabe por quê?

Interrompe-se; faz gesto de morder as mãos; grita entredentes, torcendo os dedos na frente do rosto:

- Não posso falar! Não posso falar! Mas seria preciso muito mais do que a sobriedade dos alemães para terminar esta guerra! Seria preciso, por Deus, que todos fizessem como nós! Pronto, acabei dizendo! Veja o que seria preciso...

Salta sobre aquele troféu da parede; retira daquele mosquete de ordem a baioneta comprida como um espeto giratório de assar carne¹⁷⁸ e faz menção de enfiá-lo na barriga de Tiralli.

- Vá dizer isso a Joffre, vá dizer isso a French, vá dizer isso a Cadorna¹⁷⁹! Isso é que seria preciso!

VIII

Que a estratégia moderna tenha reduzido o ofício do comandante geral de uma guerra não muito diferente daquele a que Marco Leccio se dedica com constância tenaz há cerca de treze meses: estudo incansável, ali sobre os mapas, dos pontos, das linhas, das posições, para Marco Leccio, no fundo, é um consolo muito minguado.

É o comandante geral, o estratega, ali no escritório, diante de Tiralli que o segue e o ajuda com uma obediência funesta; mas obrigado! Já que não pode fazer mais nada...

Claro, se um movimento previsto por ele, neste ou naquele palco de guerra, dados aqueles pontos estratégicos e aquelas linhas e aquelas posições se concretiza exatamente como ele previu, se congratula; observa Tiralli com o olhar brilhante e risonho e todo o rosto deslumbrado de satisfação, assim que chega a notícia nos boletins dos Estados maiores, nem reparando mais se o movimento

¹⁷⁸ No original, “*spiedo girarrosto*”. Literalmente, espeto assador. Refere-se ao espeto comprido de metal onde as carnes são espetadas em fileira para serem assadas em um assador rotativo elétrico. A título de curiosidade, no Brasil, uma das empresas mais famosas, que surgiu em 1982, é a *Giragrill*, subsidiária da *Ikeda Empresarial* que produz esse tipo de assador e seus insumos. O nome *giragrill* acabou tornando-se sinônimo do produto: *assador giragrill*, *espeto giragrill*, etc.

¹⁷⁹ Respectivamente, os comandantes do exército francês, britânico e italiano na Primeira Guerra Mundial.

adivinhado seja a favor dos alemães e para o dano dos aliados, já que realmente a arte, de qualquer gênero que seja, é o reino do sentimento desinteressado, razão pela qual frequentemente torna-se a função mais cruel que se possa imaginar, como pode exemplificar um médico que se congratule pela exatidão de um prognóstico terminal, ainda que esse prognóstico tenha sido feito sobre si mesmo, dizendo:

“Muito bem, meu caro: você está morto”.

Mas não é isso! Não é isso que Marco Leccio queria fazer! Ele se importa muito que os comandantes gerais hoje combatam as guerras, como ele, sobre os mapas! Que comandante geral o que! Soldado, soldado raso, como seu Giacomino que partiu ontem para o front, eis o que ele gostaria de ter sido. E não pôde!

Ontem na estação, pouco antes que o trem partisse, enquanto seu filho o olhava pela janelinha do vagão, olhava-o como se quisesse lhe deixar impresso, cravados na alma aqueles olhos brilhantes e intensos de comoção contida, teve a tentação de saltar naquele trem, confundindo-se, escondendo-se entre os soldados e partir também.

Ardeu a vergonha de depois ser surpreendido e puxado para fora do trem pelas orelhas, como um garoto.

Mais forte e mais furiosamente ardeu depois o pesar quando, da porta de um vagão mais adiante, viu outro voluntário fardado como infante, velho, mais velho que ele, com a barba branca e as antigas medalhas no peito, agitando os braços e respondia exultante às saudações, aos votos, aos aplausos.

Não aguentou esse espetáculo; teve que ir embora, embora antes que o trem partisse com seu Giacomino que acenava para ele, quem sabe pela última vez!

- Você sabe me dizer – pergunta agora, com o rosto dando ares de náusea mais que desdém, a Tiralli que está a sua frente, no escritório, quase em posição de sentido, como se estivesse escutando um dos tantos elogios fúnebres, que para ele são a mesma coisa que a missa diária para os devotos,- Você sabe me dizer como pensa em morrer?

Tiralli, com os olhos baixos, uma sobrelha mais arqueada que a outra, não responde.

- Responda! – Grita Marco Leccio.

E Tiralli dá de ombros, projeta um pouco os lábios, mal esboçando um gesto com a mão.

- Morrer? Sei lá... Como Deus quiser...

Na verdade ele, Tiralli, ainda não pensou nisso.

Marco Leccio retoma:

- Quanto dias de vida acha que ainda temos, você e eu?

Tiralli repete aquele gesto vago com a mão; mas também franze um pouco os cílios, como duvidando que seu general, sobre um assunto desses, realmente pretenda dele uma resposta categórica e precisa.

- Mais quatro dias! – grita Marco Leccio na sua cara.

Tiralli então apresa-se a dizer que sim, que sim, várias vezes, com a cabeça.

- Quatro dias, pois é...

- Mas você chama isso de vida? – insiste Marco Leccio. – Não se envergonha? O que está fazendo aí ainda em pé?

Tiralli, atordoado, olha em volta procurando uma cadeira para se sentar.

- Não! – grita Marco Leccio – Digo, ainda vivo! Há quantos anos você vive esta sua agonia? Você está endurecido, cadavérico; não se envergonha ao ler toda noite nos jornais quantos jovens morrem aos vinte anos, lá, nas montanhas, e quantos velhos com sessenta, setenta, até mesmo setenta e seis anos partem voluntários, da Sicília, das Calábrias, dos Abruzos, da Romanha, da Lombardia, e vão lutar no front como simples soldados? A sua cara, aqui, aqui, você não a sente sendo corroída pela vergonha? Viu ontem aquele velho no trem? Devia ter setenta anos no mínimo, e estava partindo! Imagina, imagina como vai em direção à morte aquele velho e imagina como você vai morrer! Emporcalharemos o colchão, eu e você; e ele, ao contrário, morrerá de pé! Eu e você na cama, você com estertores e eu com tosse; ele com um grito na garganta: “*Viva a Italia, meus filhos, sempre avante!*” Entende? Como Lavezzari!¹⁸⁰ A morte do leão! Ao alvorecer, o assalto: toda a linha, um salto e investem com a baioneta: *Sabóia!* Diante de todos, ele, Lavezzari, que jurou morrer lá no alto! Corre, alcança até a última trincheira inimiga! De pé, lá, desabotoa seu casaco e mostra a camisa vermelha para morrer assim, como garibaldino! Você entende? “Aos setenta e seis anos”, há de ter pensado, “esse

¹⁸⁰ Giulio Lavezzari, aos 17 anos, foi voluntário garibaldino na Batalha de Bezzacca, em 1866. Lutou novamente como voluntário em um assalto em Podgora, entre 18-19 de julho de 1915. Segundo relatos, Lavezzari teria saltado para fora das trincheiras, incitando os outros soldados a fazer o mesmo, ao mesmo tempo em que arrancava do corpo o uniforme para mostrar sua camisa vermelha que vestia por debaixo. Foi atingido na cabeça enquanto gritava a seus companheiros: “Avante Sabóia”. (LAVEZZARI..., 2002).

assalto, esse ataque com a baioneta eu ainda consegui fazê-lo; mas outro, amanhã? Quem sabe se as forças ainda me assistirão! E então, aqui, agora, chega: eis o peito, eis aqui a minha verdadeira farda, atirem aqui na minha camisa vermelha: quero morrer assim!” E morreu. Você vai emporcalhar a cama, eu vou emporcalhar a cama, e enquanto isso estamos aqui, como dois garotinhos aparvalhados brincando com os mapas e as bandeirinhas ! *Urgh!*

IX

Mal terminou de comemorar desse modo a morte do velho leão Lavezzari que um grito, seguido pelo pranto de três mulheres o alcançou vindo da saleta de jantar adjacente; logo depois a porta do escritório se abre e na soleira da porta surgem Dom Agostino Lanzetti e o bom senhor Livo Truppel, pálidos e consternados.

- Defendente? Grita então Marco Leccio, com os olhos arregalados, erguendo as mãos como que se defendendo de uma desventura. – Nino? Canzio?

Dom Agostino e Truppel vão logo acenando que não, três vezes, com a cabeça e com as mãos. Depois, Dom Agostino acrescenta baixinho, entrecerrando dolorosamente os olhos:

- Marchetto...

- Marchetto? Como assim! – exclama Marco Leccio, crispando os cílios, altivo. Meu neto? Era do serviço sanitário! Mas como! Atiraram contra a Cruz vermelha? Quando? Morreu?

- Enquanto recolhia os feridos... – murmura Dom Agostino.

- Morreu?

- Mal teve tempo de escrever ao pai e a mãe. Morreu como um santo...

Assim dizendo, Dom Agostino chora e também os risonhos olhos azuis do bom senhor Livo Truppel vidram com lágrimas.

- Canalhas! Assassinos! Brigantes! – ruge Marco Leccio, erguendo os punhos cerrados sob o rosto de Tiralli, que permaneceu estacado com aquela notícia de morte. – Entende? Atiram nos feridos e naqueles que os recolhem! Atiram nos hospitais! Se protegem com os mortos! Assassinos! Brigantes!

Depois, dirigindo-se a Lanzetti:

- Quando chegou a notícia?

- Hoje de manhã, - responde Dom Agostino. – Mas a cartinha demorou seis dias para chegar e veio junto com o comunicado oficial e uma outra carta de condolências do médico capitão do pequeno hospital de campanha onde o pobre Marchetto prestava serviço. Precisa ouvir o que este capitão disse sobre ele! A doçura, uma serenidade divina em sua coragem, a abnegação; e o que falou antes de entregar sua alma a Deus! Falou de você também... Também estão na carta seus últimos cumprimentos a você! “Diga ao vovô,” escreveu, “que eu morri bem...”

Marco Leccio, por mais que se esforce para conter-se, irrompe em dois soluços quase raivosos.

- Espere, - acrescenta de imediato Dom Agostino. – Disse assim: “Ele não quis acreditar que o hábito que eu vestia também fosse de luta¹⁸¹, e ficou indignado que eu carregasse seu nome com este hábito. Tenho certeza que agora não vai mais achar a mesma coisa...”.

A mãe com as duas filhas, a senhora Bezzacca Truppel e Teresita, entraram no escritório aos prantos, as três prontas para irem à casa daquele filho que Marco Leccio renegou há tantos anos. Todos acreditam que penariam muito e precisariam empregar muita arte de persuasão para induzir o pai à uma reconciliação com o filho mais velho, numa conjuntura dessas. No entanto, Marco Leccio, com os olhos fechados para conter as lágrimas e a comoção, evitou a todos, dizendo sem hesitar:

- Sim, sim... Vamos, vamos... Pobre Marchetto, meu filho... Vamos...

Porém, com o chapéu na cabeça, de frente a porta e apoiado ao braço de Tiralli, ergue a bengala e acrescenta com tom ameaçador:

- Deixou ele partir sem mandá-lo aqui para se despedir! Quando o vestiu de padre, aí sim, mandou-me aqui, para que eu o maltratasse, meu pobre filho! Vestido de soldado, antes de partir para o campo, quando eu o teria beijado e abençoado,

¹⁸¹ No original, “*L’abito che indossavo, egli non volle credere che fosse anch’esso milizia*”. “ABITO. s.m. [...] vestire (o prendere) l’abito [...] abraçar a vida religiosa” (BENEDETTI, 2004, p. 5). MILIZIA. [...] §.III. E per fimilit. Dant. Purg. 32. Quella Milizia del celeste regno [...] Ogni efercizio fi può chiamare milizia, perché militare è efercitarfi. (VOCABOLARIO..., v. 3, MDCCCLXIII, p. 175). A fala da personagem será esclarecida quatro parágrafos depois: Marco Leccio refere-se a militância cristã de seu neto, oposta àquela militar pela qual tinha tanta estima. Para ele, a luta cristã não tinha a mesma valia que aquela militar, de Estado. Interessante notar a relação entre fé e luta, também presente em 2 Coríntios, 10:3, “Porque as armas do nosso combate não são carnis, mas poderosas em Deus para demolir fortalezas” (BÍBLIA, 2015, p. 1605), e então, a possibilidade que Marchetto poderia ter feito parte do Exército da Salvação, movimento fundado na Inglaterra em 1865, que ganhou um caráter militar desde 1878, com igrejas denominadas “corpos”, missionários denominados “soldados”, e uma hierarquia de postos muito próxima daquela militar. O Exército da Salvação está presente na Itália desde 1887. (Cf. ESERCITO..., 2020)

não, não quis mais que eu o visse! Mas não tem nada, não tem nada: vou do mesmo jeito... Vamos.

Ainda antes de chegar ao portãozinho da casa na rua Cestari, ouvem-se os choros e os gritos das mulheres, isto é, da mãe e das três irmãs da vítima. Muito curiosos estão reunidos em frente ao portãozinho e dizem que o pai parece ensandecido, amaldiçoando todos, gritando contra o rei, contra Itália, contra a guerra, injúrias.

Dom Agostino Lanzetti tomou a dianteira. Antes de começar a subir as escadas, volta-se para Marco Leccio e com os olhos e as mãos lhe recomenda manter-se calmo e ter compaixão, por piedade; ele entrará primeiro e tentará aplacá-lo. Com a ajuda das mulheres vai predispô-lo para acolher a visita do pai. Fiquem todos para atrás, esperando um pouco, no patamar das escadas, sob o último lance.

- Sim, sim... – dizem, sinalizando com a mão para que fosse.

Dom Agostino sobe os últimos degraus; bate; entra. Mas pouco depois, os choros e os berros tornam-se mais violentos, no meio de um grande rebuliço, como por uma luta. De súbito a porta se escancara e de camisa aberta¹⁸², rasgado, detido por muito braços, furibundo, faz menção de arremessar-se contra os parentes, ele, Giuseppe Leccio, gritando:

- Assassinos! Assassinos! Fora! Fora daqui ou eu mato vocês! Assassinos do meu filho! Fora daqui!

A mãe e as duas irmãs, pasmas, chamam-no pelo nome, com gestos suplicantes; tentam subir alguns degraus, encorajadas, incentivadas pelo senhor Truppel. Lá no alto, Dom Agostino consegue arrebatá-lo para trás, desencostando da porta o enfesado; faz ele sentar-se em um banco da saleta, aponta-lhe o grande crucifixo em uma parede, que dá àquela saleta ares de uma sacristia e de tantas exortações e boas palavras consegue, por fim, amansá-lo, fazê-lo chorar.

As mulheres entraram com o senhor Truppel. Marco Leccio permaneceu com Tiralli na escada. Pouco depois, a nora aparece à porta, e o convida a subir; mas o filho, assim que o vê, salta em pé, deformado¹⁸³ mais uma vez pelo furor;

¹⁸² No original, “spettorato”. SPETORÀ. *Add. scollacciuto; scollato e sgollato, col collo scoperto; ed è proprio delle Donne, quando l'hanno scoperto e colle vesti poco accollate.* (BOERIO, 1867, p. 688). Verbete antigo. Diz-se de pessoa com o peito a mostra, mais usado em relação as mulheres com vestido decotado.

¹⁸³ No original, “scontraffatto di nuovo dal furore”. SCONTRAFFATTO. *Add. contraffatto, brutto, deforme. Lat. deformis, turpis.* (VOCABOLARIO..., v. 4, MDCCLXIII, p. 290). Diz-se de coisa ou

observa-o com os olhos arregalados, atroz, e começa a falar aos estertores, de modo horrível, erguendo as mãos grifanhas.

Marco Leccio para, olhando-o austeramente e diz:

- Lembre-se que eu também sou pai. Quatro dos seus irmãos estão lá. O último partiu ontem!

- Para o massacre! Para o massacre! – grita o filho, submetendo-se aos braços que o detêm, e senta-se novamente, e cobre o rosto com as mãos.

Marco Leccio retoma:

- Pode ser a minha vez, amanhã, de receber a mesma notícia que você recebeu hoje; e depois outra! e depois outra! e depois outra!

Como resposta, o filho descobre o rosto e grita:

- Eu amaldiçoo a pátria!

Marco Leccio faz um violento esforço interno para se conter, depois diz:

- Vim aqui para chorar com você; mas não assim como você chora! As suas são lágrimas de ódio, de raiva. Pense que essas suas lágrimas não podem ser aceitas nem sequer por seu filho! Você apenas o aprisiona na sua dor e nesse seu ódio pela pátria; mas pense que seu filho morreu pela pátria e que você o priva, chorando assim, do choro dos outros, do meu, que ele próprio quis. Se você não quer, adeus!

Deixa ali as três mulheres com o genro e com Lanzetti e volta para casa comovido, de braços dados com o fiel Tiralli.

Arrastando a perna doente, que pela repentina inflamação começou a doer, reflete, pelo caminho, que esta realmente é uma guerra santa, se podem morrer assim, bendizendo-a, um leão como o velho romanholo Lavezzari ou um pobre cordeirinho como aquele seu netinho Marchetto.

X

Faz uma semana que, entre os vários campos de batalha que entulham o escritório, Marco Leccio está sozinho.

O pobre Tiralli adoeceu, não exatamente porque Marco Leccio berrou em sua cara a vergonha de continuar vivendo sua agonia enquanto muitos dos seus

peessoa feia, deformada. O mesmo que *contraffatto* ou *disffatto*, também pouco utilizados com esse sentido hoje em dia.

velhos camaradas vão ao encontro da morte, seguindo os rastros por onde, quando jovens, a procuraram lá no alto, contra o mesmo inimigo e pelo mesmo objetivo de então; mas porque – velhos – com um sopro de ar, um súbito baixar de temperatura, e pronto, ficamos doentes.

Choveu tanto neste primeiro ano da grande guerra!

Os físicos sentenciaram que o ar – não parece – mas é um corpo, um corpo sensível ele também, e que os muitos disparos, a fúria dos muitos tiros de canhão puderam perturbá-lo. As mulherinhas da nação, mais poéticas em sua ignorância, acreditam, por outro lado, em um grande choro do céu devido à desventura perversa dos homens.

O fato é que, pelo excesso de chuva, foram bastantes as mudanças de temperatura e o pobre Tiralli, não apenas se ensopou muitas vezes da cabeça aos pés, mas não pôde fornecer a habitual provisão de sol a seus ossos, estacando-se – cariátide do decoroso monumento de sua miséria – por horas e horas em algum canto da rua.

Marco Leccio está muito aborrecido. Especialmente com uma maldita mosca que, teimosa, vai pousar no mapa em relevo do Trentino enquanto ele, Deus sabe com quanta aflição, remetendo a alma para longe no tempo, criando em si a ilusão da distância necessária para ver aquele mapa diante de si como uma realidade viva. Lá está ela, maldita! Chega de repente para quebrar aquela ilusão, pondo-se como se nada fosse a passear sobre os cumes daquelas montanhas, sobre aqueles lagos e por aqueles vales, deixando aqui e acolá certos pontinhos pretos que podem ser confundidos com fortalezas ou povoados.

Tentou rechaçá-la cem mil vezes, e cem mil vezes aquela porca mosca tinhosa, alemã, tirolesa, aí está ela outra vez!

Mas não é apenas a mosca. Ou melhor, sim, é a mosca, mas não só ela que no enfraquecido sol de setembro gruda e se diverte em não dar mais paz às mãos, a testa dos homens; mas também a outra, aquela eterna mosca que em qualquer tempo se diverte a destruir qualquer ilusão dentro da alma dos homens.

Lá se vão meses que, ao ler os jornais toda noite, Marco Leccio ilude-se que finalmente, logo, os aliados voltarão com ímpeto para a desforra. Os Russos, que já haviam destroçado os Austríacos e ocupado a Galícia quase até Cracóvia (santo Deus, quase até Cracóvia!) e depois, superando os Cárpatos, já desciam pelos ricos

campos de colheita da Hungria; os Russos, que no alto haviam invadido também a Prússia Oriental, obrigados agora a bater em retirada por todos os lados, a ceder Varsóvia, a Polônia toda com a linha das fortalezas, a Curlândia quase até Riga; os Russos, deterão amanhã, finalmente, essa colossal invasão das três baterias dos exércitos austro-alemão. Os Franceses, os Franceses que após a retirada leonina na batalha do Marne, há onze meses estão parados nas trincheiras como se estivessem na casa deles, como se tivessem jurado que iriam apodrecer ali, finalmente amanhã retomarão a ofensiva, rompendo o front alemão em Arras, obrigando o Kaiser a reconvocar precipitosamente os exércitos do front oriental. E os Ingleses, com seus oitocentos mil homens açinhados em Calais, amanhã finalmente irromperão pela Bélgica para iniciar sua libertação. Enquanto isso, lá em Galípoli, com os novos desembarques na baía de Suvla, com a participação da expedição italiana, que nessas horas sem dúvida já deve ter zarpado de Taranto, por fim ultrapassarão os Dardanelos e tomarão Constantinopla.

Toda noite, todas estas ilusões. Na noite seguinte, sim senhores, para cada uma, uma mosca. Em cada boletim dos estados maiores, para cada ilusão, uma mosca. A retirada russa continua e “xô”, uma primeira vez; os Franceses não se movem e “xô”, a segunda vez; os Ingleses não se movem, e “xô” a terceira; em Galípoli, a nova tentativa de cerco fracassou de novo, e “xô, xô, xô...”. Mas o Czar assumiu o comando geral de seus exércitos; eh, esse fato quer dizer alguma coisa! E o general Joffre veio no front italiano para confabular com Cadorna; mesmo esse outro fato bem que quer dizer alguma coisa. E é certo que os Turcos não tem mais carvão e estão com falta de munição...

Assim as ilusões renascem para as novas moscas da amanhã à noite.

Entretanto, Marco Leccio se encontra sozinho a cada noite, arremetendo a todos os aliados, em seus sonhos violentos. Toda noite, sonha violências terríveis e inauditas: dos Russos que contra-atacam em Grodno e despedaçam as tropas de Hindenburg¹⁸⁴, matando setenta mil homens, fazendo outros setenta mil prisioneiros com o próprio Hindenburg, em cujo rosto um cossaco gigantesco bate mais vezes com seu açoite dentado; ou dos Ingleses que por fim avançam sobre Yser e varrem em saraivada, num piscar de olhos, todos os Alemães da Bélgica, enquanto os Franceses rompem também o front adversário e, superando o Reno, marcham até

¹⁸⁴ Comandante do exército alemão na época da Primeira Guerra Mundial.

Berlim! Os Italianos, por Malborghetto, todos para Viena! E as duas capitais, aniquiladas!

Ofega, geme, zurra, arquejando no sonho, com um braço esticado com o punho fechado no traseiro da pobre senhora Marianna que, de repente, sentindo-se quase rechaçada do pacífico leito conjugal, acorda assustada e, ouvindo-o gemer e ofegar daquele jeito, grita:

- Marco! Marco! Meu Deus, está se sentindo mal novamente? É a perna?

- O cacete! – resmunga Marco Leccio, no ofego que o sufoca, saltando sentado na cama. – Estava terminando tão bem a guerra!...

Agora, quero ver para voltar a dormir!

Desde que Giacomino partiu, a ansiedade pelos filhos dispersos nos três palcos de guerra cresceu nele e não lhe dá mais um instante de sossego.

Acende a lâmpada elétrica; puxa da gaveta do criado-mudo a última carta em que Giacomino, sete dias antes, lhe anunciava que na manhã seguinte partiria para a linha de fogo; esfrega os olhos, já que os olhos dos velhos se tornam mais úmidos à noite e criam remela, e começa a reler, a reler, carrancudo, aquela carta.

Como Giacomino escreve bem! Quanta poesia nessa carta escrita do campo, às vésperas da partida para os postos avançados!

Todo o acampamento em silêncio. São altas horas. Estou em minha barraca, sentado em um catre, o tinteiro sobre a coberta, e escrevo sobre a perna esquerda. A fuzilaria crepita de longe, entre os tiros de canhão. Acendi um cigarro com a vela apoiada na alça de mira do meu fuzil. A vela ainda está comprida o bastante e eu a farei queimar escrevendo-lhe. Afinal, é a última noite que precisarei dela. Amanhã de manhã, às três e meia, nós, recém-chegados, iremos para um cimo que impera sobre todas as posições; um capitão do estado maior vai nos indicar uma a uma e nos explicar as ações desenvolvidas, aquelas que desenvolvem e aquelas que nós desenvolveremos.

*Cumprir... essa questão, de uma vez por todas...*¹⁸⁵

¹⁸⁵ No original, “Svolgere...um tema, uma volta...” Svolgere [...] 4. *Compiere un’attività, una mansione o un’azione; eseguire un lavoro o um compito.* (BATTAGLIA, Salvatore, v. XX, 2001, p. 638). SVOLGERE, [...] Cumprir (BENEDETTI, 2004, p. 1096); Tema, [...] – *Questione, problema politico o sociale, di particolare ampiezza e importanza.* (BATTAGLIA, Salvatore, 2001, v. XX, p. 823); Volta, [...] momento in cui [...] si è presa una decisione [...] – *Una volta per sempre, una volta per tutte; definitivamente* (BATTAGLIA, Salvatore, v. XXI, 2001, p. 1001). Giacomino espera que agora, após

Pousada no fuzil perto da vela está uma elegantíssima borboleta branca, com as asas abertas e as antenas rijas. Está imóvel há muito tempo.

Ouçó o lamento dos grandes projéteis que passam sobre nossas cabeças para levar, lá longe, a morte. É um silvo estranho e angustiante. Quem sabe o que vocês estão fazendo agora... Deve ser pouco mais que meia noite. Faz alguns dias que o pequeno relógio de pulso que o bom Livio me deu parou. Os ares desses lugares devem tê-lo estragado.

O cigarro acabou e eu mudei de posição: escrevo sobre o joelho direito e tomo um gole de café.

A borboletinha branca ainda está ali parada aquecendo as asas. Ou talvez esteja morta? Eu não vou mexer.

As posições que iremos ocupar são difíceis. Iremos do lado plano, em um ataque noturno.

Eu sou puro e forte, e vibro no silêncio da noite com o ritmo calmo do meu bom coração, já posto à prova. Talvez não dormirei. Vejo um camarada meu que na barraca do lado relê, uma a uma, as cartas recebidas.

Daqui a quatro horas estará encerrado o quadro desta cena. Adeus, meus caros; durmam. Estou com outro cigarro na boca. Boa noite, durmam. Às vésperas de uma marcha em direção ao desconhecido sinto-me tranquilo se levo o pensamento a vocês.

A borboletinha branca acordou; apago a vela por sua vida, boa noite de novo, e todos os meus beijos.

Em sete dias, Marco Leccio deve ter relido esta carta setenta vezes. Todas as vezes sentiu uma angústia soturna dando um nó na garganta, as lágrimas urgindo os olhos, ao pensar na alma deste seu filho adorado, elevada como a noite que estava sobre sua cabeça ao escrever essas palavras e pura como aquela borboletinha branca pousada no fuzil.

Há sete dias, nenhuma novidade! No entanto é certeza que nesses sete dias Giacomino há de ter escrito, porque antes de partir ele prometeu que lhe enviaria diariamente notícias suas. Exceto... Mas não! Maldição! Sempre torna à sua mente, sempre, este pensamento infeliz... Torna a ver Giacomino assim como olhava para

as derrotas iniciais no *Isonzo*, as tropas italianas possam cumprir definitivamente sua missão, qual seja: expulsar as tropas austríacas de seu território para finalmente reanexar suas terras irredentas.

ele do trem, olhava-o como se quisesse deixar impresso, cravados na alma, aqueles olhos brilhantes e intensos de comoção: então aperta os punhos e bufa e anseia.

- A culpa é dos correios... – murmura, do lado, a mulher, adivinhando o porquê daqueles suspiros e daquela ansiedade.

Ela ora escondida, em silêncio. Há três meses não faz outra coisa. Três rosários por dia, de quinze mistérios¹⁸⁶; e um quarto agora, desde que Giacomino partiu. Parece estar sempre atordoada, sem entender o que ela mesma fala; mas não é verdade: é que ora, ora, e fica tão absorta na oração que muitas vezes não ouve aquilo que diz. Ora por Giacomino, mas talvez mais pelos outros três filhos que parecem um pouco negligenciados pelo pai.

- Pois é, sim... Talvez... – Resmunga Marco Leccio. – É a queixa de todos, esse maldito desserviço postal! Cartas que não chegam ou que levam seis ou sete dias para chegar; chega primeiro uma escrita depois, e no dia seguinte aquela escrita antes... E não adianta entrar com queixas, ou repreender. Não existe animal mais insolente que o funcionário dos correios. Quanto mais o repreender, tanto pior ele faz. Todos nós sabemos, por experiência própria diante dos guichês dos correios. Ai se mostrar um pouco de pressa: fazem de propósito; começam a ganhar tempo com o carimbo que não timbra, com a cola que não escorre, o selo que não cola... Precisa ver como vão para cima de você, insolentes, diante da mínima observação.

Na manhã seguinte desconta no bom senhor Truppel, que chega, por conta da mulher, para dar notícias do filho e buscar aquelas dos cunhados.

- Que belo relógio deu de presente a Giacomino! Escreveu que nem anda mais.

O bom senhor Truppel, com os olhos sorridentes de zafira, tenta lhe explicar que na guerra, um relógio preso ao pulso de um soldado, há de, forçosa e inenarravelmente sofrer; mecanismo sensibilíssimo e delicadíssimo, um relógio...

- Pois é, pois é... – resmunga Marco Leccio. – E no seu país agora não se fabricam mais, não é verdade? Belo país, olhe aí, o seu! Todas as fábricas de

¹⁸⁶ No original, “*di quindici poste*”. Tradicionalmente, “**O Santo Rosário** é composto por 15 mistérios [...] divididos em três conjuntos [...] popularmente chamados de ‘terços’: os 5 mistérios **gozosos**, os 5 **dolorosos** e os 5 **gloriosos**. Em 2002, o **Papa São João Paulo II** acrescentou os mistérios **luminosos** [...] mas que não fazem parte do rosário em si [...] são uma espécie de meditação extra” (QUAIS..., 2019). No caso, a personagem rezava três vezes o rosário completo, e, com a partida de Giacomino, passou a rezar quatro vezes o rosário completo, isto é, duzentas Ave-marias por dia.

relógios transformadas em fábricas de projéteis... Baita negócio, a guerra! Também para os Estados Unidos da América, claro! Baita negócio, baita negócio... Também pudera! Com essa guerra que não se vê! Dez mil tiros para atingir um homem... Houve mortos, isso é inegável; mas também muita fumaça, vai lá! Para não mencionar os canhões! Milhares de liras por cada canhão que muitas vezes só consegue o riso dos soldados... Um bom mecanismo para todos os fornecedores, esta estratégia moderna... Os alemães a inventaram, não preciso dizer mais nada. Enquanto isso, a Suíça vive no luxo. Você também, com seu irmão, deveria pôr-se a fabricar projéteis. Mas talvez seu irmão os enviasse como contrabando para Áustria... Você não, porque é um bom sujeito...

O senhor Truppel deixa-o falar. Lê a carta de Giacomino, que a senhora Marianna foi buscar no quarto:

- Oh, a borboletinha branca... – sorri a certa altura o senhor Truppel.

Essa exclamação, de repente, nos lábios sorridentes do bom Livo Truppel causa um efeito infeliz em Marco Leccio, sabe-se lá porquê! Pela primeira vez pensa que aquela borboletinha branca, que foi pousar à noite no fuzil de seu Giacomino, podia ser a morte. Assombra-se com esse pensamento e observa quase com ódio o genro, bem loiro e rechonchudo, que continua lendo sorridente. “Que Truppa que nada! Mesmo trocando seu sobrenome, ele continuaria sendo suíço para sempre! Se ele ficasse um pouco emocionado, ao ler aquela bela carta! Que nada: lá está ele, ainda sorrindo por aquela borboletinha branca, que talvez lhe pareça uma bizarrice supérflua na carta de Giacomino.”

Faltou pouco para Marco Leccio arrancá-la da mão dele, de tanto que aquele sorriso o irrita.

E visto que seus olhos foram dar no mapa dos Balcãs para que dê, de algum modo, um desafogo àquela irritação, lança-se, num mau-humor persistente, num assalto cerrado contra os Aliados que teimam em solicitar o acordo e a ajuda daqueles Estados, que ele chama de um punhado de brigantes¹⁸⁷. O acordo, a ajuda, sem compreender que quanto mais se der importância a eles, quanto mais se der a entender que falta pouco para que o resultado da guerra dependa deles, tanto mais eles aproveitam o pretexto e recuam.

¹⁸⁷ No original, “*un pugno di briganti*”.

Sobrevêm nesse momento como uma sombra, como um fantasma que um sopro de ar poderia carregar embora, o pobre Tiralli, ainda convalescente, com uma sobrancelha mais erguida que a outra.

A senhora Marianna, o senhor Truppel e Teresita o acolhem com festa e, para confortá-lo, congratulam-se com ele por sua recuperação. Marco Leccio, interrompido em seu ataque furor, não diz nada, aliás, olhá-o como um inimigo. Depois resmunga:

- Você veio? Fique. Mas também podia nem vir. Ninguém se mexe, sabe? Ninguém. Olhe... Olhe aqui!

Puxa-o por um braço e o conduz diante do mapa em relevo do Trentino.

O pobre Tiralli olha. Também os outros se aproximam para olhar. Ninguém entende o que haveria de novo para ver.

Então Marco Leccio grita:

- Mas vocês não estão vendo que tem uma mosca passeando?

XI

O verão acabou, neste ano, conforme manda o calendário.

Estamos no início de outubro e faz frio de manhã e à noite. As árvores dos jardins, as árvores das alamedas, sob o sol úmido, esticam receosamente as folhas que estão e não estão nos galhos. Até os passarinhos sentem-se incomodados, e também com medo, se – tomando um pouco de sol – se enganem e, pulando animados de galho em galho, dêem o golpe de graça àquelas pobres folhas secas que malemal se seguram.

- Neste outono, as folhas não caem por nós – Marco Leccio diz a Tiralli com gravidade melindrosa.

Muito abatido, mas bem penteado, com um grande cachecol de lã, em que deu uma única volta, por enquanto, ao redor do pescoço, Tiralli, à guisa de resposta, bombeia uma aspirada do nariz e a sorve.

- Neste outono, - repete Marco Leccio, - as folhas não caem por nós.

Tiralli, uma outra sorvidinha.

- Assoe logo esse nariz, por Deus! - grita, incomodado, Marco Leccio.

Esse ruído de nariz resfriado o incomoda como uma realidade demasiado próxima e aflitiva, ali no silêncio do escritório, entre os mapas esticados nas mesas, repletos de bandeirinhas. Um incômodo que impede o pensamento de se abstrair e concentrar-se.

Tiralli sabe que não adianta; mas logo, para obedecer, assoa o nariz.

E pela terceira vez Marco Leccio repete:

- Neste outono, as folhas não caem por nós...

Acontece que, agora que Tiralli não sorve mais, a continuação da frase não vem. Marco Leccio, melindrado, põe-se a refletir. Tiralli, em um silêncio imóvel, amarra-o feito um cão.

Ele está aí? Não está? Marco Leccio tem a impressão que agora não esteja mais. A um certo ponto, irrompe:

- Vamos, diga lá! Vamos, mexa-se! Ao menos está ouvindo o que eu estou te dizendo?

- Eh, - fez Tiralli, - claro que sim! As folhas... Este outono, você dizia...

- Não caem por nós! – bufa Marco Leccio, saltando em pé. Mas imediatamente grita: - Ai!

E agarra a perna meio levantada, com todo o rosto contraído pelo espasmo.

- Malditos sejam! Malditos! Malditos!

Tiralli, ouvindo-o blasfemar assim, solta um grande suspiro de alívio. Era de se esperar dele as blasfêmias com aquela figada repentina da ciática; agora compreende para quem cairão as folhas neste outono. Todo contente, pergunta-lhe:

- Quer dizer para os Alemães, sim?

- Óbvio! – ri maldosamente Marco Leccio, sentando-se mais uma vez, ainda com a perna entre as mãos. Precisava muito, não é? Deixar-me gritar assim... Se o Czar, meu caro, o que eu dizia?

- O Czar...

- Sim, tudo bem; mas o que foi que o Czar fez?

Tiralli fica perplexo e pergunta:

- Aquele da Rússia?

- Não, aquele da Lua! – grita Marco Leccio. – Existe outro Czar? Quer que eu fale daquele narigudo austríaco da Bulgária¹⁸⁸? Do que estamos falando, de operetas? Nicolau II, o Czar, digo, o que foi que ele fez?

- Assumiu o comando geral dos seus exércitos...

- Muito Bem! E por que?

Tiralli, consultado dessa forma, começa a duvidar que o Czar tenha assumido o controle geral de seus exércitos, e que seja só para maltratá-lo, ele que, ainda convalescente por uma enfermidade que o deixou de cama vários dias, acredita não merecer. Responde:

- Sei lá... Talvez porque não estava mais contente com as manobras que o grande general Grã-duque...

- Balela! – grita Marco Leccio. – O Grã-duque fez suas manobras como um deus! E eu lhe digo que se a manobra de retirada tivesse de continuar, o Grã-duque não teria sido dispensado do comando geral dos exércitos russos.

- Então? – pergunta Tiralli.

- Então, - responde Marco Leccio, - eu sou um besta.

Tiralli olha-o surpreso. Podia imaginar todas as ilações pela premissa das folhas que este outono não caem por nós, exceto esta.

- Sim, - retoma Marco Leccio. – Um besta. Fui um besta todos os dias que você esteve doente. Quantas moscas aqui, meu amigo! Aqui, e dentro de minha alma! Besta, besta, porque não entendi logo que se o Czar assumia o comando geral dos seus exércitos, isto era sinal que – de retiradas – chega, não se devia mais falar; é sinal que também todas as traições haviam sido descobertas e reveladas; as traições que até então estiveram ali...

E aqui, repentinamente, termina a CRÔNICA de Marco Leccio e, junto, sua guerra nos mapas. A guerra continuou se alastrando sobre a Europa por cerca de três anos; mas os Aliados cometeram tais e tantos erros, um após o outro, que no final, Marco Leccio indignado, deu um chute em todos aqueles mapas de seu escritório, e não quis mais saber disso.

¹⁸⁸ Fernando I.

3.3 O quarto à espera

Todas as manhãs a luz entra neste quarto quando umas das três irmãs, em rodízio, vem limpá-lo sem olhar em volta. Todavia, a sombra, assim que as persianas e as vidraças são fechadas¹⁸⁹ novamente, torna-se crua, como em um subsolo. Logo, como se aquela janela não tivesse sido aberta por anos, sente-se a crueza desta sombra, que quase se torna o hálito sensível do silêncio suspenso e vão sobre os móveis e objetos, os quais, por sua vez, parecem permanecer consternados, a cada dia, com cuidado com que foram espanados, limpos e arrumados.

O calendário de parede próximo da janela está certo de que continua com a sensação de mais uma folhinha arrancada, como se lhe parecesse uma crueldade inútil que lhe façam marcar a data naquela sombra vã e naquele silêncio. O velho relógio de bronze em formato de ânfora, sobre o tampo de mármore da cômoda, parece perceber a violência que lhe fazem, obrigando-o ainda a marcar, lá dentro, seu soturno *tic-tac*.

Na mesinha de cabeceira, porém, o pequeno jarro d'água de cristal verde-ouro, bojudo, enchapelado por seu copo comprido emborcado, tomando um raio de luz entre as persianas encostadas da janela de frente, parece rir de toda aquela consternação difusa no quarto.

Existe, na verdade, um quê de vivo e arguto em cima daquela mesinha de cabeceira.

O riso do jarro d'água vem, sim, sem dúvida, do raio de luz, mas talvez porque com aquele raio de luz, aquele jarro bojudo pode distinguir, sobre o lúcido lastro de bardilho, as caretas das duas figurinhas de uma caixa de fósforos colocada ali há catorze meses para que esteja pronta a necessidade de acender a vela, esta também, há catorze meses espetada na bugia de ferro esmaltado, em formato de trifólio, com o cabinho e o canhão de latão.

¹⁸⁹ No original, “*le persiane e le vetrate della finestra sono richiuse e raccostati gli scuri*”. *Gli scuri* refere-se as folhas cegas das janelas, típicas nas habitações italianas, que podem ser parcialmente encostadas, permitindo com que a luz externa entre no ambiente, ou ainda completamente fechadas, bloqueando qualquer interferência de luz externa. Como não há palavra correspondente em português, optou-se pela *omissão* desse detalhe, já que ele não interfere na construção de significados da sentença.

À espera da chama que deve consumi-la, aquela vela amareleceu no trevo da bugia como uma virgem madura. E é de se apostar que as duas figurinhas da caixa de fósforos, dengosas e molecas, a comparem com as três irmãs velhucas que vêm, cada dia uma, limpar e arrumar o quarto.

Ora, apesar de ainda intacta, pobre virgem vela, as três irmãs deveriam trocá-la, se não exatamente todos os dias como fazem com a água do jarro (que por isso é tão vivaz e pronta a rir a cada raio de luz), ao menos a cada quinze dias, a cada mês, ora! Para não vê-la assim amarela, para não ver naquele amarelado os catorze meses que se passaram sem que ninguém tenha vindo acendê-la, à noite, sobre aquele criado mudo.

É realmente um esquecimento deplorável, porque as três irmãs não trocam apenas a água do jarro, mas trocam tudo: a cada quinze dias, os lençóis e os forros da cama, estendidos com amorosa diligência todas as manhãs, como se realmente alguém tivesse dormido ali; duas vezes por semana, a camisola, que toda noite, depois de dobrar as cobertas, é tirada do saquinho de cetim pendurado por uma fitinha azul na cabeceira da cama branca, e estendida sobre a cama, com a fralda de trás devidamente levantada. Trocam, meu Deus, até mesmo as pantufas de frente à pequena poltrona ao pé da cama. Com certeza: jogam as velhas dentro do criado-mudo e, em seu lugar, ali no tapetinho da cama, um par novo, de veludo, bordado pela mais nova das três. E o calendário? Esse, junto à janela, já é o segundo. O outro, do ano passado, sentiu-se rasgar, um a um, todos os dias dos doze meses, um a cada manhã, com inexorável pontualidade. E não há perigo que a mais velha das três irmãs, todo sábado às quatro da tarde, esqueça de entrar no quarto para dar corda naquele velho relógio de bronze sobre a cômoda, que com tanto ressentimento rompe o silêncio tiquetaqueando e movendo os dois ponteiros sobre o disco, devagarinho, disfarçando, como se quisesse dizer que não faz de propósito, ele, por prazer pessoal, mas porque é forçado pelas cordas que lhe dão.

Evidentemente, as duas figurinhas dengosas da caixa não veem – como podem vê-lo o velho relógio de bronze com o olho branco e redondo do disco, e o calendário do alto da parede com o número vermelho marcando a data – o lúgubre efeito daquela camisola esticada ali na cama e daquele par de pantufas novas à espera, no tapetinho da cama diante da poltroninha.

Quanto à vela, fincada ali no trifólio da bugia, oh, ela está tão reta e absorta em sua rigidez amarela que não liga para o escárnio daquelas duas figurinhas dengosas ou o riso do jarro bojudo, sabendo bem o que está esperando ali, ainda intacta, tão amarelada.

O que?

O fato é que há catorze meses aquelas três irmãs e a mãe enferma acreditam que podem e devem esperar dessa forma o *provável* retorno do irmão e filho Cesarino, subtenente da reserva na 25ª infantaria¹⁹⁰, que partiu (já faz mais de dois anos) para a Tripolitânia e de lá destacado no Fezã¹⁹¹.

Há catorze meses, é verdade, não têm mais notícias dele. Tem mais. Após tantas pesquisas angustiantes, súplicas e solicitações, por fim chegou do Comando da Colônia o comunicado oficial que o subtenente Mochi Cesare, depois de um combate contra os rebeldes, não sendo encontrado nem entre os mortos, nem entre os feridos, nem mesmo entre os prisioneiros, dos quais conseguiram ter notícia certa, deve ser considerado disperso, aliás, desaparecido sem qualquer pista.

No começo, o caso suscitou muita piedade de todos os vizinhos e conhecidos daquela mãe e daquelas três irmãs. Porém, aos poucos a piedade arrefeceu, dando lugar a certa irritação, em alguns até uma verdadeira indignação com essa que parece “uma comédia”, isto é, do quarto mantido assim, tão pontualmente em ordem, até mesmo com a camisola esticada na cama preparada, quase como se com essa “comédia”, as quatro mulheres queiram negar o tributo de lágrimas àquele pobre jovem e poupar a si mesmas a dor de chorar sua morte.

Demasiado rápido esqueceram que eles mesmos, vizinhos e conhecidos, com a chegada do comunicado do Comando da Colônia, quando aquela mãe e aquelas três irmãs se puseram a chorar a morte do seu ente querido soltando gritos lancinantes, persuadiram-nas por muito tempo e com tantos argumentos, um mais eficaz que o outro, a não se desesperarem assim. Por que chorar sua morte –

¹⁹⁰ O 25º regimento de infantaria compunha parte da *Brigata Bergamo*, criada em 1859. Com sede na cidade de Piacenza, região de Emília-Romanha, ao norte da península itálica, era composta por soldados recrutados nas cidades de Nola, Piacenza, Pinerolo, Pistoia, Reggio Calabria, Roma, Siracusa, Sulmona, Teramo, Veneza e Voghera. (BRIGATA Bergamo..., 2002)

¹⁹¹ Até 1970, o território líbico estava dividido em três províncias: Tripolitânia, a noroeste, banhada pelo mar mediterrâneo, fronteira com a atual Tunísia e Argélia; Fezã, a sudoeste, fronteira com a atual Argélia, Nigéria e Chade e; Cíneraica: que abrangia uma faixa territorial do nordeste ao sudeste da Líbia, banhada pelo mar mediterrâneo, fronteira com o atual Chade, Sudão e Egito.

disseram – se naquele comunicado se anunciava claramente que o oficial Mochi não havia sido encontrado entre os mortos? Estava disperso. Podia retornar a qualquer momento, até mesmo após um ano, quem sabe! Na África, vagando, escondido... Também foram eles mesmos que desaconselharam e quase impediram que aquela mãe e aquelas três irmãs se vestissem de preto como queriam, ainda que incertas. – Não, de preto – disseram – para que esse mau agouro? E à primeira esperança daquelas pobrezinhas que ainda se exprimia em forma de dúvida: “Quem sabe... sim, talvez esteja vivo”, apressaram-se a responder:

- Mas deve estar vivo, sim! Com certeza está vivo!

Pois bem, não é natural que agora, faltando realmente qualquer fundamento de certeza para a suposição que seu ente querido esteja morto, e, ao contrário, aceitando como todos quiseram a ilusão de que esteja vivo, aquela pobre mãe enferma e aquelas três irmãs dêem o mais que puderem consistência de realidade a tal ilusão? Sim, claro, justamente, deixando o quarto à espera, arrumando-o com minucioso cuidado, puxando toda noite do saquinho a camisola e estendendo-a sobre as cobertas preparadas para a noite. Porque, se se deixaram persuadir a não chorar sua morte, a não se desesperarem por sua morte, forçosamente tem de mostrar a ele, vivo para elas, para ele que realmente pode reaparecer a qualquer momento, que aqui está, estão tão certas disso que toda noite preparam até mesmo sua camisola, ali, sobre a cama, sobre sua caminha arrumada todas as manhãs, como se à noite ele realmente tivesse dormido ali. E eis que lá estão as pantufas novas que Margheritina, esperando, não se contentou apenas em bordar, mas quis também levá-las a um sapateiro, para que ele, assim que retornar, encontre elas prontas no lugar das velhas.

Queira desculpar:

- Talvez não tenham morrido seu filho, sua filha, quando partiram para os estudos na cidade grande distante?

Ah, vocês fazem conjuros? Levantam a voz, gritando que absolutamente não morreram? Que estarão de volta no final do ano e que, enquanto isso, recebem pontualmente notícias deles, duas vezes por semana?

Acalmem-se, sim, vamos lá, eu acredito. Mas como é que, passado um ano, quando seu filho ou sua filha retornam um ano mais velhos da cidade grande, vocês

ficam atônitos, aturdidos, diante deles. Vocês, vocês mesmos, com as mãos abertas como para frear uma dúvida que os perturba, exclamam:

- Oh Deus, é você mesmo? Oh Deus, como está diferente!

Não apenas na alma, outra, isto é, no modo de pensar e de sentir, mas também no som da voz, também outro no corpo, no modo de se portar, de movimentar-se, de olhar, de sorrir...

Desconcertados, perguntam a si mesmos:

- Como assim? Seus olhos eram assim mesmo? Quando partiu, poderia jurar que seu narizinho era um pouquinho arrebitado...

A verdade é que vocês não reconhecem no seu filho ou na sua filha que voltam um ano depois aquela mesma realidade que lhes davam antes que partissem. Não existe mais, aquela realidade está morta. No entanto, vocês não se vestem de preto por essa morte e não choram... ou melhor, sim, choram, se lhes causa dor esse outro que retornou no lugar de seu filho, este outro que vocês não podem, não sabem mais reconhecer.

O filho de vocês, aquele que vocês conheciam antes que partisse, está morto, acreditem, está morto. Somente a presença de um corpo (esse também tão diferente!) lhes faz dizer que não. Mas vocês percebem bem que era outro aquele que partiu há um ano, que não voltou mais.

Pois bem, assim como não volta mais à sua mãe e às suas três irmãs este Cesarino Mochi, que partiu faz dois anos para Tripolitânia e de lá destacado para o Fezã.

Agora vocês bem sabem que a realidade não depende da existência ou não de um corpo. Pode existir o corpo e estar morto para a realidade que vocês lhe davam. Aquilo que faz a vida, portanto, é a realidade que vocês lhe dão. Portanto, realmente pode bastar à mãe e às três irmãs de Cesarino Mochi a vida que ele continua tendo para elas, aqui, na realidade dos atos que cumprem para ele, neste quarto que o aguarda em ordem, pronto para acolhê-lo assim como ele era antes de partir.

Ah, não há perigo que ele retorne outro para aquela mãe e para aquelas três irmãs, como aconteceu com seu filho no final do ano.

A realidade de Cesarino é inalterável aqui em seu quarto e no coração e na mente daquela mãe e daquelas três irmãs, que para si, fora dessa, não têm outra.

- Titti, que dia do mês é hoje? – a mãe enferma pergunta da poltrona à mais nova das três filhas.

- Quinze, - responde Margherita, erguendo a cabeça do livro. Mas não tem certeza disso e pergunta de novo as outras duas irmãs: - Quinze, não é?

- Sim, quinze – confirma Nanda, a mais velha, do tear.

- Quinze, - repete Flavia, que coze.

No rosto de todas as três, devido àquela pergunta da mãe a que responderam, incide a mesma ruga.

No silêncio da grande e luminosa sala de jantar, velada por cortinas cândidas de musselina, veio um pensamento que normalmente, não por estudo, mas por instinto, é mantido à distância pelas quatro mulheres: a reflexão do tempo que passa.

As três irmãs adivinharam o porquê dessa reflexão pavorosa na mente da mãe enferma largada na poltrona; por isso franziram a testa.

Não é por causa de Cesarino.

Existe outra, outra – não aqui na casa, mas que da casa, talvez amanhã, quem sabe! Poderia ser a rainha – Claretta, a noiva do irmão – sim, existe ela, infelizmente, e faz pensar no tempo que passa.

A mãe, perguntando que dia era, quis contar os dias que se passaram desde a última visita de Claretta.

Inicialmente vinha todos os dias, a cara menina (menina realmente, Claretta, para aquelas três irmãs velhas), quase todos os dias com a esperança que tivesse chegada a notícia. Porque ela tinha certeza, mais certeza que todas, que a notícia logo chegaria. Então entrava animada no quarto do noivo e deixava sempre alguma flor e uma carta. Sim, porque ela continuava escrevendo, como de costume, toda noite, a Cesarino. As cartas, ao invés de enviá-las, vinha, pois, deixá-las aqui, para que Cesarino as encontrasse assim que chegasse.

A flor murchava, a carta ficava.

Claretta talvez pensasse, ao encontrar a carta do dia anterior embaixo da flor seca, que também o perfume dessa se esvaía sem que tivesse inebriado ninguém? Guardava-a na gaveta da pequena escrivaninha do lado da janela e em seu lugar deixava uma nova e sobre ela pousava uma nova flor.

Durou bastante, por meses e meses, esse gentil cuidado. Mas um dia, a pequena veio com muitas flores, sim, mas sem carta. Disse que havia escrito na noite anterior, oh, até mais demoradamente do que o normal e que continuaria a escrever todas as noites, mas em uma agenda, porque a mãe lhe fez notar que era um desperdício inútil de papel de carta e envelopes.

Na verdade era assim: aquilo que importava era a delicadeza de escrever todos os dias; e afinal, que escrevesse no papel de carta ou na agenda era a mesma coisa.

Aconteceu que, com aquela carta, também começou a faltar a visita diária de Claretta. Primeiramente, três vezes, depois duas, depois começou a vir só uma vez por semana. Depois, com a desculpa do luto pela avó materna ficou mais de quinze dias sem vir. Quando por fim – não espontaneamente, mas levada pelas irmãs – voltou pela primeira vez, vestida de preto, ao quarto de Cesarino, houve uma cena inesperada que por pouco não fez explodir de angústia o coração daquelas três pobrezinhas. De repente, assim vestida de preto, assim que entrou, jogou-se na caminha branca de Cesarino, rompendo em um pranto desesperado.

Por que? O que tinha a ver? Ficou atordoada, como perdida, diante do espanto angustiante, do tremor daquelas três irmãs pálidas, lívidas: disse que ela mesma não sabia como tinha sido, o que tinha lhe acontecido... Desculpou-se. Culpou suas vestes pretas, a dor pela morte da avó... De qualquer modo, voltou a aparecer uma vez por semana.

Mas agora as três irmãs sentiam certa reserva ao levá-la ao quarto à espera; e ela, nem entrava sozinha, nem pedia as três irmãs que a levasse. De Cesarino, quase não falavam mais.

Três meses atrás veio de novo, vestida com roupas alegres, primaveris, tornara a desabrochar como uma flor, toda iluminada e vivaz como havia muito tempo as três irmãs e sua pobre mãe não viam. Levou muitas, muitas flores e quis ela mesma, com suas mãos, levá-las ao quarto de Cesarino e distribuí-las em vasinhos sobre a pequena escrivaninha, sobre a mesinha de cabeceira, sobre a cômoda. Disse que tinha tido um belo sonho.

Ficaram ofegantes, oprimidas e quase perturbadas com aquela vivacidade exuberante, com aquela alegria renascida da menina, as três irmãs, cada vez mais pálidas e mais lívidas. Sentiram, com o cessar do aturdimento inicial, como o

impacto de uma violência cruel, o impacto da vida reflorescendo prepotente naquela menina e que já não podia ser contida no silêncio daquela espera a que elas, com os cuidados religiosos de suas mãos franzinas e frias, ainda davam e tenazmente queriam sempre dar uma ilusão de vida, o quanto lhes fosse suficiente. Não fizeram nenhuma oposição quando Claretta, enrubescendo bastante, disse que nascera nela uma grande curiosidade de saber o que havia escrito a Cesarino em suas primeiras cartas de mais de um ano antes, trancadas na gaveta da escrivaninha.

Aquelas cartas deviam ser mais de cem, cento e vinte duas ou cento e vinte três. Queria relê-las; depois ela mesma as guardaria, para Cesarino, junto com as agendas. E de dez em dez, levou-as todas para casa.

Desde então as visitas rarearam. A velha mãe enferma, o olhar cravado no braço da poltrona, conta os dias que se passaram desde a última visita. É curioso que tanto para ela, quanto para as três filhas com a testa enrugada, esses dias se somem e se tornem tantos, enquanto para Cesarino que não volta, o tempo nunca passa. É como se tivesse partido ontem, Cesarino, ou melhor, como se não tivesse mesmo partido, mas tivesse apenas saído de casa e estivesse para voltar a qualquer momento, para sentar-se à mesa com elas e depois ir dormir naquela sua caminha pronta.

A derrocada da pobre mãe veio com a notícia de que Claretta, mais uma vez, estava noiva.

Era de se esperar, essa notícia, já que havia dois meses que Claretta não aparecia. Mas as três irmãs, menos velhas e, por isso, menos frágeis do que a mãe, teimam em dizer que não, que não esperavam essa traição. Querem a todo custo resistir à derrocada, elas, e dizem que Claretta noivou com outro não porque Cesarino esteja morto e com isso ela realmente não tenha mais nenhum motivo para ainda esperar seu retorno, mas porque, após dezesseis meses, cansou-se de esperá-lo. Dizem que sua mãe está morrendo, não porque o noivado de Claretta tenha derrubado a ilusão cada vez mais fraca do retorno de seu filho, mas pela dor que seu Cesarino sentirá ao voltar, com essa cruel traição de Claretta.

E a mãe, da cama, diz que sim, que está morrendo por essa dor; mas nos olhos tem como um riso de luz.

As três filhas observam aqueles olhos com inveja melancólica. Ela, logo mais, vai ver do outro lado se ele está vivo. Vai se livrar dessa ânsia pela longuíssima espera. Vai ter a certeza, ela. Mas não vai poder voltar para anunciá-la a elas.

A mãe gostaria de dizer que não há necessidade desse anúncio, porque ela já tem certeza que vai encontrá-lo do outro lado, seu Cesarino. Mas não, não diz. Sente muita pena de suas três pobres filhas que ficam aqui sozinhas e precisam muito pensar e acreditar que Cesarino ainda esteja vivo, por elas, e que mais cedo ou mais tarde haverá de voltar. E eis que tolda docemente o brilho dos olhos e até o fim, até o fim quer manter-se agarrada à ilusão das três filhas, para que mesmo em seu último suspiro essa ilusão traga fôlego e continue a viver por elas. Com o último fio de voz suspira:

- Digam-lhe que o esperei tanto tempo...

À noite, os quatro círios fúnebres ardem nos quatro cantos da cama e, de vez em quando, crepitam levemente, fazendo a longa chama amarela vacilar ligeiramente.

O silêncio da casa é tamanho que os crepitares daqueles círios, ainda que leves, chegam até o quarto à espera, e aquela vela amarelada, há dezesseis meses fincada no trifólio da bugia, aquela vela escarnecida pelas duas figurinhas dengosas da caixa de fósforos, a cada crepitar parece ter um sussulto do qual ela também possa tirar a chama, para velar um outro morto aqui, sobre o leito intacto.

Para aquela vela é uma revanche. De fato, naquela noite, a água do jarro não foi trocada, nem a camisola foi retirada do saquinho e estendida sobre as cobertas dobradas. O calendário de parede marca a data de ontem.

Parou por um dia, e parece que para sempre, no quarto, aquela ilusão de vida.

Somente o velho relógio de bronze sobre a cômoda segue taciturno e como nunca perturbado a falar do tempo naquela escura espera sem fim.

3.4 Ontem e Hoje

A guerra eclodira havia poucos dias.

Marino Lerna, voluntário do primeiro curso acelerado de aspirantes oficiais, obtida a nomeação de segundo-tenente de infantaria, após uma licença de oito dias passados em família, partiu para Macerata¹⁹², onde ficava o campo de instrução¹⁹³ do regimento para o qual fora designado: o 12º, brigada Casale¹⁹⁴.

Esperava passar ali alguns meses para a formação dos recrutas antes de ser enviado ao front. Ao invés disso, três dias depois, enquanto se encontrava no pátio da caserna, foi chamado repentinamente, não soube por quem. Subindo as escadas, encontrou-se com mais onze segundos-tenentes de diversos outros pelotões que chegaram com ele a Macerata.

- Mas onde? Por quê ?

Lá em cima, na sala do coronel.

Em rigorosa posição de sentido, com seus camaradas¹⁹⁵, diante de uma mesa maciça abarrotada de dossiês, desde as primeiras palavras do coronel dos Carabinieri¹⁹⁶, que ocupava interinamente o comando da caserna, logo compreendeu que devia ter chegado uma ordem de partida para eles.

De início, com os olhos ainda ofuscados pelo sol de junho que resplandecia no amplo pátio, não conseguiu distinguir, no escuro daquela tétrica sala, mais do que a cor prata da gola da farda do senhor coronel, o rosado de uma longa cara equina cortada por um grande par de bigodes, e o branquejar dos papeis na mesa.

Por um instante, na balbúrdia tumultuosa dos pensamentos e dos sentimentos, perdeu o sentido das palavras proferidas com voz dura e irritante.

¹⁹² Macerata è uma cidade localizada a oeste da região de Marche, que fica no centro-leste da península itálica.

¹⁹³ No original, "*deposito del regimento*". No Brasil, o *campo de instrução* destina-se: ao completamento da instrução de tiro, técnica e de combate; à realização dos trabalhos de organização do terreno e de serviço em campanha; à realização da instrução tática de unidades constituídas. (BRASIL, 1938).

¹⁹⁴ A Brigada Casale tinha como missão final chegar até Podgora, cidade que atualmente pertence a Eslovênia. Para isso, pretendia estabelecer uma base de apoio em Gorizia, cidade fronteiriça localizada na atual região de Friul-Veneza Júlia, e de lá poder avançar para o leste. Vale ressaltar que a novela nos diz que o campo de instrução da 12ª divisão localizava-se em Macerata; porém, a sede do regimento localizava-se na cidade de Cesena, na região de Emília-Romanha. (BRIGATA Casale..., 2002, p. 159).

¹⁹⁵ Cf. nota 163.

¹⁹⁶ Unidade militar criada no século XIX por Vitor Emanuel I como um corpo de elite das forças de segurança. Correspondente, atualmente no Brasil, a polícia militar.

Esforçou-se para prestar atenção e, sim senhores, era isso mesmo: a ordem de partida era para a tarde do dia seguinte.

No campo de instrução já se sabia que o 12^o ocupava uma dentre as mais ásperas e difíceis posições no front, em Podgora¹⁹⁷; e que os oficiais mais jovens haviam sido ceifados ali, em diversos assaltos infrutíferos. Portanto, era preciso preencher essas lacunas de imediato.

A tensão do ânimo, quando o coronel dispensou aqueles doze jovens, por um instante se desfez, em cada um deles, em aturdimento curioso, quase de ebriedade desiludida. Rapidamente desviaram-se dele para se entregarem a um excesso de barulhenta desenvoltura, do qual, porém, um instante depois, voltaram a se recobrar, com o intuito de mostrar um ao outro que aquela desenvoltura deles não era absolutamente simulada.

De qualquer forma, viram-se todos de acordo com a decisão de correr ao telégrafo para anunciar aos familiares a partida com palavras corajosas.

Todos, menos um. Precisamente aquele que, entre os oitenta aspirantes oficiais do pelotão de Roma foi designado com Marino Lerna ao 12^o regimento: um certo Sarri, precisamente aquele Sarri que tanto desagradava Marino Lerna ter como camarada, quase como se a sorte quisesse escolher, dentre os oitenta camaradas do pelotão romano, aquele pelo qual, justamente, tinha maior antipatia.

Mas na verdade o tal Sarri não tinha ninguém a quem telegrafar sobre sua partida. Naqueles três dias que passaram juntos em Macerata, Marino Lerna, mesmo não conseguindo no fundo mudar a opinião que tinha do outro, sentiu-se um pouco mais disposto com ele, talvez porque, a sós, o Sarri tivesse abandonado aquele ar desdenhoso que, em Roma, o havia tornado malquisto por todos os companheiros do pelotão. Marino Lerna acreditava ter entendido que o desprezo de Sarri derivava de um propósito, que nele era quase uma necessidade instintiva de nunca confundir seu sentimento com o dos outros, demonstrando de todos os jeitos que ele sentia, nem tanto diferentemente, mas contrário, sem se importar minimamente com a estima alheia. Em suma, talvez fosse mais antipático por profissão do que por natureza e tinha orgulho da antipatia que suscitava. Podia se dar a esse luxo, porque era muito rico e sozinho no mundo.

¹⁹⁷ Cidade que atualmente pertence a Eslovênia e que fora objetivo último a ser alcançado pelas tropas italianas durante as batalhas do Isonzo, na Primeira Guerra Mundial. Fica a aproximadamente 70km de Gorizia, última cidade italiana na fronteira com a Eslovênia.

De Roma, trouxera a Macerata uma mocinha alegre que bancava havia cerca de três meses, bem conhecida entre os camaradas do pelotão. Ele também contava permanecer no campo de instrução talvez por mais de um mês, e dizia que nesse tempo queria livrar-se de tudo, ao menos a satisfação mais fácil, aquela bestial do sexo oposto, certo que estava de que não deixaria de morrer na guerra, tanto que a ideia de continuar vivo depois da guerra, na ênfase de uma pátria cheia de heróis, parecia-lhe intolerável.

Marino Lerna, enquanto se dirigia ao telégrafo com os outros, vendo-o ficar para trás, se deteve.

- Você não vem?

Sarri deu de ombros.

- Não... quis dizer... – retomou Lerna para consertar, um pouco constrangido, a pergunta estúpida. – Queria te pedir um conselho.

- Justo a mim?

- Não sei... veja: três dias atrás, partindo de Roma, tranquilizei meu pai e minha mãe...

- Você é filho único?

- Sim, por quê?

- Sinto muito.

- Eh, eu sei, tranquilizei-os de que não partiria para o front antes de alguns meses e que antes de partir iria vê-los para me despedir pela...

Estava para dizer “pela última vez”. Interrompeu-se. Sarri entendeu e sorriu.

- Pode dizer, *pela última vez*.

- Não, bem, esperamos que não; bate na madeira¹⁹⁸. Para despedir-me, digamos, *mais uma vez*, antes de partir.

- Muito bem. E depois?

- Espera. Meu pai me fez prometer que caso me negassem a licença, o avisaria a tempo para que ele pudesse vir aqui com minha mãe se despedir. Mas agora, nós partiremos amanhã, às cinco da tarde.

- Se hoje à noite tomarem o trem das dez, - prosseguiu Sarri – amanhã às sete poderão estar aqui para passar quase o dia inteiro com você.

¹⁹⁸ No original, “*faccio le corna*”: gesto que se faz com a mão fechada e os dedos indicador e mindinho levantados, em sinal para afastar um perigo ou azar. No Brasil, a superstição de bater três vezes na madeira é sinal para afastar o perigo ou azar.

- Então, esse é seu conselho? – perguntou Marino Lerna.

- Claro que não! – exclamou Sarri, sem hesitar. Desculpe, você teve a sorte de partir sem choros...

- Não seja por isso, minha mãe já chorou!

- E não está contente com isso? Gostaria de vê-la chorar de novo? Diga que vai partir esta noite e despeça-se daqui. Será melhor para você e para eles.

Então, vendo que Lerna permanecia ali incerto e perplexo:

- Tchau, hein – lhe disse. Vou eu avisar Ninì da partida. Vai ser engraçado. Ela me ama, mas se ela chorar, vou enchê-la de porrada!

E foi-se embora.

Marino Lerna encaminhou-se ao telégrafo ainda perplexo quanto a seguir ou não aquele conselho. Reencontrou no telégrafo os camaradas que, sem dúvida, já tinham telegrafado seu adeus, e fez como eles; mas então, reconsiderando e parecendo-lhe ter traído sua pobre mãe, e seu pai, enviou um novo telegrama urgente, no qual os avisava que se tomassem o trem das dez naquela noite chegariam a tempo para despedirem-se antes de ele partir.

A mãe de Marino Lerna era uma mulher pequenina, dura, à moda antiga, como o interior ainda guarda.

Ereta no busto armado com grandes barbatanas, ossuda, um pouco rígida, apesar de não ser magra; o tempo todo ansiosa, entre suspeitas e desconfianças, virava para cá e para lá seus penetrantes olhinhos de rata, irrequietos.

Adorava tanto aquele seu único filho, que por ele, para não se afastar dele, ex estudante universitário, tinha deixado o conforto da sua antiga casa, os hábitos patriarcais da sua vida em uma aldeia dos Abruzos¹⁹⁹ para se estabelecer na capital fazia dois anos, aonde se sentia perdida.

Chegou a Macerata na manhã do dia seguinte em tal estado que logo o filho arrependeu-se de tê-la chamado. Mas ela reclamara que não, logo ao descer do trem, que não, que não, sem poder mais tirar os braços do pescoço do filho, chorando em seu peito.

- Não me diga isso, Rinuccio... não me diga...

¹⁹⁹ Região a sudeste da península itálica, banhada pelo mar Adriático e divisa com a região do Lácio, onde localiza-se a capital, Roma.

Enquanto isso o pai lhe dava um tapinha em seu ombro, seríssimo. Porque era um homem. E não chorava, ele.

Em Roma, pouco antes de partir, tivera certa conversa com um senhor desconhecido, que também tinha um filho no campo desde o primeiro dia da guerra e mais dois menores em casa. Certa conversa, sim. Nada. Uma conversa entre dois pais, é isso.

- Sem chorar...

Porém, no esforço para segurar o pranto a qualquer custo (esforço que parecia mais que evidente devido aos olhinhos brilhantes, febris), seu corpo magrinho, muito asseado, tinha agora uma solenidade ridícula e artificiosa que dava pena, talvez mais do que aquele pesar entregue da mãe.

Estava sem dúvida exaltado. Mencionava aquela sua misteriosa conversa com aquele desconhecido, como para esconder um propósito que, entretentes, tinha um efeito bem curioso: aquele de fazer com que visse a si mesmo de fora, sua exaltação disfarçada de calma e de, talvez, fazer-lhe sentir ora remorso, ora incômodo perante a desnuda franqueza, a comoção forte e muda do filho sofrendo pelo choro de sua mãe e lhe dava coragem mais com afagos do que com palavras.

Infelizmente, como Sarri havia previsto, foi um suplício inútil.

Tendo acompanhado os pais ao hotel, Marino Lerna teve que sair correndo para a caserna, aonde foi mantido quase até meio dia. Assim que acabou por lá, no mesmo quarto de hotel o almoço (porque não foi possível levar ao restaurante a mãe com aqueles olhos desmanchados pelo choro; além do mais, não conseguia se manter em pé) assim que acabou o almoço, teve que retornar à caserna na maior pressa para as últimas instruções. De maneira que o pai e a mãe só puderam revê-lo por poucos instantes logo antes da partida.

Mas o pai tentou fazer à esposa um belo discurso, um belo, longo e lógico discurso assim que ficaram sozinhos. Naquele discurso lhe disse coisas fora do comum, tentando muitas vezes deglutir e passando a mãozinha ligeiramente trêmula nos lábios: que não se devia chorar daquele jeito porque não quer dizer que Rinuccio... Deus nos livre... os casos poderiam ser muitos... por enquanto, o regimento podia até ser enviado para uma segunda linha, já que se encontrava, como diziam, em postos avançados desde o primeiro dia da guerra... e afinal, se

todos os soldados que enviados ao front fossem morrer, acabou-se... era mais fácil que fossem feridos... uma feridinha leve... no braço, por exemplo... Deus assistiria, o filho deles... por quê chamar o azar²⁰⁰ assim com aquele choro? É... pois é... vendo-a chorar assim, Rinuccio ficaria impressionado; claro que ficaria impressionado...

Mas a mãe dizia que não era ela. Os olhos... os olhos... o que podia fazer? Pela aflição que lhe davam todas as palavras, todas as atitudes do filho: uma aflição estranha e cruel, de recordação.

- Cada palavra, entende? Causa-me o efeito que não está me dizendo agora, mas que *me dizia*... Assim! Fica marcada, como se ele já não existisse mais... O que eu posso fazer?... Deus... Deus...

- E não é azar, isso?

- Não! O que está dizendo!

- Digo que é azar! Eu vou rir, você vai ver como eu vou rir quando partir.

Se tivessem continuado mais um pouco, teriam brigado. Já havia uma impaciência aguda e fustigante com o atraso do filho. Meu Deus, como os superiores não entendiam que aqueles últimos momentos deviam ser reservados a uma pobre mãe e a um pobre pai?

A impaciência transformou-se em agitação insuportável quando todos os camaradas de Marino começaram, aos poucos e bem apressados, a retornar ao hotel, com as carroças parando ali em frente à espera das bagagens para partir rapidamente rumo à estação. Aí está. O ordenança de um carregava o caixote; o do outro a mochila, o casaco, o sabre; e todos partindo desabaladamente, de carroça, dando no pé²⁰¹.

Marino, o último a sair da caserna, correu para buscar um par de coturnos²⁰² que encomendara no dia anterior; e acabara se atrasando.

²⁰⁰ No original, "*fargli cosi la jetatura*".

²⁰¹ No original, "*di gran trotto*": à passos largos, depressa. Em português, *dar no pé*: sair às pressas, fugir, debandar, ir embora.

²⁰² No original, "*scarpe imbulletate*". "As botas com as quais nossos soldados estavam equipados, especialmente os alpinos, eram o orgulho, desde a Primeira Guerra Mundial, de nosso exército e dos nossos mestres sapateiros [...] No entanto, eles foram projetados para solos secos e climas moderados [...] as famosas botas de travas provaram ser, juntamente com todos os armamentos utilizados [...] um verdadeiro desastre [...] causa de muitos congelamentos porque a umidade penetrava pelos orifícios das travas, formando uma camada de gelo sob as solas dos pés do soldado, com todas as consequências que se possa imaginar com temperaturas abaixo de -48 ° C. (TOMASSONI, 2017). Como não há palavra correspondente em português, optou-se pela *omissão* do detalhe das botas, já que ele não interfere na construção de significados da sentença. Adaptou-se, pois, por coturno, calçado comumente utilizado por soldados de guerra.

Mais do que uma indiferença, foi uma transgressão, uma precipitação, uma afobação. Havia o risco de perder o trem. De fato, chegou à estação com o pai e a mãe quando as portas dos vagões já estavam sendo fechadas. Meteu-se em uma, de onde os camaradas acenavam, chamando-o. Logo o trem partiu, no meio de um tumulto de gritos, de choros, de votos, entre o esvoaçar de lenços e acenos com mãos e chapéus.

Quando o senhor Lerna, que tinha agitado o seu até o último instante, mas sem nenhuma convicção, quase zangado que não lhe tivessem dado tempo de fazê-lo direito, voltou-se, ainda um pouco atordoado, procurando a esposa ao lado, não a encontrou mais: haviam-na carregada, desfalecida, para a sala de espera.

Grande quietude, agora, na estação. Não havia mais ninguém. Apenas, no vão ofuscante da longa e cansada tarde de verão, os trilhos brilhantes, e um distante e ininterrupto zizio de cigarras.

Todas as carroças já haviam reconduzido à cidade as pessoas que vieram se despedir dos parentes. Não se encontrou mais nenhuma diante da estação quando, finalmente, a mãe de Marino Lerna, recobrados os sentidos, estava em condições de ser levada ao hotel.

O fiscal da estação, compadecido, ofereceu-se para ir até a garagem próxima para solicitar a vinda de um ônibus que já deveria estar de volta.

No último instante, quando a senhora, amparada, quase carregada, já tinha tomado assento e o ônibus estava para partir, embarcou apressada uma jovem loira, surgida sabe-se lá de onde, com um grande chapéu de palha florido de rosas na cabeça, muito decotada e vestida de maneira extravagante; olhos e lábios pintados, mas que também chorava perdidamente.

Uma bela jovem.

Tinha, contido em uma mão, um minúsculo lençinho azul, bordado; a outra, cintilante de anéis, ela mantinha sobre a face direita, para esconder a vermelhidão e o ardor de uma terrível bofetada.

Era a Ninì, que o segundo-tenente Sarri trouxe consigo de Roma, três dias antes.

O pai de Marino Lerna entendeu logo que tipo de mulher era aquela loirinha. Quem não entendeu foi a mãe que, vendo-se diante de uma outra mulher que chorava como ela, não soube se conter e perguntou:

- É esposa, a senhora?

Ela, com seu lençinho de boneca nos olhos, apressou-se em dizer que não com a cabeça.

- Irmã? Insistia a mãe.

Mas nessa altura interveio o marido, dando uma cotovelada escondida na esposa, como sinal.

Talvez a jovem tenha notado aquele sinal: de qualquer forma, compreendeu que o engano daquela velha senhora em relação a ela não duraria muito e não respondeu.

Mas compreendeu outra coisa, talvez ainda mais triste, enquanto seguia chorando. Compreendeu que agora ela impedia aquela velha mãe de chorar, porque aquela velha mãe, agora, sentia vergonha em confundir suas lágrimas com as dela.

No entanto, eram lágrimas também as suas; e lágrimas de uma pena muito mais rara do que aquelas tão comuns e naturais de uma mãe.

Não fora somente de Sarri, em Roma, Nini. Fora também de outros companheiros dele naquele pelotão de aspirantes oficiais e quem sabe, talvez também daquele, pelos qual agora aquela velha mãe chorava.

Ao meio dia, estivera à mesa com eles, com dez deles. Uma mesa de diabos. Tinham aprontado de tudo com ela, e ela deixara, para que ficassem atordoados como loucos, aqueles pobres rapazes, prestes a partir para a guerra. Quiseram até mesmo descobrir-lhe os seios, ali na cantina²⁰³, onde todos podiam ver, porque aquele seus seios pequenos eram famosos entre eles, quase ainda virginais, de tubérculos eretos. Quiseram batizá-los, loucos, com champanhe e ela os deixara fazer e tocar, beijar, empurrar, apertar, arrancar, para que a levassem, sim, viva com eles, aquela última lembrança de sua carne de amor, lá²⁰⁴ onde talvez

²⁰³ No original, “*trattoria*”, restaurante típico italiano de atmosfera familiar. A palavra *cantina*, nessa acepção, tem significado apenas no Brasil. Na Itália, *cantina* significa porão, cômodo subterrâneo.

²⁰⁴ No original, “*portassero, sì, vivo lassù, quell’ultimo ricordo della sua carne d’amore; lassù*”. No primeiro caso, o próprio verbo ‘*levar*’ já foi capaz de trazer o significado de algo transportado por alguém de um lugar a outro: os soldados levariam para o front a lembrança dos prazeres do corpo de Nini; no segundo, o advérbio demonstrativo de base pronominal *là*, por si só, já foi capaz de enfatizar o significado de um lugar relativamente afastado da pessoa que fala. A repetição *là em cima*, portanto, traria uma ênfase desnecessária, o que poderia, em última análise, caracterizar um

todos aqueles belos jovens de vinte anos, um por um, seriam mortos amanhã. Tinha rido tanto com eles e então, sim, meu Deus... então, beijando-os pela ultima vez... Mas tinha vindo por parte de Sarri aquela terrível bofetada na face direita. Não, não: não tinha ficado ofendida...

Pois é, poderia tê-la deixado chorar sem se ofender, aquela pobre velha mãe. Deixava-a chorar, claro; mas já não chorava ela, pobre velha mãe, que precisava sabe-se lá quanto.

Agora, eis que ela se esforçou para deter suas lágrimas, para deixar escorrer aquelas da mãe. Mas em vão. Quanto mais se esforçava para segurá-las, tanto mais impetuosamente elas irrompiam de seus olhos, coagidas também pela razão cruel pela qual procurava impedir seu desabafo. Por fim, angustiada, não aguentando mais, descobriu o rosto, irrompeu em soluços, gemendo:

- Pelo amor de Deus... pelo amor de Deus... não consigo segurar, senhora... Esse meu pranto... Posso chorar também eu, senhora... A senhora, por seu filho... e eu... não propriamente por seu filho... por alguém que partiu com ele, e que até me bateu porque eu estava chorando... A senhora por um só... eu por todos... por todos... também por seu filho, senhora... por todos... todos...

E tornou a esconder o rosto, não resistindo a dura carranca daquela mãe, que agora estava olhando-a com o rancor zeloso que todas as mães têm diante de mulheres como ela.

Fora muito sofrimento o que a mãe sentira com a partida do filho. E agora, precisava muito de um pouco de trégua e de silêncio. Aquela mulher não a perturbava apenas, como também a ofendia com isso. A ideia de que o filho não seria exposto ao perigo antes de dois dias lhe concedia trégua. Portanto ela podia ser dura, e foi dura. Por sorte, o trajeto da estação à cidade era curto. Assim que chegou, desceu da diligência sem nem mesmo dirigir um olhar àquela fulana.

No dia seguinte, durante a viagem de volta, na estação de Fabriano, a senhora Lerna, enquanto com o marido estava debruçada à janela de um vagão de primeira classe, reviu a jovem, que procurava afobada um assento no trem. Estava na companhia de um rapaz. Trazia nos braços um buquê de flores e ria.

pleonasma. Lembrando que a narrativa se passa em Macerata, no centro-leste da península itálica; já o front de batalha para onde iriam os soldados localizava-se na fronteira com a Áustria-Húngria, ao norte.

A senhora Lerna voltou-se ao marido e falou alto, de modo que ela pudesse ouvir:

- Ah! Olha lá! Aquelazinha que chorava por todos!

A jovem voltou-se, sem raiva ou desdém.

- Pobre mãe, boa e estúpida, - disse com aquele olhar. – Não entende que a vida é assim? Ontem chorei por um. É preciso que hoje ria por este outro.

3.5 Quando se compreende

Os passageiros que chegaram de Roma com o trem noturno à estação de Fabriano tiveram que esperar o amanhecer para prosseguir viagem em um trenzinho lento e escangalhado pela região de Marche²⁰⁵.

Ao amanhecer, em um vagão imundo de segunda classe, no qual cinco passageiros já haviam tomado assento, entrou, quase arrastada, uma senhora tão entregue em seu pesar que mal se aguentava em pé.

A desolação cruel do raiar do dia, na angústia opressora daquele vagão imundo e fedendo a fumo, fez parecer um pesadelo aos cinco passageiros que haviam passado a noite em branco, aquela maranha de panos, desajeitada e piedosa, enguida com bufos e gemidos da plataforma e depois do degrau do trem.

Os bufos e gemidos que acompanhavam e quase sustentavam, por trás, o esforço, eram do marido, que por fim despontou, franzino e magrela, pálido como um defunto, mas com os olhinhos bem penetrantes em sua palidez.

Todavia, a aflição de ver a mulher naquele estado não o impedia de se mostrar cerimonioso, mesmo com intenso constrangimento; mas também, o esforço feito tornava evidente que o deixara um pouco agastado, talvez por receio de que não tivesse dado prova, àqueles cinco passageiros, de força suficiente para sustentar e introduzir no vagão o grande fardo daquela mulher.

Porém, ao se sentar, logo após ter pedido desculpas e agradecer aos companheiros de viagem que rapidamente se afastaram para dar lugar àquela senhora que padecia, também pôde demonstrar-se cerimonioso e atencioso com ela, ajeitando-lhe as roupas e a ponta da mantilha que fora parar sobre seu nariz.

- Você está bem, querida?

A mulher não apenas não lhe respondeu, mas com raiva puxou de volta a mantilha - mais para cima, até esconder todo o rosto. Ele então sorriu aflito, depois suspirou:

- Oh...mundo!

Quis explicar aos companheiros de viagem que a mulher era digna de pena, já que se encontrava naquele estado pela partida iminente e repentina de seu único

²⁰⁵ No original, "*su per le Marche*". Marche é uma região localizada no centro-leste da península itálica. No caso em questão, os passageiros estão vindo de Roma, no Lácio, região localizada no centro-oeste da península. Portanto, literalmente, subindo do Lácio para Marche. Roma está a aproximadamente 210km de distância da cidade de Fabriano.

filho para a guerra. Disse que havia vinte anos só viviam por aquele único filho. Para não deixá-lo sozinho, tendo ele optado pelos estudos universitários, um ano antes haviam se mudado de Sulmona²⁰⁶ para Roma. Com a deflagração da guerra, o filho, convocado pelo exército, tinha se matriculado no curso acelerado para aspirantes oficiais; depois de três meses, nomeado segundo-tenente de infantaria e designado ao 12º regimento da brigada Casale²⁰⁷, fora se apresentar no campo de instrução²⁰⁸ em Macerata²⁰⁹ assegurando aos dois que ficaria por lá por pelo menos um mês e meio, para a formação dos recrutas. Ao invés disso, eis que após três dias apenas estavam-no enviando ao front. No dia anterior haviam recebido em Roma um telegrama que anunciava esta partida traiçoeira e estavam viajando até lá para se despedirem, para vê-lo partir.

A mulher debaixo da mantilha agitou-se, contraiu-se, contorceu-se, também rugiu muitas vezes como uma fera, exasperada por aquela longa explicação do marido, que não compreendia que nenhuma compaixão especial podia lhe ser reservada por um fato que afligia tantas pessoas, talvez a todos, e que, aliás, suscitaria irritação e desdém naqueles cinco passageiros que não se mostravam abatidos ou vencidos como ela pelo pesar, mesmo que provavelmente também tivessem um ou mais filhos na guerra. Mas talvez o marido falasse de propósito e desse aquelas informações do filho único e de sua partida repentina após apenas três dias, etc., para que os outros, com dura frieza, repetissem a ela todas aquelas palavras que ele andava dizendo fazia alguns meses, ou seja, desde quando o filho fora convocado, nem tanto para confortá-la e para se confortar, mas para, desafortadamente, convencê-la a uma resignação impossível para ela.

De fato, eles receberam friamente aquela explicação. Um deles disse:

²⁰⁶ Sulmona é uma cidade que está localizada na região dos Abruzos, aproximadamente 170km de Roma, no Lácio.

²⁰⁷ A Brigada Casale tinha como missão final chegar até Podgora, cidade que atualmente pertence a Eslovênia. Para isso, pretendia estabelecer uma base de apoio em Gorizia, cidade fronteiriça localizada na atual região de Friul-Veneza Júlia, e de lá poder avançar para o leste. Vale ressaltar que a novela nos diz que o campo de instrução da 12ª divisão localizava-se em Macerata; porém, a sede do regimento localizava-se na cidade de Cesena, na região de Emília-Romanha. (BRIGATA Casale..., 2002, p. 159).

²⁰⁸ Cf. nota 193.

²⁰⁹ Macerata é uma cidade localizada a oeste da região de Marche, aproximadamente 70km da cidade de Fabriano, primeira parada dos passageiros na narrativa.

- Tem que agradecer a Deus, caro senhor, que seu filho esteja partindo somente agora! O meu já está lá²¹⁰ desde o primeiro dia da guerra. Já foi até ferido, sabe? Duas vezes. Por sorte levemente, uma vez no braço e a outra na perna. Um mês de licença e voltou ao front.

Outro disse:

- Eu tenho dois. E três netos.

- Sim, mas um filho único... – o marido tentou fazer com que considerassem.

- Não é verdade, não diga isso! – interrompeu-o aquele, grosseiramente. Um filho único é mimado; mas não é mais amado! Um pedaço de pão a mais para um, quando se tem mais de um filho, tudo bem; mas não o amor paterno. Um pai dá tudo aquilo de que é capaz. E se agora estou sofrendo, não estou sofrendo metade por um, metade por outro, estou sofrendo pelos dois.

- Sim, isso é verdade, é verdade – admitiu o marido com um sorriso tímido, esitante e digno de pena. Mas veja... (estamos apenas raciocinando, Deus nos livre) mas suponhamos... não é seu caso, por favor, prezado senhor... suponhamos um pai que tenha mais de um filho na guerra: perdendo um (tomara que não!²¹¹), ao menos lhe sobra o outro!

- Pois bem, sim, e a obrigação de viver por este outro, - afirmou rapidamente aquele, carrancudo. – O que significa que se ao senhor... não ao senhor, mas a um pai que tenha somente um filho, ocorrer o fato que este filho morra, se ele não souber mais o que fazer da vida, morto o filho, poderá dar cabo dela, e adeus. Enquanto eu, entende? Eu preciso continuar vivo pelo outro que me resta. Portanto, a pior situação é sempre a minha!

- Mas que conversa! – disparou neste momento outro passageiro, gordo e rubro, olhando ao redor com os grandes olhos claros marejados e raiados de cólera.

Arfava, e parecia que aqueles olhos fossem saltar para fora pela arquejante violência interna de vitalidade exuberante, que o corpão desfeito já não conseguia conter. Colocou a mãozona deformada na boca, como repentinamente tomado pela lembrança dos dois dentes que lhe faltavam. Mas depois nem pensou muito nisso, e prosseguiu, dizendo com desdém:

²¹⁰ Em italiano, “*Il mio è già su [...]*”. Os soldados iriam para o front de batalha na fronteira com a Áustria-Hungria, ao norte; já a narrativa acontece no percurso de trem pela região de Marche, no centro-leste da península itálica. Cf. também explicação presente na nota 204, quanto ao uso do advérbio *là*.

²¹¹ Em italiano, *non sai mai!* Interjeição que se usa quando se pretende afastar de si algo negativo.

- Mas os senhores acham que fazemos os filhos para nós mesmos?

Os outros se debruçaram a observá-lo, consternados. O primeiro, aquele que tinha o filho no front desde o primeiro dia da guerra, suspirou:

- Pois é, pela a pátria, claro...

- Pois é, repetiu o passageiro gordo, - caro senhor, se o senhor diz assim, pela pátria, pode parecer um esgar!

Filho meu, eu te pari

Para a pátria e não para mim ...²¹²

Balela! Quando? O senhor pensa na pátria quando nasce um filho? Ridículo! Os filhos chegam não porque o senhor os quer, mas porque tem que vir; e pilham a vida: não somente a deles, mas pilham também as nossas. Essa é a verdade. E nós estamos aqui para eles e não eles para nós. E quando têm vinte anos... pense um pouco, são iguazinhos ao que éramos eu e o senhor quando tínhamos vinte anos. Tinha nossa mãe. Tinha nosso pai. Mas também tinham tantas outras coisas, os vícios, a namorada, as gravatas novas, as ilusões, os cigarros, e também a pátria, sim, aos vinte anos, quando não tínhamos filhos. A pátria que, se nos tivesse chamado, diga a verdade, não estaria para nós acima do nosso pai, acima da nossa mãe? Temos cinquenta, sessenta anos, agora, caro senhor, e ainda existe a pátria, claro. Mas, inevitavelmente, existe dentro de nós, ainda mais forte, o afeto por nossos filhos. Quem entre nós, podendo, não iria, não gostaria de combater no lugar do próprio filho? Todos, claro! E agora não queremos considerar o sentimento de nossos filhos aos vinte anos? Dos nossos filhos que, forçosamente, chegando a hora, têm de sentir um afeto pela pátria maior do que por nós? Obviamente falo dos bons filhos, e digo forçosamente porque, perante a pátria, para eles, nós também nos tornamos filhos, filhos velhos que não podem mais se mexer e que devem ficar aqui em casa. Se a pátria existe, se a pátria é uma necessidade natural, como o pão que cada um de nós, forçosamente, tem de comer se não quiser morrer de fome, é preciso que alguém vá defendê-la, ao chegar a hora. Vão eles, aos vinte anos, vão porque têm de ir e não querem lágrimas. Não querem, porque ainda que morram,

²¹² “Figlio mio, t’ho partorito/ Per la pátria e non per me”, são os dois últimos versos da poesia pouco citada *La madre a la pátria*, do poeta trentino Giovanni Prati (1815-1884), publicada no *Canti per il popolo*, em 1842. A versão musical de *La madre a la pátria* é atribuída ao compositor Giuseppe Verdi (1831-1901). (MACCHIONE, 2006-2007, p. 59-68).

morrerão inflamados e contentes. (Obviamente, ainda estou falando dos bons filhos!) Ora, quando se morre contente, sem ter visto todas as feiuras, o tédio, as misérias dessa vida horrorosa que segue, as amarguras das decepções, o que mais queremos? É preciso não chorar, rir... ou como eu choro, sim senhores, contente porque meu filho mandou me dizer que sua vida – a *sua*, entendem? Aquela que nós devemos ver nele e não a *nossa* – sua vida, ele a despendera da melhor forma possível, e que morreu feliz e que eu não ficasse de luto, como de fato os senhores podem ver que não estou.

Ao dizer isso, sacudiu a jaqueta clara para mostrá-la. Os lábios lívidos sobre os dentes faltantes tremiam. Os olhos, quase liquefeitos, pingavam. Terminou soltando duas risadas repentinas que podiam até ser soluços.

- Pois é... pois é.

Havia três meses aquela mãe, escondida ali, sob a mantilha, procurava em tudo aquilo que o marido e os outros lhe diziam para confortá-la e induzi-la à resignar-se, uma palavra, uma única palavra que na surdez de sua profunda dor lhe despertasse um eco, lhe fizesse entender como possível para uma mãe a resignação ao enviar o filho, nem tanto à morte, mas somente a um provável risco de vida. Não conseguira encontrar uma, nunca, entre as tantas e tantas que lhe foram ditas. Por isso deduzira que os outros falavam, podiam falar com ela assim, de resignação e de conforto, só porque não sentiam aquilo que ela sentia.

As palavras deste viajante, agora, a atordoaram, a deixaram pasma. De repente, compreendeu que não eram os outros que não sentiam o que ela sentia, mas que ela, antes, não conseguia sentir aquilo que todos os outros sentiam e por meio disso podiam resignar-se, não apenas à partida, mas, bem, até a a morte do próprio filho.

Ergueu a cabeça, levantou-se do canto do vagão para ouvir as respostas que aquele viajante dava às perguntas dos companheiros sobre quando, sobre como morreria aquele filho e ficou boquiaberta, pareceu-lhe ter despencado em um mundo que ela não conhecia, no qual se debruçava agora pela primeira vez, sentindo que todos os outros não apenas compreendiam, mas também admiravam aquele velho, e aliás o congratulavam por poder falar assim da morte do filho.

Então, de repente, viu desenhar-se no semblante daqueles cinco passageiros o mesmo espanto que devia estar no seu quando, sem que ela mesmo

quisesse, como se realmente ainda não tivesse ouvido nem compreendido nada, ergueu-se para perguntar àquele velho:

- Mas então... então seu filho morreu?

O velho virou-se para olhá-la com aqueles olhos atrozes, incomensuravelmente arregalados. Olhou-a, olhou-a e, de repente, por sua vez, como se somente agora, com aquela pergunta incongruente, diante daquela maravilha fora de lugar, afinal compreendesse naquele momento que seu filho realmente havia morrido por ele. Eriçou-se, disfarçou, puxou precipitadamente o lenço do bolso e, entre o espanto e a comoção de todos, irrompeu em agudos, lancinantes e irrefreáveis soluços.

3.6 O Senhor do navio²¹³

Juro que não quis ofender o senhor Lavaccara nem uma, nem duas vezes, como andam dizendo pelo vilarejo.

O senhor Lavaccara quis me falar sobre um porco de sua propriedade, para me convencer que o bicho era inteligente.

Eu então lhe perguntei:

- Desculpe, é magro?

Eis que o senhor Lavaccara me olhou da primeira vez como se, com essa pergunta, quisesse ofender não propriamente ele, mas aquele seu animal.

Respondeu-me:

- Magro? Pesa mais de um quintal²¹⁴!

Então eu lhe disse:

- Desculpe, e o senhor acredita mesmo que pode ser inteligente?

Falava-se do porco. O senhor Lavaccara, com toda aquela prosperidade rosada de carne a tremer, acreditou que eu, depois do porco, quisesse agora ofender ele, como se tivesse dito que em geral a gordura exclui a inteligência. Mas repito, falava-se do porco. O senhor Lavaccara, portanto, não deveria ficar de cara tão fechada, tampouco me perguntar:

- Mas então, segundo o senhor, eu...?

Apressei-me em responder:

- Mas o que é que o senhor, caro Lavaccara, tem a ver com isso? Por acaso o senhor é um porco? Desculpe-me, mas quando o senhor come, com seu bom apetite – que Deus o mantenha, para quem o senhor come? Come para si mesmo, não está engordando para os outros. O porco, ao contrário, acredita estar comendo para si e engorda para os outros.

²¹³ *Il signore della nave* é, na realidade, a representação de “um Cristo crucificado [...] rodeado por um sofrimento impar. A sua dramaticidade é destacada pelo sangue que escorre das feridas e pela realidade anatômica de um corpo dilacerado pela flagelação [...] [que] há séculos é objeto de uma intensa devoção por parte dos marinheiros [...] Segundo a tradição [...] em honra ao SS. Crucifixo, em 14 de setembro de cada ano, vem celebrada uma missa cantada, uma procissão e sobretudo a degola dos porcos [...] na praça em frente a igreja de São Nicolau.” (CEFFALIA, 2018).

²¹⁴ O verbete é definido como “Antiga medida de peso equivalente a quatro arrobas (cerca de 60kg).” (BECHARA, 2011, p. 976); QUINTALE. [...] “quintal (100kg, sim. ql.). (fig.) tonelada [...]” (BENEDETTI, 2004, p. 822); QUINTALE. Unidade de medida/”> medida de peso de uso corrente, ainda se não prevista pelo Sistema Internacional, equivalente a 100kg [...] em Portugal e no Brasil 68,75kg. (DIZIONARIO Treccani, [s.n.t]). Trata-se aqui de um porco de mais de 100kg.

Nem riu. Nada. Ficou ali, plantado e duro diante de mim, com a cara mais feia que antes. Então eu, para demovê-lo, acrescentei com solicitude:

- Suponhamos, suponhamos, caro senhor Lavaccara, que o senhor, com sua bela inteligência, fosse um porco, perdoe-me. O senhor comeria? Eu não. Vendo trazer-me comida, eu grunhiria, horrorizado: “Neca! Agradeço, senhores. Comam-me magro!” Um porco que é gordo, quer dizer que ainda não entendeu isso; e se não entendeu, como poderia ser inteligente? Por isso eu lhe perguntei se o seu era magro. O senhor me respondeu que pesa mais de um quintal. Então me desculpe, caro senhor Lavaccara, o seu deve ser um belo porco, não vou negar, mas certamente não é um porco inteligente.

Explicação mais clara do que essa me parece que não poderia ter dado ao senhor Lavaccara. Mas de nada adiantou. Aliás, certamente foi pior: percebi enquanto falava. Quanto mais me esforçava em deixar clara a explicação, tanto mais o senhor Lavaccara fechava a cara, resmungando:

- Sei... Sei...

Por que certamente lhe pareceu que eu, fazendo aquele seu animal pensar como um homem, ou melhor, pretendendo que aquele seu animal pensasse como um homem, não pretendesse falar do animal, mas dele.

Então. Realmente, eu sei que o senhor Lavaccara comenta por aí o meu discurso, ressaltando-lhe a futilidade aos olhos de todos, para que todos lhe digam que aquele meu discurso não faz sentido, se referido a um animal que também acredita comer para si e não pode saber que os outros o façam engordar para eles. Se um porco nasceu porco, a culpa não é dele? Forçosamente vai comer feito um porco. Dizer que não deveria, e que deveria recusar a refeição para que o comam magro é uma asneira, porque um propósito desses nunca poderia ocorrer a um porco.

Concordamos perfeitamente. Mas se foi ele quem cantou vitória, santo Deus, o senhor Lavaccara, ele, em alto e bom som, que àquele seu animal só faltava a palavra! Eu quis demonstrar justamente que não podia ter e não tinha, por sorte dele, aquela famosa inteligência humana. Porque um homem sim, pode se dar ao luxo de comer como um porco, sabendo que no final, engordando, não será abatido. Mas um porco, não, não e não. Por Deus, me parece tão óbvio!

Ofender? Que ofender o quê! Ao contrário, eu quis defender o senhor Lavaccara de si mesmo e guardar para ele o meu total respeito, e tirar dele até a sombra do remorso por ter vendido aquele seu animal para que fosse abatido na festa do Senhor do navio. Do contrário, ao resumo da ópera²¹⁵: fico bravo de verdade e digo ao senhor Lavaccara que ou seu porco era um porco qualquer e não tinha essa famosa inteligência humana que ele anda dizendo, ou o verdadeiro porco é ele, o senhor Lavaccara. E aí o ofendo de verdade.

Questão de lógica, senhores. Pois aqui está em xeque a dignidade humana que faço questão de salvar a qualquer custo, e não poderei salvá-la a não ser convencendo o senhor Lavaccara e todos aqueles que acham que ele tem razão que os porcos gordos não podem ser inteligentes, porque se esses porcos conversam entre si como o senhor Lavaccara pretende e diz por aí, não eles, mas a dignidade humana, justamente, seria abatida nessa festa do Senhor do navio.

Realmente não sei que relação existe entre o Senhor do navio e a degola dos porcos que costuma começar no dia de sua festa. Acho que, como no verão a carne desses animais é nociva, tanto que se proíbe seu abate, e com o outono o tempo começa a refrescar, aproveita-se a ocasião da festa do Senhor do navio, que cai exatamente em setembro, para festejar também, como se costuma dizer, as bodas daquele animal. No campo, porque a festa do Senhor do navio se festeja na antiga igrejinha normanda de São Nicolau²¹⁶, que surge a boa distância do vilarejo, numa virada da estrada, entre os campos.

Deve existir, se este Senhor se chama assim, alguma história ou lenda que eu desconheço. Mas certamente é um Cristo que, quem o fez, mais Cristo que isso não poderia fazer. Colocou-se com tal ferocidade a fazê-lo Cristo que, nas duras canelas pregadas na grosseira cruz negra, nas costelas que se podem contar todas, uma a uma, entre as chagas e as equimoses, não lhe deixou sequer uma onça de carne que não parecesse dolorosamente martirizada. Terão sido os judeus na carne

²¹⁵ Em italiano, *alle corte*: forma elíptica de *venire alle corte*; resumir o assunto em poucas palavras (GHERARDINI, 1840, p. 135). Em português, optou-se pela expressão *resumo da ópera*. Sousa [s.n.t.] explica que “ Como as óperas incorporavam uma narrativa extensa e nem sempre conhecida por todos os seus apreciadores, os organizadores do espetáculo passaram a fabricar pequenos livretos com o tal ‘resumo da ópera’. Daí em diante, [...] a expressão acabou sendo utilizada para fazer referência ao resumo de qualquer assunto ou material.”

²¹⁶ São Nicolau, padroeiro dos marinheiros. A festa de São Nicolau ocorre em 6 de dezembro; já a festa *do Signore della nave*, é comemorada em 14 de setembro. Cf. também nota 213.

viva de Cristo; mas aqui foi ele, o escultor. Porém, quando se diz ser Cristo e amar a humanidade! Mesmo tratado desse jeito, faz milagres sem fim esse Senhor do navio, como se pode ver pelas centenas e centenas de ofertas de cera e de prata e das placas votivas que enchem uma parede inteira da igrejinha, cada placa com seu mar azul tempestuoso, que não poderia ser mais azul do que isso, e o naufrágio do barquinho com um nome escrito bem grande na popa, para que qualquer um possa lê-lo direito e, por fim, tudo isso, entre nuvens rasgadas, e esse Cristo que aparece diante das súplicas dos náufragos e faz o milagre.

Chega. Enquanto isso, eu, com a discussão sobre a inteligência e a gordura do porco e o tão deplorável mal-entendido a que essa discussão deu lugar, perdi o convite do senhor Lavaccara para festa.

Não lamento tanto pelo prazer que me faltou, e mais pelo esforço que precisei fazer, assistindo à festa apenas como curioso, para conservar o respeito por tantas pessoas direitas e salvar, como disse, a dignidade humana.

Vou dizer a verdade. Dados os critérios salutareos pelos quais me sinto agora profundamente compenetrado, não imaginava que fosse me custar tanto. Mas ao final, com a ajuda de Deus, eu consegui.

Quando pela manhã, entre a poeira da estrada vi as grandes e pequenas varas de todos aqueles porcalhões cretáceos se encaminharem requebrando e chafurdando para o local da festa, quis observá-los de propósito, um por um, atentamente.

Bichos inteligentes, aqueles? Que nada! Com aquele grunhido? Com aquelas orelhas? Com aquela coisinha engraçada enrolada atrás? Por acaso grunhiriam assim, se fossem inteligentes? Mas se aquele seu grunhido é a voz da própria gula! Mas se eles espojavam ate mesmo na poeira daquela estrada! Até o fim, sem a mínima suspeita que logo mais teriam sido degolados. Confiavam no homem? Ei, muito obrigado por essa confiança! Como se o homem, desde que o mundo é mundo e tem prática com os porcos, não tivesse sempre demonstrado ao porco gostar de sua carne; e que o porco, por isso mesmo, não deve confiar nele! Por Deus, se o homem chega até mesmo a provar, o bicho ainda vivo, as orelhas e o rabinho! Melhor que isso? Que afinal, se quisermos chamar de confiança a estupidez, tenhamos lógica em nome de Deus, e não vamos dizendo que os porcos são animais inteligentes.

Desculpem, mas se não fosse para comer, que obrigação teria o homem de criar o porco com tantos cuidados, ser seu criado, ele, carne batizada, conduzi-lo ao pasto, para que? Presta qual serviço em troca do alimento que tem? Ninguém vai querer negar que o porco, enquanto vive, vive bem. Considerando a vida que levou, se depois é degolado, deve se contentar, porque de certo em si, como porco, não a merecia.

E agora passemos aos homens, meus senhores! Quis observá-los de propósito também, um por um, enquanto se encaminhavam ao local da festa.

Que aspecto diferente, meus senhores!

O dom divino da inteligência transparecia até mesmo nos mínimos atos: pelo incômodo com que viravam o rosto para não serem atingidos pelo poeirão levantado pelas varas daqueles animais, e também pelo respeito com o qual se cumprimentavam uns aos outros.

Mas ter pensado em cobrir com panos a obscena nudez do corpo, já apenas isso, considerem a que altura coloca o homem acima de um nojentíssimo porco. Poderá morrer de tanto comer ou mesmo lambuzar-se todo, um homem. Mas depois, tem isso: lava-se e veste-se. Ainda que os imaginássemos nus pela estrada, homens e mulheres – coisa impossível, mas admitamos mesmo assim: não digo que seria uma visão agradável, as velhas, os barrigudos, os nada limpos. Todavia, pensem que diferença, mesmo olhando apenas a luz do olho humano, espelho da alma, e à dádiva do sorriso e da palavra.

As preocupações que cada um, mesmo indo à festa, tinha em mente: talvez não sobre o pai ou a mãe, mas sobre algum amigo, ou sobrinha, ou tio, que no ano anterior também foram, alegres, à festa campestre, bebendo, eles também, aquele belo ar livre e agora, enclausurados na escuridão debaixo da terra, coitadinhos... Suspiros, arrependimentos e ainda algum remorso. Ah, é! Aqueles rostos não estavam todos alegres. A promessa de desfrutar um dia farto não suavizava na testa de tantos magros as rugas das atividades sufocantes e os sinais das labutas e dos sofrimentos. Compassivamente, muitos levavam àquela festa de um dia a miséria do ano inteiro, para ver se encontravam novamente o jeito, ali, entre tantos temperamentos sanguíneos bem alimentados, de mostrar os dentes amarelos em um esquálido sorriso.

E depois eu pensava em todas as artes, em todos os ofícios a que aqueles homens se dedicavam com tanto estudo, tantos tormentos e tantos riscos que os porcos decerto não conhecem. Porque um porco é porco e só; mas um homem não, senhores: pode até ser porco, não nego, mas porco e médico, por exemplo, porco e advogado, porco e professor de belas letras e filosofia, e tabelião e escriturário e relojoeiro e ferreiro... Todos os trabalhos, as aflições, as preocupações da humanidade as via representadas com satisfação naquela multidão que prosseguia pela estrada.

A certa altura, o senhor Lavaccara, segurando em cada mão – um aqui, outro ali – os dois filhos mais novos, passou à minha frente, com a mulher atrás, rosada e gorda como ele, no meio das duas filhas mais velhas. Os seis fingiram não me ver, mas as duas meninas, enrolando para andar, ficaram ruborizadas e um dos pequenos, após alguns passos, virou-se três vezes para me espiar. Na terceira vez, assim, para brincar, eu mostrei a língua e acenei escondido com a mão. Ele ficou sério, com o rosto amuado e distraído, e rapidamente se pôs a olhar em outra direção.

Ele também vai comer o porco, pobre garotinho. Talvez coma demais, mas tomara que não lhe faça mal. Ainda que lhe caísse mal, a previdência humana há de existir para algum fim. Procurem-na nos porcos, a previdência. Encontrem-me um porco farmacêutico que prepara com alquermes o óleo de rícino para os porquinhos que estejam com indigestão por intemperança!

Segui de longe, por um bom trecho, a cara familiar do senhor Lavaccara que seguramente se encaminhava para uma indigestão solene. Mas eis que pude me consolar imaginando que amanhã encontrará, numa farmácia, um purgantezinho que os curará.

Quantas barracas improvisadas com grandes tecidos palpitantes, na esplanada diante da igreja de São Nicolau, cortada pela estrada!

Tabernas ao ar livre, mesas, mesas e bancos, corotes e barris de vinho, fogões portáteis, balcões e cepos de açougueiros.

Uma cortina de fumaça gordurosa misturada à poeira anuviava o espetáculo tumultuoso da festa. Mas, parecia que nem tanto aquela fumaceira gordurosa quanto o aturdimento causado pela confusão e pela algazarra, impedia de ver claramente.

Não eram porém gritos alegres, de festa, mas gritos arrancados pela violência de uma ferocíssima dor. Oh sensibilidade humana! Os vendedores ambulantes, gritando suas mercadorias; os taberneiros, convidando para suas mesas postas; os açougueiros, em seus balcões de venda, entoando seus anúncios que, talvez sem saber, somavam-se aos terríveis berros dos porcos que lá mesmo, no meio à multidão, eram abatidos, levavam tiros, eram esfolados, esquartejados. E os sinos da gentil igreja ajudavam as vozes humanas, atordoando precipitada e incansavelmente, cobrindo piedosamente aqueles estridores.

Vocês vão dizer: por que ao menos não se abater longe da multidão todos aqueles porcos? Eu respondo: porque então a festa teria perdido uma das suas características tradicionais, talvez seu primitivo caráter sagrado da imolação.

Vocês não pensaram no sentimento religioso, meus senhores.

Vi muitos empalidecendo, tapando os ouvidos com as mãos, desviando o rosto para não ver o facão brandido cravando-se na garganta do porco convulsivo, segurado com violência por oito braços ensanguentados e de mangas arregaçadas. Para dizer a verdade, eu também desviei o rosto, mas lastimando amargamente por dentro que o homem, aos poucos, com o progresso da civilização, se torna cada vez mais frágil, perdendo cada vez mais, mesmo tentando conquistá-lo mais, o sentimento religioso. Continua, claro, a comer o porco; assiste de bom grado à manufatura das linguiças, à limpeza dos miúdos, ao corte preciso do fígado brilhante, compacto e tremulante, mas depois desvia o rosto ao ato do sacrifício. Certamente já está cancelada a lembrança da antiga Maia, mãe do deus Mercúrio, que reevoca o porco em seu cognome.²¹⁷

Revi bem mais tarde o senhor Lavaccara, suado e transtornado, sem o paletó, carregando nas mãos um prato oblongo, encaminhando-se, com os dois pequenos, para o balcão do açougueiro, para quem tinha vendido aquele seu animal inteligente. Ia receber deste, como combinado, a cabeça e o fígado todo.

²¹⁷ No original: “*dell’antica Maia, madre del dio Mercurio, da cui il porco ripete il suo secondo nome*” (PIRANDELLO, 1997, v. 3, t. 1, p. 426). Mercúrico também pode ser associado ao porco. O deus romano recebera epítetos vários, representando seja suas características, seja o sincretismos com deidades não romanas, como é o caso de *Mercurius Moccus*, divindade celta sincretizada como Mercurio, onde o epíteto, “porco”, ligava a divindade a prática da caça de javalis. (GREEN, 1992, p. 148-149). Pirandello faz também uma analogia com o nome da deusa MAIA, que repete-se no substantivo MAIA-le, porco.

Também desta vez, mas com maior razão, o senhor Lavaccara fingiu não me ver. Um dos dois garotinhos chorava; quero crer, no entanto, que não estivesse chorando pela iminente visão da cabeça pálida e ensanguentada do querido e grande animal, acariciado por cerca de dois anos no quintal de casa. O pai contemplará aquela cabeça de orelhas grandes abatida, de olhos gravemente semi-cerrados entre os pelos, talvez para louvar, mais uma vez com remorso, sua inteligência, e devido a essa maldita obstinação vai estragar o prazer de comê-la.

Ah, se tivesse me convidado para sentar à mesa com ele! Decerto eu teria me poupado a grande aflição de ver, só eu em jejum, só eu sem os olhos ofuscados pelos vapores do vinho, toda aquela humanidade, digna de tanta consideração e de tanto respeito, reduzir-se aos poucos em um estado miserando, sem nem sequer uma sombra de consciência, sem a mais distante lembrança das inúmeras benemerências que em tantos séculos soube conquistar acima dos outros animais da terra, com suas fadigas e com suas virtudes.

Descamisados os homens, desalinhas as mulheres. Cabeças balançando, faces violáceas, olhos arregalados, loucas danças entre mesas reviradas, bancos emborcados, cantorias vulgares, fogueiras, disparos de rojões, berros de crianças, risadas desconjuntadas. Um pandemônio debaixo das graves nuvens, densas e escarlates do anoitecer, sobrevindas quase com espanto.

Sob essas nuvens que aos poucos se tornavam mais sombrias e fumacentas, vi pouco depois, com a chamada dos sinos sagrados, entre empurrões e trombadas, toda aquela multidão bêbada reunir-se como dava em procissão, atrás daquele terrível Cristo flagelado na cruz negra, retirado de dentro da igreja, sustentado por um clérigo pálido e seguido por alguns padres abstinentes, de alva e estola.

Dois porcos enormes que, por sua grande sorte, tinham escapado do abate, deitados sob o pé de uma figueira, ao vir passar aquela procissão, pareceu-me olharem-se entre eles dizendo:

- Aí está, irmão, está vendo? Depois dizem que os porcos somos nós.

Senti-me ferido até a alma com aquele olhar e também fitei à multidão bêbada que passava diante de mim. Que nada, não, aí está – oh consolação! – vi que estava chorando, toda aquela multidão bêbada estava chorando, soluçando, esmurrando o peito, arrancando os cabelos desgrenhados, vacilando, cambaleando

atrás daquele Cristo flagelado. Comera o porco, se embebedara, é verdade, mas agora chorava desesperadamente atrás daquele seu Cristo, a humanidade.

- Morrer degolado não é nada, seus estupidíssimos animais! – Exclamei então, triunfante. – Vocês, seus porcos, passam sua vida na abundância e na paz, enquanto dura. Agora, olhem essa vida dos homens. Ficaram bestializados, bêbados, e agora aqui estão, chorando desconsoladamente, atrás desse seu Cristo sangrante na cruz negra! Aqui estão, chorando pelo porco que comeram! Querem uma tragédia mais tragédia do que esta?

3.7 Um góí²¹⁸

O senhor Daniele Catellani, meu amigo, belos cabelos cacheados e narigudo – cabelos e nariz de classe – tem um péssimo hábito: ri na garganta de um jeito tão irritante que muitos, inúmeras vezes, ficam tentados a acertar-lhe uma bofetada.

Ainda mais porque, logo em seguida, aprova aquilo que estão lhe dizendo. Aprova com a cabeça. Aprova precipitado:

- Pois é, pois é! Pois é, pois é!

Como se pouco antes não tivessem sido as palavras de vocês a provocar-lhe aquela risada tão desaforada.

Naturalmente vocês ficariam irritados e desconcertados. Mas cuidado, que depois é certeza que o senhor Daniele Catellani fará como vocês dizem. Não há chance que se oponha a uma opinião, a uma proposta, a uma consideração alheia.

Mas antes ri.

Talvez porque, pego de surpresa, lá, em um mundo todo seu e abstrato, tão diferente daquele a que vocês de repente o chamam de volta, sente aquela tal impressão que às vezes faz um cavalo torcer o nariz e relinchar.

Da remissão do senhor Daniele Catellani e da sua boa vontade em aproximar-se do mundo alheio sem embates, aliás, existem diversas provas, e duvidar de sua sinceridade seria, acho, indício de excessiva desconfiança.

Para começar, para não ofender com sua identidade semítica, muito abertamente revelada por seu primeiro sobrenome (Levi), jogou-o fora, assumindo, em seu lugar, aquele de Catellani.

Mas fez ainda mais.

Estabeleceu parentela com uma família católica, reacionária entre as mais reacionárias²¹⁹, contraindo um matrimônio dito misto, vale dizer, sob condição que

²¹⁸ Palavra que vem do hebraico. Na Bíblia (Gênesis, 10:5 e 12:2), utilizada para definir sejam as nações (pl. goim) ou pessoas gentias, estrangeiras: “[...] os habitantes [...] se espalharam [...] conforme suas nações” (BÍBLIA, 2015, p. 54), seja para definir a nação (sing. góí) ou pessoa judia: “Eu farei de você uma grande nação [...]” (BÍBLIA, 2015, p. 56). “O problema de interpretação, portanto, está no fato de que a expressão “as nações”, *ha’goyim*, foi usado muitas vezes para falar de nações inimigas [...] é tirado de contexto para tentar justificar que [...] as nações sejam ruins por si próprias, ou que Israel tenha uma conduta melhor do que os demais.” (MOURA, 2017?)

²¹⁹ No original, “*nera tra le più nere*”. NERO¹: ligada ao ambiente eclesiástico, sobretudo em Roma depois de 1870 [...] a expressão passou a significar atitudes e comportamentos reacionários, conservadores, avessos às reformas e às inovações (DIZIONARIO Treccani, [s.n.t.]). Para Procacci

os filhos (e já tem cinco) fossem batizados como a mãe e portanto, irremissivelmente perdidos para sua fé.

Dizem, porém, que aquela risada tão irritante do meu amigo senhor Catellani, nasceu justamente com esse seu matrimônio misto.

Ao que parece, não por culpa da mulher, boníssima senhora, muito boa com ele, mas por culpa do sogro, que é o senhor Pietro Ambrini, neto do falecido cardeal Ambrini e homem de princípios clericais extremamente intransigentes.

Como assim, dizem vocês, o senhor Daniele Catellani foi se meter em uma família munida de um futuro sogro de tamanha força?

Quem é que sabe!²²⁰

Vai ver que, concebida a ideia de contrair um matrimônio misto, quis executá-la sem meios-termos; quem sabe afinal, talvez até com a ilusão de que a própria escolha de uma esposa de uma família tão notoriamente devota à santa Igreja católica, demonstrasse a todos que ele considerava como um acidente involuntário, absolutamente desconsiderável, ter nascido semita.

Teve que suportar lutas acérrimas por este casamento. Mas é fato que as maiores dificuldades que nos acontece sofrer na vida são sempre aquelas que enfrentamos para fabricar nossa força com nossas próprias mãos.

Mas talvez – ao menos pelo que se diz – o meu amigo Catellani não teria conseguido se enforçar sem a ajuda, não completamente desinteressada, do jovem Millino Ambrini, irmão de sua senhora, que dois anos mais tarde fugiu para a América por razões delicadíssimas, as quais é melhor não mencionar.

O fato é que o sogro, cedendo *obtorto collo*²²¹ ao casamento, impôs à filha como condição imprescindível não derrogar uma só vírgula de sua santa fé e respeitar com o máximo zelo todos os seus preceitos, sem nunca faltar a nenhuma das praticas religiosas. Além disso, pretendeu que lhe fosse reconhecido o direito sacrossanto de vigiar para que preceitos e práticas fossem observados todos, um

(2009, p. 399) “convinha [após a tomada de Roma] manter uma atitude oficial de absoluta intransigência e aproveitar ao mesmo tempo a liberdade que o Estado italiano havia dado a Igreja, para manter viva a consciência católica dos fieis.” Por último, Araújo (2015) relembra que “A mais alta nobreza da Italia é a papalina, a chamada NOBREZA NEGRA, ligada ao Vaticano. [...] São famílias no geral ricas e de alto prestígio social [...] Atravessaram a reunificação da Italia, o Risorgimento, a Primeira Guerra, o fascismo, a Segunda Guerra e continuam no mesmo lugar, mantendo seu exclusivismo social altíssimo, o mais recente Papa da nobreza negra foi Pio XII”.

²²⁰ Em italiano, *Mah!*, expressão que exprime incerteza, dúvida, perplexidade na resposta.

²²¹ Locução latina que significa, literalmente, com o pescoço torto. Usada para definir a pessoa que aceita determinada situação contra sua vontade, forçadamente.

por um, escrupulosamente, não apenas pela nova senhora Catellani, mas também e ainda mais pelos filhos que nasceriam dela.

Ainda hoje, passados nove anos, não obstante a remissão que o genro lhe deu e as mais evidentes provas que continua a dar, o senhor Pietro Ambrini não baixa a guarda. Frio, cadavérico e enfeitado com as roupas que por anos e anos sempre permanecem como novas em seu corpo, e aquele certo cheiro ambíguo de chypre²²² que as mulheres usam depois do banho, debaixo das axilas e noutras partes, tem a coragem de torcer o nariz, ao vê-lo passar, como se por suas narinas ultracatólicas o genro não tenha ainda se purificado de seu fedidésimo *foetor judaicus*²²³.

Eu sei, porque conversamos sobre isso com frequência.

O senhor Daniele Catellani ri daquele seu jeito gutural nem tanto porque lhe pareça engraçada aquela obstinação inútil do sogro, altivo, que vê forçosamente nele um inimigo de sua fé, mas por aquilo que percebe em si já faz um bom tempo.

Ora! É possível que numa época como a nossa, num país como o nosso, alguém como ele deva realmente ser alvo de uma perseguição religiosa, alguém que desde criança sempre foi desprendido de qualquer fé positiva, disposto a respeitar a dos outros, chinesa, indiana, luterana, maometana?

No entanto é isso mesmo. Não há muito o que dizer: o sogro o persegue. É ridícula, sumamente ridícula, mas em sua casa existe uma verdadeira perseguição religiosa. Não é recíproca e voltada contra um pobre inerme que, aliás, veio propositalmente sem armas para render-se; mas uma verdadeira guerra religiosa aquele bendito homem do sogro a renova em sua casa todos os dias, a todo custo, e com ânimo inflexível e acérrimamente inimigo.

²²² Fragrância muito famosa no início do século XX, de odor cítrico amadeirado, utilizada na elaboração de perfumes como *Guerlain Chypre* (1909), *Chypre d'Orsay* (1912), *Chypre* (1917). O nome vem em alusão a ilha de Chipre, relacionada a deusa do amor e da beleza, Vênus. (ALCANTRA, 2013)

²²³ Expressão antissemita que surgira na Idade Média e perdeu até o nazismo. Seria condenada pelo Papa Pio XII (1876-1958), que ordenaria a exclusão do termo dos documentos oficiais emitidos pela Santa Sé. “Na Idade Média grande parte dos cristãos via os judeus como a personificação do mal [...] agentes demoníacos [...] [levando] parte da comunidade cristã a considerá-los pecadores e servos do Diabo. Dessa forma, desenvolveu-se na imaginação popular uma demonologia que ligava o judeu às características antropomórficas de Satã, como o [...] odor fétido de enxofre.” (FOLLADOR, 2016, p. 35)

Ora, deixemos para lá que – de tantos golpes – por causa do fel que já começa a mover-se por dentro, aos poucos o *homo judaeus*²²⁴ torna a renascer e a reconstituir-se nele, sem que ele, por outro lado, queira reconhecê-lo. Deixemos para lá. Mas o descrédito que ele sente, dia após dia, em termos de consideração e respeito por aquela gente, devido àquele excesso todo de práticas religiosas de sua família, tão deliberadamente ostentado pelo sogro, não por sentimento sincero, mas por provocação a ele e com a intenção manifesta de causar-lhe uma ofensa gratuita, não pode deixar de ser percebido pelo meu amigo, senhor Daniele Catellani. E tem mais. Os filhos, aquelas pobres crianças tão vexadas pelo avô, também começam, confusamente, a perceber que a razão daquela vexação contínua que o avô lhes inflige deve estar nele, no pai deles. Não sabem qual, mas certamente deve estar nele. O bom Deus, o bom Jesus – (sim, especialmente o bom Jesus!) – mas também os Santos, hoje este e amanhã aquele, aos quais eles vão rezar na igreja com o avô todos os dias, claramente precisam de todas aquelas orações deles, porque ele, o papai, decerto deve ter lhes feito sabe-se lá que grande ofensa. Especialmente ao bom Jesus! Antes de irem à igreja, puxados pelo braço, se voltam, pobres pequeninos, para lançar-lhe certos olhares tão densos de angústia perplexa e de dolorosa reprovação que o meu amigo Senhor Catellani se poria a gritar sabe-se lá quais imprecações, se ao contrário... se, ao contrário, não preferisse jogar para trás aqueles belos cabelos cacheados e narigudo e irromper naquela sua habitual risada gutural.

É sim! De outro modo, deveria seriamente admitir que cometeu uma inútil covardia virando as costas para a fé de seus pais, renegando em seus filhos seu povo eleito: *'am olam*, como diz o senhor rabino. E deveria realmente sentir-se, no meio de sua família, um *gói*, um estrangeiro; e por fim, deveria realmente pegar pelo colarinho esse senhor seu sogro, cristianíssimo e imbecil, e obrigá-lo a abrir bem os olhos e a considerar que, vamos lá, não é admissível persistir em ver em seu genro um *deicida*, quando, em nome desse Deus morto dois mil anos antes pelos judeus, os cristãos que deveriam sentir-se em Cristo todos eles irmãos, por cinco anos se trucidaram entre si alegremente em uma guerra que, sem contar as que virão, não tivera até então igual na história.

²²⁴ No sentido de raça judia, a sua raça, origem.

Não, não, vamos lá! Rir. Rir. São coisas para pensar e para dizer seriamente nos dias de hoje?

O meu amigo, senhor Daniele Catellani, sabe bem como é o mundo. Jesus, sim senhores. Todos irmãos. Para depois se trucidarem. É natural. É tudo uma questão de lógica, com a razão que está por toda parte: de modo que, para se colocar do lado de cá, não se pode fazer nada senão aprovar o que se negou estando do lado de lá.

Aprovar, aprovar. Aprovar sempre.

Talvez, sim, pegos de surpresa, dar antes uma bela risada. Mas depois aprovar, sempre aprovar. Aprovar tudo.

Mesmo a guerra, sim senhores.

Porém (Deus, que risada interminável, daquela vez!), porém, eis que o senhor Daniele Catellani quis fazer, no último ano da grande guerra europeia, uma brincadeira com seu sogro Pietro Ambrini, uma brincadeira daquelas que não se esquecem jamais.

Porque é preciso saber que, apesar da grande carnificina, o senhor Pietro Ambrini, com magnífica cara de pau, pensava em festejar naquele ano, para os caros netinhos, a chegada do santo natal da forma mais pomposa possível. Mandou manufaturar inúmeros pastorinhos de terracota, os pastorinhos que levam suas humildes ofertas à gruta de Bethlehem²²⁵ para o menino Jesus recém-nascido: cinchos com cândida ricota, cestos com ovos e queijo raveggiolo²²⁶ e também muitos rebanhos²²⁷ de ovelhas macias e burrinhos, também carregados de outras ofertas mais ricas, seguidos por velhos feitores e quinteiros²²⁸. E sobre os camelos, envoltos em mantos, coroados e solenes, os três Reis magos que chegam com seu séquito de muito longe, atrás da estrela cadente que parou sobre a gruta de cortiça,

²²⁵ Gruta de Belém, em latim.

²²⁶ Queijo toscano, fresco e macio, feito com o leite de ovelha ou de cabra.

²²⁷ No original, "*tanti branchetti*". "Branchetto ~ s.m. Literalmente 'branco pequeno', mas o vocábulo é usado, além disso, para indicar um rebanho [lanígero] de poucos elementos, como eram de praxe aqueles dos pastores pobres [...] a palavra também é usada, as vezes, para aludir a uma modesta quantidade de coisas do mesmo gênero, ainda que, nesse caso, é mais frequente *brancata*." (BERTOZZI, 2015, p. 135).

²²⁸ No original, "*campieri*": na Sicília, o responsável pela zeladoria e supervisão das fazendas de cultivo e produção de grãos. Em português, *quinteiro* é usado para designar a pessoa encarregada da zeladoria e supervisão de uma quinta, área rural de produção agrícola. Apesar de, no caso da quinta, essa ser voltada ao plantio de hortaliças, a ideia principal que o texto quer promover, ou seja, de uma pessoa responsável pela administração de uma propriedade rural, é transmitida.

onde em um pouco de palha está o rosado menino de cera, entre Maria e São José; e São José tem em mãos um cajado florido, e atrás estão um boi e um asno.

Quisera que naquele ano o presépio fosse bem grande, o querido avô, e tudo bonito e em relevo, com morros e penhascos, agaves e palmeiras e veredas campestres por onde deveriam ver-se chegando todos aqueles pastorinhos que, por isso, eram de diversos tamanhos, com seus rebanhos de ovelhas e os burrinhos e os Reis magos.

Trabalhou nisso escondido por mais de um mês com ajuda de dois serventes que haviam levantado o cenário tablado em um cômodo, para sustentar a maquete. Quis que fosse iluminado por luzinhas azuis em forma de guirlanda e que viessem de Sabina²²⁹, na noite de natal, dois gaiteiros para tocar gaitas-de-foles e as charamelas.

Os netinhos não podiam saber de nada.

No natal, todos retornando da missa do Galo²³⁰ agasalhados e com frio, teriam encontrado em casa aquela grande surpresa: o som das charamelas, o cheiro do incenso e da mirra e o presépio, ali, como em um sonho, iluminado por todas aquelas luzinhas azuis em forma de guirlanda. Todos os co-inquilinos iriam ver, junto com os parentes e os amigos convidados para a ceia, esta grande maravilha que custou ao avô Pietro Ambrini tanto zelo e tantos tostões.

O senhor Daniele tinha-o visto pela casa todo absorto nessas misteriosas tarefas e rira. Havia escutado as marteladas dos dois serventes que pregavam o tablado no outro cômodo, e rira.

O demônio, que havia estabelecido residência por tantos anos na sua garganta, no Natal daquele ano não queria mais dar-lhe descanso: e dá-lhe risadas e mais risadas sem fim. Em vão, erguendo as mãos, fez um sinal para que se acalmasse. Em vão, o tinha advertido para não exagerar, para não se exceder.

- Não vamos exagerar, não! O demônio tinha-lhe respondido por dentro. – Fique tranquilo que não vamos nos exceder. Esses pastorzinhos com os cinchos de ricota e os cestinhos com ovos e o queijo raveggiolo são uma bela brincadeira, quem pode negar? Assim como todos a caminho para a gruta de Bethlehem! Pois bem,

²²⁹ Território que na Antiguidade fora habitada pelos Sabinos no centro da Itália, a nordeste de Roma, entre as atuais regiões de Lácio, Umbria e Abruzzo.

²³⁰ “Na maior parte do mundo cristão chama-se simplesmente missa da noite de Natal ou missa da meia noite. Nos países de língua portuguesa e espanhola é que há a tradição de se chamar Missa do Galo”. (24 DE DEZEMBRO..., 2015).

nós também vamos participar da brincadeira, não duvide! Também a nossa vai ser uma brincadeira bem bonitinha. Você verá.

Assim, o senhor Daniele tinha se deixado tentar por seu demônio. Vencido sobretudo por essa capciosa consideração, isto é, que também ele entraria na brincadeira.

Chegada a noite de natal, assim que o senhor Pietro Ambrini, com a filha e os netinhos e toda a criadagem se dirigiram à igreja para a missa do Galo, o senhor Daniele Catellani entrou todo fremente de uma felicidade quase doida na sala do presépio: retirou às pressas os Reis magos e os camelos, as ovelhas e o burrinhos, os pastorzinhos do queijo raveggiolo e dos cestinhos de ovos e dos cinchos de ricota – personagens e ofertas ao bom Jesus que seu demônio não havia estimado convenientes para o natal de um ano de guerra como aquele – e em seu lugar colocou mais apropriadamente, o que? Nada, outros brinquedos: soldadinhos de chumbo, muitos, muitos mesmo, exércitos de soldadinhos de chumbo, de cada nação, franceses e alemães, italianos e austríacos, russos e ingleses, servos e romenos, búlgaros e turcos, belgas e americanos, e húngaros, e montenegrinos, todos com fuzis apontados para a gruta de Bethlehem, e além disso, e além disso vários canhõezinhos de chumbo, baterias completas, de todas as formas, de todos os tamanhos, também eles apontando de cima, de baixo, de todos os lados, todos contra a gruta de Bethlehem, os quais realmente iriam dar um novo e graciosíssimo espetáculo.

Depois se escondeu atrás do presépio.

Deixo-lhes imaginar como riu lá detrás quando, ao final da missa do Galo, o vovô Pietro com os netinhos e a filha e toda a multidão de convidados vieram em direção daquela maravilhosa surpresa, enquanto o incenso já fumegava e os gaiteiros sopravam suas charamelas.

4 COMENTÁRIO DAS TRADUÇÕES

A abordagem teórica da tradução deu-se através dos estudos de Eco (2007). Utilizamos este autor como um dos pilares para nosso embasamento já que ele propõe ver a tradução como uma forma de interpretação, proposta essa que adotamos ao longo dos estudos realizados nessa pesquisa. Para o autor, o ato tradutório possui em sua essência uma fase de interpretação do texto-fonte. Busquei, assim, ver o tradutor como o leitor primário da obra original.

Aubert (1993, p. 32) completa a proposta defendida por Eco dizendo que “não se trata [...] de uma mesma mensagem: são duas as mensagens, como são duas as roupagens linguísticas, mas visando fins comunicativos similares, que se aproximam o suficiente”. Ainda segundo Barni (2017), “A tradução é [...] um movimento de aproximação a uma terra estrangeira [...] Para realizar essa aproximação, [...] são três as condições de possibilidade (e de verdade): reconhecer a alteridade, marcar essa diferença e, finalmente, acolher em si a diferença”.

É através do arcabouço técnico e intelectual do tradutor-leitor e de sua proposta de tradução que os leitores secundários terão acesso ao texto-fonte, cujo resultado final será o texto traduzido que, nas palavras de Eco, pretende sempre “dizer quase a mesma coisa”, tendo em vista as limitações linguísticas, socioculturais e históricas que inevitavelmente o impedem de “dizer a mesma coisa” que o texto original.

Lembremos ainda que Brioschi (2003) afirma que a literatura não é apenas um conjunto de textos ou obras, mas, sim, uma prática social presente nas comunidades literárias, compostas por diversos actantes, entre eles, o leitor.

Partindo desses pressupostos, nos questionamos: como traduzir? Como criar uma atmosfera de época sem renunciar ao registro coloquial intencionado pelo autor, tendo em mente as limitações temporais e culturais que nos distanciam do texto? Em resposta a esse questionamento, optamos pelo meio-termo entre a manutenção e a adaptação.

Lembremos que Pirandello compreendia que naquele momento o público leitor italiano se ampliava. O autor não propunha escrever tão somente para a elite restrita dos grandes centros culturais da Europa, mas, sim, para a grande massa burguesa que buscava uma leitura “simples” – de fato, não simplória – que a

deleitasse em seus momentos de lazer e de entretenimento. Para Macchia (PIRANDELLO, v. 2, t. 1, p. XXV-XXVI), “sua fama [...] se confirmou fora dos prestigiados centros da cultura europeia [...] Foi [...] aquele barulhento e generoso público [...] o primeiro a compreender aquilo que as refinadíssimas elites [...] haviam recusado”²³¹.

Foi necessário, portanto, buscar uma tradução que atendesse a coloquialidade do autor, sem descaracterizarmos sua percepção no tempo e espaço, mesmo que limitada por essa distância em que já nos encontramos do texto. Arrojo (1993, p. 25), diz que “a tradução de um poeta do passado somente terá valor se puder ser absorvida pelos poetas do presente.” Aubert (1993, p. 46), que “o mais comum [é] a solução intermediária [...], certos elementos referenciais do texto de partida são mantidos [...], enquanto que outros são substituídos [...], gerando uma aproximação [...] da leitura do texto traduzido”.

Retomamos, por último, Laranjeira (1993), que nos lembra que uma tradução nunca poderá ter uma equivalência absoluta com o texto fonte, e só poderá ser materializada na língua de chegada no momento em que admitamos a existência do conceito de equivalência.

Mencionadas sumariamente as questões que precederam o ato tradutório, vamos descrever as problemáticas mais marcantes que surgiram durante o processo de tradução.²³²

a) os antropônimos e topônimos;

Na maior parte dos casos, antropônimos e topônimos, que não possuíam uma significância linguística que se relacionasse às funções estéticas, semânticas e/ou pragmáticas do texto, ou seja, não interfeririam, no contexto amplo, na construção de sentido das composições narrativas na versão traduzida, foram

²³¹ La sua fama [...] si andò affermando al di fuori dei prestigiosi centri della cultura europea [...] Fu [...] quel rumoroso e generoso pubblico [...] il primo a capire ciò che le raffinatissime élites [...] avevano rifiutato.

²³² A partir desse ponto, referenciaremos sempre aos textos fontes com o esquema: *abreviação do título da novela + número do capítulo* (quando houver) + *página referenciada* (quando necessário), sendo: BG - cap. xx - p. xxxx para *Berecche e la guerra*; FCML - cap. xx - p. xxxx para *Frammento di cronaca di Marco Leccio...*; CA - p. xxxx para *La camera in attesa*; IO - p. xxxx para *Jeri e oggi*; QC - p. xxxx para *Quando si comprende*; SN - p. xxxx para *Il signore della nave*; UG - p. xxxx para *Un goj*.

mantidos como se encontravam no texto de partida²³³. A escolha pela estrangeirização dos nomes próprios pode ser justificada, ao considerarmos que:

Os antropônimos [...] [são] formas fossilizadas [...] que sofreram ao longo da história da língua um esvaziamento semântico [...] ao serem empregados para designar indivíduos [perdendo], parcial ou totalmente, o valor semântico que carregavam, quando eram empregados como parte do léxico comum. (SOLEDADE, 2012, p. 325)

Já que esvaziados semanticamente, optamos pela estrangeirização para causar estranheza ao leitor, chamando sua atenção sobre o texto enquanto texto traduzido.

As expressões latinas e os substantivos escritos em alemão, em UG e BG, também foram mantidas, já que, nesses casos, a estrangeirização era elemento essencial para a manutenção das funções pragmáticas do texto. No primeiro caso, a erudição latina era parte integrante do contexto de UG: o narrador emprega tais expressões na consciência/fala da personagem Pietro Ambrini, já que era homem muito dedicado à fé católica e de intransigentes preceitos clericais e, por conseguinte, conhecedor da retórica religiosa latina, e também para transparecer a vaidade que a personagem tinha sobre si mesma, dada sua posição social e familiar; no segundo, porque em BG o narrador quer que percebamos que seu protagonista detinha um conhecimento profundo da cultura alemã, já que crescera sob o método e a disciplina daquele povo.

Apesar de optarmos pelas estrangeirizações elencadas acima, duas exceções devem ser consideradas: as traduções dos antropônimos e topônimos canonicamente consolidadas em língua portuguesa; e a citação de *O príncipe*, em BG – cap. I – p. 576, visto que refere-se ao título já traduzido em língua portuguesa por Álvares (MACHIAVELLI, 2003).

Justificamos as escolhas supracitadas tendo em vista a afirmação de Souza (2008): “Todas essas práticas tradutórias [...] ajudam a tornar o trabalho tradutório visível”. Portanto, permite, em última análise, que o leitor admita estar diante de uma realidade sociocultural diferente da sua, já que diante de um texto linguisticamente adaptado para ser regido por meio de suas convenções linguísticas.

²³³ Um exemplo contrastante é a tradução de *Um goj*, realizada por Jacob Penteadó e publicada em 1963 pela Martins editora no volume *Sol e sombra e outras novelas*. A opção adotada foi a domesticação: Daniele fora traduzido por Daniel; Pietro, por Pedro; a gruta de Bethlehem, por gruta de Belém.

b) o “E” enfático;

O uso do conector discursivo “E” no início de sentença, utilizado recorrentemente por Pirandello em suas novelas, gerou uma necessidade de análise mais detida. As dúvidas que se apresentaram foram: é um recurso gramaticalmente aceito na língua portuguesa? E, depois: até que ponto esse recurso interferiria na construção semântico-pragmática do texto para que fosse mantido?

Recorrendo a Bechara (2007, p. 320, grifo nosso), observamos que os conectores discursivos são “unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado”. Porém, a grande questão aqui foi que os enunciados não estavam reunidos; no máximo, estavam agrupados em longos períodos, ou seja, “E” inicial surgia como parte integrante de um novo enunciado. Continuando com Bechara (2007, p. 321), observamos que “algumas vezes *E* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários [...] são unidades enfáticas com função textual [que] extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação”.

“E” inicial terá função estilística nas narrativas de Pirandello, especialmente se levarmos em consideração a oralidade e coloquialidade de suas narrativas, funcionando como reprodução do ritmo de fala e da concatenação do pensamento do sujeito que o emite. Apesar de “E” inicial não ocorrer em erro na língua portuguesa, e também funcionar, em certa medida, como recurso estilístico, a aceitação na posição inicial de enunciado sem função conectiva não é consenso entre todos os gramáticos. Como não foi escopo da pesquisa um aprofundamento dessa questão, que certamente demandaria um novo olhar sobre os textos, preferimos novamente optar pelo caminho do meio: suprimimos as ocorrências de “E” em início de sentença que, em português brasileiro, não assumiam a função de reproduzir estilisticamente o ritmo da fala, ou quando essa função já era trazida por algum outro elemento discursivo, mas, mantivemos aquelas em que se verificou sua real necessidade.

c) o verbete *nipoti*;

A questão que causou um impasse inicial foi: como traduzir a palavra *nipoti*, em BG – cap. II – p. 578 e em QC – p. 679?

Em BG – cap. II – p. 578, foi necessário recorrer à pragmática do texto, já que a semântica do verbete, em italiano, engloba tanto o significado de sobrinho

como o de neto (BENEDETTI, 2004, p. 647), o que, como vemos, não ocorre em português, que utiliza de dois verbetes distintos: o primeiro, para o filho do irmão; o segundo, para o filho do filho. Como a tessitura narrativa não transmitia informações suficientes para precisarmos a escolha tradutória, ambas as opções estariam corretas. Optamos por *netas* ao reconstruir o contexto narrativo.

Primeiramente, lembremos que as três irmãs, em CA, são filhas solteironas de idade avançada que acabam sozinhas no mundo após a morte da mãe. Elas reaparecerão em BG convivendo com o velho prelado, seu parente. Partimos do pressuposto que o grau de avô dá a ele maior responsabilidade por cuidar das netas – ainda mais para os padrões da época, e em se tratando de mulheres solteiras e maduras – do que seria no caso de um tio, uma vez que o avô segue uma linha parental vertical – avô/pai – filha – netas –, e o tio nos colocaria diante de uma sequência parental paralela.

Além disso, porque em BG são atribuídos os títulos de prelado e monsenhor ao parente que mora com essas três irmãs. Costa (2014) relembra que monsenhor é um título que remonta à Idade Média, posteriormente estendido à fieis da Santa Sé, não necessariamente aos que eram parte da administração religiosa, mas àqueles que prestavam seus serviços e devoção à Santa Sé. Entre as classes de monsenhores, estava a de prelado doméstico. Para a obtenção do título, era exigido o mínimo de 15 anos de sacerdócio e 40 anos de idade, ou seja, o velho prelado, em BG, possuía bem mais de 40 anos de idade.

Ademais, levamos em conta a expectativa de vida na época em que a narrativa transcorre, isto é, início do século XX. Segundo dados do *ISTAT – Istituto Nazionale di Statistica* (2011), “a média de vida [...] superou os 50 anos [...] no decorrer dos anos 20.”

Reunindo os dados acima mencionados, quais sejam, a relação parental, a possível idade da personagem e a expectativa de vida na época, é possível admitir a plausibilidade de *nipoti* ser traduzido por netas.

Já em QC – p. 679, recorremos aos vínculos narrativos estabelecidos com a novela FCML. Como analisado anteriormente²³⁴, a personagem em QC é Marco Leccio, protagonista de FCML. Em suas falas, em ambas as narrativas, Marco Leccio sempre faz menção aos seus filhos e netos enviados ao front.

²³⁴ Cf. os dados cronológicos entorno da novela *Quando se comprende* no capítulo 2.5 desse estudo, p. 50.

Lembremos que Marco Leccio, em FCML, havia 67 anos: “Aos nove anos, em 1857”. Um de seus netos era filho de Giuseppe, de 44 anos, e os outros dois eram filhos de Bezzacca, de 41 anos. Giacomino, o filho mais novo de Marco Leccio, tinha 18 anos, “um ano a menos do que o primeiro filho da minha filha Bezzacca”, ou seja, um de seus netos enviados ao front tinha 19 anos²³⁵. Diante dessas informações, é possível admitir que a personagem em QC – p. 679 faz referência a seus netos, e não sobrinhos.

d) o verbete *Madonnina*;

Madonnina, em BG e, *Madonna*, em FCML – cap. VII – p. 1187, causaram impasse na tradução devido à pluralidade de significados. O verbete surge no dicionário Martins Fontes (2004, p. 557), traduzido por “santinha”, “imagenzinha de Nossa Senhora”. A questão foi que se o traduzíssemos por Nossa Senhora, poderíamos criar um erro de correspondência, visto que no Brasil, quando falamos “Nossa Senhora”, a imagem que poderia vir na mente do leitor é aquela que acompanha o título mariano “Aparecida”, que carrega uma simbologia estética e mítica completamente diferente da que o texto propõe. É importante lembrarmos que:

os vários títulos marianos têm origens diferentes. Podem ter sua origem na devoção popular, nas aparições e manifestações de Nossa Senhora e nos dogmas marianos. Mas todos esses títulos têm algo em comum. Todos esses nomes dizem respeito a uma pessoa, que é a Santíssima Virgem Maria, a Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo. (UEDA, 2018?, grifo nosso)

A questão foi solucionada levando em consideração dois aspectos: primeiro, a imagem da santa vem adjetivada, em BG – cap. II – p. 578-579, como sendo de porcelana azul e branca. A igreja católica representada a figura clássica de Virgem Maria com uma imagem feminina, de aspecto sereno, com vestes brancas, sob um manto azul claro; segundo, pelo fato da definição “Virgem Maria” ser aquela que surge para qualquer Nossa Senhora, sendo irrelevante nessa definição o epíteto posposto ao nome – p.e. Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de Fátima –, eliminando, assim, qualquer referencialidade que o leitor pudesse relacionar à imagem da Nossa Senhora Aparecida, que difere daquela transmitida nos textos. Optamos, pois, pela tradução *Virgem Maria*;

e) o dêitico *lassù/su*;

²³⁵ Cf. STEVENSON, 2017, v.2, p.192, citado anteriormente no capítulo 2.2 desse estudo, p. 39.

A palavra surge em IO – p. 563; em QC – p. 677; e em FCML – cap. V – p. 1176²³⁶. Se traduzíssemos a expressão por “*lá em cima*” - [advérbio + loc. adverbial], ambas denotadoras de circunstância de lugar – poderíamos estar diante de uma ordem enfática, em que o segundo termo da oração agiria como intensificador do primeiro.

O fato é que a locução adverbial *em cima* já está sugerida no contexto pragmático das narrativas: nos dois primeiros casos, as narrativas acontecem na região de Marche, centro-leste da península, ao passo que a referência geográfica recai sobre os campos de batalha na fronteira entre Itália e Áustria-Hungria, ao norte da península, portanto, geograficamente *em cima* de onde falam as personagens e/ou o narrador; já no último, a narrativa acontece em Roma, ao sul e a ênfase ainda aparece ressaltada pelo adjunto adverbial *na fronteira*, que conclui o discurso.

Portanto, a locução adverbial *em cima* tornar-se-ia redundante à expressão modificadora principal *lá*. Não agiria mais como um adjunto adverbial de ordem enfática, mas, sim, como uma ênfase da ênfase. Incurreríamos aqui em um pleonismo, ou seja, “a repetição de um termo já expresso ou de ideia já sugerida”. (BECHARA, 2007, p. 594, grifo nosso)

O advérbio demonstrativo de base pronominal *lá*, por si só, já é capaz de dar ênfase ao lugar relativamente distante do interlocutor na narração. Poderíamos, sim, ter mantido a ênfase da ênfase nos trechos supracitados, já que a expressão *lá em cima* é característica de um vício de linguagem presente na oralidade dos falantes do português brasileiro. Porém, vendo que sua manutenção necessitaria vir acompanhada de uma análise mais profunda da questão, que ultrapassaria os objetivos centrais dessa pesquisa, aplicou-se, nestes casos, o que Bechara (2007, p. 436) reconhece como *redução*: ao verificar que o advérbio *lá* é termo obrigatório e argumental à regência dos verbos que o precedem - já que responde a pergunta central das sentenças *onde?* -, o adjunto adverbial *em cima* tornou-se termo marginal, e por isso, dispensável, uma vez que está presente na pragmática do texto respondendo a mesma pergunta: *onde?*

²³⁶ O dêitico “*lassù*” surge também em FCML - cap. V – p. 1179, cap. VI – p. 1183, cap. VIII – p. 1191, cap. IX – p. 1195, cap. X – p. 1196 -, mas com outro significado - no alto das montanhas -, por isso, a estes casos, não se aplica essa explicação. Em IO e QC, “*lassù*” surge em referência a distância geográfica entre o lugar de fala do narrador e/ou personagens – centro-sul da Itália -, e os palcos de guerra – ao norte.

Portanto reduziu-se a sentença, em que [*advérbio + loc. adverbial*] do texto-fonte, passou a [*advérbio*] no texto de chegada.

f) as expressões idiomáticas.

A questão das expressões idiomáticas quase sempre é caso particular, principalmente quando falamos de textos literários, já que exercem influência na construção da representatividade cultural no texto-fonte e, por conseguinte, deverá exercê-la no texto de chegada.

O tradutor, diante de segmentos textuais fortemente enraizados em um sistema histórico-cultural distinto do seu, não raramente se depara com a impossibilidade de uma correspondência ideal – ou idealizada – que se poderia esperar no texto de chegada. Para Barni (2010, p.11), “ se partirmos do princípio evidente de que a tradução será nossa (minha) leitura (apenas uma leitura) do texto de partida, [...] nos liberamos dessa ‘ética da transparência’ para assumir, [...] o papel de autores da tradução, que é outro texto.”

Consideramos que o texto, assim como a língua, é entidade viva que necessita ser ressignificado quando transposto para um sistema de signos diverso daquele do de sua origem, se se pretende, claro, extrair dele não somente significantes, mas significados. Portanto, “qualquer tradução será sempre ‘infiel’, em algum nível e para algum leitor, sempre ‘menor’, sempre ‘insatisfatória’, em comparação a um original idealizado” (ARROJO, 1993, p. 29). Venuti (2002, p. 131) afirmar ainda que “se os efeitos de uma tradução revelam-se conservadores ou transgressores vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também dos vários fatores envolvidos na sua recepção”.

No nosso caso, optamos sempre pelo meio-termo, considerando, como Almeida (2009, p. 218), “que a tradução é uma operação de *reformulação interlinguística* que visa *ampliar* o universo de destinatários que um discurso poderia alcançar em sua formulação primeira”.

Utilizaremos a seguir a terminologia descrita por Albert (1998), que propõe uma revisão do modelo já elaborado por Vinay e Darbelnet²³⁷, para descrevermos as técnicas empregadas durante o processo de tradução das expressões idiomáticas para o nosso sistema linguístico e elencarmos os principais casos presentes em

²³⁷ VINAY, J. P. & DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l’anglais*. Paris: Didier, 1958.

cada uma das novelas²³⁸. O foco de exposição abaixo recaiu sobre aquilo que Albert (1998, p. 110) entende por “modalidades de tradução indireta”, ou seja, os casos de adaptação e explicitação/implicação.

A *adaptação*²³⁹ foi a modalidade empregada quando estávamos diante de expressões que impossibilitavam qualquer equivalência total de sentido no nosso sistema linguístico. Isso garantiu, pois, uma equivalência parcial de sentido, buscando a equivalência no campo semântico e/ou correspondência quanto à classe de palavras empregadas e/ou manutenção dos recursos sonoros e figuras de linguagem.

A *explicitação/implicação*²⁴⁰ foi empregada, no primeiro caso, quando estávamos diante de expressões que, de certa forma, poderiam manter certa literaridade quando traduzidas para o português brasileiro, mas sem garantir as nuances de significado evocadas no texto-fonte quanto ao seu sentido e/ou posição na sentença; e, no segundo, quando traziam uma ênfase desnecessária ao texto de chegada.

Por vezes, os modalidades foram empregadas não em seu estado puro, mas em formas híbridas (AUBERT, 1998, p. 110), já que a *adaptação*, por si só, acabava *explicitando* as nuances de significado pretendidas no texto fonte ou vice-versa.

Por fim, também elencaremos os casos de *omissão*²⁴¹ – total ou parcial – que foram empregados quando expressões irrelevantes ao contexto discursivo, presentes do texto-fonte, não puderam ser recuperadas no texto de chegada dadas as limitações lexicais presentes no português brasileiro.

Em BG – cap. I – p. 573 (*adaptação*): *Voci nel sole e selciati sonori* → Vozes ao sol e soalhos sonoros; cap. I – p. 575 (*adaptação*): *si tira indietro* → cai fora; cap. I – p. 575 (*adaptação*): *dichiara guerra a destra, guerra a sinistra* → declara guerra a

²³⁸ A explicação dos caminhos perpetrados em cada um dos casos que serão elencados está presente nas notas explicativas dos textos traduzidos.

²³⁹ “denota uma assimilação cultural; ou seja [...] estabelece uma equivalência parcial de sentido, tida por suficiente para os fins do ato tradutório em questão, mediante uma intersecção de traços pertinentes de sentido, mas abandona qualquer ilusão de equivalência perfeita”. (AUBERT, 1998, p. 108)

²⁴⁰ “São duas faces da mesma moeda, em que informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta [...] ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas.” (Ibid., p. 107)

²⁴¹ “Ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta [...] podem ocorrer por muitos motivos, desde censura até limitações físicas de espaço [...], irrelevância do segmento textual em questão para os fins do ato tradutório específico [...], etc. (Ibid., p. 105)

torto e a direito; cap. II – p. 578 (*adaptação/explicitação*): *tre villini* → três sobradinhos; cap. II – p. 579 (*adaptação*): *tien duro* → aguenta firme; cap. IV – p. 584 (*adaptação*): *mi grita* → joga na minha cara; cap. IV – p. 591 (*adaptação*): *domanda conto e ragione a lui di tutti i viveri rincarati* → pedindo satisfação e motivos de toda alta dos alimentos; cap. IV – p. 591 (*adaptação*): *ingozzando tanta roba* → engolindo muitos sapos; cap. V – p. 598 (*adaptação*): *d'un popolo bestione, troppo presto cresciuto e troppo faccente e saccente* → de um povo metido besta que cresceu muito rápido, que achava que fazia e acontecia; cap. VI – p. 599 (*adaptação/explicitação*): *aver le carte in regola* → Se não fosse para ter os documentos em ordem; cap. VII – p. 601 (omissão): *saracinesca* → porta; cap. VII – p. 604 (*adaptação*): *E se n'annamo a magnà* → *Simbora* comer; cap. VII – p. 604 (*adaptação*): *di sera* → à noitinha; cap. VII, p. 609 (*adaptação*): *Mi stai davanti come una marmotta!* → Mas fica aí parado feito um dois de paus!; cap. VII – p. 613 (*adaptação*): *fare a meno dei suoi servizii* → abrir mão de seus serviços; cap. VII – p. 614 (*adaptação/implicitação*): *se la stringe tra le braccia* → abraça-a; cap. VIII – p. 615 (*adaptação*): *che so?* → sei lá!; cap. VIII – p. 615 (*explicitação*): *cavallo da sella* → ginete; cap. VIII – p. 616 (*adaptação*): *Corpo guide volontari a cavallo* → Dragões voluntários da cavalaria; cap. VIII – p. 616 (*adaptação/explicitação*): *rimanendo staffato* → Fica com um pé preso no estribo.

Em FCML – cap. I – p. 1161 (*adaptação*): *onomastico della figliuola maggiore* → dia da festa de sua filha mais velha; cap. I – p. 1161 (*adaptação*): *è andata a monte* → foi para os ares; cap. I – p. 1161 (*adaptação*): *che so?* → sei lá!; cap. II – p. 1163-1164 (*adaptação/implicitação*): *sotto le armi* → combatente; cap. III – p. 1167 (*adaptação*): *amico da fratello* → irmão camarada; cap. III – p. 1170 (*adaptação*): *di non averci messo mano affatto* → que não tinha nada a ver com aquilo; cap. IV – p. 1171 (*adaptação*): *un no liscio* → um não direto e reto; cap. IV – p. 1173 (*adaptação/omissão*) *si dà sempre attorno com le mani a metter ordine* → sempre se põe a organizar; cap. V – p. 1177 (*adaptação/explicitação*): *bel figliolone róseo com tanto di spalle* → um rapagão rosado na flor da idade de ombros largos e tudo; cap. V – p. 1177 (*adaptação/omissão*): *bersagliere ciclista volontario* → atirador de elite voluntário; cap. VII – p. 1185 (*adaptação*): *a rotta di collo* → a toque de caixa; cap. VII – p. 1187 (*adaptação/explicitação*): *fogate* → minas antipessoais; cap. VII – p. 1187 (*adaptação/explicitação*): *reticolati* → cercas de arame espinhoso; cap. VII - p.

1189 (*adaptação/explicitação*): *spiedo di girarrosto* → espeto giratório de assar carne; cap. X – p. 1198 (*adaptação*): *tre gruppi d'eserciti* → três baterias; cap. X – p. 1198 (*adaptação*): *fare i vermi* → apodrecer; cap. X – p. 1201 (*adaptação*): *tre rosarii al giorno, di quindici poste* → três rosários por dia, de quinze mistérios; cap. X – p. 1203 (*adaptação*): *tanto basta* → não preciso dizer mais nada.

Em CA (*adaptação*): *tavolino da notte* → mesinha de cabeceira; p. 428 (*adaptação/omissão*): *le persiane e le vetrate della finestra sono richiuse e raccostati gli scuri* → as persianas e as vidraças são fechadas; p. 432 (*adaptação*): *mi date sulla voce* → levantam a voz; p. 437 (*adaptação*): *non si faceva più vedere* → não aparecia; p. 438 (*adaptação*): *un giorno o l'altro* → mais cedo ou mais tarde.

Em IO (*adaptação*): *deposito del reggimento* → campo de instrução; p. 557 (*explicitação*): *non sarebbe certamente mancato per lui di morire in guerra* → certo que estava de que não deixaria de morrer na guerra; p. 558 (*adaptação*): *faccio le corna* → bate na madeira; p. 560 (*adaptação*): *no si reggeva più sulle gambe* → não conseguia se manter em pé; p. 560 (*adaptação*): *fargli così la jettatura* → por quê chamar o azar assim; p.561 (*adaptação*): *jettatura* → azar; p.561 (*adaptação*): *di gran trotto* → dando no pé; p. 561 (*adaptação/omissão*): *scarpe imbullettate* → coturnos; p. 563 (*adaptação*): *avevano fatte di tutti i colori* → tinham aprontado de tudo.

Em QC – p. 676 (*adaptação*): *deposito* → campo de instrução; p. 677 (*adaptação/implicação*): *era sotto le armi* → fora convocado; p. 677 (*adaptação*): *non sia mai!* → tomara que não!.

Em SN – p. 418 (*adaptação*): *farsi così brutto* → ficar de cara tão fechada; p.420 (*adaptação*): *alle corte* → ao resumo da ópera; p. 424 (*adaptação*): *guastati lo stomaco* → com indigestão; p. 426 (*adaptação*): *il ricordo dell'antica Maja, madre del dio Mercurio, da cui il porco ripete il suo secondo nome* → lembrança da antiga Maia, mãe do deus Mercúrio, que reevoca o porco em seu cognome.

Em UG (*adaptação*): *messa noturna* → missa do Galo; p. 560 (*adaptação*): *nera tra le più nere* → reacionária entre as mais reacionárias; p. 560 (*adaptação*): *Mah!* → Quem é que sabe?; p. 561 (*adaptação*): *non derogare d'un punto* → não derogar uma só vírgula; p. 561 (*explicitação*): *disarma* → baixa a guarda; p. 562 (*implicação*): *batti oggi e batti domani* → de tantos golpes; p. 563 (*adaptação*): *prendere per il petto* → pegar pelo colarinho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Luigi Pirandello é um nome de grande prestígio para a formação da literatura italiana moderna do início do século XX. Contrariando os intelectuais de sua época, o autor foi capaz de trazer novos contornos à arte narrativa do *primo Novecento*, rompendo com padrões estético-literários que até então mantinham os escritores enclausurados em um forma literária *ottocentesca* que já se sabia ultrapassada e não condizente com a nova realidade sociocultural da península italiana.

No capítulo introdutório de nossa análise, propomos explorar brevemente as questões mais gerais sobre a vida de Pirandello e sobre sua produção artística. Vimos que o autor escrevia para um público leitor que se expandia, a grande massa burguesa que, em suas horas vagas, queria apenas uma leitura que a deleitasse, algo desconsiderado pelas propostas literárias da época, que em geral se voltavam para leitores da alta sociedade, consumidores dos clássicos. Foi justamente esse novo público leitor o responsável por colocar Pirandello em um lugar de destaque na literatura italiana, já que foi o primeiro a compreender o porquê e para quem o autor siciliano escrevia.

Para dedicar-se à produção de suas novelas e ao ambicioso projeto de reunir 365 delas no volume intitulado *Novelle per un anno* - que começou a se delinear a partir de 1922 -, Pirandello deu adeus ao gênero romance após publicar o livro *Uno, nessuno e centomila*, em 1926, e aos palcos do teatro, nos anos 1930, com a produção não finalizada *I giganti della Montagna*. Infelizmente, sua morte, em 1936, impediu que o projeto fosse concluído, restando-nos “apenas” 246 novelas, dentre as quais 237 compõe o volume consultado durante nossos estudos.

Sua arte literária chegou ao mercado editorial brasileiro de tradução no início do século XX, principalmente por meio de seus romances e peças teatrais, pois o autor se destacava por seu sucesso internacional como dramaturgo e pelo Prêmio Nobel conquistado em 1934.

No segundo e terceiro capítulos, voltamos nossa atenção para o mundo pouco explorado de personagens, espaços e enredos de suas novelas, que sem dúvida formam um material literário muito rico que ainda tem muitos elementos a serem desvendados.

Propusemo-nos a analisar, através das narrativas bélicas do autor, uma faceta de Pirandello pouco explorada, ou seja, seu viés mais “politicamente engajado”, capaz de penetrar as questões sociais e políticas italianas mais delicadas da época, para de lá obter nem tanto uma solução, mas uma reflexão sobre os fatos que inquietavam a vida coletiva de seu país entre o início e o fim da Primeira Guerra Mundial.

Contrariando nossa opinião inicial, ou seja, que esse imenso labirinto de fragmentos de sua novelística não revelava qualquer ordem ou perspectiva narrativa de fôlego mais amplo, ficou evidente que já em nosso pequeno corpus existem inúmeros elementos que provam o contrário.

Partindo de suas personagens secundárias, das suas poucas adjetivações pinceladas em longos períodos narrativos, da reordenação cronológica dos fatos narrados, exploramos outra forma de ler as *Novelle per un anno*, forma essa capaz de preencher as lacunas que, não raramente, se mostram em suas composições novelísticas, quando analisadas de forma individual.

De *Berecche e a guerra* (1914) a *Um góí* (1922), exploramos ainda como a ficção narrativa repercute os ecos sociais de uma realidade histórica. Como afirma Lowenthal (1998) “toda ficção é parcialmente fiel ao passado. A diferença reside mais no propósito do que no conteúdo”.

No quarto capítulo, analisamos as dificuldades de tradução mais marcantes. Concluimos aqui que, para que o trabalho tradutológico fosse possível, primeiramente seria necessário reconhecer a alteridade da língua, seja temporal e/ou espacial, e então reconhecer a impossibilidade de uma correspondência “idealizada” entre o Texto de Partida e o Texto de Chegada que muitos desejam, para só então conseguirmos reconhecer, explorar e interpretar a terra estrangeira que é o texto original.

Ao final desse estudo, duas questões centrais ainda permanecem sem respostas. Tais questões, sem dúvida, requererão mais pesquisas para construir um panorama das novelas pirandellianas mais esclarecido do que o atual. A primeira questão é: existem outras novelas que se vinculam às contempladas por esse estudo e que poderiam resolver alguns pontos da interpretação que permaneceram insolúveis? A segunda questão é: dentre as outras centenas de novelas não analisadas, existirão outros vínculos - sejam eles narrativos, biográficos,

cronológicos ou históricos - capazes de criar estruturas narrativas maiores, retirando-as de suas individualidades e expondo uma arquitetura das *Novelle per un anno* ainda hoje desconhecida? Esperamos explorar essas questões no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pirandello: *Novelle per un anno*

PIRANDELLO, Luigi (1867-1936). **Novelle della Grande Guerra**. A cura di Pietro Milone. Bologna: Nova Delphi, 2017.

_____. **Novelle per un anno**. A cura di Mario Costanzo. Premessa di Giovanni Macchia. Milano: Mondadori, 1997-2001. 3 v.

_____. **Novelle per un anno**. A cura di Simona Costa. Milano: Mondadori, 2013. 4 v.

_____. **Tutte le novelle: (1905-1909)**. Fuoco alla paglia, la giara e altre novelle. A cura di Lucio Lugnani. Milano: BUR, 2016, v. 3.

Sobre Pirandello

BONA, Fabiano dalla. Alguns aspectos da paisagem de agrigento na narrativa de luigi pirandello. **Rev. Let.**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 21-38, jul. – dez. 2016.

CASTRIS, Arcangelo Leone de. Dalla narrativa al teatro: la nascita del personaggio. In: _____. **Storia di Pirandello**. Roma: Laterza, 1962. cap. III.

DUGO, Sandra. Storia della traslatio del corpus Pirandelliano in Brasile. **Revista de Italianística**, [S.l.], n. 34, p. 77-89, nov. 2017.

FABRIS, Anna Teresa; FABRIS, Maria Rosaria. Presença de Pirandello no Brasil. In: GUINSBURG, J. (Org.). **Pirandello: Do teatro no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 397-403.

GANDI, Charlotte. **Per una lettura di Sei personaggi in cerca d'autore: L'impossibilità del «dramma doloroso» della «commedia da fare» nella rappresentazione della «vana commedia» dell'Autore**. [201-]. 21f. Tesina di Letteratura teatrale italiana - Facoltà di Filologia e Letteratura Italiana, Università Ca' Foscari, Venezia, [201-].

ILLIANO, Antonio. Una novella da recuperare: Luigi Pirandello: Personaggi. **Italica**, [S.l.], v. 56, n. 2, p. 230-236, summer 1979.

LANDO, Mariangela. Berecche e la guerra di Pirandello tra narrazione e biografia. In: ATTI DEL CONGRESSO DI VENEZIA, 2014, Venezia. **L'anno iniquo**. 1914: Guerra e letteratura europea. Venezia: Adi editore, 2017. cap. 2.

LORENZETTI, Sara. La prima guerra mondiale nelle novelle di Pirandello: Una presenza rimossa. In: ANDREOTTI, Francesca Romana et al. **Quaderni del '900: Letteratura e Grande Guerra**. Pisa: Fabrizio Serra Editore, MMXV. p. 53-62.

LUCIGNANI, Luciano. **Pirandello, la vita nuda**. Milano: Camunia Editrice, 1999.

LUIGI Pirandello tra l'arte e la vita. **Fitainforma**, Vicenza, Anno XXIV, n. 2, p. I-XV, jun. 2010.

MACCHIA, Giovanni. Pirandello a cinquant'anni dalla morte. In: PIRANDELLO, Luigi. **Novelle per un anno**. A cura di Mario Costanzo. Premessa di Giovanni Macchia. Milano: Mondadori, 1997-2001. 3 v. p. XIII-XXVII.

MARCHESE, Dora. Paesaggi della modernità. Spazio urbano e spazio esistenziale nella novellistica pirandelliana. In: ATTI DEL XII CONGRESSO NAZIONALE DELL'ADI, 2008, Roma. **Moderno e modernità: La letteratura italiana**. Roma: Sapienza Università di Roma, 2009.

MARINI, Alessandro. Questioni di forma in novelle per un anno di Luigi Pirandello: storia, struttura, modelli. **Sborník Prací Filozofické Fakulty Brněnské Univerzity**, Brno, L. 25, p. 127-137, 2004.

NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. A Dramaturgia como Fonte para uma História da Iluminação Cênica: Pirandello capocomico iluminador. **Revista Brasileira de estudos da presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 4, set. 2019.

SILVA, Juliana Yukiko Akisawa da. **Ou de um ou de qualquer um: apropriações do teatro de Luigi Pirandello para a representação e para a leitura**. 2017. 160f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Dicionários e Bases de dados

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

BATTAGLIA, Salvatore. **Grande dizionario della lingua italiana: SQUI-TOG**. Torino: UTET, 2001. XXI v.

BECHARA, Evanildo (Ed.). **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENEDETTI, Ivone Castilho (Coord.) **Dicionário Martins fontes: italiano-português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERTOZZI, Aldo. **Dizionario Garfagnino <<...l'ho sintuto di'>>**. Terza edizione (riveduto da Ginevra Rubini) integralmente rivista con oltre 500 tra vocaboli nuovi, completamente riscritti ed integrati. Castelnuovo di Garfagnana: Unione Comuni Garfagnana, 2015.

BOERIO, Giuseppe. **Dizionario del dialetto veneziano di Giuseppe Boerio**. Terza edizione aumentata e corretta. Venezia: Reale Tipografia di Giovanni Cecchini Edit., 1867.

CHAMBERS, Efraimo. **Dizionario Universale delle Arti e delle Scienze**. Traduzione esatta ed intiera dall'Inglese, tomo nono. Venezia: Società Reale, MDCCXLIX.

CINTI, Decio. **Sinonimi Contrari**: Dizionario essenziale. Novara: DeAgostini, 2012.

DICIONÁRIO bibliográfico da literatura italiana traduzida no Brasil. Coordenação de Patricia Peterle et al. Desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade de São Paulo, 2010-2020. Acervo eletrônico de obras da literatura italiana traduzida no Brasil. Disponível em: <<http://www.dlit.ufsc.br/index.html>>. Acesso em: 26 out. 2020.

DICIONÁRIO bibliográfico da literatura italiana traduzida no Brasil a partir de 1951. Coordenação de Patricia Peterle et al. Desenvolvido pela Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Santa Catarina, 2010-2020. Acervo eletrônico de obras da literatura italiana traduzida no Brasil. Disponível em: <<http://www.usp.br/dlit/index.html>>. Acesso em: 26 out. 2020.

DICIONÁRIO CRIATIVO. Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DICIONÁRIO PRIBERAM. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DIZIONARI GARZANTI LINGUISTICA. Disponível em: <<https://www.garzantilinguistica.it/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DIZIONARIO TRECCANI. Disponível em: < <http://www.treccani.it/vocabolario/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

GHERARDINI, Giovanni. **Voci e maniere di dire italiane additate a' futuri vocabolaristi**: Volume II. Milano: per Gio. Bat. Bianchi di Giac., 1840.

GREEN, Miranda. **Dictionary of Celtic Myth and Legend**. Londres: Thames and Hudson, 1992.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. **DEDALUS**: banco de dados bibliográfico da USP. Disponível em: < <http://www.dedalus.usp.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

VOCABOLARIO degli accademici della Crusca: edizione seconda Veneta accresciuta di molte voci – Raccolte dagli Autori approvati dalla fteffa Accademia. Venezia: apresso Francesco Pitteri, MDCCLXIII, 5 v.

ZINGARELLI, Nicola. **Vocabolario della lingua italiana**. Bologna: N. Zanichelli, 1963.

Sobre tradução

ALMEIDA, Fernando Afonso de. Tradução e humor. In: PIETROLUONGO, Márcia Atália. **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, p. 217-234.

ANTUNES, Maria Alice. O respeito pelo original: breves considerações acerca do trabalho do autotradutor João Ubaldo Ribeiro. In: PIETROLUONGO, Márcia Atália. **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009, p. 85-100.

ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

AUBERT, F. H. **As (in)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. Modalidades da tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.

BARNI, Roberta. A tradução literária: imagens da proximidade na distância entre Itália e Brasil / la traduzione letteraria: immagini della prossimità nella distanza tra l'italia ed il Brasile. **Revista italiano UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2010.

_____. Traduzir: do sentido, da (in)fideliade e outras histórias. **Revista Ponto**, São Paulo, 10 jan. 2017. Disponível em: <http://revistaponto.com.br/literatura/traduzir-do-sentido-da-infidelidade-e-outras-historias/>. Acesso em: 05 jan. 2020.

BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução: do sentido à significância**. São Paulo: EDUSP, 1993.

PETERLE, Patricia et al (Org.). **A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução**. Tubarão: Copiart, 2011.

PETERLE, Patricia; SATURBANO, Andrea; WATAGHIN, Lucia (Org.). **Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950**. Niterói: Comunità, 2013.

SOUZA, Marcos Francisco Pedrosa Sá Freire de. A visibilidade do tradutor. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2008, São Paulo. **Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo: ABRALIC, 2008. [n.p.].

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pelegrin et al. Bauru: EDUSC, 2002.

Sobre história, literatura e temas diversos

AGOSTINHO (354-430). **Confissões**. Tradução de Beatriz S. S. Cunha. São Paulo: Principis, 2019, p. 214-235.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

BENJAMIN, Walter (1892-1940). O Narrador. In: **Obras Escolhidas v.1: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.

BÍBLIA, N. T. Gênesis. In: **Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada**. Kanagawa: Watchtower Bible and tract society of New York, 2015. p. 54-56.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. p. 23-47.

BRASIL. Decreto-lei nº 2543, de 24 de março de 1938. Aprova o regulamento do campo de instrução de Gericinó. **Lexml: coletânea de leis do Brasil: edição federal**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1938. Seção 1, p. 6881.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Rev. Bras. De Hist.**, São Paulo, v. 5, n. 8-9, p. 33-68, set.–abr. 1984-85.

BRIOSCHI, Franco; GIROLAMO, Costanzo di; FUSILLO, Massimo. **Introduzione alla letteratura**. 2. ed. Roma: Carocci, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARDOSO, Ana Cristina Bezerril. “**Les Serments de Strasbourg**”: importância histórica e filológica na consolidação do francês. 2007. 69f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2007.

COGGIOLA, Osvaldo. A partilha (e a revolta) do mundo árabe. In:_____. **A revolução árabe e o islã: Entre Pan-arabismo, Pan-islamismo e Socialismo**, São Paulo: [s.n.], 2016. p. 121-141. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2371386/mod_resource/content/1/A%20revolu%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A1rabe.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

COSTA, Antonio Luiz M. C. **Títulos de nobreza e hierarquia**: um guia sobre as graduações sociais na história. São Paulo: Draco, 2014.

DUFOUR, Guillaume Henri. **Memoriale pei Lavori di Guerra**. Tradotto dal francese dal capitano del 13º di linea Vincenzo Pugliese. Napoli: Reale Tipografia della Guerra, 1841.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Tradução de Pérola de Carvalho. 8ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

_____. **Sulla Letteratura**. Milano: Bompiani, 2002.

FAEDRICH, Anna. Autoficção, um percurso teórico. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 17, p. 30-46, 2016.

_____. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Revista Itinerários**, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan.-jun. 2015.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A relação entre a peste negra e os judeus. **Revista Vértices**, São Paulo, n. 20, p. 25-46, 2016.

FREUD, Sigmund (1856-1939). **Escritos sobre a guerra e a morte**. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e Trauma na escrita do testemunho. In:_____. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, 2012. p. 51-59.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HIRSCH, M. The Generation of Postmemory. **Poetics Today**, [S.l.], v. 29, n. 1, p.103-128, mar. 2008.

HOBBS, Thomas (1588-1679). **Leviatã ou Matéria**, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. Tradução de João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martin Claret, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ISTAT – ISTITUTO NAZIONALE DI STATISTICA. **Italia in cifre: 1861 – 2011: Popolazione e famiglie.** Roma, 2011. 34 p.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista brasileira de literatura comparada**, [s.l.], n. 12, p. 11-30, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos.** Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOCKE, John (1632-1704). **Dois tratados sobre o governo.** Tradução de Júlio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Tradução de Lucia Haddad. **Proj. História**, São Paulo, n. 17, p. 63-201, nov. 1998.

MACCHIONE, Daniela. 1860, GIOVANNI PRATI E “LA MADRE E LA PATRIA”. **Studi Verdiani**, Parma, n. 20, p. 59-68, 2006-2007.

MACHIAVELLI, Nicolò (1469-1527). **O príncipe:** com comentários de Napoleão Bonaparte. Tradução de Mônica Baña Álvares. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Proj. História**, São Paulo, p. 7-28, dez. 1993.

NUVOLI, Giuliana. **La novela italiana.** Milano: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 1992.

PRESTES, Graziela Jacques. Uma compreensão do pretérito imperfeito do subjuntivo pelo viés da temporalidade e da modalidade. **Cadernos do IL.**, Porto Alegre, n. 42, p. 220-245, jun. 2011.

PROCACCI, Giuliano. **Storia degli italiani:** Volume Secondo. 5. ed. Bari: Laterza, 2009.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. Tradução de João Batista Botton. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 125, p. 299-310, jun. 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1712-1778). **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Tradução de Laurent de Saes. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio et al. **História, Memória, Literatura:** O testemunho na era das catástrofes. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2013.

SISCAR, Marcos. Memória e literatura. **Revista de Letras**, [S.l.], v. 43, n. 2, p. 7-11, jul.-dez. 2003.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOLEDADE, Juliana. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos. In: LOBO, Tânia et al. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 323-336.

STEVENSON, David. **1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial**. Tradução de Valter Lellis. Barueri: Novo Século editora, 2016, 4 v.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução de Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

ZAGANELLA, Marco. La mobilitazione industriale: un pilastro nella evoluzione del modello italiano di intervento pubblico in economia. In: CAPUZZO, Ester (Org.). **Istituzioni e società in Francia e in Italia nella prima guerra mondiale**. Roma: Edizioni Nuova Cultura, 2017. p. 181-206.

Sites consultados

24 DE DEZEMBRO. O que é que o galo tem a ver com o natal? **Jornal Sol**, Lisboa, 24 dez. 2015. Disponível em: <<https://sol.sapo.pt/noticia/491379/24-de-Dezembro-O-que-e-que-o-galo-tem-a-ver-com-o-Natal->>. Acesso em: 16 mar. 2020.

ALCANTRA, Diana. Chypre. Essa tal família olfativa. **A loucura dos perfumes**, 31 jul. 2013. Disponível em: <<https://aloucadosperfumes.com/2013/07/31/chypre-essa-tal-familia-olfativa/>>. Acesso em: 06 jan. 2020.

ARAÚJO, André Motta. A nobreza negra de Roma. **GGN - O jornal de todos os Brasis**, 16 ago. 2015. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/historia/a-nobreza-negra-de-roma-por-andre-araujo/>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

BATTAGLIA di Bezzecca. **Museo Civico Garibaldino**, Brescia, 2020. Disponível em: <<http://www.museocivicogaribaldino.it/la-storia-battaglia-di-vezza-d-oglio/21-storia/58-battaglia-di-bezzecca.html>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRIGATA Bergamo (25ª e 26ª fanteria). **Storia e memoria di Bologna**, Bolonha, 2002. Disponível em: <<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/bergamo.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2020.

BRIGATA Casale (11ª e 12ª fanteria). **Storia e memoria di Bologna**, Bologna, 2002. Disponível em: <<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/casale.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

BRIGATA Re (1ª e 2ª fanteria). **Storia e memoria di Bologna**, Bologna, 2002. Disponível em: <<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/re.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

BRIGATA Torino (81ª e 82ª fanteria). **Storia e memoria di Bologna**, Bologna, 2002. Disponível em: <<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/torino.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

CEFFALIA, Anna. Miti e tradizioni del mare: Il Signore della nave. **Ocean 4 future**, 10 set. 2018. Disponível em: <<http://www.ocean4future.org/archives/22682>>. Acesso em: 07 fev. 2020.

DE ADÃO a Matuzalém. **Cronologia da bíblia**, 12 jan. 2010. Disponível em: <<https://cronologiadabiblia.wordpress.com/2010/12/01/50/>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

ESERCITO DELLA SALVEZZA. Cuore a Dio mano agli uomini. Disponível em: <<https://www.esercitodellasalvezza.org/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

FARINA, Jocimar. Tudo que você queria saber.... **Gaúcha Hoje**, Porto Alegre, 30 mai. 2006. Disponível em: <<http://www.gaucha.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer.getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=2542&blog=27&coldir=1&topo=3994.dwt>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LA GRANDE guerra attraverso le immagini. **Ministero della Difesa**. Disponível em: <<http://www.esercito.difesa.it/comunicazione/pagine/mappa-battaglie.aspx>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

LAVEZZARI Giulio: 12 Maggio 1849 – 19 luglio 1915. **Storia e memoria di Bologna**, Bologna, 2002. Disponível em: <<https://www.storiaememoriadibologna.it/lavezzari-giulio-484190-persona>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

MACORATTI, Paolo. Vittoria italiana di Bezzecca negata da un sito Tiroloese. **Garibaldi per L'Italia**, 02 sett. 2019. Disponível em: <<http://www.garibaldi.org/2019/09/vittoria-italiana-di-bezzecca-negata-da-un-sito-tiroloese/>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MAIS, Leandro. Battaglia della Bezzecca: obbedisco! **Garibaldi per L'Italia**, 21 giugno 2015. Disponível em: <<http://www.garibaldi.org/2015/06/battaglia-della-bezzecca-obbedisco-ma-la-firma-non-e-di-garibaldi/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MINAS Terrestres. **Operações militares**. O ABC da guerra. Técnicas, Sistemas, Doutrinas, e História Militar, 25 mar. 2016. Disponível em: <<http://operacoesmilitaresquia.blogspot.com/2016/03/minas-terrestres-parte-i.html>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

MORAIS, Pâmela. A revolução russa e seus impactos históricos. **Politize!**, 07 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/revolucao-russa>>.

[entenda/#:~:text=O%20Imp%C3%A9rio%20Russo%20a%20era,as%20planta%C3%A7%C3%B5es%20ou%20investir%20em](#)>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MOURA, Felipe. VOCE não é um gentio. **Universo Monoteísta**, São Paulo, [2017?]. Disponível em: <<https://www.monoteista.org/gentio-nao/>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

QUAIS são os mistérios do rosário e seus frutos e em que dia se reza cada terço? **Aleteia**, 15 set. 2019. Disponível em: <<https://pt.aleteia.org/2019/09/15/quais-sao-os-misterios-do-rosario-e-seus-frutos-e-em-que-dia-se-reza-cada-terco/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SCHNEIDER, Willian Michel. História Ilustrada da Primeira Guerra Mundial #009. **Medium**, 15 jul. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@wmichelschneider/hist%C3%B3ria-ilustrada-da-primeira-guerra-mundial-009-4dc80434a10b>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SILVA, Deonísio da. ETIMOLOGIA. **Revista Caras**, São Paulo, 29 mar. 2010. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/arquivo/etimologia-deonisio-da-silva-a-origem-das-palavras.phtml>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

SCHMIDT, Justin. Cantharidin and Meloids: a review of classical history, biosynthesis, and function. **Way Back Machine**, Colorado, Sept. 03 2005. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20050903135618/http://www.colostate.edu/Depts/Entomology/courses/en570/papers_2002/schmidt.htm>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SOUSA, Rainer. Resumo da ópera. **Brasil escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/resumo-opera.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2020.

TOMASSONI, Mauro. Gli scarpone del duce. **Il blog di Mauro Tomassoni**, 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://maurotomassoni.altervista.org/gli-scarponi-del-duce/>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

UEDA, Natalino. As Nossas Senhoras são a mesma Virgem Maria? **Canção Nova**, Cachoeira Paulista, [2018?]. Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/nossa-senhora/devocao-nossa-senhora/as-nossas-senhoras-sao-a-mesma-virgem-maria/>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Traduções das obras pirandellianas no Brasil

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa

(continua)

Titulo em português	Ano da Tradução/Reedição	Tradutor	Titulo em italiano	Editora	Genero
Pois é isso...	1924/1927	GONCALVES, Paulo	Così è (se vi pare)	Companhia Brasileira de Comédias Jayme Costa	TEATRO
Novellas escolhidas	1925	PATI, Francisco	-	A. Tisi & Cia. Editores	CONTO
Carla	1930	Anônimo	Come Gemelle	Diário de Notícias	CONTO
O velho Deus	1931	NOCOLUSSI, Haydée	Il vecchio Dio	Vida Capichaba	CONTO
A luz da outra casa: Novelas escolhidas ²⁴²	1932	PATI, Francisco	-	Piratininga	CONTO
O Falecido Matias Pascal	1933/1941	JUNIOR, Souza	Il Fu Mattia Pascal	Livraria do Globo	ROMANCE
A volúpia de honra	1937	LIMA, Benjamin	Il piacere dell'onestà	Teatro Regina	TEATRO
Os velhos e os moços	1947	VIEIRA, José Geraldo	I vecchi e i giovani	Instituto Progresso Editorial	ROMANCE
Vestir os nus	1948	Anônimo	Vestire gli ignudi	Cooperativa de Espetáculos Novos de Arte	TEATRO
A excluída	1949	VIEIRA, José Geraldo	L'esclusa	Instituto Progresso Editorial	ROMANCE
Seis personagens à procura de um autor	1951	PICCHIA, Menotti Del	Sei personaggi in cerca d'autore	Teatro Brasileiro de Comédia	TEATRO

²⁴² “Em 1932, a Editora Piratininga publicou novamente as novelas traduzidas em 1925 por Francisco Pati, com o título *A luz de outra casa: novelas escolhidas*.” (SILVA, 2017, p.45). Trata-se, portanto, de um mesmo elenco de 20 novelas traduzidas por Francisco Pati, mas publicado por diferentes editoras e em anos diferentes. Para o nosso levantamento estatístico, os títulos das novelas traduzidas foram considerados apenas uma vez.

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa

(continuação)

Titulo em português	Ano da Tradução/Reedição	Tradutor	Titulo em italiano	Editora	Genero
O imbecil	1952	MESQUITA, Alfredo	L'imbecille	Companhia Teatral da Escola de Arte Dramática	TEATRO
Assim é (se lhe parece)	1953	PEDREIRA, Brutus	Così è (se vi pare)	Teatro Brasileiro de Comédia	TEATRO
O prazer da honestidade	1954/1955	MOREIRA, Alvaro	Il piacere dell'onestà	Teatro permanente das Segundas-Feiras/ Teatro de Arena	TEATRO
Não se sabe como	1955	JACOBBI, Ruggero	Non si sa come	Teatro Arena de São Paulo	TEATRO
Henrique IV	1956/1957	PEDREIRA, Brutus	Enrico IV	Companhia Nydia Licia & Sérgio Cardoso	TEATRO
Seis personagens à procura de um autor	1956	PICCHIA, Menotti Del	Sei personaggi in cerca d'autore	Sociedade de Artistas Independentes	TEATRO
O dever do Médico	1956	Anônimo	Il dovere del medico	Instituto Cultural Italo-Brasileiro	TEATRO
O Jarro	1956	PATI, Francisco	La Giara	Instituto Cultural Italo-Brasileiro	CONTO
Vestir os nus	1957	GODINHO, Pyndaro	Vestire gli ignudi	Nosso Teatro	TEATRO
Seis personagens à procura de um autor	1958	Anônimo	Sei personaggi in cerca d'autore	Teatro de Amadores de Pernambuco	TEATRO
O outro filho	1958	Anônimo	L'altro filho	Instituto Cultural Italo-Brasileiro	TEATRO
Vestir os nus	1958	JACOBBI, Ruggero	Vestire gli ignudi	Teatro Brasileiro de Comédia	TEATRO
A excluída	1960	VIEIRA, José Geraldo	L'esclusa	Livraria Martins	ROMANCE
A morta e a viva e outras novelas	1960	BRESCIA, Daisy	-	Livraria Martins Editora	CONTO
Seis personagens à procura de um autor	1960	PEDREIRA, Brutus	Sei personaggi in cerca d'autore	Companhia CTCA	TEATRO

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa

(continuação)

Título em português	Ano da Tradução/Reedição	Tradutor	Título em italiano	Editora	Genero
Esta noite improvisamos	1961	LICIA, Nydia	Questa sera si recita a soggetto	Companhia Nydia Licia	TEATRO
O homem da flor na boca	1961	Anônimo	L'uomo dal fiore in bocca	Grêmio Teatral da Congregação Mariana Santana	TEATRO
O homem, a besta e a virtude	1962	RATTO, Gianni	L'uomo, la bestia e la virtù	O Teatro dos Sete	TEATRO
Entre duas sombras e outras novelas	1962	PENTEADO, Jacob	-	Livraria Martins Editora	CONTO
Sol e sombra e outras novelas	1963	PENTEADO, Jacob	-	Livraria Martins Editora	CONTO
O marido de minha mulher e outras novelas	1963	PENTEADO, Jacob	-	Livraria Martins Editora	CONTO
O velório e outras novelas	1963	PENTEADO, Jacob	-	Livraria Martins Editora	CONTO
O falecido Matias Pascal	1964	Anônimo	Il fu Mattia Pascal	Livraria Martins Editora	ROMANCE
O finado Matias Pascal	1966	CUNHA, Helena Parente	Il fu Mattia Pascal	Editores Delta	ROMANCE
Vestir os nus	1966	JACOBBI, Ruggero	Vestire gli ignudi	Brasiliense	TEATRO
Os gigantes da montanha	1969	D'AVERSA, Alberto	I giganti della montagna	Teatro Dois Mundos	TEATRO
O finado Matias Pascal	1970	CUNHA, Helena Parente	Il fu Mattia Pascale	Editores Opera Mundi	ROMANCE
O falecido Matias Pascal	1971	POLILLO, Raul de	Il fu Mattia Pascal	Livraria Martins Editora	ROMANCE
O falecido Mattias Pascal	1971	SILVA, Mário da	Il fu Mattia Pascal	Civilização Brasileira	ROMANCE
Só porque você quer...	1971	AUTRAN, Paulo	Così è (se vi pare)	Companhia Paulo Autran	TEATRO
O falecido Mattia Pascal	1972	SILVA, Mário da	Il fu Mattia Pascal	Editores Abril	ROMANCE
Seis personagens à procura de um autor	1972	PEDREIRA, Brutus	Sei personaggi in cerca d'autore	Civilização Brasileira	TEATRO

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa

(continuação)

Título em português	Ano da Tradução/Reedição	Tradutor	Título em italiano	Editora	Genero
Liola	1972	PEDREIRA, Brutus	Liola	Civilização Brasileira	TEATRO
Seis personagens à procura de um autor	1977	PEDREIRA, Brutus	Sei personaggi in cerca d'autore	Abril Cultural	TEATRO
Seis personagens à procura de um autor	1977	JOSE, Paulo	Sei personaggi in cerca d'autore	SFAT Empreendimentos Culturais e Artísticos	TEATRO
Não se sabe como	1978	Anônimo	Non si sa come	Cooperativa Teatro Móvel	TEATRO
O falecido Mattia Pascal / Seis personagens à procura de um autor	1978/1981/1982	SILVA, Mário da; PEDREIRA, Brutus	Il fu Mattia Pascal / Sei personaggi in cerca d'autore	Abril Cultural	ROMANCE/TEATRO
Ledo Engano	1982	Anônimo	La patente/ L'uomo dal fiore in bocca (montagem)	ECA-USP	TEATRO
O jarro	1982	KOSOVSKI, Ricardo	La giara	Cadernos de teatro	TEATRO
Seis personagens à procura de um autor	1983	Anônimo	Sei personaggi in cerca d'autore	Escola de Artes Cênicas de BH	TEATRO
Bellavita	1983	Anônimo	Bellavita	Cadernos de teatro	TEATRO
A excluída	1986	VIEIRA, José Geraldo	L'esclusa	Editora Abril	ROMANCE
Esta noite se improvisa	1986	Anônimo	Questa sera si recita a soggetto	Grupo Divulgação	TEATRO
O homem da flor na boca	1988	Anônimo	L'uomo dal fiore in bocca	Núcleo Teatro Oculto	TEATRO

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa

(continuação)

Título em português	Ano da Tradução/Reedição	Tradutor	Título em italiano	Editora	Genero
Encontra-se	1989/1990	Anônimo	Trovarsi	Companhia Renata Sorrah	TEATRO
Henrique IV e Pirandello: roteiro para uma leitura	1990	BERNANDINI, Aurora Fornoni; ANDRADE, Homero Freitas de	Enrico IV	EDUSP	TEATRO
Cadernos de Serafino Gubbio operador	1990	MAURO, Sérgio	Quaderni di Serafino Gubbio operatore	Editora Vozes	ROMANCE
O homem da flor na boca	1992/1993	Anônimo	L'uomo dal fiore in bocca	Casa de Cultura Mário Quintana	TEATRO
O homem da flor na boca	1994	CARVALHO, Maria José	L'uomo dal fiore in bocca	Cacá Carvalho	TEATRO
Um político imbecil	1994	Anônimo	L'imbecille	Teatro da Praça	TEATRO
Kaos e outros contos sicilianos	1994/2001	MORETTO, Fulvia M. L.	-	Nova Alexandria	CONTO
O homem da flor na boca	1998	Anônimo	L'uomo dal fiore in bocca	Teatro Glória	TEATRO
Esta noite se improvisa	1998	Anônimo	Questa sera si recita a soggetto	Teatro da Assembleia	TEATRO
Pirandello. Do teatro no teatro. (Seis personagens à procura de um autor/ Esta noite se representa de improviso/ Cada um a seu modo)	1999/2009	GUINSBURG, Jacopo; BARNI, Roberta	Sei personaggi in cerca d'autore/ Questa ser si recita a soggetto/ Ciascuno a suo modo	Perspectiva	TEATRO
O velho Deus. Novelas para um ano	2000/2001/2005	CARVALHO, Bruno Berlendis de	-	Berlendis & Vertecchia	CONTO
Dona Mimma. Novelas para um ano.	2000/2002	CARVALHO, Bruno Berlendis de	-	Berlendis & Vertecchia	CONTO
Um, nenhum e cem mil	2001/2004	DIAS, Maurício Santana	Uno, nessuno e centomila	Cosac Naify	ROMANCE
O enxerto / O homem, a besta e a virtude	2003	BERNARDINI, Aurora Fornoni	L'innesto / L'uomo, la bestia e la virtù	EDUSP	TEATRO

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa

(continuação)

Título em português	Ano da Tradução/Reedição	Tradutor	Título em italiano	Editora	Genero
Seis personagens à procura de autor/ O falecido Mattia Pascal	2003	FONSECA, Fernando C.	Sei personaggi in cerca di autore	Nova Cultural	TEATRO/ROMANCE
Seis personagens à procura de autor: comédia a ser criada	2004	FLASKMAN, Sérgio	Sei personaggi in cerca di autore	Editora Peixoto Neto	TEATRO
Os gigantes da montanha (Mito)	2005/2013	RABETTI, Beti	I giganti della montagna	Editora 7 Letras	TEATRO
Uma jornada. Novelas para um ano	2006	DIAS, Maurício Santana	-	Berlendis & Vertecchia	CONTO
O falecido Mattia Pascal	2007	DEGANI, Francisco	Il fu Mattia Pascal	Nova Alexandria	ROMANCE
O marido de minha mulher	2007	PENTEADO, Jacob	-	Odisseia Editorial	CONTO
Vestir os nus	2007	FERNANDES, Millôr	Vestire gli ignudi	Civilização Brasileira	TEATRO
40 novelas de Luigi Pirandello	2008/2011	DIAS, Maurício Santana	-	Companhia das Letras	CONTO
A razão dos outros	2009	PESSOA, Davi	La ragione degli altri	Lumme Editor	TEATRO
Ou de um ou de nenhum	2010	PESSOA, Davi	O di uno o di nessuno	Lumme Editor	TEATRO
O falecido Matia Pascal	2010	DEGANI, Francico	Il fu Mattia Pascal	Abril Cultural	ROMANCE
Assim é (se lhe parece)	2011	MELO, Sérgio Nunes; PÉCORÀ, Alcir	Così è (se vi pare)	Tordesilhas	TEATRO
Pirandello e a máscara animal. Incluindo 16 novelas de Luigi Pirandello.	2015	DEGANI, Francisco	-	Nova Alexandria	CONTO
Liola	2016	SILVA, Mário da	Liola	Peixoto Neto	TEATRO
O marido dela	2016	DEGANI, Francisco	Suo marito. Giustino Roncella nato Boggiolo	Folha de São Paulo	ROMANCE
Pirandello em cinco atos	2017	DIAS, Maurício Santana	-	Carambaia	TEATRO

Tabela 1 - Títulos das publicações no Brasil em língua portuguesa

(conclusão)

Título em português	Ano da Tradução/Reedição	Tradutor	Título em italiano	Editora	Genero
Novelas inéditas (2v.)	2017	DEGANI, Francisco	-	Nova Alexandria	CONTO
Vitória das formigas e outros contos de animais	2019	DEGANI, Francisco	-	Nova Alexandria	CONTO
Um, nenhum e cem mil	2019	DEGANI, Francisco	Uno, nessuno e centomila	Nova Alexandria	ROMANCE

Fontes: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (2020).

DICIONÁRIO bibliográfico da literatura italiana traduzida no Brasil (2020).

DUGO (2017).

FABRIS (2009, p. 397-403).

Tabela 2 - Relação dos romances e peças teatrais traduzidas

ROMANCES TRADUZIDOS A MAIS DE 50 ANOS		ROMANCES TRADUZIDOS NOS ULTIMOS 50 ANOS		ROMANCES NUNCA TRADUZIDOS OU COM DADOS INDISPONIVEIS	
1	I vecchi e i giovani	1	Il fu Mattia Pascal	1	Il turno
2	L'esclusa	2	Quaderni di Serafino Gubbio operatore		
		3	Suo Marito		
		4	Uno, nessuno e centomila		
PEÇAS TEATRAIS TRADUZIDAS A MAIS DE 50 ANOS		PEÇAS TEATRAIS TRADUZIDAS NOS ULTIMOS 50 ANOS		PEÇAS TEATRAIS NUNCA TRADUZIDAS OU COM DADOS INDISPONIVEIS	
1	Il dovere del medico	1	Bellavita	1	All'uscita
2	Il piacere dell'onestà	2	Ciascuno a suo modo	2	Cecè
		3	Così è (se vi pare)	3	Come prima, meglio di prima
		4	Enrico IV	4	Come tu mi vuoi
		5	I giganti della montagna	5	Diana e la Tuda
		6	La giara	6	Il berretto a sonagli
		7	La morsa	7	Il giuoco delle parti
		8	La patente	8	La favola del figlio cambiato
		9	La ragione degli altri	9	La nuova colonia
		10	L'altro figlio	10	La signora Morli, una e due
		11	L'imbecille	11	La vita che ti diedi
		12	L'innesto	12	L'abito nuovo
		13	Liola	13	L'amica delle mogli
		14	Lumie di Sicilia	14	Lazzaro
		15	L'uomo dal fiore in bocca	15	Ma non è una cosa seria
		16	L'uomo, la bestia e la virtù	16	Pensaci, Giacomino!
		17	Non si sa come	17	Quando si è qualcuno
		18	O di uno o di nessuno	18	Sagra del Signore della Nave
		19	Questa sera si recita a soggetto	19	Scamandro
		20	Sei personaggi in cerca d'autore	20	Sogno (ma forse no)
		21	Trovarsi	21	Tutto per bene
		22	Vestire gli ignudi		

Fontes: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (2020).

DICIONÁRIO bibliográfico da literatura italiana traduzida no Brasil (2020).

DUGO (2017).

FABRIS (2009, p. 397-403).

Tabela 3 - Relação das novelas traduzidas

(continua)

NOVELAS TRADUZIDAS A MAIS DE 50 ANOS		NOVELAS TRADUZIDAS NOS ULTIMOS 50 ANOS		NOVELAS NUNCA TRADUZIDAS OU COM DADOS INDISPONIVEIS	
1	Acqua e li	1	Acqua amara	1	Disdetta
2	Alla zappa!	2	Al valor civile	2	Disdetta (cont. e fine)
3	Benedizione	3	Alberi cittadini	3	Il gancio
4	Canta l'epistola	4	Amicissimi	4	Incontro
5	Chi la paga	5	Berecche e la guerra	5	La buon'anima
6	Con altri occhi	6	Candelora	6	Nell'albergo è morto un tale
7	Dal naso al cielo	7	Capannetta	7	Un'altra vita
8	Di guardia	8	C'è qualcuno che ride	8	Va bene
9	Dono della vergine Maria	9	Certi obblighi		
10	Due letti a due	10	Chi fu?		
11	Felicità	11	Ciàula scopre la Luna		
12	Filo d'aria	12	Cinci		
13	Gioventù	13	Colloqui coi personaggi		
14	Guardando una stampa	14	Come gemelle		
15	Ho tante cose da dirvi...	15	Concorso per referendario al Consiglio di Stato		
16	I due compari	16	Creditor galante		
17	Ignare	17	Da sé		
18	I nostri ricordi	18	Di sera un geranio		
19	I tre pensieri della sbiobbina	19	Dialoghi tra il gran me e il piccolo me		
20	Il bottone della palandrana	20	Difesa del mèola		
21	Il coppo	21	Distrazione		
22	Il corvo di Mizzaro	22	Donna Mimma		
23	Il giardinetto lassù	23	E due!		
24	Il guardaroba dell'eloquenza	24	Effetti di un sogno interrotto		
25	Il libretto rosso	25	Formalità		
26	Il lume dell'altra casa	26	Fortuna di esser cavallo		
27	Il professor Terremoto	27	Frammento di cronaca di Marco Leccio..		
28	Il sonno del vecchio	28	Fuga		
29	Il treno ha fischiato	29	Fuoco alla paglia		
30	In silenzio	30	I due giganti		
31	La balia	31	I fortunati		
32	La berretta di Padova	32	I galletti del bottajo		
33	La cassa riposta	33	I muricciuoli, un fico, un uccellino		
34	La cattura	34	I pensionati della memoria		
35	La corona	35	I piedi sull'erba		
36	La distruzione dell'uomo	36	Ieri e oggi		

Tabela 4 - Relação das novelas traduzidas

		(continuação)	
NOVELAS TRADUZIDAS A MAIS DE 50 ANOS		NOVELAS TRADUZIDAS NOS ULTIMOS 50 ANOS	
		NOVELAS NUNCA TRADUZIDAS OU COM DADOS INDISPONIVEIS	
37	La fede	37	Il buon cuore
38	La lega disciolta	38	Il capretto nero
39	La maestrina Boccarmè	39	Il chiodo
40	La mano del malato povero	40	Il dovere del medico
41	La paura del sonno	41	Il figlio cambiato
42	La trappola	42	Il «fumo»
43	L'avemaria di Bobbio	43	Il gatto, un cardellino e le stelle
44	La veste lunga	44	Il marito di mia moglie
45	Le medaglie	45	Il nido
46	Le sorprese della scienza	46	Il «no» di Anna
47	L'eresia catara	47	Il pipistrello
48	Leviamoci questo pensiero	48	Il signore della nave
49	L'illustre estinto	49	Il tabernacolo
50	Lo scaldino	50	Il vecchio dio
51	Lo spirito maligno	51	Il ventaglino
52	L'ombrello	52	Il viaggio
53	Lontano	53	Il vitalizio
54	L'uomo solo	54	In corpore vili
55	Mondo di carta	55	La camera in attesa
56	Nené e Nini	56	La carriola
57	Nenia	57	La casa del granella
58	Niente	58	La casa dell'agonia
59	Noite	59	La disdetta di Pitagora
60	Pena di vivere così	60	La fedeltà del cane
61	Pubertà	61	La giara
62	Sole e ombra	62	La levata del sole
63	Sopra e sotto	63	La liberazione del re
64	Spunta un giorno	64	La Madonnina
65	Sua maestà	65	La maschera dimenticata
66	Tra due ombre	66	La messa di quest'anno
67	Tutt'e tre	67	La morta e la viva
68	Un goj	68	La morte addosso'
69	Una voce	69	La mosca
70	Un'altra allodola	70	La patente
71	Volare	71	La paura
72	Zafferanetta	72	La prova
73	Zia Michelina	73	La rallegrata
74	Zuccarello distinto melodista	74	La realtà del sogno

Tabela 5 - Relação das novelas traduzidas

		(continuação)
NOVELAS TRADUZIDAS A MAIS DE 50 ANOS	NOVELAS TRADUZIDAS NOS ULTIMOS 50 ANOS	NOVELAS NUNCA TRADUZIDAS OU COM DADOS INDISPONIVEIS
	75	La ricca
	76	La rosa
	77	La scelta
	78	La signora Frola e il signor Ponza, suo genero
	79	La signora Speranza
	80	La signorina
	81	La tartaruga'
	82	La toccatina
	83	La tragedia d'un personaggio
	84	La veglia
	85	La vendetta del cane
	86	La verità
	87	La vita nuda
	88	L'abito nuovo
	89	L'altro figlio
	90	L'amica delle mogli
	91	Le dodici lettere
	92	Le tre carissime
	93	Leonora, addio!
	94	Lillina e Mita
	95	L'imbecille
	96	Lo storno e l'Angelo Centuno
	97	L'ombra del rimorso
	98	L'onda
	99	L'uccello impagliato
	100	Lucilla
	101	Lumie di Sicilia
	102	L'uscita del vedovo
	103	Maestro amore
	104	Male di luna
	105	Marsina stretta
	106	Mentre il cuore soffriva
	107	Musica vecchia
	108	Natale sul Reno
	109	Nel dubbio
	110	Nel gorgo
	111	Nel segno
	112	Non è una cosa seria
	113	Notizie del mondo
	114	O di uno o di nessuno

Tabela 3 - Relação das novelas traduzidas

		(continuação)
NOVELAS TRADUZIDAS A MAIS DE 50 ANOS	NOVELAS TRADUZIDAS NOS ULTIMOS 50 ANOS	NOVELAS NUNCA TRADUZIDAS OU COM DADOS INDISPONIVEIS
	115	Padron dio
	116	Pallino e Mimì
	117	Pallottoline!!!
	118	Pari
	119	Paura d'esser felice
	120	Pensaci, Giacomino!
	121	Personaggi
	121	Pianto segreto
	123	Piuma
	124	Prima notte
	125	Prudenza
	126	Quando s'è capito il giuoco
	127	Quando se comprende
	128	Quand'ero matto...
	129	Requiem aeternam dona eis, domine!
	130	Resti mortali
	131	Richiamo all'obbligo
	132	Rimedio: la Geografia
	133	Risposta
	134	Ritorno
	135	Romolo
	136	Rondone e rondinella
	137	Scialle nero
	138	Se...
	139	Sedile sotto un vecchio cipresso
	140	Senza malizia
	141	Servitù
	142	Sgombero
	143	Soffio
	144	Sogno di Natale
	145	Stefano Giogli, uno e due
	146	Superior stabat lupus
	147	Tanino e Tanotto
	148	Tirocinio
	149	Tu ridi
	150	Tutto per bene
	151	Un cavallo nella luna
	152	Un invito a tavola
	153	Un matrimonio ideale

Tabela 3 - Relação das novelas traduzidas

(conclusão)

NOVELAS TRADUZIDAS A MAIS DE 50 ANOS	NOVELAS TRADUZIDAS NOS ULTIMOS 50 ANOS	NOVELAS NUNCA TRADUZIDAS OU COM DADOS INDISPONIVEIS
	154	Un po' di vino
	155	Un ritratto
	156	Un'idea
	157	Una giornata
	158	Una sfida
	159	Uno di più
	160	Vexilla regis
	161	Visita
	162	Visitare gl'infermi
	163	Visto che non piove
	164	Vittoria delle formiche

Fontes: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (2020).

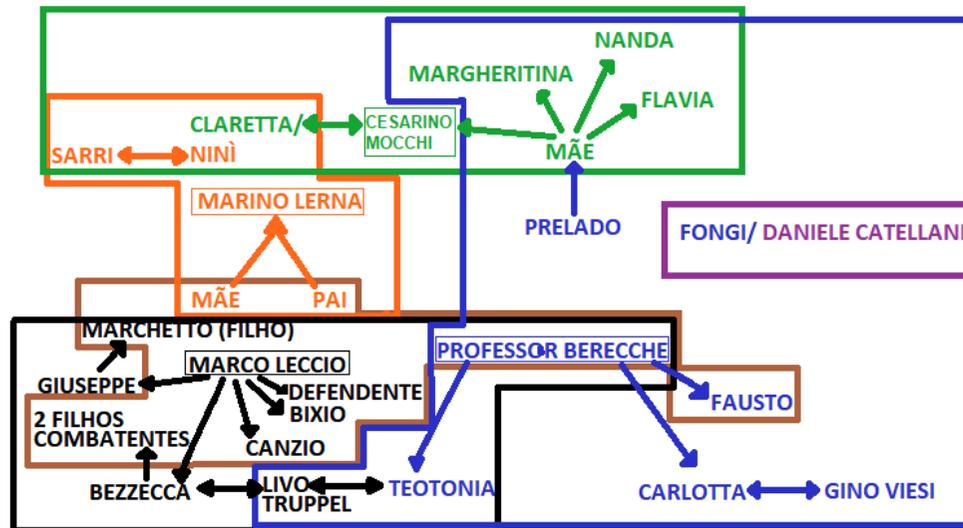
DICIONÁRIO bibliográfico da literatura italiana traduzida no Brasil (2020).

DUGO (2017).

FABRIS (2009, p. 397-403).

APÊNDICE B – Elementos narrativos das novelas

Figura 1 -Genealogia das novelas



BERECHE E A GUERRA

FRAGMENTO DE CRÔNICA DE MARCO LECCIO E DA SUA LUTA SOB OS MAPAS NA ÉPOCA DA GRANDE GUERRA EUROPEIA

O QUARTO À ESPERA

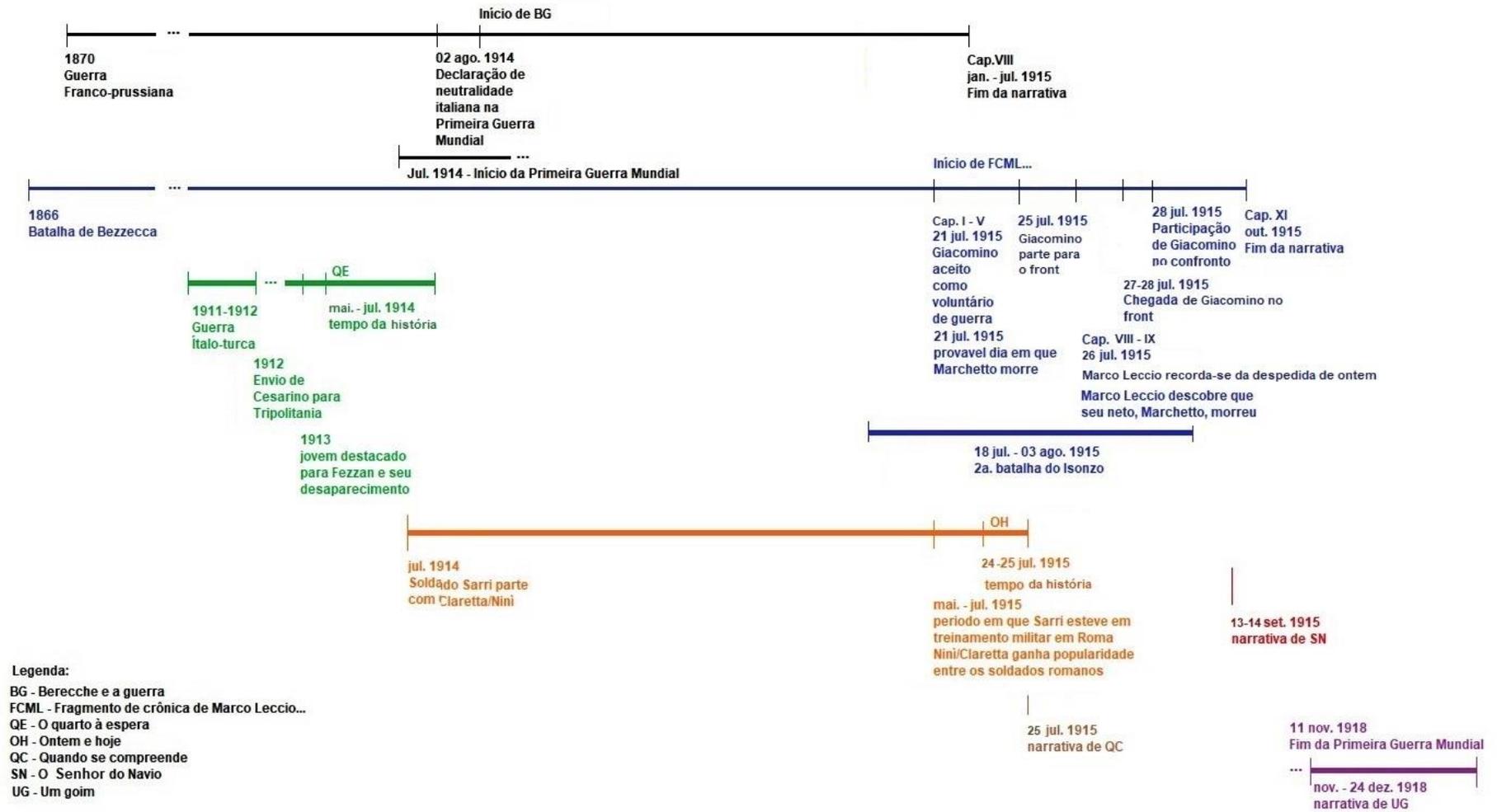
ONTEM E HOJE

QUANDO SE COMPREENDE

UM GOIM

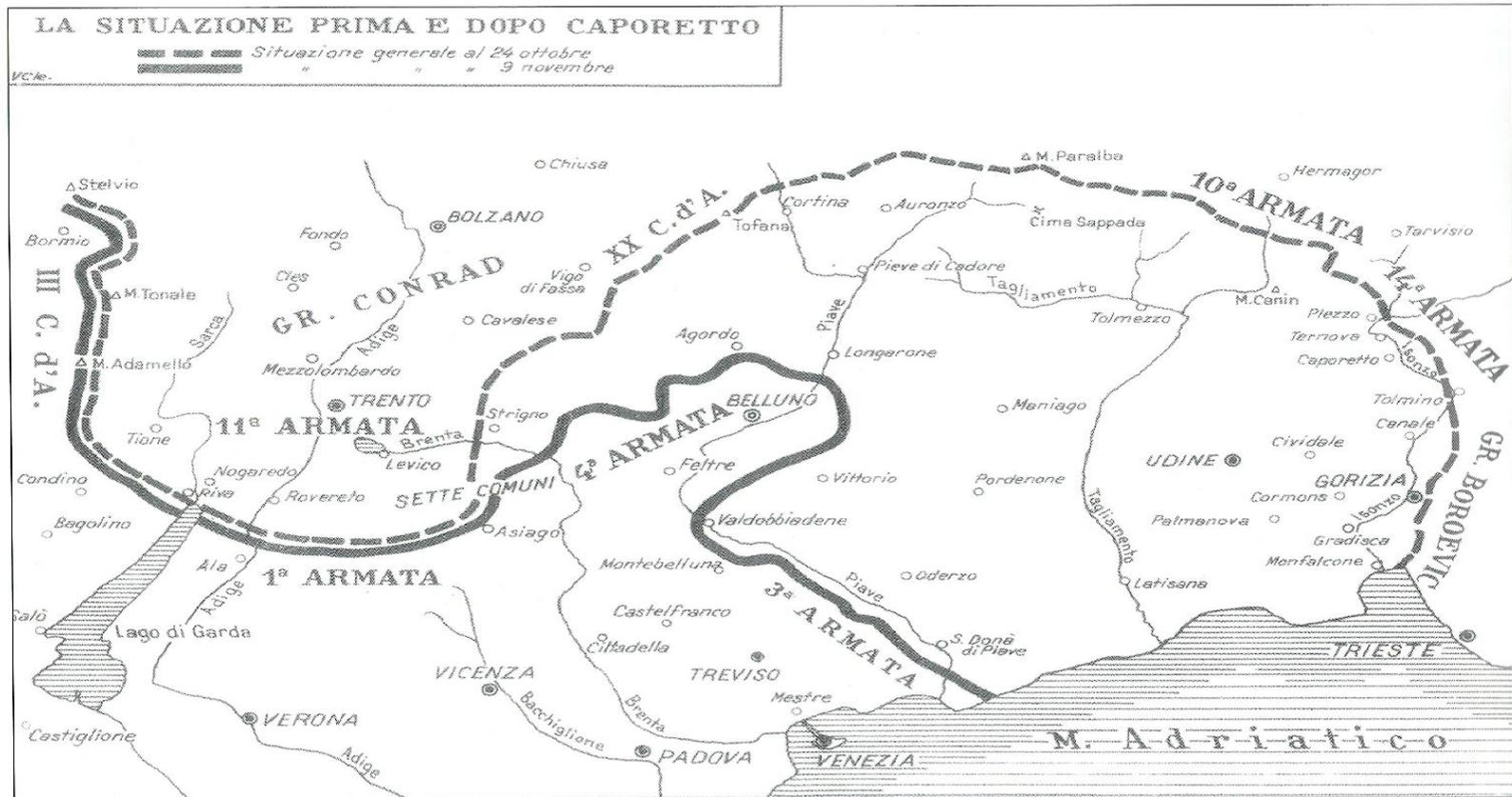
Fonte: Autoria própria

Figura 2 - Cronologia das novelas



Fonte: Autoria própria

Figura 4 – Batalha de Caporetto



Fonte: <http://www.esercito.difesa.it/comunicazione/pagine/mappa-battaglie.aspx>